

# (IM)POLIDEZ LINGUÍSTICA

Estudos aplicados

Letícia Adriana Pires Ferreira dos Santos

Geórgia Maria Feitosa e Paiva

Reginaldo Gurgel Moreira

Maria Elias Soares

---

Organizadores



# (IM)POLIDEZ LINGÜÍSTICA

Estudos aplicados

Letícia Adriana Pires Ferreira dos Santos - Geórgia Maria Feitosa e Paiva  
Reginaldo Gurgel Moreira - Maria Elias Soares

---

Organizadores



Marca de Fantasia

Parahyba, 2022

# (IM)POLIDEZ LINGÜÍSTICA

Estudos aplicados

Letícia Adriana Pires Ferreira dos Santos - Geórgia Maria Feitosa e Paiva

Reginaldo Gurgel Moreira - Maria Elias Soares

Organizadores

Série Linguagem e Discurso, 7. 2022. 243p

(antes: Série Linguística, 1. 2022. 243p.)



## MARCA DE FANTASIA

Rua João Bosco dos Santos, 50, apto. 903A  
João Pessoa (Parahyba), PB. Brasil. 58046-033  
marcadefantasia@gmail.com  
<https://www.marcadefantasia.com>

A editora Marca de Fantasia é uma atividade da Associação Marca de Fantasia, CNPJ 09193756/0001-79 e um projeto de extensão do NAMID - Núcleo de Artes e Mídias Digitais, do Departamento de Mídias Digitais da UFPB

Editor/designer: Henrique Magalhães

Foto da capa: Reginaldo Gurgel Moreira

Revisão: Jeannie Fontes Teixeira

Ludovica Olímpio Magalhães

Márcio José Magalhães de Sousa

Susane Machado Teixeira

## Conselho editorial

Adriana Amaral - Unisinos, RS	Marcelo Bolshaw - UFRN
Adriano de León - UFPB	Marcos Nicolau - UFPB
Alberto Pessoa - UFPB	Marina Magalhães - UFAM
Edgar Franco - UFG	Nilton Milanez - UESB
Edgard Guimarães - ITA/SP	Paulo Ramos - UNIFESP
Gazy Andraus - FAV-UFG	Paulo Vieira - UFPB
Heraldo Aparecido Silva - UFPJ	Roberto Elísio dos Santos - USCS/SP
José Domingos - UEPB	Waldomiro Vergueiro - USP

Imagens usadas exclusivamente para estudo de acordo com o artigo 46 da lei 9610, sendo garantida a propriedade das mesmas a seus criadores ou detentores de direitos autorais.

---

ISBN 978-65-86031-81-2

# Sumário

---

Introdução	6
Capítulo 1	10
Wittgenstein e Austin: um diálogo possível na pragmática cultural	
Ana Malba Araújo de Queiroz	
Georgyana Patrícia Rodrigues Melo	
Capítulo 2	33
O sarcástico e o irônico:	
demarcando as diferenças na esfera pragmática	
Geórgia Maria Feitosa e Paiva	
Reginaldo Gurgel Moreira	
Capítulo 3	51
(Im)polidez e violência em relações institucionais:	
formas de dizer e abuso de poder	
Marcos Roberto dos Santos Amaral	
Nathalia Viana da Mota	
Letícia Adriana Pires Ferreira dos Santos	
Capítulo 4	70
Análise sociointeracional das estratégias de polidez utilizadas	
por praticantes de meditação em situações de adaptação	
à pandemia da Covid-19	
Daniele Vasconcelos Fernandes Vieira	
Aluiza Alves de Araújo	
Jeania Lima Oliveira	

Capítulo 5	96
Carnavalização e (im)polidez no filme “Não olhe para cima (Don’t look up)”	
João Batista Costa Gonçalves	
José Alberto Ponciano Filho	
Maria Natália Coelho da Silva	
Patrícia Elaine Lima Barros	
Capítulo 6	132
As estratégias de polidez linguística e o trabalho com as faces quanto à violência linguística em uma produção audiovisual: uma análise a partir dos pressupostos de Goffman (1967) e Brown e Levinson (1987)	
Jeannie Fontes Teixeira	
Lorena Maria Pitombeira	
Letícia Adriana Pires Ferreira dos Santos	
Capítulo 7	157
Polidez e fake news: uma estratégia de poder em contexto pandêmico no Brasil	
Francisco José Holanda	
Ivonildo da Silva Reis	
Maria de Castro Damázio Queiroz	
Letícia Adriana Pires Ferreira dos Santos	
Capítulo 8	180
O fenômeno da (im)polidez linguística em entrevista postada na internet de pessoas em situações de rua	
Letícia Adriana Pires Ferreira dos Santos	
Maria Margarete Fernandes de Sousa	
Capítulo 9	210
O MST visto pelo jornalismo de esquerda e de direita: considerações sobre a preservação de faces no caso Paulo Guedes	
Ana Malba Araújo de Queiroz	
Georgyana Patrícia Rodrigues Melo	
Jair Soares de Sousa	
Luciana Chaves Pinheiro	

## Introdução

---

O livro *(Im)polidez linguística: estudos aplicados*, coletânea de textos organizado por Geórgia Maria Feitosa e Paiva, Letícia Adriana Pires Ferreira dos Santos, Maria Elias Soares e Reginaldo Gurgel Moreira, é uma importante contribuição para os estudos aplicados da pragmática e a (im)polidez. A ideia central da obra é revisitar as teorias com debates atuais em diferentes contextos, como: a pandemia, a desinformação, as relações de poder através de gêneros científicos, jornalísticos, audiovisuais e cômicos.

Com o objetivo de apresentar algumas possibilidades investigativas e aplicadas para os estudos da pragmática, polidez e impolidez, os organizadores buscaram reunir investigações de pesquisadores dos programas de pós-graduação da Universidade Estadual do Ceará, Universidade Federal do Ceará e Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

Para iniciar esta obra, trouxemos reflexões indispensáveis para o contexto atual dos estudos pragmáticos. Sob o ponto de vista da pragmática cultural, Ana Malba Araújo de Queiroz e Georgyana Patrícia Rodrigues Melo convidam os leitores a desconstruir os pressupostos ocidentais do pensamento científico com o texto “Wittgenstein e Austin: um diálogo possível na pragmática cultural”. As autoras buscam fazer um diálogo entre os estudos de Wittgenstein (2011) e a proposta de Austin (1990) para auxiliar na compreensão sobre a pesquisa-intervenção, modalidade adotada pelo Projeto Viva a Palavra.

O segundo capítulo dá continuidade a revisão dos grandes estudos que inspiraram as investigações da polidez e impolidez, a partir de dois fenômenos linguístico-pragmáticos: o sarcasmo e a ironia. Com o texto

“O sarcástico e o irônico: demarcando as diferenças na esfera pragmática”, os autores Geórgia Maria Feitosa e Paiva e Reginaldo Gurgel Moreira fazem uma revisão destes conceitos a partir de Goffman, Searle, Levinson, Brait, entre outros, e em seguida apresenta uma análise de tirinhas da personagem argentina Mafalda.

Depois do passeio pela filosofia da linguagem e pragmática, a obra apresenta seis capítulos que trazem aplicações dos estudos da polidez, impolidez e relações de poder. O primeiro deles “(Im)polidez e violência em relações institucionais: formas de dizer e de abuso de poder”, Marcos Roberto dos Santos Amaral, Nathalia Viana da Mota e Letícia Adriana Pires Ferreira dos Santos questionam a relação entre as reformulações das teorias da polidez e casos em que há flagrantes atos de violência social e linguística, discutindo atos de fala e de corpo cotidianos em que abusos de poder são perpetrados.

O quarto capítulo “Análise sociointeracional das estratégias de polidez utilizadas por praticantes de meditação em situações de adaptação à pandemia da Covid-19” escrito por Daniele Vasconcelos Fernandes Vieira, Aluiza Alves de Araújo e Jeania Lima Oliveira busca analisar as estratégias de polidez utilizadas por praticantes de meditação em situações de adaptação à pandemia da COVID-19. O estudo foi desenvolvido no período de março a junho de 2020 com praticantes de meditação do projeto de extensão Redes de Estudos para o Desenvolvimento Educacional na Saúde: Diálogos, Saberes e Práticas Aplicados ao Ser Integral desenvolvido na Universidade Estadual do Ceará.

Os autores que contribuíram para esta obra também buscaram compreender os fenômenos da polidez e impolidez em produções audiovisuais, é o caso do capítulo escrito por João Batista Costa Gonçalves, José Alberto Ponciano Filho, Maria Natália Coelho da Silva e Patrícia Elaine Lima Barros “Carnavalização e (im)polidez no filme ‘Não olhe para cima (Don’t look up)’”. O longa estrelado por atores consagrados

do cinema americano torna-se objeto, ora analisado sob a perspectiva bakhtiniana, ora pelos estudos da (im)polidez.

O sexto capítulo “As estratégias de polidez linguística e o trabalho com as faces quanto à violência linguística em uma produção audiovisual: uma análise a partir dos pressupostos de Goffman (1967) e Brown e Levinson (1987)” também analisa uma produção audiovisual disponível em plataforma de streaming. Desta vez, Jeannie Fontes Teixeira, Lorena Maria Pitombeira e Letícia Adriana Pires Ferreira dos Santos buscaram analisar as estratégias de polidez linguística e trabalho com faces quanto à violência linguística no episódio “Queda Livre”, da série Black Mirror, da Netflix. As autoras, além de identificar as estratégias de preservação de face e polidez, revisitaram os estudos de Goffman para a compreensão da temática da violência presente no episódio da série.

Francisco José Holanda, Ivonildo da Silva Reis, Maria de Castro Damázio Queiroz e Letícia Adriana Pires Ferreira dos Santos convidam os leitores para uma discussão importante sobre a desinformação no cenário pandêmico no capítulo “Polidez e fake news: uma estratégia de poder em contexto pandêmico no Brasil”. Eles buscaram identificar quais estratégias de polidez eram usadas e quais os efeitos discursivos elas provocavam para os leitores.

Ainda no cenário da internet, Letícia Adriana Pires Ferreira dos Santos e Maria Margarete Fernandes de Sousa propõem uma análise do “Fenômeno da (im)polidez linguística em entrevista postada na internet de pessoas em situações de rua”. Neste capítulo, as autoras buscam responder aos seguintes questionamentos: como essas pessoas agem diante de atos violentos, polidos e impolidos? Até que ponto elas conseguem usar atos polidos em uma entrevista? Como realizam o jogo de faces e usam as estratégias de polidez?

A obra se encerra com capítulo de Ana Malba Araújo de Queiroz, Georgyana Patrícia Rodrigues Melo, Jair Soares de Sousa e Luciana



Chaves Pinheiro sobre a forma como o Movimento dos Trabalhadores Rurais é apresentado pelo jornalismo brasileiro. O capítulo “O MST visto pelo jornalismo de esquerda e de direita: considerações sobre a preservação de faces no caso Paulo Guedes” tem como objetivo investigar, à luz da proposta de Trabalho de Faces e da Teoria da Polidez como os portais Carta Capital e Revista Oeste utilizam marcas de polidez linguística na cobertura de um protesto realizado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais (MST) contra atos políticos envolvendo o ministro Paulo Guedes.

O livro *(Im)polidez linguística: estudos aplicados* destaca-se no cenário dos estudos pragmáticos, e mais especificamente da polidez e impolidez linguística, como uma obra importante da pesquisa linguística cearense, e por que não dizer brasileira? A diversidade de objetos aqui descritos e analisados, sob pontos de vista tão diferentes nos mostram que a polidez pode funcionar como uma estratégia de performance social, política, cultural capaz de atuar como atenuadora ou intensificadora de violência e conflitos sociais. Espera-se que a leitura deste livro permita muito mais que reflexões, provoque mudanças.

# Capítulo I

---

## Wittgenstein e Austin: um diálogo possível na pragmática cultural

Ana Malba Araújo de Queiroz  
Georgyana Patrícia Rodrigues Melo

### I. Introdução

**A**Linguística Aplicada tem passado nos últimos tempos por importantes mudanças em sua base teórica, desconstruindo muitos conceitos tidos como verdades absolutas e questionando algumas linhas de pensamento que continuam insistindo em tratar a linguagem como um objeto autônomo e independente. Os trabalhos de Rajagopalan (2010), Alencar (2015), Luna (2009), Alencar, Brito e Sousa (2020), Ottoni (1998) propõem uma leitura em que os aspectos sociais, culturais e ideológicos não se separam do estudo da linguagem, pois são constitutivos dela e fazem parte da nossa vida.

Dessa forma, decidimos abordar nesse artigo a concepção de linguagem nos trabalhos de dois filósofos que revolucionaram o entendimento sobre a linguagem ordinária na chamada filosofia da linguagem. Em duas seções desse artigo, apresentaremos duas obras icônicas para o entendimento de uma linguagem em uso, associada à atividade humana, a concepção da linguagem como ação. Depois de apresentar o entendimento de linguagem nas obras *Investigações Filosóficas*, de Wittgenstein, e *How to do Things With Words*, de Austin, iniciaremos um diálogo entre esses autores e sua visão da linguagem humana dentro da teoria/método Pragmática Cultural.

Notamos que, nas duas obras já citadas, os autores propõem uma visão de linguagem não descritivista, não essencialista, sem separação entre sujeito e objeto. Austin e Wittgenstein tentaram mostrar ao longo de suas indagações filosóficas que não fazia sentido estudar a linguagem separada do sujeito. A função da linguagem não é apenas referir, mas agir no mundo e sobre o mundo, como uma ação em uma dada prática social.

Nos estudos da vertente da Nova Pragmática, conhecida como Pragmática Cultural, proposta por Alencar (2015), temos uma concepção de linguagem como forma de vida, que leva em conta a interação linguística concreta de pessoas reais, tornando a relação entre cultura, linguagem e práxis social como indissociável. Em meio a uma conjuntura de transformação nos estudos críticos sobre linguagem, cultura e identidade de gênero, a Pragmática cultural surge com essa proposta de uma pesquisa voltada ao cotidiano, às formas de vida e aos jogos de linguagem.

A pragmática cultural materializa essa concepção de linguagem nos diversos programas de pesquisa e extensão ligados ao *Viva a Palavra*<sup>1</sup>, em que “o pesquisador atua como mediador que articula, organiza encontros, sistematiza as vozes e os saberes produzidos pelos sujeitos da pesquisa, agindo num processo de escuta ativa” (ALENCAR, 2015, p.15), aderindo ao movimento descolonizador da produção acadêmica, articulando, assim, pesquisa linguística e intervenção social.

---

1. Programa de Extensão Viva a Palavra vinculado ao Programa de Pós Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (UECE). O Viva a Palavra foi idealizado pela professora da UECE, Dra. Claudiana Nogueira de Alencar.

## 2. Wittgenstein e as Investigações Filosóficas no estudo da linguagem

Wittgenstein nasceu em Viena, em 1889. Estudou na Universidade Técnica de Berlim e depois em Manchester. Foi Aluno de Frege e de Russell. Durante a Primeira Guerra Mundial, escreveu o *Tractatus*, que ele apresentou como tema de doutoramento em 1929. Tornou-se professor na Inglaterra, mas abandonou o ensino em 1947. Faleceu em 1951, deixando as *Investigações Filosóficas* para publicação póstuma, causando uma ruptura com suas ideias anteriores acerca da linguagem.

Wittgenstein (2011, p.10) inicia as *Investigações* fazendo uma crítica ao modo de compreensão da linguagem em Santo Agostinho, para quem a linguagem é algo ideal na representação do mundo. Dessa forma, “as palavras da linguagem denominam objetos – proposições são combinações de tais denominações”, e o sentido da palavra está correlacionado ao objeto que ela substitui. Wittgenstein argumenta, em seguida, que esta interpretação sobre a linguagem só é possível em uma linguagem primitiva, citando como exemplo um diálogo em que uma pessoa A solicita a uma pessoa B, em um terreno de uma construção, alguns objetos, como bloco, coluna, lajota, entre outros, e é prontamente atendida. Assim, percebemos que o autor não acredita numa proposta de linguagem ideal, clara e correspondente ao mundo, mas numa linguagem cuja névoa em que está envolta é dissipada em práticas primitivas como a citada anteriormente. Seria como ensinar uma língua estrangeira para uma criança.

A partir dessa introdução, Wittgenstein (2011, p.90) inicia sua nova proposta, que, ao invés de regras lógicas e de linguagem pura, centra-se no estudo do funcionamento da linguagem ordinária, da linguagem do cotidiano, cuja função extrapola o nomear e descrever estado de coi-

sas. Nesta proposta, o autor argumenta que o significado é construído no uso da linguagem em práticas sociais.

Quando falo de linguagem (palavra, proposição etc.), tenho que falar da linguagem do cotidiano. É talvez essa linguagem muito grosseira, material, para o que queremos dizer? E como se forma então uma outra? – E como é estranho então que nós possamos, enfim, fazer algo com a nossa!

Assim, Araújo (2004, p.100) assevera que o grande destaque de Wittgenstein está em “mostrar que a função da linguagem NÃO É FALAR ACERCA DO MUNDO, MAS AGIR COM A FALA NO MUNDO, pois ela é um tipo de ação, uma atividade, um comportamento uma forma de vida”. Desse modo, Wittgenstein (2011) propõe que a função da linguagem não é apenas referir, mas agir no mundo e sobre o mundo, como uma ação em uma dada prática social. O autor defende, então, que há inúmeros tipos de palavras e sentenças, pois novas formas surgem todos os dias e outras caem em desuso, apresentando exemplos, como dar ordens e agir sob ordens, informar algo, levantar hipóteses, cantar, contar uma piada, entre outras.

Nesta linha de pensamento, o significado da linguagem, antes exato e cristalino, agora é construído de acordo com o contexto em que a linguagem é usada, tornando-se, dessa forma, ambígua e indefinida, conforme Oliveira (2015, p. 131) argumenta:

Ora, é exatamente o exame atento desses contextos que nos vai mostrar que usamos as palavras não de acordo com uma significação definida, estabelecida de antemão, nem também de modo arbitrário (...). Nesse sentido, podemos dizer que nossa linguagem é, sempre, de certo modo, ambígua, uma vez que suas expressões não possuem uma significação definitiva.

Consideramos, então, que a linguagem ideal é algo absurdo para o Wittgenstein, das *Investigações*, pois o novo foco é saber como é o funcionamento da linguagem ordinário, ao contrário de especulá-la como algo ideal. Nesta obra, para o autor, a linguagem é uma prática humana, como cantar, dançar, ensinar, entre outras possibilidades existentes e que ainda possam vir a existir. E Luna (2009, p. 43) ressalta que, a partir desse momento, o sentido passa a estar

na própria linguagem, enquanto uso, que tem seu sentido determinado pelas práticas coletivas e não numa relação especular com o mundo. De fato, nas abordagens das *Investigações*, a linguagem é liberada da necessidade de representar objetos para ter sentido e passa a ser vista como jogos de linguagem, variados e constantemente mutáveis.

Assim, compreendemos que a linguagem continua com seu aspecto de representar o mundo, mas esse não é o único uso possível. Além disso, o sentido é visto agora como algo dinâmico e mutável dentro dos jogos de linguagem.

Wittgenstein (2011) não estabeleceu um conceito para jogos de linguagem, apresentando somente exemplos que nos levam a crer que esta expressão tem um sentido um tanto vasto. Inicialmente, a expressão ‘jogos de linguagem’ foi usada para relacionar a semelhança entre linguagem e jogos. Nessa perspectiva, a linguagem seria orientada por regras, e seu significado seria construído em função das regras que o norteiam. Assim, aprende-se o significado das palavras usando-as, do mesmo modo que se aprende a jogar xadrez jogando-o.

Conforme Luna (2009, p. 90), a primeira possibilidade de interpretação para jogos de linguagem “prioriza a relação das palavras nos jogos e o seu uso linguístico nas mais variadas formas e dinâmicas.” Wittgenstein (2011) exemplifica com o caso de uma criança aprenden-

do uma linguagem primitiva. Na interpretação de Luna (2009), esta primeira acepção está relacionada à estrutura linguística, que, regida por regras de uso coletivo, é empregada por seus usuários em diversas circunstâncias da vida. Assim, o jogo de linguagem é o processo de uma criança aprender uma língua, nomear e representar o mundo.

A segunda acepção de jogos de linguagem está relacionada à atividade humana em suas mais variadas formas de vida. Assim, apresenta Wittgenstein (2011, p.26) “a expressão “jogo de linguagem” deve enfatizar aqui que o falar de uma linguagem é parte de uma atividade ou de uma forma de vida.” Desse modo, inúmeros são os jogos de linguagem, seus usos são ilimitados, como foi citado anteriormente: andar, dançar, cantar, contar uma piada, narrar uma história e assim por diante. Os jogos de linguagem, desse modo, fazem parte de formas de vida, são ação, e não apenas signos que devem ser analisados isoladamente. Consequentemente, não se deve analisar apenas o aspecto linguístico, ou seja, o que se fala, mas também o modo de vida do falante, suas crenças, seus valores, como se divertem, como velam seus mortos, entre outros. Wittgenstein (2011, p.272) acrescenta:

Mas você fala como se eu não aguardasse, não tivesse esperança realmente neste momento – em que acredito esperar. Como se o que acontece agora não tivesse significado profundo.” – O que significa: “O que acontece agora tem significado” ou “Tem significado profundo”? O que é uma sensação profunda? Poderia alguém por um segundo sentir amor ou esperança intensa, – não importa o que antecedeu ou se segue a esse segundo? – O que acontece agora tem significado – neste entorno. O entorno lhe dá a importância. E a palavra “esperar” refere-se a um fenômeno da vida humana. (Uma boca sorridente só ri num rosto humano).

Neste excerto, Wittgenstein (2011) defende a importância do entorno (contexto, em outras traduções) na construção do significado. As-

sim, para compreender a linguagem, é preciso situá-la dentro de um contexto cultural, pois é, em sociedade, que a língua surge. Oliveira (2015, p.138) salienta que esses contextos são o que Wittgenstein chama de “modos de vida”.

Esses contextos de ação são chamados por Wittgenstein de “formas de vida”, e a linguagem para ele é sempre uma parte, um constitutivo de determinada forma de vida, e sua função, por isso, é sempre relativa à forma de vida determinada, à qual está integrada; ela é uma maneira segundo a qual os homens interagem, ela é a expressão de práxis comunicativa interpessoal. Tantas são as formas de vida existentes, tantos são os contextos praxeológicos, tantos são os modos de uso da linguagem, ou como Wittgenstein se expressa, tantos são os ‘jogos de linguagem’.

Além disso, é importante salientar que os jogos de linguagem são independentes um do outro, mas não são fechados, ao contrário, são abertos e se modificam conforme a prática. Também não há superposição de jogos, ou seja, não há um jogo mais importante que outro, pois não se trata mais de analisar uma linguagem ideal.

Segundo Luna (2009), a estrutura de um jogo de linguagem pode ser percebida no que Wittgenstein chama de “gramática”, que são de dois usos: uma superficial e outra profunda. A gramática superficial parece estar relacionada ao que conhecemos como gramática, ao que ouvimos numa conversação, ou seja, a aplicação de palavras e frases conforme suas regras, numa perspectiva linguística. Já a gramática profunda relaciona-se aos jogos de linguagem na prática. Assim, Wittgenstein (2011, p.298) apresenta as duas acepções:

Poder-se-ia diferenciar, no uso de uma palavra, uma ‘gramática superficial’ de uma “gramática profunda”. O que se nos imprime imediatamente no uso de uma palavra é o seu modo de emprego



na estrutura da sentença, a parte do seu uso – poder-se-ia dizer – que se pode apreender com o ouvido. – Agora compare a gramática profunda da expressão “querer dizer”, por exemplo, com o que se permitiria supor da sua gramática superficial. Não é de se admirar que se ache difícil reconhecer o caminho.

Oliveira (2015, p.139) expressa, conforme o excerto, a importância de Wittgenstein para os estudos da linguagem.

O conceito de jogo de linguagem pretende acentuar que, nos diferentes contextos, seguem-se diferentes regras, podendo-se, a partir daí, determinar o sentido das expressões linguísticas. Ora, se assim é, então, a semântica só atinge a sua finalidade chegando à *Pragmática*, pois seu problema central, o sentido das palavras e frases, só pode ser resolvido pela explicitação dos contextos pragmáticos.

Rompendo com a tradição da Filosofia Analítica, Wittgenstein (2011) apresenta um novo posicionamento acerca da construção do sentido, que juntamente com Austin (1990), provocarão uma reviravolta nos estudos em Pragmática.

### 3. Austin e os atos de fala: a linguagem como ação

Pertencente a escola de Oxford, John Langshaw Austin é um dos filósofos mais importantes dentro de um cenário de discussão sobre a linguagem que iria revolucionar a base do pensamento da chamada filosofia analítica e dos fundamentos da linguística. Durante as décadas de 1940 e 1950, Austin desenvolveu discussões importantes e se afastou de um pensamento filosófico que buscava estudar uma linguagem ideal, como uma estrutura lógica. Austin morre em fevereiro de 1960 sem ter tido tempo para elaborar e desenvolver de forma mais incisiva todas as questões que ele vinha debatendo.

Ottoni (1998) coloca o pensamento Austiniano como autêntico e insurgente pois “analisa a linguagem a partir das dificuldades que ela coloca frente a certos procedimentos filosóficos tradicionais.” A obra *How to do Things With Words* é um compilado de doze conferências ministradas nos anos 1950. Austin inicia a primeira conferência formulando ideias sobre a função declarativa da linguagem e propondo uma distinção entre enunciados constativos e enunciados performativos.

Por mais tempo que o necessário, os filósofos acreditaram que o papel de uma declaração era tão-somente o de “descrever” um estado de coisas, ou declarar um fato, o que deveria fazer de modo verdadeiro ou falso. Os gramáticos, na realidade indicaram com frequência e nem todas as sentenças são (usadas para fazer) declarações, há tradicionalmente, além das (dos gramáticos), perguntas e exclamações, e sentenças que expressam ordens, desejos ou concessões (AUSTIN, 1990, p. 21).

Austin define enunciados constativos como sendo aqueles que têm a função de constatar a realidade, de descrever ou informar alguma ação no mundo, em oposição à função performativa da linguagem, Austin elabora a ideia sobre os enunciados performativos, que seriam aqueles que têm a função de realizar ações, expondo a tese de que há situações em que não descrevemos uma ação, mas a praticamos.

Ottoni (1998) defende a importância de reconhecer a performatividade não como uma teoria ou uma noção, mas uma “visão da linguagem humana”. No pensamento filosófico ocidental, a linguagem sempre foi tomada por uma visão dual, separada do sujeito. Quando Austin declara que há circunstâncias em que não descrevemos a ação, mas a praticamos, temos uma fusão extremamente importante na relação sujeito-objeto. Conforme Ottoni argumenta:

Quero dizer que a separação sujeito-objeto que é característica fundamental de uma ciência (da linguagem) logocêntrica foi, de certo modo, combatida por Austin, uma vez que comportamentos e regras de certo modo para a conduta racional não expressam a própria realidade, mas não há “justificação” para adotá-los enquanto tais- diria que essa afirmação pode ser entendida para a performatividade enquanto atitude humana e por isso não vai proporcionar uma análise do tipo tradicional: sujeito de um lado e objeto do outro (OTTONI,1998, p. 33).

Assim, na tentativa de estudar uma linguagem comum e ordinária, Austin cria o ato de fala e o estende em três partes que são simultâneas, não sendo categorias divisíveis: O ato locucionário seria o lugar da significação, a produção de sons, o vocabulário. O ato ilocucionário é a realização de uma ação através de um enunciado, e o ato perlocucionário é ato que produz o efeito sobre o interlocutor, o efeito alcançado pelo ato de fala. Rodrigues (2012) faz algumas ressalvas importantes na compreensão do pensamento de Austin:

O termo ilocucionário refere-se não às consequências daquilo que dizemos, e sim às convenções de força ilocucionária relacionadas às circunstâncias especiais da ocasião em que o proferimento foi emitido. Por exemplo, dizer “Esse molho é muito apimentado!”, tem a força ilocucionária de uma advertência, mas pode ter o efeito perlocucionário de fazer o ouvinte desistir de provar do molho, bem como pode estimulá-lo a tomar (RODRIGUES, 2012, p. 38).

Dessa forma, o pensamento de Austin questiona todas as bases que estruturavam as concepções de linguagem humana. A performatividade ou os atos de fala propõe uma visão de linguagem não descritivista, não essencialista, sem separação entre sujeito e objeto. Austin tentou mostrar ao longo das suas indagações filosóficas que não fazia sentido estudar a linguagem separada do sujeito. Ottoni (1998) assevera que

falar de uma visão performativa pressupõe uma nova abordagem da linguagem, em que o sujeito não pode se desvincular de seu objeto fala e, conseqüentemente, não é possível analisar esse objeto fala desvinculado do sujeito.

Austin desfaz a distinção entre constativo e performativo mostrando que não podemos determinar a natureza dos atos de fala por suas construções gramaticais, devemos nos atentar para regras convencionais que dão condições para a realização de um enunciado performativo, que podem inclusive está mascarado. Portanto, muitas afirmações ou declarações podem ser enunciados performativos. Vejamos a explicação de Austin:

Gostaria de sugerir, em particular, as seguintes conclusões: (A) O ato de fala total na situação de fala total é o único fenômeno que, em última instância, estamos procurando elucidar. (B) Declarar, descrever, etc. são apenas dois nomes, dentre muitos, que designam os atos ilocucionários; não ocupam uma posição *sui generis*. (C) Em particular, não ocupam uma posição *sui generis* quanto a estarem relacionados aos fatos da forma *sui generis* chamada de verdadeira ou falsa, porque a verdade e a falsidade não são (exceto por meio de uma abstração artificial sempre possível e legítima para certos propósitos) nomes de relações, qualidades, ou o que seja, mas sim da dimensão de apreciação de como as palavras se situam quanto à adequação aos fatos, eventos, situações, etc., a que se referem (AUSTIN, 1990, p. 122).

Dessa forma, Austin compreende a necessidade e a beleza de aprofundar no entendimento de uma linguagem em uso, associada à atividade humana, a concepção da linguagem como ação. Nas palavras de Rajagopalan (2010, p.249) “estão sob sua mira as próprias palavras em toda sua materialidade e historicidade; elas não são entes secundárias como encaram os filósofos analíticos dos mais ferrenhos que só se interessam por materialização corpórea dos conceitos.”

#### 4. A Pragmática Cultural no contexto dos coletivos e movimentos sociais

Tradicionalmente, costuma-se colocar a pragmática em um trio com a sintaxe e a semântica, definindo-as como estudo das relações sintáticas entre os signos (sintaxe), estudo da relação entre os signos e seus representantes no mundo (semântica), enquanto a pragmática visa estudar a relação dos signos com o falante/ouvinte.

Para Alencar, Brito e Sousa (2020), a pragmática é vista, muitas vezes, como o Outro da Análise do Discurso, numa compreensão psicologista do indivíduo por ser vista como a ciência que se dedica a apreender as intenções do falante. Entretanto, os autores argumentam que é justamente contra essa concepção de sujeito a que se coloca a pragmática, além de refutar a ideia de que ela seria responsável por apresentar os aspectos do significado que não são alcançados pela semântica.

Com a publicação de “Nova Pragmática: fases e feições de um fazer”, Rajagopalan (2010) traz uma nova concepção para a pragmática, partindo inicialmente de uma leitura mais atual da proposta de estudo da linguagem feita por John Austin. Nesta perspectiva, o autor traça algumas críticas à leitura oficial de Austin, feita por John Searle, que deturpou a proposta de Austin em nome de um arcabouço teórico formalista, com modelos lógicos, distanciando-se da visão pragmática da linguagem. Assim, Rajagopalan (2010, p.18) propõe:

A diferença entre as duas leituras de Austin é gritante. A leitura não searliana de Austin encontra cada vez mais aceitação em áreas como a sociologia e a antropologia e, aos poucos vai ganhando entusiastas no campo da linguística. Decidi dar o título de *Nova Pragmática* a este livro para designar a leitura não searliana, por entender que as diferenças são irreconciliáveis e análogas às que

levaram Richard Rorty a nomear com “neo” seu modo de encarar o pragmatismo, em oposição à tradição inaugurada por Pierce.

Dessa forma, Rajagopalan propõe uma leitura em que os aspectos sociais, culturais e ideológicos não se separam do estudo da linguagem, pois são constitutivos dela e fazem parte da nossa vida. Assim, o autor destaca elementos como sujeito, cultura, identidade, gênero e ideologia na compreensão do significado em uso. Rajagopalan (2014, p. 13) define a Nova Pragmática da seguinte forma:

A Nova Pragmática nada mais é do que a fase da Pragmática que conseguiu se desvencilhar das velhas amarras herdadas de outros tempos, que impediam os pesquisadores de encarar a linguagem com todas as complexidades que ela apresenta sem lhes dar costas ou simplesmente menosprezá-las em nome de aperfeiçoamento da teoria.

Já a Pragmática Cultural se apresenta como uma extensão da Nova Pragmática e tem como objetivo transformar a sociedade e buscar a igualdade entre todos os participantes de uma pesquisa, destacando-se como uma investigação-ação. Ela está voltada para as ações do cotidiano, por isso não exclui elementos como sujeito, ideologia, contexto, pois são considerados constitutivos da linguagem.

De acordo com Alencar (2015, p.144), a Pragmática Cultural surgiu quando a pesquisadora desenvolveu um estudo sobre “violência linguística nos jogos de linguagem da cultura cotidiana”, quando ela esboçou uma proposta teórico-metodológica que considera a interação entre pessoas da vida real e que compreende o estudo da linguagem além de uma busca da intenção do falante, defendendo uma construção do sentido entrecruzado por fatores, como o social, o político, o cultural, econômico e ideológico.

Esta proposta de intervenção compreende que a pesquisa deve estar vinculada ao ensino e à extensão dentro do centro universitário. Segundo Alencar, Brito e Sousa (2020), também se utiliza de metodologias participantes, que permitem relacionar os aspectos macro e micro da pesquisa de modo que se complementem, produzindo análises que sejam compatíveis com cada realidade estudada, buscando engajamento e emancipação dos sujeitos. Para isso, Alencar (2015), propõe os seguintes passos nas pesquisas em Pragmática Cultural: cartografia, ressignificação e intervenção. Para a Alencar, Brito e Sousa (2020, p. 218),

esses passos podem ser modificados por parte dos sujeitos da pesquisa, os quais podem propor outro desenho/percurso que melhor atenda à realidade e contribua para o desenvolvimento de práticas para transformar processos opressores, vivenciando na práxis a ideia da significação como uso linguístico e como ação.

Além disso, este desdobramento da pragmática, faz uso da visão dos sujeitos da pesquisa assim como suas ideias e saberes, contrariando as propostas mais tradicionais, que veem os participantes apenas como instrumento da teoria/metodologia e o pesquisador como se relacionando de forma vertical com os demais. Em vista disso, percebemos o caráter dialético da Pragmática Cultural, que traz em si a concepção de linguagem como ação, proposta nos jogos de linguagem, de Wittgenstein, e na concepção de linguagem em Austin, buscando, com isso, uma ação para a transformação, para a emancipação, a fim de superar formas de opressão.

Conforme Alencar, Brito e Sousa (2020, p. 220) fazer pesquisa em Pragmática Cultural

Possibilita aos pesquisadores/pesquisadoras (re)pensarem as relações com os sujeitos, considerando suas práticas culturais;

o engajamento com metodologia de pesquisa, de maneira que sempre se utiliza de metodologia participante com a finalidade de buscar realizar trabalhos investigativos de caráter simétrico que levem em consideração aspectos identitários, sociais e ideológicos dos empreendimentos analíticos, sem esquecer o desafio de criar sempre, inventando modos de vivenciar a pesquisa com os sujeitos e não para os sujeitos.

Como exemplo dessa proposta que articula linguagem como ação, jogos de linguagem e formas de vida, citamos o “Programa Viva a Palavra: circuitos de linguagem, paz e resistência da juventude negra da periferia de Fortaleza”, ligado ao curso de Letras da Universidade Estadual do Ceará, que tem como objetivo enfrentar a violência contra a juventude negra das periferias. O Programa viabiliza um diálogo entre pesquisa, ensino e extensão com o intuito de denunciar as mortes de jovens negros da periferia, de buscar aproximar a universidade da sociedade, ou seja, de coletivos e de movimentos sociais, e garantir a horizontalidade entre todos os envolvidos nas pesquisas. Para isso, lança mão desses conceitos-chaves de Wittgenstein e de Austin, já apresentados anteriormente. Conforme Alencar (2019, p.238),

articulando a pragmática cultural (ALENCAR, 2014, 2017), a antropologia simétrica (LATTOUR, 1994; VIVEIROS DE CASTRO, 2002) com os estudos culturais (WILLIAMS, 2017), os estudos sobre a violência urbana (ZALUAR, 1983; CALDEIRA, 2000; FELTRAN, 2017) e os estudos sobre a juventude (ABRAMO, 2005; CALVO, 2005; PAIS, 1993; GROppo, 2015), procura investigar como os jogos de linguagem em práticas de política, de arte e de cultura, constituem novas formas de vida, modos de resistir e reexistir das juventudes, diante da violência urbana das grandes cidades.



#### 4.1. Pragmática Cultural e o diálogo entre Wittgenstein e Austin

Como já foi explicitado no início deste artigo, nossa intenção é traçar um diálogo entre a proposta de estudo da linguagem do segundo Wittgenstein e a proposta de Austin dentro da teoria/método Pragmática Cultural. Estas propostas conversam entre si e, em alguns momentos, uma extrapola a outra.

Inicialmente, destacamos a importância destes dois estudiosos dentro da Filosofia da Linguagem Ordinária, inaugurando a perspectiva do olhar para a linguagem ordinária e tendo-a como fonte de estudo, afastando-se dos estudos tradicionais da linguagem, que a viam como ideal, pura e representacionista do mundo real.

Wittgenstein (2011, p.62), em *Investigações Filosóficas*, defendeu que não havia absolutamente nada de errado com a linguagem ordinária e que as dificuldades/problemas que os filósofos e linguistas procuravam resolver no estudo da linguagem eram fruto do não entendimento do funcionamento da linguagem ordinária. O autor acreditava que “a névoa se dissipa se nós estudamos as manifestações da linguagem em tipos primitivos do seu emprego, nos quais se pode ter uma visão sinóptica clara da finalidade e do funcionamento das palavras”, defendendo, portanto, que o estudo da linguagem deve ocorrer dentro de seu funcionamento real, prático.

Na mesma perspectiva, Austin brincava que, para estudar a linguagem, era necessário ter um bom dicionário, pois a linguagem ordinária sofre influências de gerações de falantes, ao contrário da linguagem formal, ideal e ausente de ambiguidades. Ottoni (1998) nomeia Austin como um desconstrutor, um revolucionário, pois ele questionou os postulados tradicionais dos positivistas e ainda desfez as barreiras que separavam a Filosofia da Linguística.

Defendendo essa linha de pensamento, Rajagopalan (2010, p.28-29) esclarece que ambos os autores tiveram e têm até hoje uma grande influência em várias áreas da academia.

A influência de Wittgenstein no pensamento linguístico contemporâneo é inegável. Sua insistência no caráter normativo da linguagem teve profundas implicações na ênfase que se dá hoje à ética e à política em relação à linguagem. (...) A influência de Austin no pensamento contemporâneo é frequentemente menos reconhecida graças à tendência geral de creditar tal influência a Searle.

Dentro da Pragmática Cultural, essa forma de olhar a linguagem ganha notoriedade, pois esta teoria/método, principalmente no Programa Viva a Palavra, está voltada para a estudos de coletivos juvenis e movimentos sociais, ou seja, volta-se para o real, para o cotidiano, para a vida de pessoas da periferia que lutam diariamente contra diversas formas de opressão. Assim, Alencar (2020, p.216) apresenta a teoria/método: “essa pesquisa em pragmática volta-se para o cotidiano, por entender que os elementos da vida são constitutivos da linguagem.”

Dentro desse panorama, Wittgenstein e Austin defendem que a linguagem deve ser vista como uma ação humana.

Conforme Ottoni (1998, p.36), Austin critica a visão da linguagem puramente descritiva, mesmo quando dizemos apenas um “eu sei”, pois há situações em que não dizemos apenas, mas agimos, praticamos algo. Dessa forma, “para ele, a ação é uma atitude independente de uma forma linguística: o performativo é o próprio ato de realização da fala-ação.” Assim, Austin (1990, p.85) defende a ideia de que, quando falamos, agimos: “Considerar desde a base em quantos sentidos se pode entender que dizer algo é fazer algo, ou que ao dizer algo estamos fazendo algo, ou mesmo os casos em *por* dizer algo fazemos algo.”

De modo semelhante, em uma das acepções de Jogos de Linguagem, Wittgenstein compreende a linguagem como uma atividade humana, como correr, cantar, contar uma história e argumentar, apresentando, em *Investigações Filosóficas*, uma lista de palavras que são ações humanas. Segundo Oliveira (2015, p.138), para Wittgenstein,

a linguagem é uma atividade humana como andar, passear, colher etc. Há aqui uma íntima relação, se não identidade, entre linguagem e ação, de tal modo que a linguagem é considerada uma espécie de ação, de modo que não se pode separar pura e simplesmente a consideração da linguagem da consideração do agir humano ou a consideração do agir não pode mais ignorar a linguagem.

Na Pragmática Cultural, essa concepção de linguagem é central, pois, conforme Alencar (2015, p.145), ela é compreendida enquanto práxis societal, “em que sujeitos estão comprometidos com sua ação linguístico-social no cotidiano.”

Wittgenstein e Austin também compactuam da ideia de que o significado é construído conforme o contexto, ou seja, aprendemos o significado das palavras usando-as. O sentido é construído a partir do uso da linguagem, é, portanto, situado.

Assim, Austin (1990, p.89) defende:

há alguns anos começamos a perceber cada vez mais clareza que a ocasião de um proferimento tem enorme importância, e que as palavras utilizadas têm de ser até certo ponto “explicadas pelo contexto” em que devem estar ou em que foram realmente faladas numa troca linguística.

Wittgenstein, por sua vez, defende que aprendemos o significado das palavras quando aprendemos a usá-las, ou seja, é jogando o jogo que se aprende a jogar e a usar suas regras. Assim, embora se negue a

construir uma teoria e a criar conceitos, pois estaria caindo no essencialismo positivista, podemos dizer que as ideias do autor foram preponderantes para criar uma teoria da significação ou o que chamamos de pragmática.

Na observação de Alencar (2015, p.142), Wittgenstein extrapola essa concepção de significado construído no uso ao falar em formas de vida, “ressaltando o caráter antropológico, formativo e agentivo da linguagem”. No entender de Cassavane (2010, p. 147),

o significado só pode ser entendido no interior de um contexto cultural, pois a própria linguagem emerge da cultura. As regras linguísticas criadas por uma comunidade são a expressão de sua forma de vida, ou seja, de sua cultura e de sua natureza (e da natureza que os circunda).

Dessa forma, na Pragmática Cultural, a construção do sentido, na pesquisa-ação do Programa Viva a Palavra, por exemplo, ocorre por meio do estudo das formas de vida dos jovens da periferia, que se organizam em coletivos culturais e em diversos movimentos sociais, em busca de serem ouvidos, de terem visibilidade e lutar contra as opressões que sofrem por estarem fora do centro.

## 5. Considerações Finais

A concepção de linguagem enquanto forma de vida moldou esse trabalho e está imbricado na nossa pesquisa e na nossa produção científica. Desse modo, gostaríamos não de finalizar esse trabalho, mas de apresentar formas diferentes de tratar e de estudar a linguagem. Assim, pedimos licença para concluir, por enquanto, esse trabalho com uma poema apresentada no sarau Viva Palavra, por uma das integrantes de uma coletiva de mulheres ligada ao Viva Palavra. A coletiva Elas

Poemas: escritas periféricas foi organizada com o intuito de incentivar as mulheres da periferia a ler e escrever poesia e outros gêneros textuais e refletir sobre o papel das mulheres na literatura periférica, nos saraus, na cena artística da periferia, discutindo questões de gênero, raça e classe. No jogo de linguagem do sarau, peço licença para botar uma poema:

### A palavra vive, a palavra é vida

Vivendo todas as complexidades do linguajar humano percebo a dor do silenciamento...

Falar é transmutar

Falar é construir narrativas e se auto construir

Falar é existir

Resistir

Reexistir

Falar é um círculo

Uma ciranda

Uma dança que parece ensaiada, mas se constrói no fazer

Estamos na linguagem

A palavra é vida

Ação

Comunhão

Reação

O silencio adocece

A palavra cura

A palavra não é dada a ninguém

Ela é nossa

Minha e sua

No linguajar tecemos redes, conexões, uniões

Na emoção das palavras  
Acolhemos  
Na violência das palavras  
Matamos e morremos  
No som das palavras  
Nos reconhecemos  
E poetizamos a existência tantas vezes negada

Palavras todas  
Todas as palavras  
Algumas... palavras-MUNDO  
AFETO  
LUTA  
AMOR  
SAÚDE  
ESPERANÇA  
ALEGRIA  
FÉ  
AMIZADE

Não estamos sozinhas...  
A dor é coletiva, a cura é coletiva

## Referências

ALENCAR, C. N. Pragmática Cultural: uma proposta de pesquisa-intervenção nos estudos críticos da linguagem. In: RODRIGUES, M. G., ABRIATA, V. L. R., MELO, G. C. V., MANZANO, L. C. G., CÂMARA, N. C., (orgs.). **Discurso: sentidos e ação**. Franca, São Paulo: Universidade de Franca, 2015.

ALENCAR, C. N. “Tudo aqui é poesia”: a pragmática cultural como pesquisa participante com movimentos sociais e coletivos juvenis em territórios de violência urbana. **Interdisciplinar**, São Cristóvão, v.31, p. 237-256, 2019.

ALENCAR, C. N., BRITO, G. G. M., SOUSA, A. O. B. Nova Pragmática: uma proposta crítica e emancipatória para a Linguística Aplicada. In: LIMA, A. H. V., PITA, J. R., SOARES, M. E. (orgs.). **Linguística Aplicada: os conceitos que você precisa saber**. – volume 1. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020.

ARAÚJO, I. L. **Do signo ao discurso**: Introdução à Filosofia da Linguagem. São Paulo: Parábola Editora, 2004.

AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

CASSAVANE, R. P. A crítica de Wittgenstein a seu Tractatus em Investigações Filosóficas. **Revista de iniciação científica da FFC**, Marília, vol. 10, n. 2, 2010.

CASSAVANE, R. P. O conceito de gramática nas Investigações Filosóficas de Ludwig Wittgenstein. **Filogenese**, Marília, vol. 03, n. 01, 2010.

LUNA, J. M. G. de. **Sentido e jogos de linguagem nas Investigações Filosóficas**. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – FCH, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, p. 116, 2009.

OLIVEIRA, A. M. de. **Reviravolta Linguístico-pragmática na Filosofia contemporânea**. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

OTTONI, Paulo Roberto. **Visão performática da linguagem**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.

RAJAGOPALAN, K. **A nova pragmática**: fases e feições de um fazer. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

RAJAGOPALAN, K. Da arrogância cartesiana à “nova pragmática”. In: SILVA, D. N., FERREIRA, D. M. M., ALENCAR, C. N. (orgs) **Nova Pragmática**: modos de fazer. São Paulo: Cortez, 2014.

RODRIGUES, Paulo César Cabral. **Atos de fala e ideologia: A violência linguística no discurso da revista Veja sobre as favelas**. - Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) UECE- Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, p. 113, 2012.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações Filosóficas**. Tradução: João José R. L. de Almeida. Porto: Deriva. 2011.



## Capítulo 2

---

### O sarcástico e o irônico: demarcando as diferenças na esfera pragmática

Geórgia Maria Feitosa e Paiva  
Reginaldo Gurgel Moreira

#### Introdução

Conforme Brait (2008, p. 16), dentro de uma perspectiva do discurso, a ironia é uma estratégia de linguagem que “mobiliza diferentes vozes” no interior de um determinado contexto histórico. Esse conceito, embora certo, apresenta um problema que julgamos fundamental para este trabalho: a delimitação.

Muitas estratégias de linguagem podem mobilizar diferentes vozes, entre elas, destacamos a metáfora, o ato indireto de fala, a ironia. Como distinguir a ironia das demais? Nessa mesma obra, Brait sugere que uma das características da ironia é o “efeito de sentido” que ela suscita (geralmente o humor), diz a autora e muitos outros seguidores. Nesse caso, vemos que a autora tenta delimitar o objeto irônico creditando-lhe a propriedade do humor como efeito de sentido, dependendo da intencionalidade e da aceitabilidade dos interlocutores envolvidos.

Não discordamos dela que a ironia pode provocar o humor, mas questionamos se essa propriedade, assim como o efeito de sentido não são também suscitados por meio de outras estratégias mencionadas no primeiro parágrafo. Desse modo, concebemos que a ironia e o sarcas-

mo podem se confundir, se estudados sob a perspectiva “abarcadora” da análise do discurso, o que pode dificultar uma compreensão mais precisa dessas estratégias de linguagem.

Com base nisso, este capítulo pretende mostrar que ironia e sarcasmo são duas estratégias textuais/discursivas, polifônicas/polissêmicas que podem ou não levar ao humor e que diferem, basicamente, pelos diferentes tipos de sentidos ativados e construídos no evento comunicativo.

Na primeira seção, discutiremos sobre a ironia; em seguida, sobre o sarcasmo, para depois passarmos para a análise das tirinhas de Mafalda sob a perspectiva de Searle (2002) e Leech (1983), entre outros autores.

## I. A ironia

Antes de apresentarmos o conceito de ironia que será adotado neste trabalho, alertamos que os sentidos propostos aqui são produto de pesquisas científicas sem qualquer intenção de abarcar as crenças populares do que seja ironia. Optamos por isso, pois compreendendo a ironia em termos de contexto científico, não incorremos no erro de alargar seu conceito.

De acordo com Leech (1983), a ironia, assim como a polidez e os princípios conversacionais de Grice (1981) estão inseridos dentro de um campo chamado retórica interpessoal. Segundo Leech, essa retórica interpessoal abrange os aspectos da linguagem que atendem a propósitos orientados para a situação e os interlocutores envolvidos, ela trata do modo como o falante pretende que o ouvinte interprete um determinado enunciado em determinado contexto sociodiscursivo.

Assim, os participantes de uma elocução, antes de produzir seus enunciados, avaliam se pretendem corresponder ao contrato de cooperação firmado, se pretendem evitar conflitos interacionais por meio da polidez, ou se pretendem ser insinceros para evitar a impolidez.

O autor propõe que, diferentemente dos princípios conversacionais de Grice (1981) e de polidez (LEECH, 1983, p.142), o Princípio da Ironia (IP) atua como uma espécie de parasita, o qual “permite ao falante ser impolido parecendo ser polido” à custa do interlocutor ou do objeto do enunciado. Trata-se, portanto, de um tipo pouco óbvio de ameaça à face, que requer do interlocutor o esforço de identificar que o locutor não está sendo sincero.

Ainda conforme o linguista, a ironia varia em graus, onde o nível mais baixo e menos ofensivo é a ironia cômica e a mais agressiva é aquela que ele chama sarcástica. Ele alerta que em todos os níveis, o uso da ironia permite que o locutor expresse de forma indireta críticas, ofensas, insultos, ameaças, etc.

As contribuições de Leech (1983) para compreensão da ironia, situando-a dentro de um contexto retórico e interpessoal parece bem eficiente, pois permite-nos entendê-la com base nos elementos da enunciação que marcam as forças da ironia, que mascaram um determinado sentido, o que evita danos maiores, como no caso de decidir enunciá-lo explicitamente. Com base nisso, podemos ver a ironia como uma estratégia de linguagem que está além da sentença, que assimila os interesses comunicacionais e sociais do falante inserido dentro de um contexto social específico.

A fim de compreender o funcionamento da ironia, buscamos na linguística cognitiva o embasamento necessário para definir esta estratégia. Para isso, observamos que Searle (2002), influenciado pelos estudos da filosofia da linguagem e da pragmática, traça, de maneira geral, as distinções básicas entre enunciados irônicos, atos indiretos de fala, metonímias e metáforas.

Segundo Searle (2002, p.179), ao ser enunciada uma ironia, cabe ao interlocutor realizar um percurso menos óbvio do que uma emissão literal, pois para interpretar o enunciado como irônico, o interlocutor

precisa “passar pelo significado da sentença e retroceder ao oposto do que ela significa”, em outros termos, o significado pretendido é igual ao oposto do enunciado.

O interlocutor vai julgar retroceder se considerar que há incompatibilidade entre as pistas contextuais, verbais e paralinguísticas com o significado; então, o sentido precisa ser revisto. Vale ressaltar que esse mesmo movimento de passar pelo significado óbvio para se chegar ao significado pretendido é ativado também em metáforas simples e abertas, mas ao contrário delas, na ironia, será ativado o significado oposto, isto é o que distingue ironia de metáfora, enquanto estratégias de linguagem.

Sendo assim, podemos concluir que os interlocutores devem ter em mente uma espécie de repertório para a produção e recepção destes tipos de estratégias de linguagem, e com relação à ironia, uma das formas mais evidentes de identificá-la é a entonação da voz, ela, muitas vezes, é o único elemento que nos permite perceber quando alguém está sendo irônico, ou seja, que o sentido literal é inadequado para a situação.

O mecanismo de funcionamento da ironia consiste em que a emissão, se tomada literalmente, obviamente não é adequada a situação. Sendo grosseiramente inadequada, o ouvinte é compelido a reinterpretá-la de maneira a torná-la adequada, e a maneira mais natural de interpretá-la é entender que significa *o oposto* de sua forma literal (SEARLE, 2002, p. 177).

A respeito do sentido literal, esse autor se preocupa em mostrar para seu leitor que o sentido literal não é aquele que pode ser compreendido independentemente do contexto onde está inserido, pois para Searle não existe um contexto zero ou nulo. Esse posicionamento pode ser mais bem compreendido com a noção de *frame* proposta por Goffman (1976).

Para Goffman, um *frame* é uma espécie de quadro da experiência social que todos os sujeitos constroem mentalmente para se engajarem na interação da forma mais adequada aos seus propósitos comunicativos e sociais. Para melhor ilustrar a importância desse conceito, imaginemos um jantar em família. O que acontece nesse tipo de evento? Quem são os envolvidos? Quais elementos estão presentes? Todas as respostas dessas perguntas compõem o *frame* que deve estar internalizado, mas não estagnado na mente humana, uma vez que podemos reconstruí-lo se o quisermos.

Assim, podemos dizer que um jantar em família é um evento social marcado pela interação ritualizada, que além do cenário composto de pessoas, mesa, cadeiras, comida à mesa, necessita que seus participantes (parentes) estejam presentes para o início do evento e realização do evento. Imaginemos agora que um dos parentes chega atrasado, todos estão a sua espera para darem início à refeição; ele, por sua vez, é recebido com o seguinte comentário “chegou cedo!”. Como ele deve compreender esse comentário?

O sujeito, certamente, chegará à conclusão que a afirmativa está inadequada à situação, pois ele atrasou alguns minutos. Essa conclusão também se fundamentará na observação do tom de voz do parente que enunciou, de seus gestos e de todos os presentes. Assim, como disse Searle (2002), o contexto não é zero, é atualizado com todos esses elementos linguísticos e paralinguísticos que compõem o *frame* “jantar em família”, por isso, o sujeito inferirá que seu co-enunciador foi irônico, o dito está incompatível com o *frame* situacional.

Até aqui parece simples produzir e interpretar um enunciado irônico, mas se o *frame* situacional não apresenta o elemento entonação ou icônico para alimentar as pistas contextuais?

Esse é um dos problemas que nos deparamos quando trabalhamos com textos escritos, pois, enquanto interlocutores, teremos de nos esfor-

çar ainda mais para alcançar o sentido irônico levando em consideração os elementos já dados e o *frame* situacional que temos em mente, caso contrário, podemos considerar um enunciado sarcástico como irônico ou vice-versa, pela simples “intuição” de que há algo inadequado. E é na intuição que o senso comum pode interferir no conhecimento científico.

## 2. O sarcasmo

Ao contrário da ironia, o conceito de sarcasmo parece ter sido pouco trabalhado na literatura científica, entre outros fatores, supomos que isso tenha decorrido do fato de que alguns autores consideram o sarcasmo como ironia, e algumas vezes, levando seus leitores a enxergar os dois conceitos como sinônimos. No entanto, como mencionamos no início do texto, posicionamo-nos de modo diferente.

Ao tentar definir sarcasmo, Leech (1983) o define como “o lado cruel da ironia”. Nessa definição, o autor deixa claro que a ironia tem lados, um deles cruel, mas não necessariamente funciona de modo cruel em todos os casos. Desse modo, podemos concluir que nem toda ironia é sarcástica, ou seja, prevalece o efeito de sentido cruel. Mais adiante, Leech comenta que o enunciado sarcástico, geralmente, possui alguma vítima, pode se referir a alguém, por isso é tão cruel. A ironia, por sua vez, centra-se na oposição de sentidos que podem ser ativados a partir de um mesmo enunciado.

Kreuz e Glucksberg (1989) alertam para um elemento importante para o reconhecimento de um enunciado sarcástico. Os autores indicam que, para existir a compreensão do enunciado sarcástico, é necessário que o interlocutor da mensagem recorra a um conhecimento anterior para alcançar o sentido pretendido; enquanto que, no plano da ironia, seria necessário apenas que o interlocutor verificasse a presença de uma contraposição entre dois sentidos para que ela fosse identificada.

Nesse ponto, estamos começando a chegar a um território de delimitação, pois a ironia funcionaria de modo mais lógico, enquanto o sarcasmo precisaria de um percurso maior para a compreensão do sentido pretendido.

Conz (2010, p. 40) propõe que o sarcasmo surge em uma ironia ou em um enunciado qualquer quando o falante lhe imprime humor. Humor que pretende ridicularizar, banalizar um determinado conteúdo, ação ou pessoa. Desse modo, o sarcasmo atuaria na ironia como uma espécie de intenção de efeito de sentido, mas para isso nós devemos ressaltar que é necessário que o interlocutor, além de reconhecer os sentidos opostos, verifique se aquele enunciado quer dizer algo a mais, algo que não é pressuposto, apenas sugerido por pistas associativas, tais como o tom de voz, expressões faciais. Assim, os mesmos elementos que nos dizem que algo pode ser considerado irônico, podem nos sugerir que é sarcástico.

Em termos cognitivos, Nebot (2009) propõe que a ironia e o sarcasmo são dois modos de expressão, em que em um mesmo enunciado existem sentidos que não coincidem com o sentido expresso. A partir dessa constatação, podemos dizer que no caso da ironia, os sentidos ditos e subentendidos são opostos; já os sarcásticos, não.

É nesse momento que surge a nossa contribuição em termos de diferenciação entre o funcionamento do enunciado irônico e o sarcástico, pois consideramos que o percurso ou movimento que o interlocutor faz para alcançar o sentido pretendido em um enunciado sarcástico é o mesmo realizado para identificar um ato indireto de fala.

Searle (2002) propõe que o interlocutor, ao ler ou ouvir um determinado enunciado, fará o seguinte percurso mental para alcançar o sentido pretendido: ele comparará o que foi dito ao seu sentido literal, se coincidir ele chega a aceção, se ele verificar oposição, ele o entenderá como irônico, se ele identificar características de outros domínios

que não aqueles expressos literalmente, ele reconhecerá uma metáfora ou uma metonímia, mas se ele observar que não há oposição, e que o dito explícito funciona como um gatilho para um outro sentido, sem que seja necessário excluí-lo, mas incorporá-lo, misturá-lo ao sentido literal, ele encontrou um ato indireto de fala.

Um ato indireto de fala ocorre quando a força empregada no enunciado não coincide com a da proposição. Desse modo, propomos que o sarcasmo seria a força e a proposição seria o enunciado dito de modo explícito, assim podemos parecer estar fazendo uma declaração sobre alguma coisa, mas na verdade pretendemos criticar essa coisa. Não há, portanto, uma oposição de sentidos, mas um acréscimo, pois podemos declarar e criticar sem necessariamente excluir um sentido do outro, nós o agregamos.

A esse respeito, vale ressaltar que nem sempre podemos falar em sentido literal, pois muitas vezes fazemos usos de metáforas e metonímias no conteúdo proposicional, o que, com forças diferentes do que aquelas previstas, atuam de uma forma mais complexa, exigindo do leitor muito além do conhecimento metafórico, mas contextual, social e histórico para alcançar o sentido sarcástico impresso na força que abrange o conteúdo proposicional.

O grande problema, e o que provavelmente causou a confusão entre as definições de metáfora, metonímia e mais especificamente entre sarcasmo e ironia, é que ambos servem, muitas vezes, aos mesmos fins, pois, em termos de polidez linguística, atuam como demarcadores dos territórios entre o eu e o outro, atuando como formas de polidez negativa ou polidez *off-record*. Além de que, ambos utilizam pistas de reconhecimento similares, como o tom de voz e a expressão facial, pois esses elementos compõem a força do enunciado, seja na sua forma oposicional, no caso da ironia ou complementar, no caso do sarcasmo. Assim, acreditamos que o sarcasmo é um tipo de ato indireto de fala.



### 3. Análise

Considerando um enunciado irônico como aquele em que operam dois sentidos que se opõem e o enunciado sarcástico como um tipo de ato indireto de fala, ou seja, que se pretende dizer algo realizando outro ato. Propomos uma análise de seis tirinhas da personagem Mafalda, conhecida pelo seu humor irônico/sarcástico.

A personagem Mafalda foi criada e publicada no início da década de sessenta, na Argentina, por Quino, em diversos jornais pelo país. Se pudermos definir em poucas palavras sobre o que falam as tirinhas, podemos dizer que elas estão profundamente ligadas ao contexto histórico do período em que foram criadas, época da ditadura militar argentina.

Observa-se que nas tirinhas tanto a personagem principal, como seus amigos possuem posicionamento crítico e político forte, enquanto os adultos da cena parecem apáticos ou reativos ao sistema. Diante do contexto opressor e pelo apelo político fortemente presente nas tirinhas, acreditamos que seu autor preferiu se posicionar por meio de ironias e sarcasmos por serem recursos estilísticos, criativos e, ao mesmo tempo, indiretos, resguardando-lhe a face negativa, ou seja, a sua liberdade de expressão.

Apesar disso, o trabalho de Quino foi vítima da censura. Conforme Medeiros (2011), o criador de Mafalda parou de publicar as tirinhas no auge do período de ditadura militar na Argentina, que acabou por impedir que movimentos políticos, culturais e literários contrários a política que atuava na época se disseminassem.

Apesar do período de censura, até hoje, a personagem Mafalda e seus companheiros de cena continuam a fazer sucesso na América Latina, seja na forma de tirinhas publicadas em livros ou na divulgação maciça de tirinhas avulsas por páginas na internet e redes sociais, ambiente de onde tiramos nossos exemplares para análise.

Nossa análise foi dividida em duas partes, a primeira visou observar o funcionamento do sarcasmo e a segunda, as ironias, de modo que possa ficar mais claro para o leitor as diferenças entre um conceito e outro.

### 3.1. O sarcasmo em Mafalda

Na figura 1, observamos a personagem Mafalda e Miguelito conversando a caminho da praia. No primeiro quadro, Mafalda tenta convencer Miguelito a conceber o banho de mar de uma forma diferente, pois seu amigo acredita que o mar se parece com uma sopa, tipo de alimento que nem ela, nem Miguelito apreciam. No segundo quadro, quando ela mostra o mar, ela tenta convencê-lo mais uma vez que o mar é um lugar onde banhistas se divertem, e, então, finaliza seu argumento perguntando-lhe o que aquela cena lhe parece. Apesar de suas investidas, no terceiro quadro, Miguelito responde sua pergunta, dizendo que o mar se assemelha a uma sopa de massa. Como a tirinha nos fornece pistas visuais, verificamos que Miguelito expressa sua resposta mostrando desprezo pelo mar (sopa de massa), mostrando nojo ou enjoo ao ver muitos banhistas se divertindo ali.

Com base nisso, podemos dizer que a resposta de Miguelito, inserida no último quadro, apresenta-nos um conteúdo proposicional, uma descrição ou impressão da cena vista por meio de uma metáfora. Mas também surge aí a maneira como o personagem se expressa, pois sua face e gesto indicam desprezo, ou que se sente enjoado ao ver tal cena.

Não se trata de uma ironia, pois não há conteúdos opostos em contraposição para a composição de sentido. Há, sim, uma espécie de força sarcástica que opera na junção dos elementos textuais, icônicos e contextuais. Esses elementos analisados conjuntamente nos levam a inferir, por meio da metáfora mar com pessoas = sopa de massa, que a massa que Quino, o autor de Mafalda, se referia era na verdade o povo

ou a massificação, uma visão opressiva que perdurava na época, e que ainda perdura em alguns domínios da comunicação social.

Assim, somente alcançará o sentido sarcástico, e, por conseguinte verificará o humor da cena, o leitor que conhecer os elementos, dos quais, o autor da tirinha se refere, e para isso deverá fazer associações metafóricas, além de ter um determinado conhecimento prévio para associar massa a povo.

Figura 1: Sopa de massa



Fonte:[http://2.bp.blogspot.com/-LLM\\_o0\\_10p4/Tfkp8aohfuI/AAAAAAAAAso/kMYxqGONa4Y/s1600/mafalda16.jpg](http://2.bp.blogspot.com/-LLM_o0_10p4/Tfkp8aohfuI/AAAAAAAAAso/kMYxqGONa4Y/s1600/mafalda16.jpg)

Na figura 2, a personagem Mafalda está sentada quando aparece um homem carregando uma placa que diz “não funciona”. No quadro 2, Mafalda segue o homem e somente no quadro 3, ela observa que o homem colocou a placa em um telefone público. No último quadro, ela se mostra decepcionada, pois a personagem imaginava que o homem penduraria a placa na humanidade e não em um telefone público.

O sarcasmo aparece no último quadro quando Mafalda declara onde esperava que o homem pendurasse a placa. Quando a personagem faz a declaração, ela imprime uma força crítica, não havendo aí uma contradição de sentidos, mas uma conjunção do que foi expresso em termos visuais (o ato de pendurar a placa em um telefone) e a decepção da personagem expressa no seu rosto, andar e mais explicitamente no seu dito linguístico, quando ela informa a sua quebra de expectativa.

O humor surge quando o leitor verifica que é impossível pendurar uma placa na humanidade, a não ser em termos metafóricos, considerando a humanidade como um objeto que pode ter placas. Mais uma vez, de modo indireto, o autor da tirinha mostrou seu posicionamento político, que antes indicava desprezo pelo povo, agora diz que ele não funciona, realçando a sua impotência.

Trata-se aqui de um percurso cognitivo que exige que o leitor não abandone o sentido literal, ao contrário, que procure nele semelhanças de outro domínio para que se possa alcançar o conteúdo político proposto, como a metáfora foi expressa de modo indireto, ela atuou com uma força sarcástica de crítica que lhe imprimiu o humor.

Figura 2: Não Funciona



Fonte: <http://cartoonszone.files.wordpress.com/2010/04/post111.jpg>

Na figura 3, Mafalda e sua amiga brincam de “vejo-vejo”, uma brincadeira que exige dos participantes a capacidade de identificação dos objetos de um ambiente por meio de características, pistas para a identificação. No primeiro quadro, a amiga de Mafalda inicia a brincadeira, diz que se trata de um objeto, Mafalda pergunta-lhe a cor. No segundo quadro, a amiga responde que o objeto é negro, e nesse momento Mafalda começa a formular as hipóteses mais prováveis. É no terceiro quadro que Mafalda pergunta se o objeto ao qual sua amiga se refere é o futuro.

Nessa tirinha, observamos que Quino compôs um *frame* com muitos elementos, ele nos mostra que Mafalda e sua amiga estão deitadas em uma cama dentro de um quarto, onde estão um vaso com planta, cortina, brinquedos, travesseiro, quadro e uma mesa com um telefone preto, elemento que a amiga de Mafalda se referia. O telefone se encontra em todos os quadros, em uma posição destacada pelo tamanho, pois o plano demonstra sua importância e saliência para o campo do leitor/observador, levando-lhe a conjecturar que este seria o objeto referido.

Apesar de o telefone estar em primeiro plano, em termos visuais, Mafalda não o identificou como uma possibilidade, respondendo que o objeto ao qual sua amiga se referia seria o futuro. O ato de responder foi agregado a uma força sarcástica que gera humor quando o leitor verifica que apesar de não estar na cena, o futuro é negro. Mais uma vez, o sarcasmo em termos de crítica indireta se faz presente quando o leitor associa ao futuro uma cor, cor que indica traços de tristeza, luto, fracasso.

Portanto, há uma quebra de *frame*, quando imaginamos que a resposta de Mafalda se daria dentro das possibilidades do ambiente apresentado nos quadros, ponto em que se engatilha o humor, e ao mesmo tempo há a inserção de um novo *frame* que abarca a metáfora do futuro como uma cor, que, por si só, já traz vários sentidos construídos antes e durante a ditadura militar vivida naquele país. E por que não dizer que se trata de uma crítica que não precisa necessariamente do conhecimento prévio do contexto histórico e político da Argentina, uma vez que alguns desses problemas se enfrentam em tantos lugares?

Figura 3: O futuro



Fonte: <http://1.bp.blogspot.com/-JkdRXESoosY/UMd2KYpAGUI/AAAAAAAAABU/yj-dihWq1VQ/s1600/mafalda-veo-veo.jpg>

### 3.2. A ironia em Mafalda

Na figura 4, Mafalda lê o conceito de democracia em um dicionário. No segundo, terceiro e quarto quadros ela ri. Ao contrário das tirinhas apresentadas nas figuras 1, 2 e 3, aqui o enunciado que desencadeia o humor aparece logo no primeiro quadro, no momento em que Mafalda lê que Democracia é um governo, cuja soberania é do povo. Esse enunciado de responsabilidade do autor do dicionário é animado por Mafalda que verifica que a sua realidade não condiz com uma democracia.

A contradição aparece quando Mafalda verifica que o dito se opõe à realidade e por isso não para de rir, deixando sua família atônita com a situação. Trata-se, portanto, de um enunciado irônico, pelo qual o interlocutor não precisou de outras pistas contextuais a não ser o meio linguístico e o icônico impresso no riso de Mafalda.

Poderíamos dizer que essa ironia teria o caráter sarcástico se o interlocutor conhecesse o contexto social e político, cuja tirinha foi criada, para entender que Quino expressa, além da ironia, uma crítica a ideia de governo que se “vendia” na Argentina. No entanto, não podemos assegurar que todo leitor fará tal inferência, mas que ele, sem dúvida, identificará a ironia engatilhada pelo riso da personagem.

Figura 4: Democracia



Fonte: [http://4.bp.blogspot.com/\\_JbuNca44N8Y/TC08IRKnPaI/AAAAAAAAAco/hKaY6REHQA/s1600/mafalda\\_-\\_democracia.jpg](http://4.bp.blogspot.com/_JbuNca44N8Y/TC08IRKnPaI/AAAAAAAAAco/hKaY6REHQA/s1600/mafalda_-_democracia.jpg)

Na figura 5, três personagens estão na sala, Mafalda, seu amigo Miguelito e seu pai. Mafalda brinca com um carrinho e diz que ele bateu em uma vaca, que por sua vez caiu sentada na lua, Miguelito a corrige, dizendo que a vaca caiu em um satélite artificial. No segundo quadro, o pai de Mafalda depois de ouvir toda a brincadeira, constata que as crianças têm uma imaginação insuperável e ninguém melhor que elas para inventar fantasias. No terceiro quadro, ele começa a ler uma notícia que diz que a paz mundial estaria mais perto de ser alcançada. No quarto quadro, ele demonstra, por meio da expressão facial que não sabe mais se somente as crianças têm a capacidade de inventar fantasias.

A ironia aqui aparece na correlação do segundo, terceiro e o último quadro, pois aquilo que o pai de Mafalda havia expressado no segundo quadro entrou em contradição com a expressão facial do pai no último quadro. O efeito de humor surge como efeito da contradição verificada pelo próprio pai. O leitor não precisa ir além do que é dito nos quadros para compreender o sentido irônico, basta que se centre no *frame* construído por Quino.



Figura 5: Imaginação Insuperável



Fonte: <http://i1052.photobucket.com/albums/s454/blogclubedamafalda/Tirinhas/563.jpg>

Na figura 6, no primeiro quadro, Mafalda se aproxima de sua mãe e pergunta a razão de as pessoas estarem no mundo. No segundo quadro, sua mãe responde que as pessoas estão no mundo para “amar, trabalhar, fazer do mundo, um mundo melhor”. No terceiro quadro, em silêncio, Mafalda parece tentar entender o que sua mãe respondeu. No quarto quadro, ela demonstra surpresa, elogia o senso de humor de sua mãe e chamando-lhe de danada, a mãe parece não compreender o comentário da filha.

Nesse exemplo, a ironia consiste no processo de refutação do dito da mãe pela interpretação de Mafalda, que rejeita o sentido literal (óbvio), preferindo achar que sua mãe não concorda com tudo o que enunciou, por isso, ela a elogiou no último quadro. Não há aqui sarcasmo, ou seja, uma crítica indireta, e sim, um elogio expresso de forma direta por meio de uma interpretação não dita.



Figura 6: A razão de estar no mundo



Fonte: <http://4.bp.blogspot.com/aG3mG3fEdtc/UPDBXEoFFrI/AAAAAAAAIAU/jztwfkPEW7A/s1600/mafalda372.jpg>

## 5. Considerações finais

Com base nos exemplos e na discussão sobre ironia e sarcasmo, podemos concluir que ironia e sarcasmo compartilham de algumas semelhanças, entre elas o efeito de humor e a necessidade de pistas paralinguísticas para a o alcance do sentido, no entanto, operam de maneira diferente, pois o percurso cognitivo da interpretação de um enunciado irônico é menos dispendioso que um enunciado sarcástico.

As análises mostraram que o autor de Mafalda faz uso da metáfora como veículo da crítica sarcástica, e em alguns casos, a própria ironia funcionou como suporte da crítica, o que nos leva a aceitar que o sarcasmo é o lado cruel da ironia, como se referiu Leech (1983), mas não somente dela.

As análises mostraram que o sarcasmo opera de modo indireto, como um ato indireto de fala, ou seja, quando se diz algo parecendo dizer outra coisa, e por isso a metáfora é tão importante, pois as características elencadas permitem que o leitor consiga chegar à crítica.

Assim sendo, acreditamos que o processo de identificação e composição de um enunciado sarcástico requer interlocutores ativos e dispostos a fazer cálculos mentais que vão além dos quadros propostos, levando assim, mais tempo para ser compreendido.

## Referências

BRAIT, B. **Ironia em perspectiva polifônica**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2008.

CONZ, J. **Ironia verbal**: teorias e considerações. Monografia do curso de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://www.repositorioceme.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/29097/000775562.pdf?sequence=1>Acesso em: 03 de abril de 2013.

BROWN, P.; LEVINSON, S. **Politeness: some universals in language usage**. Cambridge: University Press, 1987.

GOFFMAN, E. **Frame Analysis**: an essay on the organization of experience. USA: Northeastern University Press, 1974.

LEECH, G.M. **Principles of Pragmatics**. London: Longman, 1983.

MEDEIROS, F.D. Mafalda sob o olhar da análise do discurso. In: **Ciências & Letras**, Porto Alegre, n. 45, p. 131-139, jan./jun. 2009 Disponível em: <http://www.fapa.com.br/cienciaseletras> Acesso em: 03 de abril de 2013.

NEBOT, A.C. Análisis y revisión del sarcasmo y la lítote: propuesta desde la Teoría de la Relevancia. In: **Boletín de Filología**, Tomo XLIV Número 2 (2009): 11 – 38. Disponível em: <http://www.scielo.cl/pdf/bfilol/v44n2/arto1.pdf>. Acesso em: 03 de abril de 2013.

SEARLE, J.R. **Expressão e significado**: estudos da teoria dos atos de fala. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

## Capítulo 3

---

### (Im)polidez e violência em relações institucionais: formas de dizer e abuso de poder

Marcos Roberto dos Santos Amaral

Nathalia Viana da Mota

Letícia Adriana Pires Ferreira dos Santos

#### Introdução

Questionar sobre a relação entre as (re)formulações de teorias da polidez e casos em que violência social e linguística<sup>2</sup> são promovidos é imprescindível para reorientar os caminhos teóricos-metodológicos dos estudos da polidez linguística. Desse modo, pretendemos demonstrar que a recorrente necessidade de trabalhos mais atualizados sobre essas teorias responde a uma necessidade de considerar casos em que

---

2. Silva e Alencar (2014, p. 262) explicam que as práticas discursivas são uma forma de ação no mundo e que uma dessas pode assumir formas de atos violentos. Certamente, “a violência na linguagem pode ser vista como algo que não só destrói a significação e a identidade do sujeito, mas também a constitui” (SILVA e ALENCAR, 2014, p. 262). Para tal, considera-se a relação do significado derivado da fusão entre forma linguística e contexto macrossocial, uma vez que esse emerge da interação discursiva (SILVA e ALENCAR, 2014, p. 260), que, mais ou menos convencionalizadamente, situa os próprios falantes e suas performances. Assim, os contextos de uso, conforme modos de orientação social de atos sócio-históricos de agentes discursivos em interação concreta (SILVA e ALENCAR, 2014, p. 260-1), agenciam os lugares legítimos de cada falante, cuja obliteração caracteriza a violência na linguagem (SILVA e ALENCAR, 2014, p. 262). Por isso, as autoras relacionam a violência linguística como a desorientação contextual, já que a base da prática comunicativa é sua orientação contextual.

os imperativos sociais de polidez são problematizados por relações violentas de abuso de poder.

Isso porque atos violentos também são constitutivos das práticas discursivas, sendo mesmo impolidez e polidez atos relativos, cuja tessitura apenas se define na situação histórica a que respondem. Ademais, quando falamos em “atos violentos”, consideramos que eles se constituem (e são constituídos) na dinâmica dos “atos de fala”, que, por sua vez, são indissociados dos “atos de corpo”, conforme nos explica Pinto (2002):

O sujeito de fala é aquele que produz um ato corporalmente; *o ato de fala exige o corpo*. O agir no ato de fala é o agir do corpo, e definir esse agir é justamente discutir a relação entre linguagem e corpo [...]. O que faz de um ato de fala uma ação está redobrado pela força da ilocução e pela força do agir do corpo que executa a ilocução. Assim, a presença material e simbólica do corpo na execução do ato é uma marca que se impõe no efeito linguístico. Uma ameaça se materializa pelo enunciado performativo que a opera, mas também pelo efeito do movimento do corpo que executa o enunciado (PINTO, 2002, p.105-106, destaques da autora).

Nesse sentido, ao analisarmos os atos de fala (e de corpo) dos interlocutores (sujeitos/atores sociais) durante o processo de inter(ação) verbal e não verbal, problematizaremos de que maneira alguns fundamentos da teoria da polidez em Leech (1983; 2005) são estabelecidos em situações comunicativas tensas, por exemplo, no contexto de contratação de serviços ou bens de uma empresa e de um ato de tortura, nos quais há a presença de uma instância social que atravessa e organiza os modos de inter(ação) sociodiscursiva. Para tanto, discutiremos exemplos de práticas discursivas (verbais e não verbais) cotidianas em que a polidez linguística não é, a rigor, respeitada e atos de corpo violentos, por sua vez, são realizados.

A fim de problematizarmos essa situação, analisaremos de que maneira as máximas da polidez – Leech (1983) - são utilizadas estrategicamente para omitir informações essenciais para uma decisão consciente do consumidor e, assim, interferir na relação “custo e benefício” do mesmo. Além disso, analisaremos os modos como se organizam as regras de polidez, bem como a dialética da “pos-polidez” e da “neg-polidez<sup>3</sup>” - Leech (2005) - em casos em que atos de violência (agressão física) estão sendo cometidos.

Enfim, pretendemos considerar que os imperativos de polidez, para além de estratégias utilizadas em função de interlocutores reconhecidos, estão articulados em função de relações institucionais, dentre as quais, as reacionárias, como as moralistas liberais. Nesse sentido, é importante problematizar estas relações, a fim de reforçar o caráter crítico e político dos estudos da polidez.

### O Princípio de Polidez (PP) e sua reformulação: a Grande estratégia de Polidez (GSP)

Uma preocupação central das teorias da polidez linguística é a manutenção do equilíbrio e da harmonia entre os interlocutores, durante o processo de suas inter(ações) socioverbais. No entanto, para além de normas de “boa educação” e de regras de “etiqueta social”, as quais constituíam os princípios básicos de polidez no início de sua aparição

---

3. Em relação às expressões “pos-polidez” e “neg-polidez”, elas correspondem, respectivamente, ao que Brown e Levinson (1987) denominaram de “polidez positiva” e “polidez negativa”. Assim, “a polidez positiva e a polidez negativa de Leech, respectivamente *pos-polidez* e *neg-polidez*, se distinguem diante das circunstâncias enunciativas, ou seja, se as metas ilocucionárias e sociais competirem entre si, nós então observaremos uma manifestação de neg-polidez, do contrário teremos um exemplo de pos-polidez” (PAIVA, 2008). Grosso modo, diante das dez regras de polidez elaboradas por Leech (2005), as de número ímpar, pos-polidez, representam a impossibilidade de conflito; as regras de número par, neg-polidez, por sua vez, configuram a possibilidade de conflito.

no âmbito da pragmática, essa teoria, atualmente, tem avançado em seus propósitos, chegando mesmo a ocupar-se, sobremaneira, da impolidez linguística<sup>4</sup>, que, por sua vez, pode ser entendida por atos de fala (e de corpo) rudes, grosseiros ou violentos.

No caso de Leech (1983), ele propôs, de início, baseado no princípio da cooperação de Grice (1982)<sup>5</sup> - de suas máximas e implicaturas conversacionais - o Princípio de Polidez (PP), o qual “sugere que numa interação os falantes preferem ser polidos” (PAIVA; MOREIRA; SANTOS, 2016, p. 23). Sendo assim, para serem polidos, os falantes precisam cooperar uns com os outros durante seus atos de fala. Diante disso, Leech (1983), ao estabelecer suas máximas norteadoras das ações dos falantes (*self*), é na figura do interlocutor (*outro*) que o teórico focaliza seus estudos de polidez, como podemos ver na tradução feita por Paiva, Moreira e Santos (2016, p. 24):

A polidez interessa-se pelo relacionamento entre dois participantes que nós podemos chamar de *self* e *outro*. Na conversação, normalmente, o *self* será indicado por **Se** *outro* tipicamente identificado por **H**, mas falantes também demonstram polidez a terceiros que podem ou não ser apresentados na situação de fala. O rótulo “outro” pode, portanto, ser aplicado não somente ao destinatário, mas às pessoas designadas pelos pronomes da terceira pessoa. A importância de mostrar polidez a uma terceira parte varia: o fator chave é se a terceira parte está presente ou não como espectador; o outro fator é se a terceira parte é percebida como pertencente à esfera de influência de **S** ou **H**. (LEECH, 1983, p. 131).

---

4. A esse respeito, ver *Impoliteness: using language to cause offence*, Culpeper (2011).

5. A título de esclarecimento, para o nosso artigo, citamos a tradução dos postulados de Grice (1965), ou seja, *Lógica e Conversação*, publicada em 1982 e organizada por Dascal.

Nessa perspectiva, - em que a figura de um “outro sujeito”, sujeito relacionado à terceira pessoa pronominal, que pode estar incluída na inter(ação), mesmo que indiretamente, - podemos pensar nas instituições sociais como exemplo desse “outro”.

Ainda nessa perspectiva, Leech (1983) elaborou seis máximas - do *discernimento*, da *generosidade*, de *aprovação*, da *modéstia*, de *concordância* e da *simpatia* - que deveriam atender ao princípio de polidez a partir de uma escala de custo e benefício, conforme nos apontam Paiva; Moreira e Santos (2016):

- I. *Máxima do discernimento*: a) minimize o custo ao outro; b) maximize o benefício ao outro.
- II. *Máxima da generosidade*: a) minimize o benefício para si próprio; b) maximize o custo para si próprio.
- III. *Máxima de aprovação*: a) minimize a depreciação do outro; b) maximize o enaltecimento do outro.
- IV. *Máxima da modéstia*: a) minimize o enaltecimento de si mesmo; b) maximize o enaltecimento do outro.
- V. *Máxima de concordância*: a) maximize a concordância entre si e o outro; b) minimize a discordância entre si e o outro.
- VI. *Máxima da simpatia*: a) minimize a antipatia entre si e o outro; b) maximize a simpatia entre si e o outro.

Ou seja, para ser polido e tentar manter a harmonia da inter(ação) verbal, o *self* deve prezar por minimizar os custos do *outro*, ao passo que deve maximizar os benefícios desse interlocutor (*outro*). Para o autor, “o *self* sempre deve estar em desvantagem para parecer polido, cortês” (PAIVA; MOREIRA; SANTOS, 2016, p. 26).

Já em Leech (2005), isto é, na reformulação de seu Princípio de Polidez (PP), elaborado em 1983, o objetivo, agora, é dar conta de exemplos de usos de polidez linguística em línguas ocidentais e orientais, uma vez que uma das críticas que seu modelo anterior recebera era a

de que este se aplicava apenas a casos específicos de línguas ocidentais, sobretudo, a inglesa britânica.

Nessa reformulação, o teórico propõe a ideia de “escala absoluta de polidez”, que se definiria por questões fundamentalmente técnicas e linguísticas - lexicogramaticais - e a ideia de “escala relativa de polidez”, que se definiria, ao contrário, por considerar aspectos contextuais e culturais das manifestações linguísticas como elementos de avaliação de polidez, ou seja, essa escala considera questões sócio-históricas.

Leech (2005) observa, ainda, que há a possibilidade de situações de uso em que alguém em função de um objetivo comunicativo, como uma ordem, que pode instaurar alguma tensão entre os falantes, necessita usar estratégias que minimizem esta tensão, para tanto recorre a estratégias especiais de polidez – é a *neg-polidez*, que se distingue da *pos-polidez*, justamente, por esta se estabelecer numa situação sem tensão entre interesse comunicativo e de manter relações sem conflito.

Nesse sentido, Leech (2005) faz uma releitura de seus estudos desenvolvidos no início dos anos oitenta, seu Princípio de Polidez (PP), e formula sua “Grande Estratégia de Polidez” (GSP). Tal “estratégia” é composta por dez regras, as quais se subdividem, em termos de importância e hierarquia, em ímpares e pares (PAIVA; MOREIRA; SANTOS, 2016, p. 41-42), como podemos ver:

1. Atribuir um alto valor aos interesses do Outro;
2. Atribuir um baixo valor aos interesses do Self;
3. Atribuir um alto valor às qualidades do Outro;
4. Atribuir um baixo valor às qualidades do Self;
5. Atribuir um alto valor às obrigações do Self para com o Outro;
6. Atribuir um alto valor às obrigações do Outro para com o Self;
7. Atribuir um alto valor às opiniões do Outro;
8. Atribuir um baixo valor às opiniões do Self;
9. Atribuir um alto valor aos sentimentos do Outro;
10. Atribuir um baixo valor aos sentimentos do Self.



Assim, as de número ímpar, as mais importantes, estariam relacionadas às regras de *pos-polidez*, pois não suscitam a ocorrência de conflito; as de número par, as de segunda ordem hierárquica em termos de polidez, estariam relacionadas às regras de *neg-polidez*, pois são passíveis de suscitarem conflito. Entretanto, essas regras de polidez - que, tal como era no “princípio de polidez” de Leech (1983), têm como foco da interação com o *outro* - possuem duas grandes metas: a meta ilocucionária, que visa atingir um objetivo comunicativo, e a meta social, orientada para as relações sociais. Portanto, de acordo com a tradução feita por Paiva; Moreira e Santos (2016, p.39), Leech (2005) defende que:

As metas ilocucionárias podem ajudar ou competir com as metas sociais – especialmente com a meta de ser polido. Então, em um elogio, observamos que a meta ilocucionária do falante é comunicar a **H** uma avaliação relativamente alta sobre algum atributo seu. Nesse caso, a meta ilocucionária ajuda a meta social (ser polido para manter boas relações). Mas, em um pedido, ou uma crítica a **H**, a meta ilocucionária compete ou entra em conflito com as metas sociais. Ambos os tipos de enunciados envolvem polidez, e eu os distinguirei chamando-os de **pos-polidez** e **neg-polidez** (LEECH, 2005, p. 7).

Então, a reformulação que Leech (2005) propõe se orienta, como se vê, no sentido da possibilidade de incorporação de situações comunicativas as mais variadas e autênticas. Tal reordenação caracteriza-se pelo interesse por práticas discursivas situadas historicamente, o que, por conseguinte, exige que as teorias de polidez reflitam sobre o caráter tenso das práticas discursivas.

Nesse sentido, pode-se entrever, ainda, que estas teorias se interessem cada vez mais por situações comunicativas marcadas por tensões sociais flagrantes e pretendam uma postura crítica política mais evidente. Essa reorientação de suas perspectivas, faz com que as teorias

da polidez possam se interessar pela análise e intervenção em práticas discursivas complexas, especialmente, aquelas organizadas sob relações institucionais assimétricas e violentas. Portanto, em seguindo tal percurso, pode-se entrever o caráter crítico e político que os estudos da polidez assumem.

### (Im)Polidez e acesso às formas de dizer<sup>6</sup>

Para iniciarmos nossa discussão sobre casos em que a polidez parece estar sendo desrespeitada, analisaremos, nesta seção, o seguinte ato discursivo: uma situação em que um vendedor (contratado) e um consumidor (contratante) negociam e assinam um contrato, do qual reproduzimos uma parte.

Pensemos, por exemplo, num contrato de prestação de serviços de rastreamentos de veículos particulares, como os que comumente são contratados por pessoas físicas por questões de segurança.

Como é praxe nesse tipo de comunicação/ato, o vendedor se concentra nas qualidades de seu objeto e evita informar sobre os problemas que ele comumente apresenta. Visto que se trata de negociação e fornecimento de informação, concentraremos nossa reflexão na *máxima do discernimento*, que reza que a informação fornecida pelo contratado (*self*), seja suficiente para convencer o contratante (*outro*) de

---

6. Segundo Van Dijk (2008, p 43-44), “uma condição importante para o exercício do controle social por meio do discurso é o controle do discurso e sua própria produção. Sendo assim as perguntas centrais são: quem pode falar ou escrever o que, para quem, em quais situações? Quem tem acesso aos vários gêneros e formas do discurso ou ao meio de sua reprodução? Quanto menos poderosa for uma pessoa menor o seu acesso às várias formas de escrita e fala. No fim das contas, os sem-poder ‘não têm nada para dizer’, literalmente, não têm com quem falar e devem ficar em silêncio quando pessoas mais poderosas falam [ou escrevem]”. No exemplo que analisaremos neste tópico, pode-se perceber, claramente, uma relação assimétrica pelo desconhecimento de singularidades do gênero contrato por parte do cliente.

que a negociação não lhe causará nenhum custo, na medida em que lhe garantirá benefícios.

Tal ato, se compreendido dentro das particularidades em que comumente ele é utilizado, pode fazer com que o estudioso da polidez venha a se questionar sobre a “eficiência” do Princípio de Polidez (PP), de Leech (1983), a partir dos “custos e benefícios” de suas máximas, ou seja: para quem (no jogo da interação socioverbal – *self* x *outro*) essas máximas são realmente satisfatórias? Para tentar responder a essa questão, estabeleceremos quem serão as partes envolvidas na interação sociocomunicativa, a saber, o contratado (empresa vendedora), que será denominado *self*, e o contratante (shopping consumidor), que, por sua vez, será denominado *outro*.

Em geral, as empresas que fornecem o serviço em questão visam um público variado, que não necessariamente tem “hábito”, ou “letramento” em linguagem jurídica. Nesse sentido, não é incomum ocorrer de o contratante não estar afeito a esse tipo de linguagem, a contratar o serviço, mais pelo que o vendedor informa do que pelo que o contrato diz. Nessas situações de venda (negociação), é comum que os tópicos “negociados” versem sobre qualidades do produto ou bem a ser vendido, sendo omitidas informações sobre os problemas comuns que ele apresenta ou possa apresentar, o que é inegavelmente uma “informação necessária”.

Pode-se questionar que os problemas que o contratante deve considerar caso venha a adquirir o bem ou serviço para decidir se assina o contrato ou não é uma informação necessária para ele, ao passo que é desnecessária para o vendedor, considerando que o conhecimento deles faria com que a chance de venda diminua. Embora qualquer pessoa reconheça que o “correto” seria informar o consumidor dos possíveis problemas aos quais esteja associado o objeto de compra, sabe-se que, em geral, aquele não é informado sobre estes.

A *máxima do discernimento* estaria comprometida por um lado, já que não se estaria informando o necessário. No entanto, por outro lado, se pensarmos que a máxima compreende que alguém esteja falando e “monitorando” seu “desempenho” para respeitar a “regra”, deve-se crer que o *self* é quem pondera sobre o que é informação necessária ou não, daí é possível que o *self*, no caso, o vendedor, estaria respeitando a *máxima do discernimento* quando omite informações que diminuam a possibilidade de efetivação do contrato. Enfim, no final das contas, o vendedor estaria apenas não informando mais que o necessário, no caso, os pontos positivos do objeto, ou seja, estaria cumprindo com a estratégia dessa máxima: “minimizar o custo ao outro; maximizar o benefício ao outro”.

Mas é inegável que tal raciocínio é no mínimo desfaçatez, pois um sujeito social estaria sendo lesado, inclusive, sofrendo um abuso que legislações sobre defesa do consumidor prevê como ilegal.

Resta outra questão: como considerar o papel desta máxima numa situação tão tensa como esta?

As reformulações das teorias da polidez podem justamente solucionar tais questões, na medida em que tentam ampliar seu alcance para melhor explicar casos em que contradições sociais são flagrantes. É nesse sentido que Leech (2005) propõe, por exemplo, as escalas de polidez, que, dentre outras considerações, apontam para a necessidade de se questionar sobre o contexto sócio-histórico para definir as regras do jogo da polidez.

Neste ponto, Leech (2005) observa que há questões sobre a polidez que estão relacionadas a problemas como distância vertical entre o *self* e o outro (poder; *status*; papel social; idade), além de direitos e obrigações definidos socialmente (PAIVA, 2008, p. 86).

O problema é que, no tipo de contrato e na situação que analisamos por ora, é certo que se trata de um texto “sério”, um uso que deveria ser “racional e normal”, sendo assim, esta máxima não estaria sendo burlada porque o discurso seria hiperbólico ou metafórico, mas porque

haveria uma implicatura - fazendo referência a Grice (1982) - que prevê que numa relação de negócio a barganha é uma lei aceitável.

O exemplo acima esclarece bem o quanto conflitos sociais são fundantes de práticas discursivas. Isto problematiza modelos interpretativos gerais das práticas discursivas que se orientem por relações simétricas entre os falantes.

Aqui, é preciso esclarecer que esta discussão se desenvolve não somente para aquilatar a eficiência da máxima em questão; antes, ela se organiza para problematizar práticas discursivas que parece que se organizam mesmo por uma “carência” de polidez, ou seja, as práticas discursivas em questão organizam-se, todavia, no mote de uma impolidez.

No caso do contrato, quase numa linguagem impenetrável, a informação que está sendo negada, administrada, os possíveis problemas que a empresa e/ou o bem ou serviço, via de regra, apresentam, é justificada não pela máxima em si, mas pelo contexto concreto no qual esta prática se estabelece, um contexto marcado por relações assimétricas entre contratante e contratado. Uma relação, inclusive, regulamentada e marcada historicamente por abusos contra o consumidor.

É a partir desse contexto que as atitudes dos falantes (*self* e *outro*) vão ser fundamentalmente ponderadas. É importante tal constatação porque demonstra que a polidez irá se efetivar ou não conforme regras estabelecidas contraditoriamente em práticas sociais históricas. Logo, o problema da polidez deve ser entendido não como problema de regras a serem respeitadas abstratamente, mas como problema político.

Nesse sentido, as máximas da polidez de Leech (1983) já permitiam uma discussão de questões culturais no estabelecimento de uma interação quando o autor destaca que o falante, ou *self*, responde a um *outro*, que necessariamente não corresponde ao interlocutor ouvinte, mas uma “parte” que tenha alguma influência no que o falante irá investir para garantir a polidez para com seu interlocutor.

No caso, da relação comercial, parece que o vendedor, quando prefere negar informações prejudiciais para o negócio e no contrato faz questão de destacar em maior parte as obrigações do contratante de ressalvas para a empresa, e apresenta uma linguagem hermética, busca preservar a face, antes da empresa que do cliente.

O problema, aqui, é compreender como que socialmente se estabelecem regras comunicativas que respaldem atos que flagrantemente não são polidos, pelo menos para com determinados sujeitos, no caso, o consumidor.

Acreditamos que isso ocorra, porque as relações sociais são profundamente assimétricas e as práticas discursivas respondem a tais assimetrias, logo, uma teoria linguística deve considerar tal particularidade ao propor suas categorias. Por isso, as teorias da polidez buscam constantemente se remodelar para poder abarcar cada vez mais exemplos de práticas de interações comunicativas mais complexos.

## Violência e abuso de poder<sup>7</sup>

Agora, finalizando a nossa discussão sobre casos em que a polidez parece estar sendo desrespeitada, e atos (de fala e de corpo) de violência, por sua vez, estão sendo praticados, analisaremos, nesta seção, a seguinte cena discursiva: uma seção de tortura<sup>8</sup>.

---

7. A respeito do entendimento de abuso de poder, podemos destacar uma citação de Van Dijk (2008, p. 17), a saber: “defino essencialmente poder social em termos de controle, isto é, de controle de um grupo sobre outros grupos e seus membros. Controle é definido como controle sobre as ações de outros. Se esse controle se dá também no interesse daqueles que exercem tal poder, e contra os interesses daqueles que são controlados, podemos falar de abuso de poder”.

8. Para procedermos em nossa análise, apoiamos-nos na reportagem localizada no seguinte endereço eletrônico: <https://fatoamazonico.com.br/tortura-delegado-de-ju-rua-afastado-de-suas-funcoes-aparece-em-video-dando-ripadas-nas-maos-e-pes-de-presos/>. Acesso em: 12 nov. 2022.

O agressor aparece, na cena, “punindo”, com “ripadas<sup>9</sup>” nas mãos, detentos da delegacia que funciona como presídio do município. As “ripadas” nas mãos e nos pés, conforme a reportagem, fazem parte de um castigo, que ele, na condição “superior” de delegado, impôs aos presos. De acordo com ela, a agressão é feita dentro de uma das celas da delegacia na presença de outros presos que aguardam a vez de serem, também, castigados pelo delegado, que ordena que os torturados contem as “ripadas”.

- “Vai logo que estou perdendo tempo aqui. Só mais três”, diz o delegado aos presos torturados.

Quando o torturador – que para a nossa análise chamaremos de *outro* – ordena que o torturado – a quem, para a nossa análise, chamaremos de *self* – conte, este o faz. Cabe, então, questionar sobre a realização da “grande estratégia de polidez”, (GSP), que o torturado está elaborando ao fazer sua contagem: qual ou quais regras de polidez ele utilizará para com o torturador, a *pos-polidez* ou a *neg-polidez*? Certamente, o falante torturador não tem “o cuidado com o que o interlocutor possa pensar, inferir sobre o enunciado” (TEIXEIRA, 2011, p. 58) e, assim, infringe todas as regras ímpares de Leech (2005), isto é, as regras de *pos-polidez*.

De fato, o interlocutor torturado, o *self*, conta, porque sabe que, se não o fizer, vai apanhar mais. Neste caso, a obediência ao pedido de contagem das pancadas que o torturado (*self*) sofre seria o resultado de uma estratégia da GSP que consiste nas regras de número ímpar, ou seja, todas aquelas que Leech (2005) atribui como regras de *pos-polidez*, a partir das quais não se possibilita a ocorrência de conflito. En-

---

9. Para efeito de esclarecimentos, a expressão “ripadas”, inserida em nosso artigo, pode ser entendida como “golpe com ripa”, ou seja, uma expressão da linguagem cotidiana do Nordeste brasileiro, cuja origem deriva de “ripa”. Nesse sentido, segundo consta no minidicionário Aurélio (2010), “ripa” é uma “peça comprida de madeira, mais larga que o sarrafo; verga”.

tão, para parecer polido, e não apanhar mais, o preso (torturado) evita colocar-se em posição de revide em relação ao delegado (torturador) e assume uma posição depreciativa em relação a este.

Em contrapartida, caberia ao torturador, o *outro*, diante de tal situação de tortura, na qual encontra-se em posição hierárquica “superior” e arbitrária em relação ao torturado (*self*), munir-se de estratégias de *neg-polidez*, ou seja, as regras de número par, da GSP. Dessa forma, seus atos (de fala e de corpo) estariam orientados para práticas violentas de “abuso de poder”, comum em relações assimétricas entre sujeitos participantes de uma mesma comunidade linguística, sobretudo quando pensamos nas instituições sociais.

Nesse sentido, aquela concepção de que o ato discursivo seja um ato que pretenda a comunicação, compartilhamento de uma informação, acordo entre interlocutores, harmonia e equilíbrio, não se pode observar aqui<sup>10</sup>. Ao contrário, encontramos, claramente, atos violentos, de abuso de poder, que se estabelecem por uma relação assimétrica tensa e conflituosa, assegurada e licenciada, de certa forma, por uma concepção institucionalizada (embora não oficialmente como numa espécie de currículo oculto) em diversas corporações de segurança pública que defende, por exemplo, que “bandido bom é bandido morto”. Então, nesse caso, esta “concepção de segurança” pode ser configurada como o “outro sujeito”, a “terceira pessoa pronominal” da inter(ação) socioverbal, ou seja, a instituição para quem o “torturador” cumpriu a ordem de torturar.

Diante do exposto, ocorre um problema que pode ser delineado da seguinte maneira: ou a teoria da polidez apenas pode discutir casos em que os interlocutores sejam “parceiros” sociais, ou ela deve considerar que en-

---

10. De fato, engajar-se numa prática social para validar dada informação é apenas uma das facetas daquilo que mobiliza os sujeitos a fazerem usos da linguagem. Nestes, os sujeitos sociais buscam, com efeito, impor-se, pedir algo, exigir, suplicar, proteger-se, ofender, projetar uma situação, resguarda-se, rir, confraternizar, etc.



tre os *self* e outros envolvidos na comunicação, há faces sociais que constroem diversos comportamentos, as quais têm um papel preponderante sobre os que estão imediatamente, fisicamente ou não, envolvidos.

Há já reformulações das teorias da polidez que se orientam para esta perspectiva, por exemplo, quando Leech (1983) observa que o outro, sob cuja face o *self* organiza sua fala, não é necessariamente o interlocutor que está a sua frente, do que podemos depreender que possa ser uma instância social institucional. Tal perspectiva, inclusive, encontra-se com a interpretação de que os trabalhos de face goffmanianos<sup>11</sup> não se restringem a interações “fisicamente” face a face.

Tal constatação é importante para a análise de casos como o ato discursivo de tortura em questão, porque permite considerar que a polidez aí se organiza não em função do torturado, a face “física”, mas em função de uma institucionalidade moralista que prevê que o preso deve pagar por estar preso, já que o “cidadão de bem” está refém e ainda tem que pagar a vida boa do “vagabundo”. É para esta face que o ato do torturador pondera suas “regras de polidez” para preservar ou não as demais faces envolvidas.

Outro fator de suma importância para esse tipo de análise que nosso artigo se põs a fazer é o seguinte: ao tratar de polidez, inevitavelmente, se está tratando de impolidez e violência. Essa constatação é muito importante para compreender os casos discursivos de abuso de poder, por exemplo. Neles, sempre alguma face é preservada, enquanto outras não e, em geral, a preservada compõe alguma instância social conservadora.

---

11. Segundo Teixeira (2011, p. 55-6) “Goffman (198, p. 76) formou o conceito de ‘face’ que definiu como sendo [...] o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reclama para si mesma através daquilo que os outros presumem ser a linha por ela tomada durante um contato específico. Face é uma imagem do self delineada em termos de atributos sociais aprovados’. Ele assevera que, numa interação, um indivíduo tem, está em ou mantém uma face, no momento em que a linha de procedimento moral adotada expressa uma representação de si mesmo interiormente sólida”.

É necessário destacar, ainda, que o princípio de polidez se organiza a partir do interesse em atenuar um possível conflito entre os interlocutores, o qual está delineado segundo a questão de que em muitas situações comunicativas preferimos enunciados indiretos<sup>12</sup> que diretos.

O ato do torturador (*outro*) quando diz para o torturado (*self*) contar suas pancadas não parece que esteja orientado para uma atenuação de um conflito, pelo contrário, parece estar querendo intensificar uma situação de antagonismo entre sujeitos sociais – diríamos, uma instituição social conservadora (a “moral que pune”) e uma população marginalizada (a encarcerada). Desse modo, pode-se compreender que há casos em que se escolhe ser direto numa situação de conflito.

No entanto, isso não implica que a teoria da polidez não possa tratar desses casos. Como sugerimos, há algumas estratégias de polidez para com um *outro* não presente na situação – de acordo com Leech (2005), trata-se de um “outro sujeito”, uma “terceira pessoa pronominal” -, neste caso, a instância conservadora moralista.

Nesse sentido, uma questão a se levantar seria esta: porque somos diretos e até intensificamos uma impolidez numa situação de conflito?

A resposta, certamente, está atravessada por questões que envolvem a consideração de uma institucionalidade social que organiza os modos de agir sociais. Assim, percebemos que os problemas da polidez linguística são problemas políticos e como tais envolvem a consideração das complexidades das relações de abuso de poder nas práticas sociais. Com essa perspectiva, as teorias da Polidez podem contribuir para a análise/intervenção em situações comunicativas, como a desse ato de tortura.

---

12. No sentido de explorar as possibilidades da problematização de casos em que a polidez, rigorosamente, não é respeitada, pode-se considerar o ponto de vista de Mey (2014) sobre os atos de fala indiretos.

## Considerações finais

As teorias da polidez, especialmente, a orientada pelos estudos de Leech (1983; 2005) assumiram a missão de se reformularem considerando as críticas que sofreram no decorrer de seu uso em estudos da linguagem: duas delas, inclusive, que fizeram o autor reescrever seus princípios é a de que o princípio da polidez se limitaria a línguas ocidentais, apenas e a de que teria suas máximas como regras absolutas.

Acreditamos que esta questão é pertinente e que as respostas dadas a ela fizeram os estudos da polidez se consolidarem bastante, no sentido de reconhecerem a necessidade de tratar de interações comunicativas complexas. Isto demonstra a necessidade de problematizar uma teoria e a importância que ela tem quando consegue dar respostas a tais problemas. Por isso, nosso estudo, problematiza a questão sobre a necessidade de reconsiderar o papel do princípio de polidez em situações comunicativas de conflito, aquelas em que não há uma orientação entre os interlocutores em função do controle da tensão existente entre si.

Analisamos, para tanto, duas situações sociocomunicativas distintas, considerando que as posições de *self* e de *outro*, em cada caso ocorreram diferentemente, para darmos conta de representar bem o Princípio de Polidez (PP) e a Grande Estratégia de Polidez (GSP), respectivamente: na primeira, tínhamos uma interação socioverbal no âmbito de instituições privadas/particulares em que o “mensageiro” da instituição denominamos *self*; na segunda, ao contrário, tínhamos uma interação socioverbal no âmbito da esfera pública em que o “porta-voz” da instituição, por sua vez, denominamos *outro*. Por conta desse contexto, percebemos que as estratégias de polidez que os interlocutores (*self* e *outro*) utilizam em suas relações hierárquicas, atuam em função de um terceiro interlocutor: a instituição social (empresa

privada, no primeiro caso; moral conservadora, no segundo caso) da qual é parte integrante e representativa.

No primeiro caso, o cliente tem negadas informações importantes para sua decisão de assinatura de um contrato, enquanto que, no segundo, o torturado, é forçado a contar suas agressões. Em ambos, conforme pressupomos anteriormente, o vendedor (do contrato) e o torturador (delegado) respondem, a um *outro* que não o seu interlocutor direto, nem o cliente (contratante), nem o torturado (preso), mas à empresa (prestadora de serviços de segurança, no caso) e a um moralismo reacionário (concepções fascistas que orientam corporações públicas de segurança), respectivamente.

Logo, além de um imperativo de polidez entre falantes “face a face” e entre o *self* e o *outro*, há um imperativo de polidez em função de instâncias sociais institucionais que atravessam as práticas comunicativas, sobretudo, aquelas em que a tensão entre os interlocutores são flagrantes, especialmente, as em que relações reacionárias liberais consumistas e moralistas subjazem às práticas discursivas, como as que analisamos. Portanto, concluindo tal percurso, pode-se considerar o caráter político (e crítico) que os estudos da polidez assumem.

## Referências

CULPEPER, J. **Impolitenees**: usinglanguage to cause offence. Cambridge: University Press, 2011.

GRICE, H. P. *Lógica e conversação*. In: DASCAL, M. (Org.). **Fundamentos Metodológicos da Linguística**. Campinas, SP: Edição do autor, 1982, p. 81-103.

MEY, J. L. *Sequencialidade, contexto e forma linguística*. In: SILVA, D. N.; MARTINS FERREIRA, D. M. M.; ALENCAR, C. N. (Orgs.) **Nova Pragmática**: Modos de fazer. São Paulo: Cortez, 2014, p. 129-144.

NOGUEIRA DE ALENCAR, C.; MARTINS FERREIRA, D. M. *Rajagopalan interpretando Austin: descolonialidades na nova pragmática do hemisfério sul*. DELTA. **Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada** (Online), v. 32, p. 613-632, 2016.

PAIVA, G. M. F. **A polidez linguística em sala de bate-papo na internet**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza. 2008.

PAIVA, G. M. F.; MOREIRA, R. G.; SANTOS, L. A. P. F. **Introdução aos estudos da (Im) Polidez Linguística**. Fortaleza: Centro Universitário Estácio do Ceará, 2016.

PINTO, J. P. **Performatividade radical**: ato de fala ou ato de corpo? *Niterói*, v.3, n.1, 2002, p.101-110.

SILVA, D. N., ALENCAR, C. N. *Violência e significação: uma perspectiva pragmática*. In: SILVA, D. N., FERREIRA, D. M. M., ALENCAR, C. N. (organizadores). **Nova pragmática**: modos de fazer. São Paulo, Cortez, 2014, pp. 259-283.

TEIXEIRA, L. A. P. **A polidez na conversa de pessoas esquizofrênicas [manuscrito]: cognição, figuratividade, estratégias e faces**. Tese de doutorado. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza. 2011.

VAN DIJK, T. A. **Discurso e poder**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

## Capítulo 4

---

# Análise sociointeracional das estratégias de polidez utilizadas por praticantes de meditação em situações de adaptação à pandemia da Covid-19

Daniele Vasconcelos Fernandes Vieira  
Aluiza Alves de Araújo  
Jeania Lima Oliveira

### Introdução

No ano de 2020, o mundo vive um cenário de pandemia com impactos social, econômico e político sem precedente. As pessoas passam por um processo de readaptação, ressignificação, de novos questionamentos, de autoavaliação, de sofrimentos, de medo, de angústia e de dúvidas, frente as novas formas de conviver, de trabalhar, de estudar, de comunicar-se com as pessoas de dentro e de fora do “confinamento”, de lazer, de sustentação financeira e interações que, em geral, exigem, simultaneamente, a (re)construção dos modos de comunicar-se entre si.

Nestes tempos, deparamo-nos com frequentes discursos nas mídias jornalísticas e redes sociais, sobre a falta que um abraço pode gerar, sobre a saudade, como também, sobre rever valores, crenças, perspectivas e sobre amor, sobre o poder do encontro, da solidariedade, empatia, unidade, fé, esperança, gentileza, generosidade, em meio a muitos outros que podem ser citados. Em contrapartida, vemos discursos em-

bativos, egoístas, individualistas, acusatórios, especulativos que reduzem a potência desta comunicação e que podem, todavia, ser neutralizados à medida que experiências, ações, publicizações que afirmam a vida e as potencialidades humanas aumentam por todos os meios e por todos os lugares do Planeta.

Imaginemos que, em um contexto onde são frequentes as ordens, orientações e recomendações de isolamento social, distanciamento social e quarentena, as interações entram em novos conflitos que, por sua própria natureza, demandam, por parte de seus interlocutores, “a escolha de ações adequadas para a situação que possivelmente fragilizaria a manutenção ou estabelecimento de face” (PAIVA; MOREIRA; SANTOS, 2016, p. 57).

A face, para Goffman (2012), é o que ele chama de imagem do *self* que é delineada na perspectiva de atributos sociais que são aprovados a partir da demonstração que as pessoas fazem de sua prática social, seja profissional ou religiosa, e que, na verdade, são confundidas com a imagem de si mesmas (GOFFMAN, 1967).

Afirmam Paiva, Moreira e Santos (2016, p. 54) que a construção de um modelo de polidez, principalmente no que tange aos rituais de interação, carece de uma teoria que “*tratasse mais profundamente do funcionamento das relações humanas*”. (PAIVA; MOREIRA; SANTOS, 2016, P. 54).

Seguimos, por isto, sensíveis, atentos e vigilantes ao estresse das novas configurações de convivência, que é uma necessidade indispensável, no sentido de buscarmos estratégias, metodologias e abordagens para a melhoria das interações comunicativas nos diferentes contextos de “confinamento” gerados pelo panorama mundial da pandemia.

Sob o olhar de Paiva, Moreira e Santos (2016, p. 58), as interações podem ser tratadas de modo menos conflituoso se o adulto tiver polidez. Para estes autores, cabe ao adulto, em sua interação, não somente

preservar a sua face, mas a face do outro, para que, desse modo, possa haver uma interação harmoniosa.

Por isto, é salutar, nesta conjuntura mundial, lembrarmos as influências dos repertórios de regras sociais que nos afetam. Somos por eles influenciados, mas não determinados. Esses repertórios para cada circunstância, pessoa, entre outras variáveis, como subculturas, sexo, classe social e os propósitos comunicativos, podem se particularizar (PAIVA; MOREIRA; SANTOS, 2016, p.59).

Perante o exposto, um projeto de extensão universitária propôs uma experiência com práticas meditativas *online*, sendo esta um pano de fundo para a análise da construção de modos e repertórios de afetação, mostrando o papel da polidez na abordagem comunicacional holística que se desenvolve no praticante de meditação, destacando o cenário de pandemia. Considerando, nesta análise, que a prática meditativa é um recurso holístico que contribui para a construção da comunicação sensível ao outro, o que, na celeridade da vida, cada vez mais rigorosa, globalizada e pautada em conquistas materiais, tem sido um desafio cada vez maior.

Objetiva-se, portanto, com esta pesquisa, analisar, na perspectiva sociointeracional, as estratégias de polidez utilizadas por praticantes de meditação em situações de adaptação à pandemia da COVID-19.



## Método

Este estudo<sup>13</sup>, adotando a perspectiva da sociolinguística interacional, está embasado em uma vertente teórica que discute a organização, nas interações sociais, das estratégias de polidez em um grupo de praticantes de meditação, no Projeto de Extensão Universitária REDES<sup>2</sup> - Redes de Estudos para o Desenvolvimento Educacional na Saúde: Diálogos, Saberes e Práticas Aplicados ao Ser Integral, desenvolvido na Universidade Estadual do Ceará, no período de março a junho de 2020, o qual promove encontros meditativos com diferentes temas do desenvolvimento humano e autoconhecimento e suas repercussões nos modos de comunicação intra e interpessoal, com frequência semanal, através de *Lives*, no *Instagram* do projeto, e, nas *Lives* de seus colaboradores.

A comunicação no projeto de meditação tem como premissa a abordagem holística que se caracteriza por agregar formas de saber originárias das tradições de sabedorias antigas, das artes, da filosofia com o saber científico (DI BIASE, 2000) para a emergência de uma nova consciência, ou visão de mundo. O movimento holístico, neste sentido, contribui para o desenvolvimento de relações que tenham como

---

13. Estudo desenvolvido no âmbito das ações do Projeto de Extensão Universitária *Redes de Estudos para o Desenvolvimento Educacional na Saúde: Diálogos, Saberes e Práticas Aplicados ao Ser Integral*, inserido no Centro de Ciências da Saúde (CCS) da Universidade Estadual do Ceará-UECE, ao qual se encontra vinculado o Projeto de pesquisa *Desenhos da Construção do Cuidado do Ser Integral através das vivências com as Práticas Integrativas e Complementares em uma Universidade Pública do Estado do Ceará, sob a perspectiva da ciência da complexidade*, com Número de Parecer 2.948.108, aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa com seres Humanos do Hospital Universitário Walter Cantídio da Universidade Federal do Ceará.

O Projeto REDES teve sua primeira versão aprovada na extensão com a oferta do Projeto 1 Hora de Meditação que permanece ativo, sendo adaptado para as redes sociais, enquanto perdurar a pandemia da COVID-19, acompanhado de outros projetos vinculados ao REDES, como o Café com PICS, no formato *online*.

objetivo em comum a justiça, o respeito às diferenças e as experiências singulares (DI BIASE, 2000).

Diferentes experiências podem proporcionar essa perspectiva comunicativa na prática, por exemplo, a meditação. No Projeto, a meditação acontece desde o ano de 2018, semanalmente, e, neste contexto de pandemia do ano de 2020, vem sendo utilizada como um recurso com potencial de contribuir para a compreensão e construção de estratégias de polidez frente ao panorama de impactantes mudanças nas interações sociais.

Sobre as estratégias de polidez, considerando os desejos que os indivíduos expressam em suas sociointerações, tomaremos os conceitos de Brown e Levinson (1987) os quais nos apontam 25 estratégias de polidez, sendo 15 estratégias de polidez positivas e 10 estratégias de polidez negativas.

Entre as estratégias de polidez positivas, citam-se: Deixar claro que o ouvinte é admirável, interessante, utilizando-se de estratégias dar atenção aos interesses, necessidades, vontades e qualidades do ouvinte; exagerar a aprovação, a simpatia; intensificar o interesse (BROWN; LEVINSON, 1987).

Citam-se também como estratégia de polidez positiva: Reivindicar ser parte do grupo, utilizando-se como estratégia usar marcas de identidade do grupo. Reivindicar aspectos em comum: ponto de vista, opiniões, atitudes, conhecimentos, empatia, utilizando-se como estratégias: buscar concordância; evitar discordância; pressupor, levantar terreno em comum; fazer “brincadeiras” (BROWN; LEVINSON, 1987). Além destas, inclui-se: Evidenciar que falante e ouvinte são cooperativos, utilizando-se como estratégias declarar ou pressupor o conhecimento do falante concernente às vontades do ouvinte; fazer ofertas; manifestar atitude de otimismo; incluir o falante e o ouvinte na atividade; apresentar (ou perguntar por que) razões; assumir ou declarar re-

ciprocidade; satisfazer a vontade do ouvinte, utilizando-se da seguinte estratégia: dar “presentes” ao falante (simpatia, compreensão, cooperação) (BROWN; LEVINSON, 1987).

Entre as estratégias de polidez negativas, adotam-se: Não ser direto, utilizando da seguinte estratégia: ser convencionalmente indireto. Não presumir ou assumir, minimizando o que se assume sobre as vontades do ouvinte, através da seguinte estratégia: utilizar perguntas, rodeios. Não forçar o ouvinte, dando-lhe opções, utilizando-se das seguintes estratégias: adotar atitude pessimista; minimizar a imposição; manifestar deferência. Ao comunicar seus desejos, não fazer imposição sobre o ouvinte, dissociando-o da violação, utilizando-se das seguintes estratégias: desculpar-se, justificar-se; impessoalizar falante e ouvinte (evitando os pronomes eu e você/tu); declarar o AAF como regra geral; nominalizar os verbos, ao referir-se a ações realizadas pelo ouvinte. Reparar outras vontades do ouvinte, derivadas da face negativa, através da seguinte estratégia: fazer débitos *on record* ou não colocar o ouvinte em débito (BROWN; LEVINSON, 1987).

Deste modo, a experiência com a abordagem comunicacional holística possibilitada com as vivências meditativas procura mostrar como a polidez passa a se manifestar entre os praticantes em relação às pessoas que convivem em seus novos cotidianos de vida, fazendo alusão ao cenário de pandemia.

Participaram da pesquisa 07 praticantes do grupo de meditação (4 do sexo feminino e 3 do sexo masculino), com faixa etária entre 19 e 35 anos. Dentre os que responderam, todos possuem vínculo de estudante de graduação com a Universidade onde o projeto se desenvolve. Quanto ao tempo de participação no Projeto, alguns ingressaram em janeiro de 2020 e outros estão há mais de um ano como praticantes, permanecendo até o momento. Apenas 01 participante referiu que não pratica medi-

tação fora do horário dos encontros. 05 participantes referiram que não praticavam ou conheciam a meditação antes de ingressar no projeto.

Utilizou-se um formulário *online*, enviado para os contatos dos praticantes, em média 50, entre homens e mulheres, de faixa etária variável, via grupo de *Whatsapp* vinculado ao Projeto e via *e-mail* dos participantes, foram levantados os recortes das falas. Com este instrumento, as perguntas realizadas permitem perceber quais as estratégias utilizadas pelos praticantes de meditação, para que se promovesse a instauração da harmonia interacional, ou seja, a priorização do bem estar entre as pessoas envolvidas no processo.

## Resultados e discussão

Ao serem questionados sobre as mudanças no cotidiano de vida que a meditação lhes proporcionou, os/as praticantes relatam que foram significativas, respondendo que se sentiam: “...Menos impulsiva, mais consciência antes de tomar atitudes ou agir, aprendi a respirar melhor, conhecer e melhor gerenciar minhas emoções”; “Percebi que fiquei mais reflexiva sobre mim e minhas atitudes e, nos dias em que medito me sinto melhor e menos ansiosa”; “Melhora da respiração”; “Relaxamento nas vivências e após elas”; “Me sinto mais concentrada, e relaxada”; “Paz e Percepções diferenciadas”; “Aprender a melhorar no controle dos pensamentos; ser mais positiva, mesmo em situações de conflito; passei a dormir melhor quando faço meditação antes de dormir”; “Consciente da responsabilidade de se cuidar para ter um estilo de vida centrado na saúde e no meu bem estar”.

Frisa-se, nesta pesquisa, que a polidez não se expressa como uma virtude teológica e espiritual que, quando desenvolvida, torna as pessoas mais empáticas, dóceis, sensíveis, compreensivas e tolerantes. Na perspectiva da sociolinguística, a Polidez é uma virtude de aparências

e, em uma dinâmica interacional, dentro de contextos específicos, pode facilitar os relacionamentos humanos, visando a uma estabilidade na interação entre interlocutores. A sociedade tem como desafio despertar para os mecanismos da polidez, por meio dos quais, os sujeitos podem perceber seus comportamentos e, se de sua vontade, melhorá-los.

Optou-se, como matriz de análise dessas interações, os estudos sobre polidez, inicialmente propostos por Brown e Levinson (1987), os quais apresentam pontos-chave da Teoria da Polidez, que, originalmente, foi publicada em 1978. Os autores utilizam os conceitos de “*facework*” (trabalho de face), para nos explicar os aspectos gramaticais que não se encerram internamente em um sistema linguístico, apenas.

Em sua obra “*Politeness: some universals in language use*” (BROWN; LEVINSON, 1987, p. 59), os autores nos apresentam seus objetivos centrais que assumem o propósito de identificar princípios de tipo universal, mas que socialmente exercem pressão sobre as estruturas gramaticais ou que modelam a gramática; de demonstrar o papel da racionalidade e da suposição dos interlocutores de que eles agem racionalmente ao extrair inferências das palavras, do tom e dos gestos empregados numa interação; de identificar a construção das mensagens como sendo os próprios dados de uma análise do uso estratégico da linguagem e como sendo o local da interface entre linguagem e sociedade e de mostrar que as diversidades superficiais emergem de princípios universais subjacentes e são satisfatoriamente explicáveis por meio desses princípios.

Com base nos propósitos estabelecidos e reapresentados por Brown (2015), a análise das falas dos praticantes de meditação elencará recursos linguísticos estratégicos em seus enunciados para uma discussão sobre como as trocas verbais que os falantes promovem em seus cotidianos, em situações específicas, dizem sobre os atos de fala, como por exemplo, se estão criticando, ofendendo, pedindo, oferecendo, descul-

pando-se, embora as formas de fazer não sejam explícitas. Com estes recursos, corroborando com a autora, poderemos compreender o significado daquilo que os falantes nos dizem, sem nos atermos somente ao que dizem propriamente.

Levando em conta que a meditação tem como princípio contribuir para o desenvolvimento do ser humano e do autoconhecimento com enfoque nas repercussões interacionais com o outro, receberam-se informações dos praticantes obtidas através do seguinte questionamento: *“Como a abordagem meditativa tem lhe ajudado a perceber a forma como se comunica com o outro (família, amigos, colegas de trabalho, os desconhecidos com quem se encontrava na rua, entre diferentes sujeitos e cenários) nesse período de adaptação frente ao cenário de pandemia?”*

Foram contempladas, na teoria da Polidez de Brown e Levinson (1987), as categorias analíticas da polidez definidas em polidez negativa e polidez positiva, na qual a primeira parte das noções de autonomia/território. A segunda das noções de afiliação/aprovação. A face negativa está relacionada a um conjunto de territórios do ‘eu’ que tem relação com território corporal, espacial, temporal, bens materiais ou simbólicos que, sob a ótica dos interlocutores, devem ser preservados. Enquanto a face positiva está relacionada com um conjunto das imagens que os interlocutores constroem e valorizam sobre si mesmos e tentam impor na interação (BROWN; LEVINSON, 1987).

Nestas categorias, apreendem-se variáveis, em conformidade com o modelo de análise da polidez linguística proposto por Brown e Levinson (1987), que auxiliaram na compreensão do contexto de interação: família, amigos, colegas de trabalho e desconhecidos, por meio das respostas ao questionamento realizado aos praticantes das meditações, facilitadas pelo Projeto. Consideram Paiva, Moreira e Santos (2016) que, neste modelo, os interlocutores da interação possuem faces posi-

tivas e negativas, direcionando, para cada uma destas faces, as estratégias de polidez.

As características das estratégias de polidez produzidas na interação comunicativa entre os participantes das vivências meditativas, no contexto de pandemia, com seus interlocutores levam em conta marcadores linguísticos como a identidade do enunciador, o papel social no qual está posicionado, os interlocutores, o momento social importante em que estamos vivenciando, à luz do sociointeracionismo.

Na análise, os interlocutores da interação direcionam suas estratégias de polidez para sua face positiva ou negativa. Apresentou-se aos/às praticantes situações das quais serão recortadas as estratégias de polidez utilizadas por eles. Vejamos abaixo como a polidez se manifesta nas situações:

**Situação01.** Vivendo na situação de confinamento, no contexto da pandemia da COVID-19, a comunicação do cotidiano sofre diversos tipos de mudanças e afetações com mais intensidade do que em outras circunstâncias.

**Pesquisadora:** “Isto está acontecendo com você?”

05 responderam efetivamente que “Sim”. 02 responderam que “Não sabiam/Não havia percebido”. 01 respondeu que “Não”. Diante desse primeiro resultado, solicitou-se que resgatassem uma ou mais de uma situação que possa ter acontecido na sua casa, no seu trabalho, seja remoto ou no local físico, na relação com seus amigos, ou com outros interlocutores (pessoas com quem interagiu ou interage) em que lhe fizeram uma pergunta que lhe parece muito óbvia e como foi a resposta do praticante para esta pergunta. Segue, abaixo, a questão levantada pela pesquisadora.

**Pesquisadora:** “Se uma pessoa lhe fizer uma pergunta óbvia, como você responde?”

Os participantes relataram, atendendo à solicitação da pesquisadora, de modo a descrever a situação, dentro de um contexto no qual aconteceu (a data aproximadamente, onde você estava, o que estava fazendo, como você estava se sentindo, a pergunta que o/a interlocutor/interlocutora e a sua resposta).

A proposta é valorizar os detalhes da interação, pois, na vertente teórica sociolinguística interacional, com ênfase nas faces, leva-se em conta as reflexões sobre estratégias das interações humanas que quanto maiores forem os detalhes, mais contextualizada se torna o palco ou cenário em que se dar a interação. As faces, portanto, fazem parte de nossas necessidades básicas, como interlocutores, de entender o que os outros interlocutores desejam para que possamos satisfazê-los.

A elaboração das noções de faces positiva e negativa dos já referidos autores Brown e Levinson (1987) foi inspirada nas noções de face e território de Goffman (1967[1955]) que define a face como o valor ou a imagem social positiva que se constrói dentro de relações interacionais, podendo, nestas, o indivíduo reivindicar diferentes faces, para atender ao que os outros pressupõem, em um único contato específico ou particular, resultando na imagem de um eu (autoimagem) constituída de atributos sociais aprovados dentro dos eventos de interação. O território é constituído como uma noção social de limites que diz respeito aos direitos e à defesa dos direitos, compostos por objetos físicos e simbólicos, reivindicados pelos falantes (GOFFMAN, 1973).

Tomemos as noções acima expostas para analisar as seguintes interações:

**Praticante 1:** “Eu estava na sala, assistindo um filme e meu marido estava no quarto usando o computador. Ele veio até a sala e me perguntou se eu ia fazer o café da tarde. E eu respondi “claro que sim, como sempre!”



**Praticante 2:** “Minha mãe me perguntou se eu Namorava escondido”.

**Praticante 3:** “Sempre sou direto em respostas a mim dirigidas. Se perguntam se estou em aula remota, digo que sim ou não. Perguntas óbvias são simples de formular. Não sou vernacularmente exagerado. Sou pontual”.

**Praticante 4:** “Esse ano meu pai foi diagnosticado com depressão, e, a partir disso, começou a tomar remédios tarja preta, quando a quarentena iniciou eu vim pra casa dos meus pais, e estou aqui desde então e minha irmã não está por causa do trabalho. Um dia quando ela veio pra cá, enquanto falávamos sobre os remédios do meu pai, ela perguntou se eu estava verificando se ele estava tomando os remédios direito (e para mim caracterizou-se como uma pergunta óbvia), e a resposta seria evidente que sim, porém, expliquei que sim, que estava acompanhando e que sabia a importância desse acompanhamento”.

**Praticante 5:** “Geralmente independente de qualquer situação, eu respondo calmamente”.

**Praticante 6:** “Em casa com minha mãe. Ela sempre faz salada para o almoço (salada verde) e pergunta se eu quero ou indica que tem salada na mesa. Eu sempre quero, pra mim é uma situação óbvia. Se ela faz salada sempre, e eu sempre como, então pra que perguntar ou indicar que tem salada na mesa (kkkkkk). Normalmente as minhas respostas são: Quero!/ Tá mãe!/ vou colocar!/ Aham!. Muitas eu nem respondi... só olho pra ela, e pronto”.

**Praticante 7:** Uma vez emprestei um valor que sempre tenho como reserva para um amigo e ele me perguntou depois de um tempo se eu queria receber esse dinheiro. Ele sabia que tal dinheiro era para minhas emergências e que gostaria de receber novamente. A pergunta foi óbvia e com resposta: “claro que quero né””.

Apresentam-se, na sequência, as transcrições obtidas por meio da situação que será denominada de **Situação 2**. Inicialmente, será exposto o contexto que se trata da vida pessoal do/da praticante de meditação. Foram questionados (as) se, “Quando o assunto é sua vida pessoal, especialmente neste período da pandemia (pode ser em outros também), que situações você já passou com pessoas que te abordaram de forma incômoda?”.

**Pesquisadora:** Solicitou-se que o/a praticante relatasse qualquer situação de sua vontade, de forma espontânea. Explicou-se que é essencial a descrição de quem foram os envolvidos (parentes, vizinho, amigos, colegas, namorado (a), o entregador de encomendas, professor, aluno, entre outros), para que melhor fosse compreendido o contexto da interação e a reação do/da praticante.

**Praticante 1:** “Na semana passada, meu marido me perguntou se eu já tinha terminado meu trabalho (relacionado às atividades remotas do laboratório em que sou IC), porém eu senti como uma cobrança. Respondi que não e que ainda estava fazendo”.

**Praticante 2:** “Me incomodou as muitas reclamações de pessoas”.

Na **Situação 2**, o **Praticante 3** apresenta diferentes tipos de situações incômodas que recorda ter vivenciado. Foram extraídas apenas duas para análise.

**Praticante 3:** “Certa vez conversei com uma amiga. Dizia eu o quanto minha amada (ex) me fazia falta. Como sou sozinho e como um abraço, uma confissão e um aconchego são incalculáveis para mim. Como chorar com alguém importa. Ela, a amiga, disse que somos seres completos, podemos viver apenas conosco e me recomendou pessoas

que recebem por ‘estar’ com alguém. Me magoou muito profundamente. Até hoje não digeri bem”.

Na segunda narrativa, relata que “Vi no Instagram a caixa de texto ‘bora conversar?’. Respondi feliz que tinha muito o que falar, que falaria temas um por um. A pessoa em questão me dava até carona! Um doce. Não sei o motivo, não houve resposta. Sei que todos estamos ocupados, mas por que minha resposta não existe? Me preocupo, me incomoda”.

**Praticante 4:** “Estava lendo e minha tia e minha mãe me chamaram para ir fazer caminhada, aí eu respondi que não iria, minha tia falou “com essa preguiça vai continuar aumentando de peso”. Me senti bastante incomodada com a forma que ela me abordou sobre o meu peso”.

**Praticante 5:** “Eu nunca falo da minha vida pra ninguém, pode se dizer que é um defeito meu, sou bem fechado e não gosto de me abrir”.

**Praticante 6:** “Incomoda às vezes me perguntarem se eu já sou mãe, como se eu tivesse essa obrigação. Já aconteceu algumas vezes, é sempre a mesma coisa: ‘Perguntam a minha idade e depois disso se já sou mãe’ 😊 [emoji da enunciante] Normalmente eu sorrio forçadamente e respondo: Não!”

**Praticante 7:** “Nos trabalhos de equipes na Universidade na grande maioria das vezes me coloco como o papel de líder. Já havia organizado todo o roteiro de um documentário que deveríamos fazer e uma única colega não se posicionou em relação ao que eu tinha organizado. Depois de um tempo (1 mês), ela começou a opinar, deixando a entender sua insatisfação com o que já havíamos produzido em equipe. Ela ficou chateada e não fez o que ela deveria produzir, prejudicando a equipe. Isso causou incômodo ao ponto de termos que realizar um relatório para a professora a respeito da colega”.

Compreende-se que, nas transcrições observadas na **Situação 1**, com os 7 (sete) **Praticantes**, em geral, analisou-se que há presença de ameaças feita pelo interlocutor, durante as interações narradas, à face do/da praticante de meditação. Vemos que o/a praticante corrobora com as ameaças feitas às suas faces, em alguns casos, apesar de ser possível perceber algum cuidado na forma como respondem. Em outros casos analisados, não foi possível identificar integralmente ameaças às faces dos/das falantes.

Em linhas mais abrangentes, algumas narrativas ficaram fora das categorias, mas há discussão a ser realizada. Exemplos a serem considerados:

Na narrativa apreendida, na **Situação 1**, com o **Praticante 3**, temos um participante que sua narrativa nos possibilita analisar que não faz uso de estratégias de polidez para responder às questões que entenda como óbvias e afirma “ser pontual”. Não foi possível explorar esta pontualidade dentro do contexto que ele narrou, por exemplo, ser indagado se “está em aula remota”.

Já na narrativa apreendida, na **Situação 1**, com a **Praticante 5**, a enunciadora compara a estratégia de “responder calmamente” como a forma mais adequada de interação, o que, na verdade, poderia até ser. No entanto, como foi dito por Dhoquois (2007), a Polidez deve ser considerada como uma virtude das aparências. Tranquilidade, serenidade, leveza e outras qualidades afins são essenciais para uma comunicação holística, isto é, aquela que busca uma relação harmoniosa entre quem diz, o que se diz e quem escuta.

Seria, entretanto, a tranquilidade, em alguns casos, uma **estratégia de polidez de face positiva** para buscar aceitação e concordância por parte do interlocutor? Ou seria a tranquilidade, aqui, neste contexto, um estado de espírito? São questões que, dentro de uma perspectiva linguística, devem impulsionar os diálogos sobre a construção da comunicação holística entre aqueles que buscam novas abordagens de

comunicar-se consigo mesmo (intra) e com o mundo (iter). Sendo uma estratégia de polidez positiva, que tipo poderíamos observar se houvesse exemplos de situações específicas narradas do cotidiano da praticante? É importante abrirmos espaços para que essas questões surjam.

No que diz respeito à **Situação 2**, a **Praticante 2**, durante o período vivenciado no distanciamento social, diz ter se sentido “muito incomodada” com as “reclamações das pessoas”. Neste caso, não foi abordado uma interação específica, da qual podemos apreender as estratégias de polidez, mas pode nos sinalizar que esse marcador “reclamação” é algo que podemos observar, identificar com maior atenção nos seus modos de manifestar-se nas interações sociais, apreendendo destas as faces e as estratégias de polidez predominantemente utilizadas para “reclamar” até sem ter que assumir que está reclamando.

No cenário da **Situação 2**, o **Praticante 5** sinaliza não se sentir à vontade para resgatar situações incômodas que viveu.

Consonante à **Situação 2**, o **Praticante 7** relata uma situação que também é corriqueira no meio acadêmico e afeta a convivência entre colegas. No entanto, neste estudo, não foi possível analisar estratégias de polidez na interação entre esses interlocutores, embora seja interessante que a expressão “deixando a entender” pode suscitar perguntas sobre quais estratégias de polidez são utilizadas para se “deixar entender” sua insatisfação neste contexto específico, caso houvesse possibilidade de recortar o diálogo.

Para organização dos dados, essas transcrições foram categorizadas e analisadas de acordo com as estratégias de polidez utilizadas, predominantemente, pelo/pela praticante de meditação durante sua interação. Abaixo, seguem as categorias.

### **Categoria 01. Estratégia de polidez positiva**

Brown e Levinson (1987) dizem que esta categoria corresponde à

vontade do interlocutor de ser aceito e admirado e pode ser analisada nas interações destinadas à face positiva do ouvinte, que corresponde, por sua vez, à vontade do interlocutor de ser aceito e admirado.

Sobre a polidez positiva, acrescenta-se que é composta por estratégias de envolvimento que o falante adota para diminuir a distância social com seu ouvinte. Isto pode ser analisado nas transcrições que nos possibilita compreender como a polidez positiva acontece na interação entre um praticante de meditação e seu interlocutor, em diferentes contextos narrados por eles.

Na narrativa apreendida, na **Situação 1**, com a **Praticante 6**, claramente percebemos uma **estratégia direcionada à face positiva**, quando a praticante responde a sua interlocutora (mãe) “Quero! / Tá mãe!/ vou colocar!/ Aham” ou quando diz: “só olho pra ela, e pronto”. Descreve-se a situação em que a falante **“procura concordar”**. Estratégia que, segundo Leech (1983), a falante busca a concordância.

Descreve-se, na **Situação 2**, com o **Praticante 3**, uma cena em que o mesmo recebeu uma mensagem intitulada “bora conversar” de uma pessoa que, para ele, é “doce” e solidária, uma vez que lhe “dava até carona”. O praticante relata se sentir decepcionado com o silêncio da parte de seu/sua interlocutor/interlocutora, após essa mensagem. A expressão **“bora”**, nesse caso, foi utilizada como uma estratégia de **“incluir ouvinte e falante na mesma atividade”**, direcionada **à face positiva do/da falante** para seu interlocutor. Ao mesmo tempo em que se sentiu chamado e inserido em uma oportunidade de conversa, por meio da referida expressão, sentiu-se excluído com o silêncio posterior.

As situações lembradas nos levam a refletir que as expressões que utilizamos têm um “poder” de estabelecer pontes com o outro que podem afetar profundamente a interação de modo a causar sentimentos, emoções e sentimentos que vão de alegria, empolgação, entusiasmo, engajamento até tristeza, decepção, mágoa, rejeição, exclusão. Deste

ângulo, percebemos a necessidade de escolhermos bem não só as palavras, termos e expressões que usamos e usaremos, bem como refletir sobre as que foram usadas, mas, além de tudo, refletir o contexto da interação (com quem, como, o quê pode ser dito e deve ser dito).

## **Categoria 02. Estratégia de polidez negativa**

Quanto à estratégia de polidez negativa, tomando Brown e Levinson (1987), como ponto de partida, corresponde a um tratamento respeitoso e ao desejo de não sofrer a imposição e não ter o território pessoal invadido, analisou-se no contexto observado que:

Na narrativa apreendida, na **Situação 1**, com a **Praticante 1**, temos um casal. O esposo, que é o interlocutor, dirige-se à esposa, que é a enunciativa praticante de meditação. O primeiro faz uso da estratégia “**minimize a imposição**”, que se configura em uma **estratégia direcionada à face negativa**. Embora essa estratégia não possa ser identificada com clareza na narrativa da praticante, por meio de uso de expressões, exercendo a função de marcador para análise, por parte do marido, podemos compreender, no contexto, que houve uma tentativa de minimizar uma imposição, tendo em vista que já é esperado que a esposa faça o café e que a mesma teria que interromper a programação que estava assistindo para preparar.

Frente à **Situação 1**, evidencia-se a interação entre uma mãe e uma filha, na qual a filha é a **Praticante 2** e sua mãe é sua interlocutora. Mas, a filha não relata sua resposta dada à mãe, ainda que possa ser o silêncio. Parece estarmos diante da estratégia **seja convencionalmente indireto** que, como mencionado por Brown e Levinson (1987), **é uma estratégia direcionada à face negativa**, na qual podemos dizer que a mãe, para saber o *status* de relacionamento de sua filha, pergunta se ela está namorando escondido, ao invés de pedir explica-

ção se tem namorado, ou do porquê não o conhece, caso ela confirme que tenha. Esta é uma possibilidade de análise.

Isto é possível porque, ao invés de questionar diretamente o *status* amoroso da enunciadora, a sua interlocutora dar a entender que não duvida de que esteja com alguém, mas que estranha não saber quem é, ou nunca ter visto a praticante sem um companheiro. Ou pode ser uma forma de “flagrar” a filha e repreender, caso a mesma manifeste que tenha um relacionamento amoroso.

É, nesta perspectiva, que houve uma tentativa da mãe de realizar um tratamento respeitoso e do desejo de não sofrer a imposição e não ter o “território” pessoal invadido. Da parte da filha, não foi possível depreender a sua estratégia de polidez, mas pareceu um sinalizador significativo para ela quanto às situações do cotidiano que lhe impactam.

Na narrativa apreendida, na **Situação 1**, com a **Praticante 4**, parece estarmos em uma interação em que a enunciadora utiliza uma **estratégia de polidez negativa**, pois a praticante reconhece o poder da sua interlocutora e “**demonstra respeito**”, ao responder que “explicitou que sim” e que “sabia a importância desse acompanhamento”, apesar de entender que esta pergunta não deveria ser realizada, tendo em vista que a mesma reconhece a importância de cuidar do pai.

Na **Situação 2**, a **Praticante 1** narra a interação entre ela e o marido. Novamente, com a **Praticante 1**, temos um caso de uso da estratégia “**minimize a imposição**”, que se configura em uma **estratégia direcionada à face negativa**, por parte do marido à sua esposa. E a esposa, neste caso, utiliza-se da **estratégia de polidez negativa**, pois a praticante reconhece o poder de seu interlocutor e “**demonstra respeito**” ao responder, uma possível cobrança que possa ser justificável por preocupação ou, mesmo que não, ele é uma pessoa por quem, provavelmente, a praticante tenha uma relação de respeito.



Muitas respostas agressivo-passivas ou, literalmente agressivas, podem surgir quando uma pessoa se sente “cobrada” especialmente por quem tenha uma relação de maior intimidade.

Aprender a responder com sinceridade, originalidade, sutileza genuína sem se utilizar das influências comumente apontadas no contexto interacional entre casais que levam à utilização de estratégias de polidez direcionadas às ameaças de face negativa, é desafiador na convivência humana.

Pode até mesmo ser este trabalho de educação linguística comparado a desembaraçar nós de fio de seda. É necessário que examinemos com cuidado cada situação, para que possamos perceber as assimetrias das relações e contribuir com práticas e recursos de diversas ciências para melhorarmos a vida em sociedade, alertando para a visão de mundo que orienta as relações sociais.

Na interação vivida com sua amiga, representada na **Situação 2** com o **Praticante 3**, ele responde com sentimento de mágoa a **estratégia direcionada à face negativa** utilizada por sua interlocutora, ao aplicar o que pode ser um “**senso comum**” correspondente a um aspecto cultural em que homens podem “estar” com mulheres, quando desejarem, ou seja, pagar pela companhia.

Ao lembrar a **Situação 2**, a **Praticante 4** revela um cenário em que a sua tia se utiliza de **estratégia direcionada à face negativa** do tipo “**pessimismo**” para obrigá-la a aderir à caminhada. No entanto, embora não tenha funcionado no tocante ao objetivo, provocou incômodo na praticante, especialmente, acredita-se, por tratar-se de um tema sensível há muitas pessoas, mais ainda às mulheres, que é o seu peso.

Lidamos com situações incômodas, diariamente, sendo diferente a intensidade e a celeridade com que nos afetamos e respondemos a elas. Esse diferencial de afetação tem a ver, segundo a sociolinguística, com variáveis importantes como, por exemplo, a relação existente entre o

falante e o ouvinte, em que, em uma interação, de acordo com Brown e Levinson (1987), os interlocutores devem considerar o que seja mais importante para eles ao enunciar algo.

### **Categoria 03. Estratégia de polidez indireta ou linguística**

Quando olhamos para o contexto e apreendemos as estratégias de polidez indireta que são utilizadas pelo locutor, para que ele não se comprometa diante do que fala, podemos analisar que esta estratégia de polidez (*off-record*) representa um ato comunicativo indireto. Isto porque permite que o locutor emita atos ameaçadores da face, evitando a responsabilidade sobre o que diz ou deixando que a interpretação da fala fique por conta do interlocutor.

Nesta categoria, vejamos características que podem ser analisadas: insinuações, uso de códigos ou pistas associativas, pressuposições, distorções ou minimizações, exageros, tautologia, contradições, ironia, metáforas, retóricas, ambiguidade, a não responsabilização pelo que diz.

Na narrativa apreendida, na **Situação 1**, com a **Praticante 1**, na qual está descrita a interação entre um casal, a esposa mostra uma retórica que, linguisticamente, pode se considerar uma “**pressuposição**”, de um ponto de análise em que a enunciadora já esperava que tivesse que preparar novamente o café, como acontece em todos os dias. Deste ponto de partida, a interação mostra a utilização de uma estratégia de polidez *off-record*, ou seja, uma **estratégia indireta**.

No contexto da narrativa apreendida da **Situação 1**, com a **Praticante 7**, temos o retrato narrado da interação entre ela e o seu amigo. O amigo, mesmo ciente, segundo a praticante, de que esse dinheiro que havia sido emprestado lhe faria falta e que, portanto, seria óbvio a sua devolução, perguntou-lhe se “**queria receber esse dinheiro**”. Ao fazer essa pergunta, temos expressamente uma estratégia de *off-record* do tipo “**use questões retóricas**”, com a qual o interlocutor

tenta desviar a atenção da amiga que, no caso, narrado, pode haver, por parte do interlocutor, a intenção primária de não pagar, pelo menos, não no momento a ponto de questionar se a mesma quer receber esse dinheiro. A falante ironizou em sua resposta “**claro que quero né**”. Ao ironizar, recorreu a uma estratégia de polidez definida como *off-record* do tipo “**ironia**”.

Atinente à **Situação 2**, narrada pelo **Praticante 3**, entende-se, quanto à posição da interlocutora, uma “**descortesia**”, que é uma estratégia de *off-record*, com a qual se comete uma ameaça implícita, produzindo o efeito do subtendido frente ao grau de ameaça ao Atos de Ameaça à Face (FTA), em que o falante não assume esse ato, sendo característico da derresponsabilização enunciativa, que é gerada na interação ou de forma dissimulada ou visível.

A supervalorização do sexo associado ao homem pode minimizar seus sofrimentos e angústias, até mesmo partindo de colocações das próprias mulheres. Sem perceber, a sua locutora reforça a autovalorização do homem e a desvalorização da mulher em seu discurso. Esses efeitos de sentido enaltecem a imagem servil da mulher para com o homem e o machismo cultural impregnado no discurso de que a ausência de uma mulher na vida de um homem se resolve “pagando”.

Na **Situação 2**, a **Praticante 6** representa um caso que é corriqueiro com muitas mulheres e que tem, ao logo das décadas, causado incômodo e questionamentos sobre esse tipo de abordagem da qual, na maioria dos casos, a mulher busca sempre se esquivar de ter que responder, tornando-se, em algumas vezes, vaga.

Quando questionada sobre a idade e sobre ser mãe, a praticante responde que “sorri forçadamente” e complementa com um “Não”. Há, neste caso, uma **estratégia off-record** da praticante. Exposta a esta situação, recorre à estratégia de ser “**vaga**”. Assim, a praticante não se compromete com aquilo que optou por não dizer, ficando a cargo de

seu/sua interlocutor/interlocutora a responsabilidade de compreender o objeto de possível ameaça.

As interações destacadas no grupo de praticantes de meditação indicam que as estratégias de polidez foram utilizadas de forma consciente pelos falantes e seus interlocutores, pois se percebe a intenção de gerar o efeito de face positiva ou de face negativa, considerando as circunstâncias em que foram analisadas e da estrutura linguística produzida entre falantes e interlocutores.

### Considerações finais

A pesquisa possibilitou a compreensão de que os praticantes de meditação se utilizam, ainda que não percebam, de estratégias de polidez positiva, negativa, indireta ou linguística, em suas interações comunicacionais cotidianas nas quais, em certas ocasiões, predominam-se as estratégias de polidez de face negativa, como as que se orientam para estratégias de minimizar as imposições, bem como as estratégias do tipo pessimismo com fins de obrigar o outro a fazer aquilo que não deseja, a estratégia do ouvinte de demonstrar respeito, devido ao poder de seu interlocutor, e a estratégia de usar o senso comum, quando comparadas à utilização das estratégias direcionadas à face positiva, como a concordância, por exemplo, e às estratégias de polidez indiretas ou linguísticas indicadas por pressuposições, uso de questões retóricas, a descortesia e falas vagas.

Há um esforço perceptível de elaboração das respostas por parte dos/das praticantes frente aos atos ameaçadores da face, sobretudo, quando estes atos são negativos. Percebeu-se, nas análises realizadas, que os mesmos têm corroborado com as ameaças de face em relação aos seus interlocutores, sem se darem conta do que está adjacente ao uso dos recursos ora apresentados.

Considerando que é uma necessidade humana o ato de comunicar-se, que faz parte da vida e da nossa forma de existir, precisamos mergulhar na ideia de construir repertórios saudáveis de afetação entre nossos encontros, reencontros e posições que assumimos frente a nós mesmos, ao outro e ao mundo. É preciso tratar esta dimensão da vida com a complexidade que merece. Afinal, o outro não é território aberto, com entrada livre e de fácil acesso, não possui manual de instruções e nem uma fôrma que possamos modelar ao nosso gosto.

Por conta disso, a polidez conquista notoriedade e o conhecimento linguístico sobre as suas faces são o diferencial desejável nas novas relações que orientarão o mundo de hoje em diante. A questão sobre como ocorre o uso de estratégias de polidez em diferentes contextos estará sempre em aberto, pois não se busca soluções para isto, e sim entendimentos. Quanto às práticas de autoconhecimento que visam a um aperfeiçoamento de si consigo mesmo e com a sociedade, é relevante buscarmos o diálogo sobre esta questão, uma vez que, de forma invisível para uns e visível para outros, as características da polidez afetam profundamente o convívio humano.

Do conhecimento linguístico, pode-se embasar a elaboração e o emprego de estratégias de polidez no cotidiano de enfrentamentos e conflitos para, por conseguinte, resolver desafios da comunicação e aumentar as possibilidades de melhoria do convívio em tempos de confinamento advindo da pandemia e daqui para frente tantos que virão.

O estudo, com base na interação contextualizada, em diferentes situações, entre falantes e interlocutores de um grupo de praticantes de meditação, poderá contribuir para uma reflexão sobre os desejos de face que estão presentes na comunicação, na formação de vínculos, na busca pelo autoconhecimento e autodesenvolvimento, nos processos de interação e de comunicação face a face com nossos interlocutores, não se limitando essa interação a apenas à interpretação de perguntas e

respostas, de escolha de foro individual. Mas, como uma forma social e linguisticamente construída que as sustenta, em contínua negociação.

Compreender, portanto, como se dar esse processo de negociação da manutenção de faces, percebendo-o de forma crítica, quanto ao desejos dos envolvidos, no âmbito das relações mais íntimas, é fundamental para que as necessidades sejam supridas, como por exemplo, o desejo de aprovação e aceitação de nossa autoimagem, nas faces positivas, ou no desejo que cada um de nós temos de que nossas ações não sejam impedidas pelos outros, como é identificado nas estratégias de faces negativas, que tem a finalidade de estabelecer limites básicos de território/espço, de defesa pessoal, de direito à ação e à liberdade frente a uma posição.

Clareia-se também a versão da polidez como uma capa, um papel que interpretamos para interagirmos com outros e que, por baixo desta capa, se escondem intenções e efeitos que podem passar invisíveis para um e tocar profundamente o outro. Diante disto, torna-se limitante e reducionista pensarmos a polidez como uma atitude de fineza, educação, amorosidade, gentileza, suavidade na comunicação holística, se não nos atentarmos para essas outras perspectivas.

As atitudes e os valores do diálogo sincero, honesto, aberto, respeitoso, harmônico, como vislumbra o pensamento holístico, que se procura desenvolver com o hábito das práticas meditativas poderão sensibilizar os praticantes para a construção de estratégias de polidez mais conscientes, obtendo resultados mais benéficos nos relacionamentos familiares, de trabalho, de estudos, de amizades, amorosos, entre outros.

Espera-se que os/as praticantes de meditação encontrem em sua jornada meditativa o aprendizado sobre a construção de estratégias comunicacionais que reduzam a potência das assimetrias nos papéis que assumimos cotidianamente na interação social.

## Referências

BROWN, P. Politeness and Language. In: BALTE, P.; SMELSER, N. (Org.) **International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences**. V. 18. New York: Elsevier, 2015. p. 326-330.

BROWN, P.; LEVINSON, S. **Politeness**: some universals in language usage. Cambridge: University Press, 1987.

DHOQUOIS, R. **A Polidez**: Virtude das aparências. Porto Alegre: LP&M, 2007.

DI BIASE, F. **O homem holístico**: a unidade mente-natureza. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

GOFFMAN, E. **Interaction ritual**: essays on face-to-face behavior. Garden City: Anchor Doubleday, 1967.

GOFFMAN, E. **On face-work**: an analysis of ritual elements in social interaction. *Psychiatry: Journal for the Study of Interpersonal Processes*, 1955.

GOFFMAN, E. **Ritual de Interação**: ensaios sobre o comportamento face a face. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

LEECH, G. M. **Principles of Pragmatics**. London: Longman, 1983.

PAIVA, G. M. F.; MOREIRA, R. G.; SANTOS, L. A. P. F. **Introdução aos Estudos de (Im)Polidez Linguística**. Fortaleza: Centro Universitário Estácio do Ceará, 2016, p. 54-59.

## Capítulo 5

---

### Carnavalização e (im)polidez no filme “Não olhe para cima (Don’t look up)”

João Batista Costa Gonçalves  
José Alberto Ponciano Filho  
Maria Natália Coelho da Silva  
Patrícia Elainny Lima Barros

“A ciência diz a verdade”  
(*Não olhe para cima* – Filme)  
“Eu sou o caminho, e a verdade e a vida”  
(João 14:6)

#### I. Introdução

**A**s relações cotidianas são permeadas de situações comuns que envolvem sujeitos naturalmente diferentes, dotados de características próprias e regidos por regras que buscam manter a harmonia social, sendo a linguagem um dos principais mantenedores desse equilíbrio coletivo.

Nesse sentido, os estudos da polidez linguística têm se sobressaído para compreender o processo de comunicação humana, destacando-se as interações face a face, que são transpassadas por situações diversas de modo a interferir nas relações dos sujeitos do discurso mediante



credos, pontos de vista, avaliações, manutenção e desconstrução de obstáculos, demonstrações e ocultações de afetos.

Tudo isso se dá numa relação de preservação/importância do lugar discursivo que os falantes ocupam, ou seja, as interações face a face se preocupam com a forma como uma pessoa se vê, como vê o outro e, ainda, como é vista, buscando-se, assim, de forma polida e respeitosa, manter estabilidade nas relações num verdadeiro jogo comunicativo cujas regras devem ser seguidas, minimizando-se, por conseguinte, os conflitos.

No discurso cômico, em especial, porque material que constitui o *corpus* dessa pesquisa, percebem-se também estratégias de (im)polidez da linguagem em que a o elemento cômico-risível aparece como uma forma de se preservarem as faces dos interlocutores por meio da cortesia e/ou descortesia<sup>14</sup>.

Diante dessas questões iniciais, pretende-se, com base em pressupostos teóricos sobre a Teoria da (Im)Polidez apresentados por estudiosos como Grice (1982), Leech (1983), Brown e Levinson (1987) e Culpeper (*apud* CUNHA; OLIVEIRA, 2020), analisar o filme *Não olhe para cima*, dirigido por Adam McKay, em que o governo dos EUA é informado sobre uma catástrofe que acontecerá no planeta: um cometa colidirá com a Terra, destruindo-o. Apesar de o filme tratar de um possível desastre de dimensão nuclear, os discursos na narrativa da película em destaque estão repletos de elementos que apontam para a carnavalização bakhtiniana. Nesse sentido, da imbricação dessas duas matrizes teóricas, a da (im)polidez e a da carnavalização, pretendeu-se, com este estudo, mostrar como as interações face a face ocorrem mediante discursos carnavalizados na referida película, na qual as es-

---

14. Além da teoria da (im)polidez linguística, este trabalho também dialogará com a teoria da carnavalização bakhtiniana, em que artefatos do carnaval se transpõem para os discursos literários, mas também se estendendo para outras manifestações artísticas, como um filme, material de análise desta pesquisa. Isso será mostrado mais demoradamente mais à frente.

estratégias de (im)polidez sustentam o discurso cômico revelando certos efeitos de sentido.

Para organizar essa discussão teórica e posterior análise do material selecionado, o presente capítulo traz, na primeira sessão, os pressupostos da teoria da carnavalização bakhtiniana, seguida por uma explanação da teoria da (im)polidez linguística, procedendo, na sessão seguinte, à análise do filme, seguida, por fim, pelas considerações finais.

## 2. Por um mundo ao revés: a carnavalização

Neste ponto do trabalho, centrar-nos-emos nas discussões sobre a teoria da carnavalização, proposta pelo filósofo russo Mikhail Bakhtin. Esse conceito, juntamente com as discussões sobre alteridade, ideologia, sujeito, ato responsável e responsivo, polifonia, dentre outros conceitos, integra o que Geraldi (2016) denomina como as principais perspectivas críticas do pensamento bakhtiniano destacadas na obra *Um mapa da crítica nos estudos da linguagem e do discurso*, de Ferreira e Rajagopalan (2016).

Na esteira dessa discussão, em *Os 100 primeiros anos de Mikhail Bakhtin*, Emerson (2003) destaca a importância dos trabalhos desenvolvidos pelo pensador russo como uma das formas mais frutíferas para “a superação da crise”, como podemos perceber na teoria da carnavalização, que, ao pôr “o mundo ao revés” através do riso, irreverente e crítico, possibilita a inserção dos sujeitos excluídos e reclusos na sociedade (PONCIANO FILHO, 2021, p. 45).

Mas, afinal, em que consiste a teoria das “inversões carnavalescas e rituais da hierarquia”? Primeiramente, antes de responder a esta questão, precisamos compreender algumas particularidades que a norteiam, a saber:

a) A visão que Bakhtin (1997; 2010) tinha do carnaval, para construir a sua teoria, a da festa realizada nos períodos compreendidos como Idade Média e Renascimento, é diferente da concepção de carnaval que nós temos atualmente. A festividade carnavalesca durante o contexto medieval e o da Renascença era marcada essencialmente pela anulação das hierarquias sociais entre classes sociais, gêneros e idade. Nesse sentido, todos participavam do carnaval da praça pública;

b) Os empreendimentos investigativos acerca da teoria da carnavalização foram delineados a partir dos estudos do pensador russo sobre as obras literárias de Rabelais e Dostoiévski, a saber, nos trabalhos *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* (2010) e *Problemas da Poética de Dostoiévski* (1997);

c) Chamamos de carnavalização da literatura a transposição da linguagem concreta, simbólica e sensorial do carnaval para o texto literário (BAKHTIN, 1997);

d) Além disso, Bakhtin (1997) propõe algumas categorias da percepção carnavalesca do mundo, para utilizarmos os termos de Fiorin (2016), como *o livre contato familiar entre os homens* (quebra das hierarquias entre os homens); *a excentricidade* (permite que se revelem os aspectos ocultos da natureza humana), *as mésalliances* ( reúne os esposais separados, geralmente na vida oficial, por exemplo o sagrado com o profano, a vida com a morte, o sábio com o tolo); e, por fim, *a profanação* (formada por sacrilégios, indecência e paródias carnavalescas dos textos e ritos sagrados);

e) Na teoria da carnavalização, a cosmovisão carnavalesca consiste em uma grandiosa cosmovisão universalmente popular dos milênios passados (BAKHTIN, 1997), que pode se apresentar em distintos discursos que circulam na vida social, como o discurso

fílmico, nosso objeto de investigação, o discurso religioso, o discurso filosófico, o discurso publicitário, o discurso literário etc;

f) Segundo Discini (2016, p. 90), a carnavalização “[...] pode ser apreendida e analisada nos textos de qualquer época”;

g) A cultura (cômica popular), a linguagem carnavalesca (caracterizada pelos insultos, pela ironia, pela sátira, pelo grotesco), a festividade e a cronotopia do carnaval são os principais pilares para compreendermos a noção de carnaval estudada por Bakhtin no contexto de Rabelais (PAULA; STAFUZZA, 2010).

Depois desses esclarecimentos iniciais acerca de algumas especificidades da teoria da carnavalização, a seguir, extraímos de alguns trabalhos reflexões de estudiosos da teoria círculo-bakhtiniana frente à perspectiva crítica do discurso em destaque, que nos ajudam a melhor compreendê-la, tais como:

I – “O conceito bakhtiniano de carnavalização emerge a partir da relação tensional entre a oficialidade e a não oficialidade, entre a vida oficial extracarnavalesca e a vida não oficial carnavalesca. Consoante Bakhtin (2010; 2013), a vida oficial é orientada por uma cosmovisão hierárquica extracarnavalesca, sendo regida por hierarquias, por valores, por normas e por tabus religiosos, políticos e morais” (SILVA, 2021, p. 93).

II – “a teoria da carnavalização proposta por Mikhail Bakhtin é uma forma de entender como certos discursos dessacralizam e relativizam formas de poder que se opõem a uma aguda percepção da existência discursiva centrífuga, conforme nos explica Fiorin (2016). Dessa forma, a cosmovisão carnavalesca caracteriza-se, na sua unicidade, por ser um espetáculo de forma sincrética, sem palco, sem separação de atores e espectadores, no qual não se contempla, nem se brinca, mas sim vive-se. Aproxima o mundo do homem e o homem do mundo e opõe-se ao sério ofi-

cial através do riso festivo. Nesse sentido, perceberemos que a prática social do riso leva a uma explosão de liberdade, que não admite nenhum dogma, nenhum autoritarismo, nenhuma seriedade tacanha, conforme sublinha Fiorin” (2016, p. 101) (PONCIANO FILHO, 2021, p. 15).

III – “[...] quando tratamos de carnavalização, esta terá a marca de um riso, em seu valor sério-cômico. O riso herdado pela Idade Média e contíguo ao Renascimento “não é a sensação subjetiva, individual, biológica da continuidade da vida, é uma sensação social, universal” (BAKHTIN, 2013, p. 79). Aqui, temos a noção do riso como elemento coletivo, da praça pública, uma eterna vitória sobre a cultura oficial, pelo menos, na festividade que era viver o carnaval” (BARROS; GONÇALVES, 2019, p. 41).

IV – “A carnavalização está intrinsecamente relacionada à estratificação social, pois é, por causa das diferenças percebidas no dia a dia e, principalmente, da tomada de consciência da desigualdade, que há a possibilidade de mudança, de transformação da realidade ou mesmo de observação crítica da realidade pela subversão carnavalesca” (GONÇALVES, 2021, p. 45).

Como podemos perceber a partir dos excertos em destaque, a teoria da carnavalização, como um ato responsivo, procura relativizar e desestabilizar, por meio do riso carnavalesco – universal e coletivo –, discursos de poder que cooperam para que forças centrípetas<sup>15</sup> construam uma sociedade de sujeitos autoritários, constituídos por consciências impermeáveis às outras vozes sociais, que acabam sendo marginalizadas devido a discursos oficiais, a valores e a posicionamentos socioaxiológicos sérios e (tidos como) imutáveis, que estabelecem a ordem

---

15. Em linhas gerais, as forças centrípetas e centrífugas são embates de forças. Estas “se empenham em manter as coisas variadas, separadas, apartadas, diferenciadas uma das outras”, já aquelas empenham-se “em manter as coisas juntas, unificadas e iguais”, conforme sublinham Clark e Holquist (2017, p. 35).

e, conseqüentemente, a hierarquia que tocam às diferentes esferas da comunicação discursiva.

Ainda sobre o assunto, destaquemos outros elementos que caracterizam as práticas discursivas cujos discursos são carnavalizados. Ancorado nas ideias bakhtinianas, Fiorin (2016) enumera os seguintes elementos que caracterizam o discurso carnavalesco: as ações carnavalescas, como a entronização, que consiste no ato de valorar sujeitos geralmente marginalizados pela cultura oficial, e o destronamento, que é o ato de “ridicularizar” figuras oficiais, símbolos de poder. Além disso, destacamos também a própria linguagem carnavalesca descrita como “familiar, repleta de sarcasmos e insultos” (FIORIN, 2016, p. 102). Aqui, chamamos a atenção para as sátiras carnavalescas, que ridicularizam determinados temas que circulam nas esferas da comunicação social. A título de exemplificação, na narrativa fílmica que elegemos para análise, *Não olhe para cima* (2021), esse recurso estilístico é utilizado recorrentemente para tecer críticas ao chamado negacionismo, à ausência da valorização da mulher na ciência, à mídia fútil que colabora para a disseminação de *fakenews* de determinados assuntos, às cisões políticas e partidárias, principalmente no Brasil e nos EUA, durante os governos dos políticos Jair Messias Bolsonaro (2018-2022) e Donald Trump (2017-2021), respectivamente.

Feitos esses apontamentos sobre uma das teorias que é basilar para a elaboração deste estudo, na próxima seção, deter-nos-emos nas discussões sobre a (im)polidez linguística com base nos estudos de Brown e Levinson para, só então, compreendermos a proposta de Mota (2019), que, unindo essas duas perspectivas teóricas, propõe a categoria da impolidez carnavalizada.

### 3. Por um mundo mais (ou menos) cortês: a (im)polidez linguística

Engendrando-se no “guarda-chuva” das diferentes vertentes que compõem os estudos críticos da linguagem e do discurso, a teoria da (im)polidez linguística também apresenta uma preocupação com as mudanças sociais e discursivas na nossa sociedade. Os princípios epistemológicos de Brown e Levinson (1987), por exemplo, podem figurar entre as áreas dos estudos críticos da linguagem se levarmos em conta que suas premissas teóricas se preocupam em apontar na linguagem elementos que advogam por um mundo em que prepondera uma sociedade justa e igualitária, sem relações de assimetrias. Assim, esse mundo (utópico), que tanto valoramos e almejamos, só é possível graças às mudanças das nossas práticas discursivas e sociais que operam para a manutenção e a naturalização de discurso de poder exercido violentamente, a exemplo de práticas como o racismo, a misoginia, a xenofobia e o sexismo, além do preconceito com os pobres, com os adeptos de determinadas religiões, como as de matrizes afro<sup>16</sup>.

---

16. Para os pesquisadores dos estudos críticos da linguagem, compreender a operacionalização das práticas discursivas e sociais nas várias esferas da comunicação humana é primordial para que ocorram efetivamente as mudanças e transformações de tais práticas, que potencializam as estratificações socioaxiológicas que circulam na nossa sociedade, por exemplo. Em uma perspectiva faircloughiana, Lira e Alves (2018, p. 110) explicam que a prática discursiva “contribui não apenas para reproduzir a sociedade, em suas identidades e relações sociais, e sistemas de conhecimento e crença, como também possibilita sua transformação”. Agora, em relação às práticas sociais, que têm como pilares as estruturas sociais, as práticas propriamente ditas e os eventos, os autores em destaque explicam que devemos concebê-las na interação desses três elementos. Sendo assim, “as estruturas sociais são entidades mais amplas ou abstratas; as práticas sociais são as entidades organizacionais que fazem mediação entre estruturas sociais e eventos”. Assim, para um estudo pormenorizado do assunto, indicamos a leitura do capítulo teoria social do discurso e evolução da análise de discurso crítica, que se encontra no livro organizado por Batista Jr., Borges Sato e Ferreira de Melo (2018).

Dito isso, nesta seção, serão tratadas algumas particularidades que mobilizam os aparatos teórico-metodológicos da área linguística em destaque.

Com base nas ideias griceanas sobre a cooperação ser um princípio básico para a comunicação, Leech iniciou seus pressupostos teóricos sobre a polidez na linguagem. Nesse sentido, Grice associou a linguagem a um jogo conversacional cujas regras seriam conhecidas e utilizadas por todos os falantes, possibilitando, portanto, a comunicação. Assim, numa situação ideal, os falantes obedeceriam às máximas da quantidade, qualidade, relevância e de modo, havendo entre si a cooperação (GRICE, 1982 *apud* PAIVA; MOREIRA; SANTOS, 2016). Entretanto, observa-se que Grice não considera que, em determinada situação comunicativa, há a relação de vários outros elementos e que não se limita somente às máximas elencadas pelo teórico.

Assim, no mundo humano, em que as vivências, as realidades e o pensamento dos sujeitos discursivos são bastante distintos, a comunicação/ interação de modo perfeito, que segue exatamente as regras do jogo, é algo difícil de ocorrer, senão impossível, dada a possibilidade constante de se quebrarem as máximas ou mesmo lhes dar prioridade. Isso pode ser feito, por exemplo, dentro de uma situação comunicativa/interativa, em que se evidenciam diversos tipos de discursos, dentre eles o irônico, o poético, o cômico, etc. Nesse contexto, podem ser geradas as implicaturas, isto é, aquilo que implicitamente é informado pelo interlocutor (GRICE, 1975 *apud* GUIMARÃES, 2010). Essas implicaturas podem ser convencionais ou conversacionais, esta interligada ao conhecimento de mundo que o falante deverá ativar para compreender determinada mensagem enquanto aquela, ao texto e aos elementos linguísticos.

Tendo como centro a Pragmática Conversacional, Grice (1957; 1975 *apud* GUIMARÃES, 2010) buscou compreender, nas relações comunicativas, a relação existente entre o que é dito pelo falante e o que não é, ou



seja, procurou observar aquilo que está implicado conversacionalmente, em que o sujeito demonstra uma intenção de comunicar algo que não está decodificado explicitamente na materialidade textual. Nessa perspectiva, segundo Grice, os interlocutores, implicitamente, imputam-se um contrato conversacional cujo fim é a manutenção da comunicação<sup>17</sup>. Desse modo, as implicaturas conversacionais intencionam a manutenção do princípio da cooperação, pois, ao infringir uma regra, um falante tem uma intenção, que pode ser inferida pelo seu interlocutor a partir do contexto, tornando-se compreensível a quebra de uma máxima bem como o que quis dizer o falante (GUIMARÃES, 2010).

As considerações de Grice despertaram em Leech (1983) a necessidade de tentar entender, a partir das máximas de cooperação, implicaturas conversacionais que orientam as relações entre os sujeitos da interação, como os falantes, que, ao quererem ser compreendidos, se esforçam para se manterem polidos. Esses estudos desencadearam, assim, grandes contribuições na área da Polidez Linguística.

Leech (1983) propõe então o Princípio da Polidez (doravante PP), “que sugere que os falantes numa interação preferem ser polidos” (PAIVA; MOREIRA; SANTOS, 2016, p. 23). No PP, o referido autor nomeia o enunciador de Self e o ouvinte de outro. Esse outro pode se referir também a alguém que não está na situação comunicativa, no momento em que ela se realiza, sendo referenciada com pronomes na terceira pessoa.

No prolongamento da teoria, Leech (1983) apresenta seis máximas da polidez: *máxima do discernimento* (em que o falante deve atenuar algum custo ao ouvinte, maximizando benefícios a esse ouvinte), *má-*

---

17. Embora essa teoria use, muitas vezes, o termo “comunicação”, preferimos “interação” por marcar melhor a troca de papéis na relação tensa que os sujeitos do discurso mantêm entre si. Entretanto, às vezes, mantermos o termo “comunicação” para ser fiel à teoria.

*xima da generosidade* (na qual o falante deve minimizar o benefício para si e maximizar o custo para si, causando no falante impressão positiva por se beneficiar pouco de um ato), *máxima da aprovação* (em que o falante deve minimizar a depreciação do ouvinte e maximizar o enaltecimento desse ouvinte, contribuindo para a construção positiva da imagem do falante por parte do ouvinte e facilitando o engajamento desse ouvinte), *máxima da modéstia* (na qual o falante minimiza o próprio enaltecimento e maximiza o do ouvinte, evitando o falante fazer associações positivas com a sua imagem), *máxima de concordância* (em que é maximizada a concordância entre falante e ouvinte e minimizada a discordância entre eles, permitindo-se que as informações sejam compartilhadas) e a *máxima da simpatia* (na qual é minimizada a antipatia entre um e outro e maximizada a simpatia entre si e outro, mostrando-se o falante simpático aos ouvintes ao disfarçar a estes uma imagem de si que não lhes seja interessante) (PAIVA; MOREIRA; SANTOS, 2016).

Dessa forma, percebe-se que, em cada máxima, os valores culturais apresentam certa influência na sua constituição, mas não se sabe até que nível. Outra questão que é oportuna observar nessa discussão é que o teórico não explicita a importância do contexto para a realização de cada máxima.

Além dessas questões, há de se destacar dois princípios bastante explorados nos estudos da Polidez: o Princípio da Ironia e de Banter e o Princípio da Hipérbole e da Lítotes. O primeiro está interligado a uma informação que não foi dita explicitamente, mas que ficou inferida para que o outro compreenda. Como afirmam Paiva, Moreira e Santos (2016, p. 30): “O princípio da ironia encontra-se em oposição ao princípio da polidez, ou seja, quando o princípio da polidez diz “seja polido”, o princípio da ironia diz “seja impolido”. A ironia faz com que a pessoa seja polida nas palavras, porém impolida nas ideias.

Contrariando esse conceito, Leech (1983) propõe o Princípio *Ban-ter* ou *Mock impoliteness*, mais conhecido como Princípio de *Ban-ter*. Neste, há uma inversão da ironia, pois se percebe a exposição de palavras que camuflam a intenção do *Self* ao expor uma agressividade nas palavras e uma afetividade nas ideias; um princípio que se faz presente muito comumente entre amigos mais próximos, entre os jovens que apresentam certo grau de intimidade, pois trocam dizeres ofensivos, sem a intenção de ser impolido, e sim de ser polido com o outro.

O Princípio da Hipérbole, por sua vez, refere-se a um detalhamento intensificado das coisas, um exagero. A finalidade central desse princípio é sustentar a polidez entre o *Self* e o outro. Um exemplo desse princípio é a lítotes, considerada figura de linguagem, que pode ser comparada ao eufemismo, pois tem um efeito de amenizar determinada situação de impolidez.

Partindo dos estudos pragmáticos (Grice, Austin e Searle) e ainda dos estudos de Goffman (1967), dois outros teóricos contribuíram bastante para os conceitos acerca da Polidez: Stephen C. Levinson, autor da obra “Politeness: some Universals in Language Usage”, e a pesquisadora Penelope Brown, os quais teorizaram a imagem social, chamando atenção para a face.

Brown e Levinson, seguindo de perto essa orientação, realizaram análises provenientes de conversas face a face constituídas no Inglês, no Tzetal e no Tâmil. Observaram que era contumaz a prática de obstar ou até atenuar certos embates em determinada situação comunicativa. De acordo com os autores, a “Face é uma competência que todo membro adulto de uma sociedade possui, com investimento emocional, podendo ser perdida, mantida ou intensificada, por isso, deve ser constantemente cuidada numa interação” (GONÇALVES; LINS, 2014, p. 225). Segundo Brown e Levinson, as pessoas tendem a manter a sua face numa interação, sendo que, para que uma face se mantenha, é

preciso que haja a manutenção das faces dos demais, sendo natural a defesa da própria face perante uma ameaça, o que ocasiona ameaça às outras faces. Dessa forma, aquilo que se mostra com intuito de ser aprovado ou reconhecido (diante do desejo das pessoas de serem aceitas) pelo outro chama-se face positiva; já aquilo que se espera preservar ou ter preservado diante do outro é denominado pelos referidos autores de face negativa.

Percebe-se, assim, que há, na exposição e/ou na inibição da face positiva e negativa regulando as interações sociais, uma espécie de anseio de ser aceito e/ou rejeitado pelo outro, assim como uma expectativa em preservar a interação. Como se vê, tal noção de face se dá a partir da interação verbal, em vista de a interação verbal pressupor, inevitavelmente, a atividade ameaçadora dos papéis que desempenhamos socialmente, podendo gerar, assim, um desequilíbrio de faces sociais. Portanto, assenta-se aqui o postulado de que, numa interação discursiva, as faces dos sujeitos se encontram vulneráveis e, por isso, colaboram reciprocamente para serem mantidas.

Para a manutenção ou o desmantelamento desse equilíbrio, dentro de uma interação, o falante (ou mesmo o escrevente) tem a opção de ser ou não polido. Nesse contexto, segundo Leech (1983), os atos ameaçadores da face negativa intencionam limitar o interlocutor, como ordens de um chefe, avisos, ameaças, conselhos, dentre outros. Os atos ameaçadores de face positiva, por seu turno, apresentam uma espécie de julgamento depreciativo, como insulto, ofensa, injúria, insolência etc. Além desses dois, há ainda os atos ameaçadores que, como o próprio nome já sinaliza, ameaçam as duas faces ao mesmo tempo, a positiva e a negativa, o que expõe situações totalmente desagradáveis, como más notícias, constrangimento etc.

Ainda nesse contexto, Brown e Levinson (1987) afirmam que, dentro de uma situação comunicativa, o falante pode optar por resguardar

as faces dos interlocutores, a que os autores chamam de *On Record*; pode o sujeito não se preocupar com as faces do outro; designado *Baldon Record*, e, por fim, pode também o falante explicar quase nada ou até nenhuma preocupação com as faces do seu parceiro de comunicação, a que Brown e Levinson denominam *Off Record*.

Apesar de esses autores (Leech, Brown e Levinson) terem trazido contribuições fundamentais e pioneiras, no campo dos estudos pragmáticos, para os estudos da polidez e de serem, dessa forma, base teórica para a sua compreensão, há alguns estudiosos, por outro lado, que ampliaram (CUNHA; TOMAZI, 2019, p. 298) essas propostas iniciais, debruçando-se sobre a polidez e vendo nesse fenômeno uma verdadeira “virada discursiva” para a análise das interações sociais (CULPEPER, 2011; HAUGH, 2013; KERBRAT-ORECCHIONI, 2013 *apud* CUNHA; OLIVEIRA, 2020). Nessa discussão, ganha destaque, entre outras questões, a intencionalidade, a qual, consoante Culpeper, é essencial no contexto social para o exame dos atos polidos e impolidos, “uma vez que os falantes podem planejar suas ações linguísticas de modo a almejam ser reconhecidos como falantes polidos ou impolidos, a depender da situação comunicativa em foco.” (CUNHA; OLIVEIRA, 2020, p. 148). Nesse sentido, a impolidez de um ato tem relação com a posição social que os falantes desempenham em relação uns aos outros (CUNHA, 2019).

Na ampliação desses estudos sobre a (im)polidez, Culpeper (1996 *apud* ALBUQUERQUE; PINTO, 2017), baseado nas ideias de Brown e Levinson, propõe as superestratégias de polidez, que podem acontecer “por ação intencional do locutor, por percepção do interlocutor ou por ambos os mecanismos, o que significa querer ser impolido (ação intencional) ou não ter consciência de ser impolido (percepção do outro).” (ALBUQUERQUE; PINTO, 2017, p. 237-238). Essas superestratégias são:

Impolidez direta (impolidez cometida diretamente, sem atenuantes); impolidez positiva (uso de estratégias para lesar a face positiva do interagente: infração à necessidade de ser aprovado); impolidez negativa (uso de estratégias para lesar a face negativa do interagente: invasão territorial); impolidez falsa (impolidez sob o formato de uma brincadeira); e ausência de polidez (ausência de polidez quando ela é esperada) (ALBUQUERQUE; PINTO, 2017, p. 237).

Albuquerque e Pinto (2017) consideram, ainda, que, para Culpeper, um ato pode ser polido com base em normas individuais, culturais, situacionais e co-textuais. Dessa forma, entende-se que as relações de sentido, construídas contextual e socialmente, são definidoras para se compreenderem as estratégias de (im)polidez entre os interlocutores, que interagem imersos em situações sociais regradas.

Frente a isso, é preciso esclarecer um importante detalhe dessas discussões teóricas para o nosso presente trabalho: reconhecemos que os estudos sobre a polidez têm ganhado contribuições cujo aprofundamento ultrapassa os limites do espaço destinado para este trabalho, de forma que nos preocupamos aqui apenas em fazer um breve esboço teórico de como se tem pensado a (im)polidez como forma a auxiliar na compreensão das relações sociais, que se dão por meio da linguagem, do objeto analítico que escolhemos para esta pesquisa.

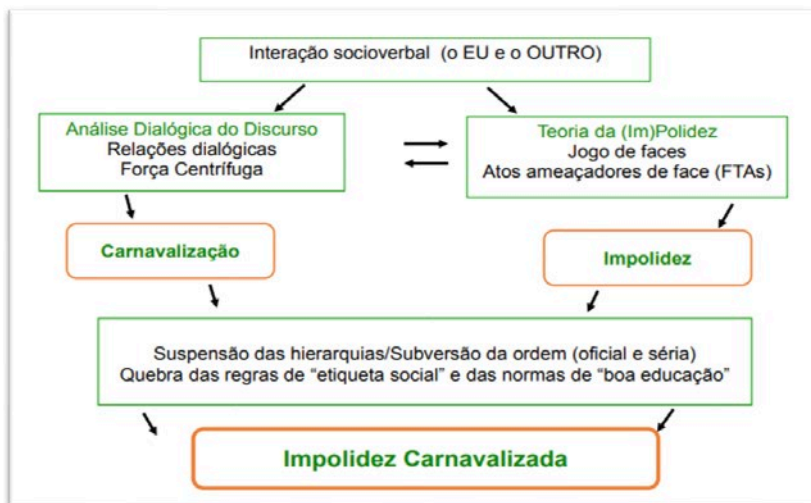
Diante dessa breve contextualização, tem-se, portanto, que a interação se configura como uma espécie de jogo cujo intuito é a ocorrência da comunicação discursiva, mantendo-se a estabilidade dessa interação. A cada “jogada”, a cada interferência comunicativa, os interlocutores demonstram, propositadamente ou não, suas intenções, e esse jogo, conforme foi visto, se dá em diversas situações comunicativas, entre as quais estão aquelas em que da linguagem emerge o riso, incluindo-se o riso coletivo, próprio do cômico popular, quando o ritual

do carnaval é transposto para a linguagem da literatura, transposição que foi denominada por Bakhtin (1997) de carnavalização da literatura, conforme discorreremos na seção anterior.

Mota (2019), ao desenvolver uma pesquisa transdisciplinar, no interior da Linguística Aplicada Crítica, propõe, a partir das confluências entre a teoria da carnavalização e a teoria da impolidez linguística, baseada em Bakhtin (1987; 2002) e em Brown e Levinson (1987), respectivamente, a noção de impolidez carnavalizada, uma categoria que se propõe a explicar como certas práticas discursivas podem “subverter a ordem estabelecida, a fim de libertar os sujeitos de suas próprias sujeições e mostrar-lhes caminhos possíveis para uma tomada de consciência crítica e emancipatória” (MOTA, 2019, p. 81-2), conforme destaca a autora.

A seguir, para fins de ilustração e de um certo didatismo, reproduzimos a representação da interface entre a carnavalização e a impolidez proposta por Mota (2019, p. 82):

Ilustração: Interface entre a carnavalização e a impolidez



Fonte: elaborado por Mota (2019) com base em Bakhtin (1987; 2002) e em Brown e Levinson (1987).

Com base ainda na proposta de Mota (2019), podemos dizer, portanto, que a (im)polidez carnalizada, como uma proposição crítica dos estudos da linguagem e do discurso, é uma forma de subverter e relativizar práticas discursivas e sociais que contribuem para a manutenção dos atos ameaçadores da face do outro, conforme podemos observar, ao longo das nossas discussões, as próprias práticas do racismo, da homofobia, da misoginia, do capacitismo, da xenofobia, do classismo, dentre outras práticas, que, na interação socioverbal dos jogos de faces, ao circular pelas diferentes esferas da criatividade ideológica, como nos discursos fílmicos, nosso objeto de investigação, podem potencializar, cada vez mais, as diferentes cisões sociais no nosso país.

Expostos esses esclarecimentos de ordem teórica a partir das relações entre a teoria da carnalização e a da (im)polidez linguística, na próxima seção, demorar-nos-emos na nossa análise propriamente dita. Para isso, como já anunciamos, elegemos como material de investigação o filme *Não olhe para cima* (2021).

#### 4. Análise da (im)polidez carnalizada na narrativa fílmica

##### *Não olhe para cima* (*Don't look up*)

Como material discursivo da presente análise<sup>18</sup>, temos o filme *Não olhe para cima*, dirigido por Adam McKay, lançado na véspera do Natal de 2021, pela produção da Netflix<sup>19</sup>. Além dessa obra cinematográfica, McKay

---

18. O filme, como se sabe, é um material que tem sua complexidade e análise por sua imbricação intersemiótica e, assim, ser composto pela linguagem verbo-visual, que, em perspectiva bakhtiniana, podemos entender como: “[...] uma linguagem que abrange não só as ações de “falar/dizer/ouvir/escutar-ver/ler/interpretar”, convocadas pela “palavra-imagem”, mas, sobretudo, uma linguagem que, ao ser analisada, convoca-nos os cinco sentidos sensoriais” (MOTA, 2019, p. 111).

19. A Netflix é uma provedora de serviços de transmissão *on-line* com uma diversidade de opções de filmes, séries e documentários. Foi fundada em 1997. Atualmente é sediada em Los Gatos, Califórnia, EUA. Para ter acesso aos serviços, o usuário deve assinar um dos pacotes oferecidos pela empresa.



direcionou outras comédias, como *Tudo por um furo*<sup>20</sup>, *Os outro caras*<sup>21</sup>; *Quase irmãos*<sup>22</sup> como também a série *O sucessor*<sup>23</sup>. Esse conjunto de produções já nos deixa entrever a cosmovisão carnavalesca do diretor para pensar a realidade social de forma cômica, crítica e subversiva.

Os personagens centrais da trama são constituídos do professor e doutor Randall Mindy (Leonardo DiCaprio), da doutoranda Kate Dibiasky (Jennifer Lawrence), do chefe do Escritório de coordenação de defesa Planetária, Dr Teddy Oglethrope (Rob Morgan), da presidente dos EUA, Janie Orlean (Meryl Streep), do seu filho, que é chefe do gabinete, Jason Orlean (Jonah Hill), e do dono da BASH, uma linha de celulares com alto grau de tecnologia, Peter Isherwell (Mark Rylance).

Em síntese, o roteiro do filme se baseia numa grande descoberta feita pelo cientista Dr. Mindy e pela doutoranda em Astronomia Dibiasky. Os astrônomos, em sua pesquisa, descobrem que um cometa em órbita colidirá com a Terra, destruindo toda a espécie de ser vivo que há no planeta. O tempo previsto para a realização do evento é de aproximadamente seis meses. Com isso, os dois iniciam uma missão de tentar avisar às autoridades para que algo seja feito a fim de evitar a catástrofe mundial. Nessa trajetória, eles contam com a ajuda do Dr. Teddy Oglethrope, o chefe do Escritório de coordenação de defesa Planetária. Entretanto, deparam-se com um governo despreocupado com a situação revelada pela dupla. No contexto, a presidenta prefere não expor o episódio, pois isso poderá afetar a sua candidatura eleitoral. Então a dirigente opta por “esperar e avaliar” os pormenores, havendo já aí uma crítica aos poderes políticos estadunidenses com uma espécie de sátira ao governo americano do Donald Trump, só que agora na figura de uma mulher.

---

20. É possível ver o trailer no link: <https://youtu.be/sYemd4jLa6U>. Acesso em 06 abr. 2022.

21. É possível ver o trailer no link: <https://youtu.be/roWoZdupUZM>. Acesso em 06 abr. 2022.

22. É possível ver o trailer no link: <https://youtu.be/ldD3eMI7ytE>. Acesso em 06 abr. 2022.

23. É possível ver o trailer no link: <https://youtu.be/x5qDbcgUdFg>. Acesso em 06 abr. 2022.

Angustiadados com o contexto quase apocalíptico, eles, os cientistas, resolvem expor, então, em um programa de TV aberta, o possível fim da espécie humana, tentando, dessa forma, alertar todos do que está para acontecer e buscando, assim, precaver a sociedade sobre o acontecimento que está em iminência de ocorrer. Na sequência das ações, os apresentadores do programa de televisão expõem, impolidamente, um discurso debochado a respeito da circunstância. Nesse jogo de descortesia para a manutenção/desmantelamento das faces, a doutoranda Dibiasky altera seu tom de voz manifestando uma fala de indignação diante dos fatos, que, segundo um estudo realizado por ela mesma, o evento teria quase 100% de chance de se concretizar. Mesmo com a porcentagem elevada com a real probabilidade de o fenômeno ocorrer, o governo, a mídia e as pessoas mostram-se indiferentes, expondo um discurso de incredibilidade diante da situação. Por essa cena, pode-se ver, mais uma vez, o tom satírico dos produtores do filme em criticar as vozes sociais da política, das *Big Techs*<sup>24</sup> e da mídia no enfrentamento de problemas sociais sérios.

Após o Doutor e a doutoranda se exporem em uma rede de TV nacional, em um programa que tenta burlar o contexto de cada convidado ali apresentado, Dibiasky é vista por todos como louca e o doutor, como símbolo sexual, diante da sua passividade ao cenário. Posteriormente a isso, o pesquisador, então, inicia um caso extraconjugal com a apresentadora do programa, e a pesquisadora Dibiasky vira meme em todas as redes sociais. Paralelo a isso, há uma maior preocupação por parte da sociedade com a vida pessoal das celebridades que buscam constantemente obter seguidores e curtidas em suas redes sociais. Com

---

24. São chamadas *Big Techs* as grandes empresas de tecnologia, como a Apple, a Amazon, a Microsoft e o Facebook, que dominaram o mercado econômico nos últimos anos impulsionados pela inovação constante. Essas companhias criaram serviços inovadores ao fazer uso de um modelo de negócios lucrativo, escalável, dinâmico e ágil, sendo guiados pela máxima “move fast and break things” (mova-se rápido e quebre coisas).

esses elementos do filme, é possível observar como a película investe, com humor e crítica, em questões sociais, carnavalizando o cenário político americano atual.

Em seguida a essa cena, Janie Orlean, ao ver seu cargo de presidenta ameaçado pela oposição, propõe que o coronel Ben Drask (Chris Hemsworth) realize uma missão suicida, utilizando mísseis nucleares, a fim de evitar que a colisão do asteroide com a Terra ocorra. Entretanto, a dirigente dos EUA suspende a operação após se reunir com Peter Isherwell, dono da empresa de tecnologia BASH, considerado o homem mais rico do planeta Terra. O bilionário, diante disso, recomenda que sejam implantados drones para destruir o cometa. O intuito, na verdade, é o de obter o material extremamente valioso que compõe o cometa, para, assim, ganhar mais dinheiro, tornando-se o homem mais rico não só do planeta. Infelizmente, o plano é frustrado, ocorrendo, enfim, a colisão. Com isso, Isherwell e a presidenta, ao assistirem a toda a situação de destruição em uma sala particular, retiram-se do local para se refugiarem em câmaras criogênicas<sup>25</sup>, onde permanecerão congelados até chegarem em outro planeta. O filme, então, se conclui com a morte daqueles que tentaram advertir a todos acerca do desastre mundial.

Com uma breve síntese das 2 horas e 22 minutos do enredo do filme, é possível observar a presença de duas catástrofes: a primeira, em que o cometa, em sua essência física, destrói a Terra; a segunda, em que a imbecilidade da raça humana que nega os fatos sinalizados previamente por cientistas para precaução coopera para a destruição do planeta.

Nisso, observa-se, do início ao fim, um tom de zombaria com a situação vivida por todos no enredo. O filme inicia-se com um enuncia-

---

25. Para saber o que é câmara criogênica acesse o link: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2018/07/criogenia-ja-e-utilizada-na-vida-real-conheca-como-funciona-tecnica.html#:~:text=O%20objetivo%20desta%20subst%C3%A2ncia%20qu%C3%ADmica,permanecer%C3%A1%20de%20cabe%C3%A7a%20para%20baixo>. Acesso em 06 abr. 2022.

do que, de maneira carnavalizada, referencia uma emergência: “Quero morrer dormindo em paz, que nem meu avô, e não gritando aterrorizado como os passageiros dele”<sup>26</sup>. O enunciado é do humorista americano Jack Handey, criador de piadas surrealistas. O tom escarnekedor não se limita somente ao enunciado exposto logo no início do filme, mas também a toda a trama. Mesmo diante de uma temática clichê retratada em várias outras cinematográficas hollywoodianas, o fim de toda espécie que há na Terra, ainda assim a problemática universal é tratada de forma burlesca.

Observa-se, além disso, na história contada pelo filme, a incapacidade do homem em lidar, de forma racional, com fatos emergenciais, como o que vivenciamos (estamos vivendo) na última (atual) pandemia que assolou/assola o mundo inteiro, deixando no Brasil, segundo dados, mais de 600 mil mortos<sup>27</sup>. Na trama, observam-se diversas cenas em que há uma chacota, uma depreciação, uma espécie de riso ambivalente do cenário em que se encontra o caminhar da espécie humana na Terra. O filme retrata, dessa forma, o estágio em que avança a estupidez humana, mesmo com aparatos como uma tecnologia que é capaz de mudar, revolucionar a história da vida humana. Na trama, é perceptível, assim, o embate de vozes daqueles que acreditam na existência do cometa e o perigo que ele representa para os humanos (verdade) versus aqueles que preferem não acreditar que ele existe, e, dessa forma, cada lado busca estratégias a fim de impor seu discurso nesse espaço de tensão. Esse jogo tenso de vozes revela bem o que afirma Mota (2019) ao pensar na impolidez carnavalizada que rege muitas práticas discursivas:

---

26. “I want to die peacefully in my sleep like my grandfather, not screaming in terror like his passengers.”

27. O número de mortos vítimas da COVID conforme o site <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em 31 mar. 2022.

É possível afirmar que no mundo social coexistem vozes de autoridade, que funcionam baseadas em atos de fala (e de corpo) centrípetos, e vozes de resistência, que funcionam baseadas em dizeres e comportamentos centrífugos (para retomar a terminologia bakhtiniana). Nesse sentido, podemos citar, como exemplo das do primeiro tipo, as vozes oficiais hegemônicas e, como exemplo das do segundo tipo, as vozes carnavalizadas e impolidas. Tais vozes compartilham de um “espaço de tensão” que é típico da dinâmica das relações dialógicas, em que atuam as forças centrípetas x as forças centrífugas, para nos referirmos à Análise Dialógica do Discurso, e do “jogo de faces” (face positiva x face negativa), a partir do qual surgem os FTAs (atos ameaçadores de face), para nos referirmos, agora, à Teoria da (Im)Polidez (MOTA, 2019, p. 80).

Assim, muitos personagens de *Não olhe pra cima* apresentam uma ambivalência em suas características, em sua personalidade, em seus discursos, em suas identidades, ocorrendo, destarte, o jogo de faces, com a finalidade, muitas vezes, de se manter um discurso dissimulado.

Dessa forma, percebe-se, em muitos personagens, um tom risível, um riso crítico, debochado, dúbio, considerando-se que “o riso popular ambivalente expressa uma opinião sobre o mundo em plena evolução no qual estão incluídos os que riem” (BAKHTIN, 2010, p. 11).

Dentre os personagens, destacamos Janie Orlean, a presidenta dos EUA, que representa uma espécie de caricatura de Donald Trump, presidente dos EUA no período de 2017 a 2021, um chefe de Estado que expôs um discurso altamente negacionista diante da pandemia ocasionada pela COVID-19. No enredo, a dirigente Orlean expõe posturas recheadas de excentricidade, “uma categoria específica da cosmovisão carnavalesca [...] ela permite que se revelem e se expressem – em forma concreto-sensorial – os aspectos ocultos da natureza humana” (BAKHTIN, 1997, p. 123). Janie, desde a sua primeira aparição, ex-

ternaliza um lado mais excêntrico, debochado, descaracterizando um discurso mais sério daqueles que detêm o poder político de um país.

Essa excentricidade se estende também a outros personagens, como a do chefe do gabinete, Jason Orlean, filho da governante, que caracteriza bem aqueles que vivem do nepotismo. Jason apresenta particularidades de um discurso de um ser bobalhão, de um dirigente que desconhece a importância de seu cargo para a realização de feitos que cooperem para o bem da sociedade. Jason, nesse sentido, sempre se posiciona de forma debochada e impolida, escarnecendo as colocações da doutoranda Dibiasky, e mesmo a inferiorizando por ela ser mulher, como também pela pesquisadora expressar conhecimentos pertinentes para a causa em contexto.

Dentro dessa conjuntura, ainda se observam esses jogos de oposições por meio do que Bakhtin (1997) chamou, para caracterizar as ações carnavalescas, as *mésalliances*, sendo que, no filme analisado, há, de um lado, a figura de Dibiasky, que aparece como a representação da sensatez, e, de um outro lado, a figura de Jason, representando a tolice, dentro de uma problemática em comum, a destruição do planeta. Além disso, podemos perceber, pela cosmovisão carnavalesca do filme, que há um forte desmerecimento às cientistas mulheres representadas pela figura de Dibiasky. Durante toda a trama, o discurso da jovem é desqualificado. Tanto é verdade que, quando a presidenta lança a missão suicida, a governanta pede ao Dr. Mindy para dar largada ao evento, o que se vê destacada, dessa forma, a importância maior do pesquisador naquele contexto, e não da doutoranda com toda sua expertise na área.

Já Peter Isherwell, outro personagem importante na trama, configura o discurso dos grandes bilionários que buscam ficar cada vez mais ricos, independentemente de essa riqueza influir na destruição em massa de todas as espécies de seres vivos na Terra, inclusive o homem. O personagem externaliza, desse modo, o discurso do homem contem-

porâneo *high-tech*, que nos remete aos grandes avanços desenvolvidos na sociedade moderna.

É preciso assinalar que parte dessa evolução contribuiu para a destruição do meio ambiente, uma temática bastante abordada na trama. Nas características expostas de Peter, é perceptível ainda um antagonismo de personalidades: aquela que é evidenciada ao público e a outra, que é dissimulada. Há, assim, um desejo de manter o equilíbrio entre essa dualidade de personalidades na ânsia de manter uma estabilidade na comunicação com o outro. A performance do personagem exemplifica a teoria abordada por Brown e Levinson. Nisso a face ocultada é considerada a face negativa e a outra, a positiva, de forma que:

Considerando a interação como um jogo, os interlocutores alternam entre o desejo de se expor e serem aprovados socialmente (polidez positiva) e ao mesmo tempo querem ter suas privacidades resguardadas (polidez negativa). Cada jogador deve fazer uso de estratégias que vise auxiliar não somente atingir os objetivos comunicativos, mas também de manter o equilíbrio da interação (PAIVA, MOREIRA e SANTOS, 2016, p. 68).

Nisso podemos, também, observar as *mésalliances* carnavalescas, na exposição de duas personalidades em um mesmo personagem: a primeira com a imagem de alguém amável, idolatrado, já a segunda, um ser desumano. Isherwell é visto como aquele que explora uma tecnologia avançada a fim de contribuir para a compreensão das emoções do ser humano, entretanto, é um ser altamente insensível diante dos outros que o cercam. Esse antagonismo de personalidades fica mais evidente na cena em que Peter rejeita a solicitação de um abraço de uma criança que o admira. Essa dualidade está presente em alguém que poderá ou não salvar a vida da humanidade. Nessa ambivalência para a construção dos sentidos carnavalizado do filme, vemos presen-

tes as *mésalliances* carnavalescas, entendido por Bakhtin (1997) da seguinte forma:

A familiarização está relacionada à terceira categoria da cosmovisão carnavalesca: as *mésalliances* carnavalescas. A livre relação familiar estende-se a tudo: a todos os valores, ideias, fenômenos e coisas. Entram nos contatos e combinações carnavalescas todos os elementos antes fechados, separados e distanciados uns dos outros pela cosmovisão hierárquica carnavalesca. O Carnaval aproxima, reúne, celebra os espousais e combina o sagrado com o profano, o elevado com o baixo, o grande com o insignificante, o sábio com o tolo, etc. (BAKHTIN, 1997, p. 123).

Esse jogo antagônico de elementos para a constituição da lógica carnavalesca no filme pode também ser observada no final do filme. Vemos, no cenário, que a família do cientista Mindy está à mesa, esperando que o fim do mundo ocorra. Todos, já sabendo do evento apocalíptico, conversam de forma polida enquanto o asteroide destrói toda a Terra. Com isso, há uma mistura de sensações e ações em oposição: tristeza e alegria, apreensão e tranquilidade, choro e agrado, medo e intrepidez, etc., tudo isso com vistas a mostrar a crítica do filme à sociedade anestesiada pelos seus interesses mercadológicos e pela sua ignorância.

O outro elemento que coopera para a carnavalização da cena é a figura da mesa, local em que todos se reúnem, por um contato familiar de proximidade, em uma disposição de igualdade, destronando-se, dessa forma, as retenções, as hierarquias da vida oficial, como cargos, idade, funções, etc., o que revela, portanto, essa dimensão do discurso do carnaval de quebra das barreiras sociais.

Assim, vemos que tanto as *mésalliances* como o livre contato familiar se fazem presentes na cena final, considerando que:



as leis, proibições e restrições que determinavam o sistema e a ordem da vida comum, isto é, extracarnavalesca, revogam-se durante o carnaval, revogam-se antes de tudo o sistema hierárquico e todas as formas conexas de medo, reverência, devoção, etiqueta, etc, ou seja, tudo que é determinado pela desigualdade social hierárquica e por qualquer outra espécie de desigualdade (inclusive a etária) entre os homens (BAKHTIN, 1997, p. 123).

Além dos personagens já retratados, destacamos o astrônomo Randall Mindy, que simboliza os cientistas que trazem à tona a importância da ciência para o desenvolvimento de tudo aquilo que é construído para beneficiar a vida, como os medicamentos, as vacinas, a cura para muitas doenças, etc. Assim como os demais personagens, Dr. Mindy, revela ser uma figura ambivalente no decorrer do desenvolvimento do enredo. Essa face é externalizada a partir da passividade de sua personalidade diante dos fatos. A performatividade de um cientista desprendido de vaidades, caseiro e familiar dá lugar a um astrônomo famoso e galanteador. Com isso, há um destronamento de um personagem com uma personalidade mais retraída para a reificação de um ser mais excêntrico, o que é fortemente apresentado no plano verbo-visual do filme, nos trechos em que o cientista se posiciona, desde as vestimentas à performance utilizada para se expor em público e, assim, discursar a respeito da problemática abordada durante toda a trama.

No desenvolvimento do enredo, podemos ver também, em diversos contextos, uma alegoria carnalizada com a realidade brasileira. Dentre esses elementos, destacamos o governo negacionista que acaba depreciando o discurso dos cientistas diante da situação alarmante. Essa ideia já é exposta no título, *Não olhe para cima*, no qual destacamos o verbo no imperativo, dando uma ordem para que as pessoas não vejam a verdade que é colocada acessível diante da vista de todos.

O cometa representa, assim, uma metáfora da verdade científica exposta para as pessoas, porém a sociedade, em geral, deprecia os fatos ali apresentados em favor de suas crenças políticas e ideológicas. Ora, se ninguém olhar para o asteroide, é como se ele não estivesse ali, como se ele, de fato, não existisse. Isso faz com que a valoração, que deveria ser dada à situação, não ocorra.

No final do filme, todos morrem independentemente da cor, da idade, da escolaridade e do sexo. As diferenças que separam, segregam homens, são deixadas de lado por alguns instantes, quando todos realmente descobrem a verdade (“Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”. BÍBLIA SAGRADA, 2011, p.1155). Todavia, aqueles detentores do poder conseguem se salvar, ficando subentendida a ideia de que a morte deles apenas tardaria, uma vez que eles se deparariam com um planeta cheio de animais selvagens que, certamente, devorariam os humanos.

Dentro dos vários cenários colocados na trama, destacamos também a cena em que Dr. Mindy e a pós-doutoranda Dibiasky informam ao governo a catástrofe que está prestes a acontecer em todo o planeta Terra. Por mais grave que seja a conjuntura, tanto a presidenta dos EUA, Janie Orlean, como o seu filho, Jason Orlean, apresentam um discurso escarnekedor e impolido da situação<sup>28</sup>. Na cena, Jason diz que a fala de Dr. Mindy dá sono, mostrando uma impolidez carnalizada diante da forma como o cientista expõe o assunto. Assim também Janie Orlean menospreza e ignora a situação ao afirmar que a melhor solução é dizer às pessoas que a probabilidade de o fato acontecer é de 70% e seguir em frente, porém a porcentagem, para que o evento ocorra, é mais especificamente de 99,78% de chance.

---

28. No trailer do filme, é possível ver trechos do material em análise [https://youtu.be/cinToClX\\_3w](https://youtu.be/cinToClX_3w). Acesso em 31 mar. 2022.

Segundo Fiorin (2020, p. 36), “não há neutralidade no jogo das vozes. Ao contrário, o discurso tem uma dimensão política, uma vez que as vozes não circulam fora do exercício do poder: não se diz o que se quer, quando se quer, como se quer”. Dessa forma, constata-se que a intenção dos cientistas é que o governo adote medidas urgentes para tentar salvar a vida das pessoas. Com isso, há uma intenção, por parte dos pesquisadores, em alertar às autoridades para que, assim, evitem uma possível destruição em massa. A dirigente, diante da situação, prefere menosprezar a calamidade pública a se expor perdendo, dessa forma, eleitores, na iminência de sua candidatura eleitoral. Nesse diálogo entre os personagens, há, a todo momento, “uma atitude subversiva e carnavalizada” (MOTA, 2021, p. 294) por parte dos governantes e da mídia em desdenhar o contexto caótico que está por vir.

Figura 1 – Trecho do filme *Não olhe para cima*



Fonte: Filme *Não olhe para cima* (2021)

Na cena destacada, a imagem da presidenta dos EUA, que capturamos na foto acima, dialoga, mais diretamente, com o posicionamento de Trump (ex-presidente dos EUA) e, mais indiretamente, com o discurso de Jair Bolsonaro (atual presidente do Brasil) no contexto pandêmico, já que ambos foram tomados como autoridades políticas que apresentaram uma conduta altamente negacionista diante do caos em que a COVID-19 estava a deixar no mundo todo.

Aqui, por um momento, cabe um esclarecimento sobre o discurso negacionista. O negacionismo não é algo recente; já era uma prática presente no início da Idade Moderna quando grandes detentores do poder naquela época negavam o progresso dos estudos científicos e as reflexões dos filósofos humanistas. Nesse contexto, aqueles que buscavam um avanço, contestando o conhecimento imposto, muitas vezes, tinham que negar o que defendiam para não morrerem queimados na Inquisição. O negacionismo é, assim, uma conduta de oposição aos pressupostos tidos como verdade. Tal atitude se fundamenta no

questionamento da verdade e [n]a disseminação da mentira (não está comprovada a existência da pandemia); suspeita, há algo por trás disso (a pandemia é um ataque chinês) e conspiração (medidas contra a pandemia buscam um retorno à ditadura ou ao fascismo). Gera-se assim um discurso antagônico, cria-se um inimigo que se apresenta como parte do *establishment* (cientistas, OMS, políticos, empresas farmacêuticas) (ROJO e DELGADO, 2021, tradução nossa, grifo nosso)<sup>29</sup>.

O pensamento de Rojo e Delgado (2021), conforme o excerto acima, centralizam-se na última pandemia vivida por todos, ocasionada pela COVID-19. No enredo do filme, é possível ver uma alegoria para essa realidade brasileira exposta pelas pesquisadoras no trecho citado quando, na trama, há um anseio por parte do governo em obnubilar a situação em que vive a sociedade, como se as pessoas não estivessem prestes a viver uma catástrofe. Paralela e contrariamente a isso, ob-

---

29. Cuestionamiento de la verdad y la propagación de la mentira (la existencia de la pandemia no está demostrada); la sospecha, hay algo detrás (la pandemia es un ataque chino), y la conspiración (las medidas contra la pandemia persiguen la vuelta a la dictadura o al fascismo). De este modo se genera un discurso antagónico, se crea un enemigo al que se le presenta como parte del *establishment* (los científicos, la OMS, los políticos, las farmacéuticas).

serva-se, na sociedade em geral, uma cegueira, pela presença de uma maior valoração a questões irrelevantes e medíocres, como a vida pessoal das grandes celebridades, enquanto a Terra está na iminência de uma verdadeira calamidade.

O negacionismo passa, dessa maneira, a ser um ato danoso quando afeta a sociedade em geral, mesmo aqueles que, inocentemente, tornam-se vítima de um discurso pretensioso, pois

[...] as pessoas passam a ser influenciadas por lideranças políticas e religiosas, que causam reflexos não apenas diretamente na vida das pessoas como também passam a infestar os setores do governo que tomam decisões importantes, como ocorreu com a questão da vacina. [...] Esse é o grande perigo do negacionismo, que não pode ser relativizado nem banalizado, pois as pessoas ficam suscetíveis a acreditar em negações absurdas, que podem gerar efeitos catastróficos em vários setores, como a não imunização contra doenças, a aceitação de crimes ambientais, o desmanche do ensino superior, o arrocho na economia contra os mais pobres etc. (SOUZA, 2022, *on-line*).

Retornando agora para a cena em destaque, tanto Dr. Mindy como Dibiasky tentam alertar as autoridades sobre a gravidade da situação, porém o discurso de ambos é depreciado pelo governo dos EUA. Mesmo diante do contexto de calamidade, a exposição dos cientistas é banalizada pelas autoridades, não sendo levados a sério, e, sim, tratados com um tom de zombaria e de chacota. O descaso é visto no discurso da presidenta e no do seu filho. O menoscabo é exposto também na performance usada por ambos se se considerar que a subjetividade pode ser expressa na linguagem verbal ou em qualquer outra espécie de manifestação linguística, como aponta Mota (2019):

[...] os sujeitos, ao interagirem, fazem-no protagonizando atos de fala (e de corpo) “oficiais” ou “não oficiais”, “sérios” ou “cômicos” (para utilizarmos a terminologia carnavalesca), polidos ou impolidos (para nos referirmos aos estudos da (im)polidez), a depender do contexto, da cultura, das relações de poder e das intenções desses sujeitos. Isso se dá, conforme argumentamos, através de signos verbais, não verbais ou verbo-visuais, ou seja, através de múltiplos sistemas semióticos (MOTA, 2019, p. 81).

Aliado a isso, podemos ver que, no início da trama, mesmo sabendo da gravidade do problema que a espécie humana poderá enfrentar, a doutoranda Dibiasky expõe um discurso polido, ou, nos termos de Brown e Levinson (1987), um discurso marcado pela polidez linguística. Entretanto, a pesquisadora, ao perceber que ninguém compreende o quão infortuna é a situação em que o planeta se encontra, ela passa a ter um discurso mais impolido. Brown e Levinson afirmam que, em casos de interação como esse, a intenção da polidez linguística é tentar amenizar os possíveis desequilíbrios na comunicação com o outro, como reiteram Paiva, Moreira e Santos (2016, p. 65-7):

[...] a polidez linguística é um sistema complexo de estratégias realizadas verbalmente por todos os falantes racionais que buscam prevenir, minimizar ou distanciar-se de atos ameaçadores de face, responsáveis por gerar desequilíbrio na interação. O objeto da polidez, para os autores, é a harmonia e o equilíbrio da interação. [...] A polidez positiva baseia-se no desejo de exposição e compartilhamento de interesses do falante em relação a seu interlocutor dentro de uma interação particular. [...]. A polidez negativa consiste no desejo do falante em evitar uma aproximação desnecessária que possa provocar algum risco de desequilíbrio na interação. Ela se baseia na preservação do território do outro, da sua liberdade de ação.

Assim, focando no filme em destaque, ao expor essa fala impolida em um canal de TV aberta, a personagem passa a ser vista como uma pessoa desequilibrada; já o doutor, ao adotar uma postura mais passiva e polida diante da situação, passa a ser visto como um símbolo sexual. Todo esse contexto faz com que o teor sério da trama seja destronado, dando lugar a um discurso chistoso, burlesco e satírico.

Por fim, observa-se um conflito de vozes: de um lado, a dos cientistas, que pretendem avisar às autoridades sobre o que estaria por vir, para que assim adotem medidas para tentar solucionar a situação; do outro lado, a das autoridades, que depreciam a catástrofe que está para acontecer, negando a verdade dos fatos.

Terminada a análise, passemos à conclusão do capítulo com as nossas considerações finais.

## 5. Considerações finais

À luz dos apontamentos teóricos propostos nos estudos da Teoria da (Im)Polidez, compreendidos por teóricos como Grice (1982), Leech (1983), Brown e Levinson (1987); Culpeper (*apud* CUNHA; OLIVEIRA, 2020), e interligados à teoria da carnavalização, preconizada por Mikhail Bakhtin, foi analisado, neste estudo, o filme *Não olhe para cima* (2021), em que se evidenciou a presença da (im)polidez carnava-lizada no discurso de muitos personagens diante de uma temática tão séria, que é o fim de toda espécie na Terra.

Constatou-se, no enredo e na cena elencada para a realização da análise, que o discurso dos cientistas é desqualificado como também se observou que há um forte descrédito na perspectiva da personagem Dibiasky, a qual, diante da situação, expõe uma fala impolida em muitas situações por compreender a gravidade do contexto e, assim, por

perceber o menoscabo por parte daqueles que poderiam fazer alguma coisa, como o governo dos EUA e a mídia, para evitar a catástrofe.

Outro ponto também a se destacar na trama é a presença da impolidez carnavalizada em muitas personalidades da trama, como a presidenta dos EUA. No filme, o discurso da presidenta é dotado de ironia. Diante da circunstância em que ela se vê, espera-se que as autoridades tomem iniciativas a fim de evitar o pior, porém é exposto um posicionamento que se mostra irrelevante para a situação exposta pelos cientistas, mostrando assim um discurso dito negacionista, que se caracteriza por negar a ciência, a vida, a verdade.

Dessa forma, concluímos, com a análise empreendida do filme escolhido para exame, que há um embate discursivo tenso entre a voz daqueles que expõem a verdade sobre um fato, buscando precaver todos do perigo iminente que está por vir, *versus* a voz daqueles que desprestigiam esse discurso, negando-o, e assim, nesse litígio de vozes, a (im)polidez carnavalizada se faz presente na película analisada, gerando aí certos efeitos de sentido satírico e impolido.

## Referências

ALBUQUERQUE, R.; PINTO, C. C. A negociação do desacordo mitigado como estratégia de (im)polidez por ministros do Tribunal Superior do Trabalho. **Moara – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras**. n. 47, p. 233-254, nov. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/4206/4458>. Acesso em: 30 dez. 2021.

BAKHTIN, M. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Tradução Paulo Bezerra - 2.ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010.



BARROS, M. A. X.; GONÇALVES, J. B. C. **A carnavalização e o grotesco na charge política: análise do texto chargístico de Vitor Teixeira. Revista Diálogos**, v. 7, n. 3, out.-dez., 2019.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução: João Ferreira de Almeida. São Paulo. Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil. p. 1155. 2011.

BROWN, P. & LEVINSON, S. **Politeness**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

CLARK, K; HOLKIST, M. **Mikhail Bakhtin**. Tradução J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2018.

CUNHA, G. X. Estratégias de impolidez como propriedades definidoras de interações polêmicas. **DELTA**, São Paulo, v. 35, n. 2, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/cXLJS9s6HjMrkXmp9t5DcZK/?lang=pt>. Acesso em: 31 dez. 2021.

CUNHA, G. X.; OLIVEIRA, A. L. A. M.. Teorias de im/polidez linguística: revisitando o estado da arte para uma contribuição teórica sobre o tema. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, v. 18, n. 2, p. 135-162, maio-ago de 2020. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/6409>. Acesso em 28 dez. 2021.

CUNHA, G. X.; TOMAZI, M. e M.. O uso agressivo da linguagem em uma audiência: uma abordagem discursiva e interacionista para o estudo da im/polidez. **Calidoscópico**, v. 17, n. 2, maio-agosto 2019. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2019.172.05/60747047>. Acesso em 1.º jan. 2022.

DISCINI, N. Carnavalização. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2016, p. 53-96.

EMERSON, C. **Os 100 primeiros anos de Mikhail Bakhtin**. Tradução Pedro Jorgensen Jr. Rio de Janeiro: DIFEL, 2003. 350p.

FERREIRA, R.R; RAJAGOPALAN, K. **Um mapa da crítica nos estudos da linguagem e do discurso**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

FIORIN, J.L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2.Ed. São Paulo: Contexto, 2016.

GERALDI, J. W. Perspectivas críticas dos estudos da linguagem do Círculo de Bakhtin. In: FERREIRA, R.R; RAJAGOPALAN, K. (Orgs.) **Um mapa da crítica nos estudos da linguagem e do discurso**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.p. 33-59.

GOFFMAN, E. **Interaction ritual**: essays on face-to-face behavior. Garden City: Anchor Doubleday, 1967.

GONÇALVES, L. S.; LINS, M. da P. P. A referenciação e a reivindicação da imagem pública. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 8, n. 10.1, p. 218-230, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/8360>. Acesso em: 1.º jan. 2022.

GONÇALVES, L. E. Q. **Em tudo achai graça? Uma análise dialógica da construção de sentidos do discurso carnavalizado na recepção de vídeos sobre a vida de Jesus no canal porta dos fundos**. 2021. 206 f. Tese. (Doutorado acadêmico em Linguística Aplicada) - Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2021).

GRICE, P.H. Lógica e Conversação. In: DASCAL.M.(Org) **Fundamentos metodológicos da linguística**: Pragmática – Problemas, críticas, perspectivas da linguística bibliográfica. v. IV: Campinas, Unicamp, 1982.

GUIMARÃES, Sílvia Bragatto. **A construção de face e a (im)polidez linguística em entrevistas de Veja**. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) –Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Espírito Santo, Espítito Santo.

LEECH, G.M. **Principles of Pragmatics**. London: Longman, 1983.

LIRA, L.C.E; ALVES, R.B.C. Teoria social do discurso e evolução da análise de discurso crítica. In: BATISTA JR, J. R.L; SATO, D.T.B; MELO, I.F (Org.) **Análise de Discurso Crítica**: para linguistas e não linguistas. São Paulo: Parábola, 2018.

MARTÍN ROJO, L; DELGADO, A. **Desafios políticos del negacionismo**. Vientosur, Madrid. Caderno de política, 21 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://vientosur.info/desafios-politicos-del-negacionismo/>. Acesso em: 05 abr. 2022.

MOTA, N. V. da. **Análise Dialógica da Carnavalização e da (Im)Polidez na construção de sentidos no filme Alexandre e outros heróis.** 2019. 202 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada) - Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2019.

PAIVA; G. M. F. e; MOREIRA, R. G.; SANTOS, L. A. P. F. dos. **Introdução aos Estudos da (Im)Polidez linguística.** Fortaleza: Centro Universitário Estácio do Ceará, 2016.

PAULA, L; STAFUSSA, G. Carnaval- aval à carne viva (d)a linguagem: a concepção de Bakhtin. In: PAULA, L; STAFUSSA, G (Org.) *Círculo de Bakhtin: diálogos impossíveis.* Campinas, SP: Mercado das letras, 2010. P. 131- 147.

PONCIANO FILHO, José Alberto. **A cultura popular cearense em Os Verdes Abutres da Colina:** uma análise dialógica do discurso carnalizado no romance de José Alcides Pinto. 2021. Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2021.

SILVA, E. G. Você é uma princesa, e eu espero que aja como tal!": uma leitura dialógica dos aspectos paródicos do enunciado de animação valente. In: GONÇALVES, J.B.C; SILVA, E.G; AMARAL, M. R.S; PONCIANO FILHO, J.A (Org.). **Análise Dialógica do Discurso em múltiplas esferas da criação humana.** São Carlos: Pedro e João editores, 2021, p. 89- 103.

SOUZA, J. **Negacionismo não pode ser tratado apenas como uma ‘opinião divergente’.** Folha BV. 15 fevereiro 2022. Boa Vista/Roraima. 2022. Disponível em: <https://folhabv.com.br/coluna/Negacionismo-nao-pode-ser-tratado-apenas-como-uma--opinioao-divergente-/13356>. Acesso em: 07 abr. 22.

## Capítulo 6

---

### As estratégias de polidez linguística e o trabalho com as faces quanto à violência linguística em uma produção audiovisual: uma análise a partir dos pressupostos de Goffman (1967) e Brown e Levinson (1987)

Jeannie Fontes Teixeira

Lorena Maria Pitombeira

Letícia Adriana Pires Ferreira dos Santos

#### Introdução

A linguagem é definida como “[...] um fenômeno complexo, poliédrico, multi-hierárquico e multinivelado” (SAUSSURE apud SILVA, 2015, p. 357), estando constantemente em evolução. Segundo Silva e Alencar (2013), os estudos sobre linguagem têm dado pouca atenção às interações sociais em que não há cooperação entre os sujeitos envolvidos no encontro social, contribuindo para que haja situações de violência linguística. Para os autores, “[...] a violência não é um traço acidental da vida urbana e social no Brasil [...]” (SILVA E ALENCAR, 2013, p. 130), mas sim o aspecto central da sociabilidade humana. Para compreendê-la, é preciso realizar a interpretação do seu contexto social. Dessa forma, nesta pesquisa, pretendemos investigar a conversação entre os personagens do episódio *Queda Livre*, da série *Black Mirror*, produzida

pela Netflix, analisando o trabalho de faces e aspectos de polidez linguística perpassados em encontros sociais em que há violência linguística.

Wittgenstein (1958) afirma que a linguagem é uma “forma de vida”, de modo antropológico, histórico, dinâmico e dialógico (expressão verbal), em que os problemas sociais, políticos, econômicos e culturais estão inseridos. Esses problemas sociais sustentam a lógica da violência no contexto capitalista, colonial e patriarcal, pautando-se no colonialismo do poder, que advém da existência de um padrão classificatório dos indivíduos, fundamentando a dominação epistemológica, cultural e econômica, que podem ser reforçados pelos aspectos cognitivos e fisiológicos dos indivíduos. Por esse viés, a expressão verbal é cartografada por Austin (1962) como uma ação social, tendo em vista que promove mudança prática no ambiente.

Esta pesquisa possui como objetivo central de análise o modo como se dão estratégias de polidez linguística e trabalho com as faces entre os personagens do episódio *Queda Livre* referenciado acima, quanto à violência linguística, mais especificamente, buscando identificar as estratégias de polidez linguística na conversação dos personagens e examinar a relação do trabalho de preservação das faces dos personagens no episódio, na perspectiva da violência linguística.

Para Goffman (1967), a interação social está vinculada ao conceito de face, que é o valor social que a pessoa deseja obter, dividindo-se em face positiva e face negativa. A face positiva é o desejo de ser aceito, valorizado e aprovado socialmente, enquanto a face negativa se vincula ao desejo de liberdade de expressão e de não exposição dos aspectos pessoais.

Todas as interações sociais podem se tornar ameaçadoras, por esse motivo os sujeitos envolvidos realizam o monitoramento constante dos aspectos verbais das pessoas envolvidas na conversação, com a finalidade de manter uma imagem positiva diante de todos e harmonia social. Os relacionamentos sociais envolvem a interação, através da

conversação, de atores sociais que se encontram em diversos contextos sociais, políticos, econômicos e culturais, estabelecendo diferentes relações de poder e estratégias de polidez linguística na prática social para a manutenção dos vínculos.

Esses fenômenos de polidez linguística e trabalho de faces podem ser identificados em contextos de interações sociais face a face em situações da vida real e fictícia, tais como em séries, novelas, filmes e demais programas de televisão (aberta e fechada para assinantes de plataforma específica). Compreendemos que as produções audiovisuais também são lugar de investigação dos fenômenos sociais, uma vez que podem refletir ou mesmo pressentir comportamentos individuais ou comunitários, como afirma Fischer (2001, p. 588), “a mídia é um lugar privilegiado de criação, reforço e criação de sentidos, que operam na formação de identidades individuais e sociais, bem como na produção social de inclusões, exclusões e diferenças”.

As produções audiovisuais (filmes, séries, comerciais, dentre outras) conversam conosco, ofertam-nos novos saberes e novas percepções, bem como padrões de comportamento, ou seja, tais produtos culturais podem afetar a construção de valores de espectadores “desavisados”. Barthes (2004) sugere que o cinema é uma ferramenta poderosa o suficiente para exercer influência e, até mesmo, construir valores em uma sociedade inconsciente do poder e alcance das grandes telas. Dessa maneira, o espectador deve possuir a alternativa de certa “vigilância ideológica”.

Black Mirror é uma série britânica cuja temática examina conflitos da sociedade moderna, envoltos numa roupagem futurista, irônica e obscura. Lançada em 2011, popularizou-se no Brasil em 2017 ao ser adquirida e exibida pela Netflix, canal de *streaming* o qual se especula que possua 50 milhões de espectadores. Seus episódios, não sequenciados, são independentes como filmes, mas ainda assim formam um conjunto significativo acerca do conceito de Sociedade do Espetáculo,

proposto por Guy Debord. A obra em si está organizada em torno da releitura (com toques bizarros) de conflitos cotidianos, os quais referem à ascensão e ao domínio da tecnologia sobre o homem.

Tendo isso em vista, nos contextos em que não é identificada a polidez linguística por parte do falante, o ouvinte se encontra em situação de violência, já que não é garantida a simetria na relação de poder e o ouvinte se encontra com sua face ameaçada, constrangido e coagido. Dessa forma, a relação assimétrica causa distanciamento social e impossibilita a emancipação descolonizadora do poder, além de causar os problemas sociais decorrentes do padrão universal excludente.

Propomos neste trabalho examinar um recorte textual oriundo de um produto cultural de massa, um episódio da série *Black Mirror*, cuja temática é justamente a busca exacerbada pela preservação das faces e, assim, apontarmos quais estratégias de polidez são as mais recorrentes no ensejo da preservação da face e quais revelam ou direcionam a situações de violência linguística. Como subsídio teórico de análise, ancoramo-nos nas bases teóricas de Brown e Levinson (1987) para identificar quais estratégias de polidez se apresentam no excerto.

Este trabalho está organizado em três partes principais. Na primeira apresentamos e discutimos as estratégias de polidez linguística e suas implicaturas no trabalho com as faces quanto à violência linguística. A segunda parte é dedicada a analisar dois excertos das falas do episódio *Queda Livre*, da série *Black Mirror*, a fim de evidenciarmos o jogo da interação social, no qual os interactantes avaliam o contexto interacional para definirem quais estratégias de polidez linguística utilizar a fim de amenizar a ameaça às faces. Na terceira parte, apresentamos as considerações finais do trabalho.

## Estratégias de polidez linguística e trabalho com faces quanto à violência linguística

Silva e Alencar (2013, p. 130) definem que a violência é o aspecto central da condição humana, assim como rejeitar a violência, tal como afirmam Nancy Scheper-Hughes e Philippe Bourgois (2004). Dessa forma, Silva e Alencar (2013) afirmam:

[...] Assim, numa visada pragmática, chamamos de violentos os usos linguísticos que, ao posicionarem o outro – especialmente aquele que representa a raça, o gênero, a sexualidade e o território que não se quer habitar – num lugar vulnerável, acabam por insultar, injuriar ou violar a sua condição [...] (SILVA E ALENCAR, 2013, p. 136-137).

Conforme os referidos autores, a violência linguística está diretamente relacionada ao contexto social e histórico dos sujeitos envolvidos na interação social, que são analisadas através dos atos de fala (AUSTIN, 1962). Nos contextos em que há situações de violência linguística, caracteriza-se o uso da linguagem com impolidez, no qual o encontro social não se dá em ambiente harmonioso e cooperado. Bragato (2016) afirma que há práticas de violência com determinados grupos socialmente excluídos e que sofrem preconceito. Esse fenômeno seria uma forma de violência seletiva, determinada pela colonização do saber, que viola os direitos humanos. Para sanar as situações de violência, o uso de estratégias de polidez linguística podem ser uma ferramenta importante.

A polidez foi estudada por diferentes abordagens, que apresentam consenso quanto à ocorrência do fenômeno ser uma tentativa do interlocutor de proteger a própria face, agindo de acordo com as normas



adequadas ao contexto social, cultural e político, na busca da promoção de um ambiente harmonioso. Dessa forma, a polidez minimiza as situações conflituosas quando segue as normas do contrato.

A polidez passa, então, a ser estudada como uma estratégia sociointeracionista que pode contribuir para o desenrolar do processo comunicativo em que estão em jogo elementos culturais e sociais, determinantes na administração das ‘faces’, estudadas inicialmente por Goffman (1967) e posteriormente por Brown e Levison (1987) (TEIXEIRA, 2011, p. 50).

Segundo Goffman (2011), interações sociais possuem “um padrão de atos verbais e não verbais com o qual ela expressa sua opinião sobre a situação, e através disso sua avaliação sobre os participantes, especialmente ela própria” (GOFFMAN, 2011, p. 13). Em cada um desses contatos, as pessoas devem agir de acordo com o encontro social (TEIXEIRA, 2011). Esse padrão de comportamento é tido como legítimo e aprovado socialmente, tendo como foco a preservação da fachada (GOFFMAN, 2011).

O termo fachada pode ser definido como um valor social positivo que uma pessoa efetivamente reivindica para si mesma através da linha que os outros pressupõem que ela assumiu durante um contato particular. A fachada é a imagem do eu delineada em termos de atributos sociais aprovados - mesmo que essa imagem possa ser compartilhada, como ocorre quando uma pessoa faz uma boa demonstração de sua profissão ou religião ou ao fazer uma boa demonstração de si mesma (GOFFMAN, 2011, p. 13-14).

Ainda, conforme o referido autor, os interlocutores possuem uma linha de estratégias de preservação da fachada, através das faces, utilizadas nas interações sociais que visam apresentar uma autoimagem

pública que tenha valor social, tendo um caráter dinâmico nas relações sociais. As faces são definidas como positivas e negativas. A face negativa está relacionada com a preservação do território, no qual o interlocutor tem interesse que suas ações não sejam restringidas ou limitadas pelos outros. A face positiva é a busca do interlocutor de passar uma autoimagem que seja aprovada, admirada, compreendida, valorizada e respeitada pelos outros.

Com o interesse de manter e preservar a fachada, Goffman (2011) identificou que os participantes da interação social podem utilizar de três movimentos, sendo eles: processo de distanciamento, tais como evitar que na interação social sejam abordados certos tópicos, mudar de tópicos, fazer brincadeiras e não ser direto; processo corretivo, no qual o ofensor deve realizar uma ação reparadora do conflito; e aceitação do ocorrido, em que o ofendido aceita o processo corretivo do falante.

Conforme Paiva, Moreira e Santos (2016), os interaguintes que deixarem o outro em situação desconfortável no ato de preservação da fachada negativa e positiva, configura-se o que Goffman (2011) define como ofensa, que podem ser inocentes, maliciosas e incidentais. As ofensas inocentes são aquelas nas quais parece que o falante não teve a intenção e não aparenta brincadeira, tais como gafes. Já as ofensas maliciosas são aquelas feitas de forma aberta, provocando insultos. E as ofensas incidentais são as que surgem como uma consequência de algo dito pelo falante, o qual não há interesse em ofender. Essas ofensas podem criar um ambiente conflituoso, que poderá ter sua harmonia e equilíbrio restabelecidos através de estratégias de polidez linguística.

Brown e Levinson (1987) realizam suas pesquisas sobre polidez linguística a partir do pressuposto que a linguagem é uma ação social, com base em Austin (1962), ampliam as noções de face de Goffman (2011) e partem do Princípio de Cooperação afirmado por Grice para que os interlocutores tenham uma interação bem sucedida, harmo-

niosa e equilibrada. Dessa forma, analisaram as interações face a face ocorridas em Inglês, Tzeltal e Tâmil, buscando identificar as estratégias universais de polidez linguística que poderiam ser utilizadas para amenizar situações de conflito entre os interaguintes.

Com base nas concepções de face positiva e face negativa de Goffman (1967), os pesquisadores Brown e Levinson (1987) definiram os conceitos de polidez positiva e polidez negativa. A polidez positiva (relaciona-se com a face positiva) ocorre quando há o interesse do falante em expor e em compartilhar aquilo que será agradável ao ouvinte, com base na imagem que ele constrói do outro. Já a polidez negativa (relaciona-se com a face negativa) é a busca do falante em proteger seu território de aproximações que possam gerar algum conflito.

Como as interações sociais são um jogo de linguagem (WITTGENSTEIN, 1958), no qual os interaguintes definem estratégias de polidez positiva e polidez negativa, conforme sua avaliação do contexto interacional, falante e ouvinte utilizam de recursos linguísticos para amenizar as ameaças às faces do outro. Quando as faces são ameaçadas, é causado o processo que Kerbrat-Orecchioni (2006) chama de *Face Threatening Acts* (FTA), os “atos de ameaça à face”, podendo estar relacionados com as faces do emissor e do receptor na interação social.

Os FTAs estão divididos em *on-record*, *off-record* e *bald-record*. O *on-record* ocorre quando o falante realiza seu discurso de forma direta e literal. Já no *off-record*, o falante utiliza como estratégia o discurso indireto implícito para o ouvinte, deixando subentendido que existe uma ameaça. Por fim, o *bald-record* é tipificado pelo falante para evidenciar a ameaça de forma direta e objetiva, sem polidez, podendo ampliar o conflito com o outro. Dessa forma, segue o quadro composto pelas estratégias de polidez linguística:

Quadro 1 - Estratégias de polidez linguística

MODALIDADE/ RECURSO	ESTRATÉGIAS
ON-RECORD: ESTRATÉGIAS DIRECIONADAS PARA A FACE POSITIVA - POLIDEZ POSITIVA	1. Dê atenção ao outro e seus interesses, desejos, necessidades. Note-o.
	2. Exagere (interesse, aprovação, simpatia com o outro).
	3. Intensifique o interesse do ouvinte.
	4. Use marcadores de identidade e grupo no discurso.
	5. Procure concordar.
	6. Distancie-se da discordância.
	7. Aceite, aumente, delimite o terreno em comum.
	8. Brinque para deixar o ouvinte mais à vontade.
	9. Acerte ou pressuponha o conhecimento do ouvinte e seus interesses.
	10. Ofereça, prometa.
	11. Seja otimista sobre os interesses do ouvinte. O ouvinte quer o que o falante quer.
	12. Inclua ouvinte e falante na mesma atividade.
	13. Forneça ou peça razões.
	14. Acerte uma troca recíproca.
	15. Forneça presentes ao ouvinte (qualidades, simpatia, entendimento, cooperação).

ON-RECORD: ESTRATÉGIAS DIRECIONADAS PARA A FACE NEGATIVA - POLIDEZ NEGATIVA	1. Seja convencionalmente indireto.
	2. Questione, restrinja-se.
	3. Seja pessimista.
	4. Minimize a imposição.
	5. Demonstre respeito.
	6. Desculpe-se.
	7. Impessoalize o falante e o ouvinte. Distancie-se dos pronomes <i>eu</i> e <i>você</i> .
	8. Categorize um ato de ameaça à face como regra geral.
	9. Nomeie para distanciar o ator e adicione formalidade.
	10. Aja como se estivesse em débito com o interlocutor ou como se o interlocutor não lhe devesse nada.
OFF-RECORD: ESTRATÉGIAS DE POLIDEZ LINGUÍSTICA	1. Faça insinuações.
	2. Forneça pistas associativas.
	3. Pressuponha.
	4. Minimize.
	5. Exagere.
	6. Use tautologias (redundâncias).
	7. Use contradições.
	8. Seja irônico.
	10. Use metáforas.
	11. Use questões retóricas.
	12. Seja ambíguo.
	13. Seja vago.
	14. Generalize.
	15. Desloque o ouvinte.
	16. Seja incompleto, use elipses.
	BALD - RECORD

Fonte: Paiva, Moreira e Santos (2016, p. 75-93).

Para Brown e Levinson (1987), os atos de ameaça às faces podem ser analisados identificando o nível de interação entre os sujeitos e a relação de poder entre os participantes da interação social a ser analisada. Um exemplo é a relação entre mãe e filho, na qual a mãe tem mais poder que o filho (deve obediência à mãe) e eles possuem uma estreita relação de intimidade. Em uma situação onde o filho é agressivo verbalmente com a mãe, existe um peso maior de ameaça à face da mãe do que se fosse o contrário.

Além disso, os autores também apontam que, na interação, os interaguintes devem ponderar os seguintes aspectos: “[...] é realmente necessário realizar o ato ameaçador de face, b) é importante anunciá-lo de forma clara e ostensiva, e c) é preciso manter a face de seu interlocutor em algum grau” (PAIVA; MOREIRA; SANTOS, 2016, p. 73).

Com base no exposto, identificamos que as relações sociais possuem normas que definem o padrão de legitimidade dos interlocutores nas relações sociais para que haja um ambiente harmonioso. Entretanto, as interações sociais estão pautadas em diferentes níveis de intimidade e relações de poder que interferem na escolha de estratégias de polidez linguística e trabalho com as faces em contextos de violência linguística.

Na seção seguinte, será abordado o episódio *Queda Livre*, da série *Black Mirror*.

## Análise

O episódio em foco neste trabalho é o primeiro da terceira temporada, lançado na televisão estadunidense em 2016. O enredo gira em torno da personagem Lacie e sua busca pela aprovação social, o que a faz refém da popularidade demonstrada nas redes sociais. Tal busca exige da personagem um constante trabalho com as faces, pois, muitas vezes, ela representa papéis sociais para conseguir tal aprovação e, assim, ascen-

der socialmente. Ao longo do episódio, as expectativas de ascensão social e econômica de Lacie são paulatinamente frustradas e são evidenciadas pelo uso de estratégias de polidez linguística distintas nos FTAs.

Na distopia do episódio, as interações sociais são instantaneamente avaliadas por um aplicativo de celular que, conectado a uma rede social, faz o ranqueamento dos seus participantes, cujas posições são exibidas por um mecanismo acessível a partir dos olhos. Em outras palavras, o participante da rede social possui uma lente ocular que, direcionada para uma pessoa, pode identificar e exibir a pontuação individual, bem como fornecer informações, em tempo real, postadas pelos integrantes. Tal mecanismo é comparável ao que vemos nos jogos de realidade virtual, especialmente nos alusivos à guerra. O objetivo desse jogo social é atingir cinco estrelas para ser considerado *premium* e, assim, conseguir os benefícios decorrentes do pertencimento ao panteão dos vencedores, tais como acesso a moradias exclusivas e à interação com participantes “especiais”, bem ranqueados.

Conforme as estratégias de polidez linguística apontadas por Brown e Levinson (1987), será realizada a análise de dois excertos de diálogos realizados pelos personagens do episódio supracitado nas interações sociais, buscando identificar a ocorrência de trabalho com faces e situações de violência linguística.

Nessas interações, guiadas majoritariamente pelo desejo da avaliação positiva, os personagens buscam praticar estratégias de polidez, direcionadas para a face positiva e negativa, que proporcionem pontuações mais altas. Aqueles que não usam estratégias de polidez, *Bald-record*, neste episódio, são imediatamente punidos, como veremos em um dos recortes analisados.

A cena cujo recorte apresentamos ocorre com duas mulheres, Lacie e Beth. Lacie possui pele clara, está com cabelo de cor acobreada, preso como “rabo de cavalo” e franja curta, na altura de sua sobrancelha,

batom rosado, vestido rosa claro de manga e gola, com bolsa de cor também rosa, no seu ombro do lado direito da foto e se expressando com risos “soltos”. Já Beth, possui pele clara, cabelo de cor castanho que está todo preso atrás da cabeça, com blazer cinza, de botão, que possui um detalhe azul na parte de botões, por dentro tem uma camisa branca, que possui uma gola arredondada, parecendo pétalas de flores, a calça é da mesmo cor do blazer, possuindo cintura alta. Beth está com uma bolsa pequena, de cor rosa claro, apoiada no cotovelo, do lado direito da foto. Lacie e Beth estão com a mão do lado direito da imagem relaxada para baixo, de forma idêntica. Aparentemente, trabalham em um mesmo prédio, encontram-se no elevador e se cumprimentam brevemente. Lacie possui a pontuação 4,2 e Beth possui a pontuação 4,6, portanto um alvo o qual Lacie busca conseguir a aprovação. Uma não conhece a outra de forma íntima e, no ensejo de conseguir uma avaliação positiva, ambas buscam em seus dispositivos informações sobre a outra para prolongar a interação, usando estratégias de face positiva *On-Record*. O diálogo é norteado pela manutenção do bem-estar e da amabilidade. Vejamos o excerto:

- (A) Lacie: Beth, que bom te ver!
- (B) Beth: Você também. (Silêncio motivado pela falta de conhecimento uma sobre a outra. Ambas acessam seus dispositivos em busca de postagens.)
- (C) Lacie: (Após ver as postagens sobre o gato de Beth) Como vai o Panquecas?
- (D) Beth: Ele é hilário! O melhor gato do mundo. Ainda na Hoddicker?
- (E) Lacie: Sim, está ótimo lá.
- (F) Beth: Que bom!
- (G) Lacie: O que faz aqui?
- (H) Beth: Primeiro dia de emprego novo.
- (I) Lacie: Primeiro dia?



- (J) Beth: Na Blankman-Harper.
- (K) Lacie: Uau! Na cobertura! Que... Bem, boa sorte.
- (L) Beth: Pois é. Eu sei, certo?
- (M) Beth: É ótimo você ainda estar contente na Hoddicker.
- (N) Lacie: Bem, talvez não fique para sempre.
- (O) Beth: Não para sempre. Por enquanto...
- (P) Lacie: Por hora, está bom.
- (Q) Beth: Por enquanto, está tudo ótimo.
- (R) Lacie: Está mesmo, por agora.

Inicialmente, na interação social, a personagem Lacie diz: “Beth, que bom te ver!”, utilizando-se da modalidade *On-Record*, através da estratégia de polidez positiva: *Dê atenção ao outro e seus interesses, desejos, necessidades. Note-o*. Em seguida, a personagem Beth responde: “Você também”, fazendo uso da estratégia de polidez positiva (*On-Record*): *Procure concordar*. Notamos que Lacie busca rapidamente na rede social que ambas compartilham algo para intensificar o contato entre elas, identificando o interesse da ouvinte (em (A) e (C)) e menciona um dos seus interesses, o gato Panquecas, usando novamente a estratégia de polidez positiva (*On-Record*): *Acerte ou pressuponha o conhecimento do ouvinte e seus interesses*. Beth, por sua vez, faz o mesmo, ou seja, busca um interesse da sua interlocutora na rede social, respondendo à interação ao se utilizar da estratégia de polidez negativa *exagero (Off-Record)*, fortalecendo o engajamento com que a outra fala, ao dizer: “Ele é hilário! O melhor gato do mundo”, e acrescenta: “Ainda na Hoddicker?”. Ao mencionar o local de trabalho de Lacie, Beth demonstra uma estratégia de polidez negativa *Faça insinuações (Off-Record)*, marcado pelo uso do advérbio ainda, ao minimizar o local de trabalho de Lacie. Diante dessa situação, Lacie usa a estratégia de polidez positiva *Distancie-se da discordância (On-Record)* para evitar a discordância na interação ao dizer “Sim, está ótimo lá”, no qual o

uso do advérbio “sim” marca afirmação de valor positivo. Dessa forma, Beth busca manter o uso de estratégia de polidez positiva *Forneça presentes ao ouvinte (qualidades, simpatia, entendimento, cooperação) (On-Record)*, buscando entendimento, ao dizer: “Que bom!”, estrutura marcada pelo uso do advérbio “bom”, de cunho positivo.

Em seguida, Lacie tenta continuar a interação desejando a obtenção da aprovação da ouvinte. Por isso, pergunta: “O que faz aqui?”, realizando a estratégia de polidez negativa *Questione, restrinja-se (Off-Record)*. Beth responde usando a estratégia de polidez negativa *Seja vago (Off-Record)*, não se comprometendo com o falante para que ele compreenda o objeto, dizendo: “Primeiro dia de emprego novo”, não mencionando o local de forma direta e clara. Entretanto, Lacie, como não obteve a resposta desejada, insiste no assunto e pergunta: “Primeiro dia?”, utilizando-se, novamente, da estratégia de polidez negativa *Questione, restrinja-se (On-Record)*. Beth responde de forma precisa, clara e objetiva, não utilizando de estratégia de polidez, por isso usa da modalidade *Bald-Record*, ao mencionar o local de trabalho: “Na Blankman-Harper”. Ao obter a resposta, Lacie busca reiterar seu interesse, usando da estratégia de polidez negativa *exagero (Off-Record)*, dizendo: “Uau! Na cobertura!” e acrescenta “Que... Bom”, usando de polidez positiva (*On-Record*): *Dê atenção ao outro e seus interesses, desejos, necessidades. Note-o*, para demonstrar uma possível alegria pela conquista da ouvinte. Beth responde com “Eu sei, certo?”, usa da estratégia de polidez negativa *Use questões retóricas (Off-Record)*, e também diz: “É ótimo você ainda estar contente na Hoddicker”, retomando o fato de Lacie permanecer trabalhando na mesma empresa, voltando a utilizar a expressão adverbial *ainda* para enfatizar que Lacie já está trabalhando na mesma empresa há bastante tempo, utilizando da estratégia de polidez negativa *Faça insinuações (Off-Record)*. Neste momento, Lacie busca usar da estratégia de polidez *Seja vago (Off-Re-*

cord), deixando que Beth tente entender quanto tempo mais ela poderia permanecer no mesmo local de trabalho, ao dizer: “Bem, talvez não fique para sempre” e, depois, diz: “Por hora está bom”, lançando mão de estratégias *On-Record* direcionadas para a face positiva, procurando concordar com Lacie. Esta demonstra responsividade à interação e passa a utilizar estratégias direcionadas para a face negativa (*Off-Record*), de forma sutil, mas perceptível, sendo convencionalmente indireta, minimizando a imposição e restringindo-se, respectivamente em (N), notadamente marcado pelo advérbio *talvez*. Em “Por hora, está bom”, marcado pela locução adverbial *por hora* e em “Está mesmo, por agora”, marcado pela locução adverbial *por agora*.

Dessa forma, observamos que, à medida que o diálogo continua, Lacie e Beth vão intensificando o uso de estratégias de polidez linguística distintas que são influenciadas pelo trabalho com as faces individuais, conforme seus interesses pessoais. Além disso, há uma distinção entre as interactantes em relação ao poder em virtude da posição social alcançada através da pontuação, sendo que Beth detém a mais alta, o que poderia justificar a prevalência de estratégias de preservação de território e maior de liberdade de expressão (*Off-Record*).

No que tange ao trabalho com as faces de Beth, destacamos a preservação da face negativa, buscando que seu território não seja invadido por Lacie com o assunto sobre seu trabalho, através da modalidade *Off-Record*, enquanto Lacie busca em maior frequência utilizar estratégias de polidez positiva, através da modalidade *On-Record*, em virtude do seu principal interesse no diálogo, que é fortalecer sua autoimagem positiva com Beth para que ela lhe dê a pontuação máxima na rede social, cinco estrelas. Portanto, a interação se caracteriza como harmoniosa e cooperada, por meio do uso de estratégias de polidez linguística da modalidade *On-record*, de forma geral.

No decorrer do episódio, é apresentado ao telespectador o desejo de Lacie por trocar de residência, ela almeja morar em um condomínio exclusivo, o qual está fora do seu orçamento. Entretanto, caso ela atinja a pontuação 4,6, ela terá um desconto e poderá integrar um grupo ainda mais seletivo. Lacie procura um impulsionador de pontuação, que a aconselha a conseguir avaliações de pessoas valiosas, as de pontuação acima de 4,5. Ao receber o convite para o casamento de uma amiga de infância que integra o Olimpo das avaliações, a protagonista vê sua chance de ter o impulso de que precisa. Na verdade, ela já dá o fato como certo e se compromete financeiramente com um depósito pelo aluguel da casa no condomínio, o qual, avisa a corretora, não será reembolsado no caso de eventualidades. Em nossa análise, ao se comprometer financeiramente, Lacie começa a demonstrar descontroles na administração das faces. O excerto a seguir trata da chegada dela ao Aeroporto para finalmente ir ao casamento, após discutir com o irmão, esbarrar em uma mulher e irritar um taxista, os quais a avaliaram negativamente. Cumpre saber que Lacie possuía pontuação um pouco acima de 4,2 ao sair de casa.

Neste excerto, a situação comunicativa ocorre durante o atendimento no guichê de uma companhia aérea. O foco está em Lacie, que tem pele clara, está com cabelo de cor acobreada, preso como “rabo de cavalo” e franja curta, na altura de sua sobrancelha, batom rosado, vestido rosa claro de manga. Cliente solicitando um serviço, Lacie se expressa de modo a demonstrar simpatia e, também, preocupação em não conseguir a passagem aérea. Junto a ela, estão mais quatro pessoas (três mulheres e um homem, sendo uma delas a atendente do aeroporto que na imagem se encontra de costas. A atendente é negra, possui cabelo curto e está vestida com um *blazer* de tom verde claro).

- (A) Atendente do aeroporto: Oi. Como vai?
- (B) Lacie: Muito bem. (Coloca seu dispositivo celular para fazer o *check-in* no balcão).
- (C) Atendente do aeroporto: Sinto muito, este voo foi cancelado.
- (D) Lacie: Não. Não, não...
- (E) Atendente do aeroporto: Houve um incidente com um passageiro.
- (F) Lacie: E quando é o próximo voo?
- (G) Atendente do aeroporto: Todos estão lotados.
- (H) Lacie: Comprei há semanas. É o casamento da minha melhor amiga.
- (I) Atendente do aeroporto: Sinto muito.
- (J) Lacie: Preciso chegar lá.
- (K) Atendente do aeroporto: Vou ver o que posso fazer.
- (L) Lacie: Obrigada. Muito obrigada.
- (M) Atendente do aeroporto: Há um assento vazio em outro avião que parte hoje (Verifica a pontuação de Lacie na rede social). É reservado para membros premium da companhia. Precisa ter pelo menos 4,2.
- (N) Lacie: Eu tenho 4,2.
- (O) Atendente do aeroporto: Hum, hum. Na verdade, você tem 4,183.
- (P) Lacie: Oh! Não foi minha culpa. Uma mulher me deu nota baixa, você não poderia...
- (Q) Atendente do aeroporto: Eu sinto muito. O sistema não permite a operação sem a nota mínima.
- (R) Lacie: Mas falta tão pouco.
- (S) Atendente do aeroporto: Não posso fazer nada.
- (T) Lacie: Precisa fazer algo!
- (U) Atendente do aeroporto: Vou pedir que dê uma maneirada no seu tom de voz.
- (V) Lacie: Desculpa, é que... eu sou dama de honra. Não posso perder esse casamento.
- (W) Atendente do aeroporto: E eu sinto muito por isso.
- (X) Lacie: Pode chamar o supervisor?
- (Y) Atendente do aeroporto: Não, não posso.

- (Z) Lacie: Chama o supervisor!  
 (AA) Atendente do aeroporto: Não.  
 (BB) Lacie: Chama a porra do supervisor!  
 (CC) Atendente do aeroporto: Não toleramos xingamentos aqui.  
 (DD) Lacie: Desculpa, mas...  
 (EE) Atendente do aeroporto: Preciso atender o próximo cliente.  
 (FF) Lacie: Não, não...  
 (GG) Atendente do aeroporto: Pode se afastar, senhora?  
 (HH) Lacie: Me ajuda, porra!  
 (II) Atendente do aeroporto: Chamei a segurança.  
 (JJ) Lacie: Por favor, não *faz* isso. Estou te dando 5 estrelas.

Nas interações iniciais de saudação, em (S) e (T), a atendente e Lacie usam a estratégia de polidez positiva *Dê atenção ao outro e seus interesses, desejos, necessidades. Note-o. (On-Record)*. Em seguida, a atendente diz: “Sinto muito, este voo foi cancelado”, usando a estratégia de polidez negativa *Desculpe-se (On-Record)* e assim procura demonstrar empatia com a situação. Lacie responde enfaticamente mostrando seu desagrado com a situação: “Não, não, não”, demonstrando *Bald-Record*, ou seja, a ausência de polidez linguística.

A seguir, na expectativa de atenuar o desagrado da cliente, a atendente justifica: “Houve um incidente com um passageiro”, usando a estratégia de polidez positiva: *Forneça ou peça razões (On-Record)*. Lacie ignora a justificativa, desapontada, e continua em *Bald-Record*, perguntando “Quando é o próximo voo?”, a atendente mantém a face, continuando na estratégia de polidez positiva: *Forneça ou peça razões (On-Record)*, respondendo: “Todos estão lotados”. Lacie então, para sensibilizar a atendente, lança mão da estratégia de polidez positiva: *Forneça ou peça razões* e da *Use marcadores de identidade e grupo no discurso (On-Record)*: “Comprei há semanas. É o casamento da minha melhor amiga”, sendo a primeira justificada pelo marcador temporal da compra, o que confere a Lacie uma espécie de direito à reparação;

enquanto a segunda, confirma-se na exposição do evento casamento da melhor amiga, pois Lacie e a atendente são mulheres, aproximadamente, da mesma idade, e Lacie tenta estabelecer um elo identitário entre ambas: o de mulheres que possuem uma melhor amiga e que desejam ir ao casamento delas.

Tais estratégias surtem o efeito esperado, uma vez que a atendente responde “Vou ver o que posso fazer”, demonstrando as estratégias de polidez positiva: *Forneça presentes ao ouvinte (qualidades, simpatia, entendimento, cooperação)* e a *Ofereça, prometa (On-Record)*, esta última marcada linguisticamente pelas locuções verbais “Vou ver” e “posso fazer”, Lacie agradece.

A seguir, a atendente, até então interagindo por meio de estratégias de polidez positivas (*On-Record*), emite uma interação direcionada para a face negativa, marcada pelas estratégias *Seja convencionalmente indireto* e *Categorize um ato de ameaça à face como regra geral (Off-record)*.

Por meio dessas estratégias, ela afirma que Lacie não está qualificada para obter um novo voo, ou seja, ela não pertence àquele grupo seletivo: “Há um assento vazio em outro avião que parte hoje (Verifica a pontuação de Lacie na rede social). É reservado para membros premium da companhia. Precisa ter pelo menos 4,2”, no trecho ela é indireta ao afirmar ser necessário ter uma pontuação determinada e não confronta a face de Lacie diretamente.

Entretanto, Lacie rebate impacientemente, confrontando a atendente, demonstrando ausência de estratégias de polidez linguística (*Bald-Record*): “Eu tenho 4,2”. Neste momento, em resposta ao confronto, a atendente também abandona as estratégias de polidez, *Bald-Record*, respondendo: “Hum, hum. Na verdade, você tem 4,183”, e reforça sua fala mostrando a tela do dispositivo para confirmar o que Lacie nega. Ao perceber a ameaça, Lacie tenta recuperar a face, reto-

mando as estratégias *On-Record*, agora de face negativa, usando *Minimize a imposição*: “Oh! Não foi minha culpa. Uma mulher me deu nota baixa, você não poderia...”, marcada linguisticamente pela expressão: *não foi minha culpa*.

A atendente volta a utilizar estratégias de polidez negativa: *Desculpe-se* e *Categorize um ato de ameaça à face como regra geral (On-Record)*: “Eu sinto muito. O sistema não permite a operação sem a nota mínima”, interação que estabelece a empatia ao afirmar que sente muito e, depois, que impessoaliza a responsabilidade, atribuindo-a ao “Sistema”. Lacie, novamente usa a estratégia de polidez de face negativa *Minimize a imposição*, a fim de convencer sua interlocutora do mérito da sua solicitação: “Mas falta tão pouco”. A atendente usa também uma estratégia de polidez de face negativa *Questione, restrinja-se (Off-record)* para marcar que está além das suas possibilidades: “Não posso fazer nada”.

Diante da negativa, Lacie abandona as estratégias de polidez e grita: “Precisa fazer algo!”, interação que resulta no uso de uma estratégia (*Off-Record*) *Desloque o ouvinte*, por parte da atendente: “Vou pedir que dê uma maneira no seu tom de voz”. Lacie tenta retomar as estratégias positivas para tentar sensibilizar a interlocutora e conseguir seu objetivo: “Desculpa, é que... eu sou dama de honra. Não posso perder esse casamento”, usando neste trecho a estratégia de polidez positiva: *Forneça ou peça razões (On-Record)*. Novamente, na posição de confronto, a atendente adota a postura de empatia, utilizando a estratégia de polidez positiva *Dê atenção ao outro e seus interesses, desejos, necessidades. Note-o. (On-Record)*, enfatizando o uso do pronome eu, tanto em termos prosódicos como gestuais: “E eu sinto muito por isso”. Lacie ignora a polidez positiva da atendente e, aparentando nervosismo, abandona novamente as estratégias de polidez nas três interações seguidas, em uma gradação de desarmonia: (1) “Pode chamar o



supervisor?”, nesta interação usa o verbo *pode* como modalizador; (2) “Chama o supervisor!”, nesta usa o verbo no modo imperativo, dando a ordem à atendente; (3) “Chama a porra do supervisor!”, nesta mantém o modo imperativo e acrescenta um impropério como intensificador.

Tal sequência provoca uma sequência de interações sem estratégias de polidez (*Bald-Record*) por parte da atendente, que responde a essas três interações com negativas e, ao ser confrontada com impropérios, assume uma postura marcada pela ausência de polidez linguística e diz “Não toleramos xingamentos aqui”, “Preciso atender o próximo cliente”, “Pode se afastar, senhora?”. Lacie, reitera seu pedido sem usar estratégias de polidez: “Me ajuda, porra!”, interação que resulta numa consequência inesperada, o chamado da segurança do aeroporto pela atendente. Numa tentativa de remediar a situação, Lacie recompõe a face e lança mão da estratégia de polidez positiva *Forneça presentes ao ouvinte (qualidades, simpatia, entendimento, cooperação)*, dando uma avaliação positiva à atendente mesmo após as interações *Bald-record*, para convencê-la a recuar e cancelar o chamado da segurança do Aeroporto. Ela diz: “Por favor, não faz isso. Estou te dando cinco estrelas”.

Observamos neste trecho de interação que a atendente busca sempre preservar a face positiva, um requisito do seu trabalho de atendimento ao público, assim utiliza na maioria do diálogo estratégias *On-Record*, de polidez positiva. Entretanto, ao longo da interação, quando sua face é confrontada, ela passa a usar estratégias direcionadas para a face negativa, preservando a face mesmo nas interações *Bald-Record*. Dessa forma, a interação social se dá, de forma predominante, sem cooperação e harmonia, onde a linguagem é impolida, no qual poderia se caracterizar como violência, conforme a definição de Silva e Alencar (2013). Nesses contextos de violência, pode-se observar a ocorrência de ofensas maliciosas, visto que são feitas de forma aberta, através de insultos (GOFFMAN, 2011) deve realizar uma ação reparadora do con-

flito; e aceitação do ocorrido, em que o ofendido aceita o processo corretivo do falante.

## Considerações Finais

Neste trabalho, buscamos identificar e analisar as estratégias de polidez linguística e trabalho com faces quanto à violência linguística exibidos pela personagem Lacie, do episódio *Queda Livre*, da série *Black Mirror*, da Netflix. Nosso intuito foi contrastar duas situações comunicativas vivenciadas pela personagem a fim de evidenciar as estratégias de polidez utilizadas conforme seus objetivos. A análise consistiu em transcrever dois excertos nos quais verificamos a predominância de estratégias dissonantes, e, a partir das marcas linguísticas, inferir situações de violência linguística e desequilíbrio.

Para tal empreendimento, ancoramo-nos nos conceitos de face, de Goffman (1967), e de estratégias de polidez linguística, dos pesquisadores Brown e Levinson (1987), os quais nortearam nossas inferências acerca da presença de violência linguística nos excertos vistos e que são pautadas em um padrão classificatório dos indivíduos. A partir do nosso recorte, podemos afirmar que as interações sociais realizadas por Lacie passam por modificações no que tange ao uso de estratégias de polidez linguística e trabalho com as faces à medida que se aproxima o fim de seu prazo para obtenção das cinco estrelas na rede social, que viabiliza a compra da casa tão sonhada pela protagonista.

Dessa forma, segundo apontam Jäger e Meier (2016) em sua definição de discurso, Lacie realiza modificações em seu discurso como resultado da performance da personagem em suas interações sociais. Para Goffman (2011), toda interação social pode se tornar ameaçadora, dessa maneira identificamos que a personagem monitora ininterruptamente seus aspectos verbais da conversação, sua pontuação na rede

social e, ainda, avalia o perfil do seu interlocutor na rede social. Essas ações são empreendidas na busca das melhores estratégias para obter a avaliação positiva, considerando as relações de poder envolvidas na interação social. Essa relação de poder também está relacionada com as situações de violência linguística ocorridas nos excertos.

Consoante o comportamento da personagem, podemos afirmar que as estratégias de polidez positiva (*On-record*), sobretudo para a defesa de face, são preponderantes para a afirmação de uma imagem social positiva. Entretanto, a exemplo da personagem, é percebida a tendência do envolvimento social balizado pela estratificação social, conforme o padrão classificatório dos sujeitos, seguindo um padrão social excludente. Dessa maneira, compreendemos que, assim como Lacie, as pessoas envolvidas em situações de violência linguística por motivos de vulnerabilidade, distanciamento social ou relações assimétricas, buscam amenizá-las através de estratégias de polidez linguística, principalmente *Off-Record*, na qual defende sua face positiva.

## Referências

AUSTIN, J. L. **How to do Things With Words**. Oxford: Oxford University Press, 1962.

BARTHES, R. **Sobre o cinema**. In O grão da voz: entrevistas, 1961-1980. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BRAGATO, F. F. Discursos desumanizantes e violação seletiva de direitos humanos sob a lógica da colonialidade. **Quaestio Iuris**, Rio de Janeiro, vol. 09, nº. 04, p. 1806-1823, 2016. Disponível em: <https://emeron.tjro.jus.br/images/DHJUS/VAGUEZA-E-AMBIGUIDADE-NO-DISCURSO-DO-DIREITO.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2020.

BROWN, P. LEVINSON, S. Politeness: some universals In: **Language usage**. Cambridge: Cambridge University Press, 1978.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. “**Mídia e educação da mulher: uma discussão teórica sobre modos de enunciar o feminino na TV**”. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, UFSC, v. 9, n. 2, p. 586-599, 2001.

GOFFMAN, E. **Interaction ritual**. New York: Harp e Ruw, 1967.

GOFFMAN, E. **Rituais de interação**: ensaios sobre o comportamento face a face. Trad. Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

JÄGER, S; MAIER, F. Analysing discourses and dispositives: a Foucaultian approach to theory and methodology. In: WODAK, R.; MEYER, M. **Methods of Critical Discourse Studies**. 3 ed. London: SAGE, 2016.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **Análise da conversação**: princípios e métodos. São Paulo: Parábola, 2006.

SILVA, D. N. A propósito de Linguística Aplicada: 30 anos depois: quatro truismos correntes e quatro desafios. **D.E.L.T.A.**, vol. 31, p. 349-376, 2015.

SILVA, D. N.; ALENCAR, C. N. A propósito da violência na linguagem. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 55, n. 2, pp. 129-146, 2013.

MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola editorial, 2006.

MOITA LOPES, L. P. Da aplicação de Linguística à Linguística Aplicada Interdisciplinar. In: Pereira, R. C., Roca, P. (Orgs.) **Linguística aplicada**: um caminho com diferentes acessos. São Paulo: Contexto, 2011.

PAIVA, G. MOREIRA, R. G. SANTOS, L. A. P. F. **Introdução aos Estudos de (Im) Polidez Linguística**. Fortaleza: Centro Universitário Estácio do Ceará, 2016.

WITTGENSTEIN, L. **Philosophical Investigations**. Trad. G. E. M. Anscombe. Oxford: Basil Blackwell, 1958.

## Capítulo 7

---

### Polidez e fake news: uma estratégia de poder em contexto pandêmico no Brasil

Francisco José Holanda

Ivonildo da Silva Reis

Maria de Castro Damázio Queiroz

Letícia Adriana Pires Ferreira dos Santos

#### Introdução

**E**ste texto reconhece a linguagem e o sujeito como entidades sociais. Nesse sentido, a interação, bem como o ato linguístico socialmente situado, constituído no diálogo, formam as perspectivas teórico-analíticas que se seguem, as quais figuram como estudos críticos da linguagem.

A partir das perspectivas aventadas pela Análise da Conversação (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006) e das noções de polidez e face (BROWN; LEVINSON, 1987), chegamos às *fake news* (FILHO, 2018) como recurso discursivo do presidente da república brasileira, Jair Bolsonaro, na ocasião de abertura da Assembleia da Organização das Nações Unidas em 2021. Pretendemos verificar como o político se vale da manipulação de dados e informações no período da pandemia de COVID-19 para criar uma face positiva de si e de seu governo no intento de manter o poder (FOUCAULT, 2019), o qual visa ao controle social.

Fazemos uma análise das *fake news* como face positiva contrapondo-as a outras notícias que desmentem os dados e argumentos usados

pelo presidente, o que em um contexto pandêmico<sup>30</sup>, torna-se socialmente mais grave.

A disseminação de notícias falsas revela como a tentativa de controlar o discurso torna-se um recurso que, ao tentar apaziguar diferenças, ou seja, manter a aparência de um país e governo progressista, escamoteia uma política da morte, uma harmonia social que privilegia uma classe dominante e exclui outros sujeitos.

## I Análise da conversação: contexto e interação

A concepção estruturalista da linguagem apregoa uma dicotomia entre língua e fala conforme o Curso de Linguística Geral, escrito por Ferdinand de Saussure, em 1916:

*A língua é de natureza social, por se tratar de um conhecimento convencional, partilhado pela comunidade linguística que fala uma determinada língua (...). A fala, diferentemente, é de natureza individual: trata-se de uma parcela da língua, selecionada por um falante para seus propósitos individuais de comunicação em uma situação concreta específica. A fala constitui, pois, uma função do falante: é ele que, em um ato individual de vontade, exprime seu pensamento pessoal (...) (MUSSALIN, 2012, p. 40, grifos do original).*

De acordo com tal separação, a língua seria um sistema passível de análise, dada a sua convencionalidade, ao passo que a fala, por ser individual e heterogênea, escaparia dos métodos propostos pelo linguista suíço. O autor relaciona o social, portanto, a interação, à língua, a qual por ser “homogênea em sua natureza, pode ser objeto de estudo científico”

---

30. A atualização dos dados revela um total de 615.744 óbitos no Brasil. Disponível em: [https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19\\_html/covid-19\\_html.html](https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html). Acesso em: 07 dez. 2021.

(MUSSALIN, 2012, p. 41). Já a “fala, portanto, de natureza individual, e sendo assim, extremamente variável e heterogênea, não se prestando a uma análise objetiva e científica.” (MUSSALIN, 2012, p. 40).

Concebemos que tal divisão exclui da fala seus aspectos constitutivamente sociais, já que esta é um processo humano construído na interação e relacionada a um contexto de uso. Nesse sentido, compreendemos que

As interações face a face cotidianas são atravessadas por dinâmicas linguístico-discursivas em que os interlocutores buscam estreitar laços, (des)construir barreiras, expressar e escamotear sentimentos, opiniões, crenças, (re)criar expectativas etc. Esses processos envolvem ações de como nos vemos, como vemos o outro e como somos vistos (PAULINELLI; SANTOS, p. 4).

Conforme se percebe, nas interações de fala, há uma série de aspectos sociais e individuais da linguagem humana, os quais passam a ser objeto de estudo da Análise da conversação que “procura identificar os conhecimentos que são compartilhados pelos falantes e que possibilitam a realização de interações bem-sucedidas [ou não] entre eles. (...) A Análise da Conversação busca caracterizar as normas linguísticas e socioculturais que subjazem às situações concretas de interação” (COSTA, p. 13-14, 2012).

Dessa maneira, não se pode falar em língua(gem) sem concebê-la como produto e processo sociocultural, não podendo ser entendida como apenas um ato meramente individual. Pensamos assim numa linguagem como prática social, mais detidamente na fala-em-interação para a Análise da Conversação. Assim, “Os sentidos são negociados em situações concretas de uso pelos falantes que devem estar ‘engajados’ na troca e que deem sinais desse engajamento mútuo” (KERBRAT-ORRECCHIONI, 2006, p. 8, grifos do original).

Essa concepção nos remete a outro aspecto fundamental da linguagem conforme entendido por Austin (1990), quer seja, a de que quando a usamos, estamos executando uma ação, compreensível pelo seu uso, o que nos remete ao campo da Pragmática: “Desse modo, pragmaticamente falando, a linguagem é encarada como uma forma de ação que, a um só tempo, produz e é produzida à/na vida social, participando de um modo constitutivo de elaboração da realidade e de suas possibilidades de reprodução ou transformação. (SILVA *et al*, 2019, p. 288).

Dessa maneira, ao tratarmos do uso das *fake news* como recurso estratégico para a manutenção do poder, verificamos que a im/polidez linguística não se constroem tão somente por princípios universais, mas que estão diretamente ligadas ao contexto de uso.

## 2 Polidez: uma concepção discursiva

A análise dos estudos sobre a (im)polidez linguística em perspectiva diacrônica empreendida por Cunha; Oliveira (2020), tendo por base Culpeper (2011), apontam-nos para duas fases: uma pioneira, situada entre 1970 e 1980, mais preocupada com a relação entre a polidez e os recursos formais da língua, dela fazendo parte Brown e Levinson (1987), Lakoff (1975) e Leech (1983), e outra que, a partir de 1990, na tentativa de responder a questões deixadas em aberto pela primeira, adota uma concepção discursiva sobre como contextos específicos e interação são determinantes para a produção da im/polidez, destacando-se os trabalhos de Terkourafi (2002), Watts (2005) e Culpeper (2016).

Interpretando a polidez através dos conceitos de face positiva, definida como o desejo do interlocutor de ter suas necessidades valorizadas/desejadas pelo outro, e face negativa, a vontade do falante de não ter suas necessidades limitadas pelo ouvinte, Brown; Levinson (1987) buscam princípios universais e de uso social, os quais orientariam a



utilização estratégica de recursos gramaticais. Nesse sentido, todo ato de fala (AUSTIN 1990) é ameaçador para uma das faces (positiva/negativa do falante; positiva/negativa do ouvinte), sendo, por isso, necessário se valer de estratégias que restrinjam essa ameaça, em outras palavras, ser polido.

A essa pretensa universalidade, contrapõem-se os enfoques de variação cultural. De acordo com Orecchioni (2006, 103), “essas regras não são universais: elas variam sensivelmente de uma sociedade para outra - bem como, aliás, no interior de uma mesma sociedade, segundo a idade, o sexo, a origem social ou geográfica dos interlocutores [...]”.

O modelo de proposto por Brow; Levinson (1987) se detém mais na chamada polidez negativa, ou seja, aquela de “natureza abstencionista ou compensatória” (ORECCHIONI, 2006, p.82) para as faces dos interlocutores, “sem pensar que alguns atos de fala também podem ser *valorizantes* para essas mesmas faces, como o elogio, o agradecimento ou os votos” (ORECCHIONI, 2006, p. 82, grifos do original). Indo além, numa perspectiva contextual, acreditamos que o enunciado analisado neste trabalho se vale do elogio a si, por meio de distorções da realidade, para assegurar o poder político, o que denota uma análise crítica da linguagem. Nesse caso, o presidente Bolsonaro utiliza “FFAs (Face Flattering Acts)” (ORECCHIONI, 2006, p. 82), atos de polidez positiva, mas baseado na mentira no fito de manter o status de um bom governante.

Na consideração da polidez como competência pragmática, Lakoff, em *What you can do with words: politeness, pragmatics and performatives* (1977) e Leech, em *Principles of Pragmatics* (1983), empregam o princípio cooperativo de Grice (1975) para criar suas máximas de polidez, as quais envolvem o bom uso das sentenças pelo falante para que o ouvinte, ao gerar inferências, não se sinta ameaçado ou ofendido. Acreditamos, porém, que os princípios griceanos, baseados numa ideologia harmônica e cooperativa da interação, não se aplica

aos recursos linguísticos empregados numa polidez que tenta falsear a verdade, manipulando dados, reiterando iniquidades, como as vistas no discurso do presidente Bolsonaro na ONU.

A obra *The pragmatics of politeness* (LEECH, 2014) revisa, em perspectiva crítica, pontos em comum dos estudos iniciais entre o próprio autor e Brown e Levinson (1997), indicando não ser possível a aplicabilidade da polidez de base ocidental, com propriedades universalizantes, a todas as culturas. Também se contrapõe à centralidade do “eu” nos atos ameaçadores de fala em detrimento de outros de conotação agradável para a face do ouvinte, bem como à desconsideração da força exercida pela interação na apresentação do sujeito frente à face do outro.

Assim, Leech (2014) passa a analisar os atos de fala através de uma escala pragmatolinguística que vai de atos mais impolidos para mais polidos num mesmo contexto ou independente deste, e ainda por meio da variação contextual, que classifica os enunciados nessa mesma ordem, mas sujeito a fatores ligados à situação de uso (sociopragmática).

Apesar dos avanços verificados na obra do autor, notadamente em sua reconceptualização de polidez positiva e negativa, pós-polidez e neg-polidez, respectivamente, o autor limitou-se a princípios universais, não indo mais a fundo na análise dos contextos culturais ou de situações particulares, o que será crucial para os estudos da segunda fase quanto à im/polidez.

Numa virada discursiva, abordagens contemporâneas levam em conta a relação entre estratégias de im/polidez e posições sociais, a influência de organizações da sociedade para que essas estratégias sejam parte do *habitus*<sup>31</sup> e ainda a importância da intencionalidade para a

---

31. “um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona em cada momento como uma matriz de percepções, apreciações e ações e possibilita o cumprimento de tarefas infinitamente diferenciadas graças à transferência analógica de esquemas” (BORDIEU, P. **Sociologia**. In: ORTIZ, Ricardo. São Paulo: Ática, 1983).

vida social. Culpeper (2011; 2016) aborda como a impolidez se volta para determinados comportamentos em situações específicas.

Para operacionalizar seu conceito de impolidez linguística, Culpeper (2016) vale-se de superestratégias em contraponto às estratégias de polidez de Brown e Levinson (1987). Além disso, também explicita mecanismos utilizados pelos interatuantes para constituir tanto a impolidez positiva quanto a negativa.

Na esteira das interações, fortemente relacionadas ao dialogismo bakhtiniano<sup>32</sup>, os estudos de Spencer Oatey (2002; 2005), voltam-se para descrever como os desejos de face ou direitos evocados pelo interatuante são negociados de forma individual, relacional ou grupal. Além disso, este último autor nos revela que estratégias de impolidez também possuem funções específicas, ligadas a julgamentos, assim como emoções a estes relacionadas.

Deslocando a perspectiva de estudo do pesquisador para os interlocutores (pesquisados), Richard Watts (2003; 2005) defende que não cabe ao primeiro a tarefa de avaliar se determinado comportamento é polido ou não, mas sim de verificar como os interatuantes fazem tal avaliação, através de disputas discursivas. Nessa tarefa, o autor defende que o estudioso volte-se para a análise de contextos específicos e interativos, com foco na noção de *habitus*<sup>33</sup> de Bordieu, segundo a qual os sujeitos incorporam esquemas de ação dependendo da posição que ocupam em esfe-

---

32. Segundo o filósofo russo, qualquer processo humano que envolva a linguagem é eminentemente social, constituído na interação, o que se torna uma concepção fundante para a análise da conversação. BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. **Estética da Criação Verbal**. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

33. *Habitus* seria “o modo como a sociedade torna-se depositada nas pessoas sob a forma de disposições duráveis ou capacidades treinadas e propensões estruturadas para pensar, sentir e agir de modos determinados, que então as guiam em suas respostas criativas aos constrangimentos e solicitações de seu meio social existente.” (WACQUANT, L. Esclarecer o habitus. **Educação e Linguagem**, n. 16, p.63-71, 2007.

ras sociais. A partir dessa incorporação, os interaguintes podem avaliar se um ato é ou não adequado, ou seja, polido ou impolido.

As ideias de Watts (2005) quanto à avaliação de comportamentos sociais baseiam-se numa concepção cognitiva de relevância, a qual defende que os sujeitos só focam elementos que lhe são importantes no processo comunicativo. Essa perspectiva teórica permite o estudo da im/polidez enquanto avaliação feita pelo interlocutor para a escolha de estratégias de comportamento social adequado a contextos comunicativos específicos. Também possibilita entender como fórmulas convencionais são estruturadas, proporcionando inferências por parte do interaguinte para a adequação de seu discurso.

Terkouraffi (2002), ampliando o estudo do uso de fórmulas convencionalizadas com finalidades interacionais, distingue ato impolido (sempre intencional) de descortesia (sem intenção deliberada), salientando que a intencionalidade violenta pode servir para construir a imagem do locutor enquanto falante habilidoso em jogos verbais e ritos de insulto.

Figuram-se ainda como relevantes, na contemporaneidade, estudos feitos no Brasil sobre a im/polidez em contextos variados, os quais abrangem os campos jurídicos, discursos digitais e acadêmicos além daqueles que relacionam polidez a gênero social.

Comum a todos os estudos sobre (im)polidez está a busca por princípios universais e racionais que norteiam o uso de estratégias gramaticais diversas, as quais não são circunscritas ao funcionamento interno da língua, mas se concretizam em contextos específicos que envolvem aspectos sociais, culturais e cognitivos. Nesse sentido, compreendemos que a polidez não pode ser pensada apenas como uma forma de manter a harmonia comunicativa, mas como recurso discursivo para manter o poder sobre outros sujeitos.

Figurando com muita intensidade nas mídias digitais (mas tão antigas quanto a humanidade, as *fake news* (ou, a grosso modo, as menti-

ras em forma de notícias) se apresentam como problemas diretamente ligados ao uso da im(polidez) como forma de manipular a imagem que se faz dos interaguintes, como se vê adiante.

### 3 Fake news

A concepção de *fake news*, nos dias atuais, pode ser relacionada à desinformação, evidenciando notícias falsas veiculadas, sobretudo nas redes sociais (TANDOC JR., WEI LIM & LING, 2018). Assim, é relevante compreender o que, de fato, vêm a significar as notícias falsas. Shu *et al.* (2017) apresentam duas características básicas para as *fake news*: a ausência de autenticidade e a sua finalidade de enganar. Desse modo, não são apenas informações fornecidas pela metade, mas intencionalmente falsas e difundidas com o intuito de cumprir interesses de grupos e/ou indivíduos.

Nesse sentido mais permissivo, *fake news* passam a ser tudo aquilo que me desagrada, não apenas fatos que contemplo de maneira diferente da exposta, mas interpretações das quais discordo com veemência e opiniões que me parecem abomináveis. O que é *fake news* para um fanático é verdade cristalina para o fanático da seita oposta (FILHO, 2018, p. 42).

À luz de tais concepções, percebe-se que o termo *fake news* pode ser entendido como toda e qualquer informação com sua falsidade comprovada, a qual possa ter sido forjada e seja capaz de prejudicar terceiros, por meio de uma manipulação político-ideológica. Com o advento das novas tecnologias de informação e comunicação, a disseminação dessas inverdades se intensificou; no entanto, convém ressaltar que tal concepção não surgiu na contemporaneidade, uma vez que as *fake*

*news*, ao longo da história, fizeram-se presentes em momentos diversos das sociedades brasileiras e mundiais.

Nesse sentido, percebe-se que a intensificação da propagação de notícias falsas aconteceu, principalmente, devido aos meios de informação recentemente surgidos. Entretanto, no decorrer da história das sociedades, muitos foram os exemplos de informações não pautadas na legitimidade que foram difundidas como sendo verdades aparentes. O site *Aventuras na História* (2019) apresenta algumas das muitas *fake news* difundidas através dos tempos; um exemplo disso foi a campanha antivacina, que engendrou uma conspiração contra a vacina tríplice, sendo edificada a partir de um artigo do cientista britânico Andrew Wakefield, o qual relacionou o desenvolvimento de um distúrbio neurológico em crianças que tomaram a vacina. Além disso, durante a pandemia da Peste Negra, que matou 1 em cada 3 europeus, o povo judeu foi acusado de ser responsável pela difusão da praga.

Na pós-modernidade, a divulgação de inverdades em redes sociais alcançou proporções jamais imaginadas em tempos anteriores. Durante o mês de outubro de 2021, o presidente da república, Jair Bolsonaro, em pronunciamento, via redes sociais *Facebook* e *Instagram*, relacionou a vacinação dos brasileiros com o desenvolvimento da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), como pode ser observado na sua fala:

Relatórios oficiais do governo do Reino Unido sugerem que os totalmente vacinados – quem são os totalmente vacinados? Aqueles que depois da segunda dose, né, 15 dias depois, 15 dias após a segunda dose, totalmente vacinados – estão desenvolvendo a síndrome de imunodeficiência adquirida muito mais rápido do que o previsto, recomendo ler a matéria (CNN BRASIL, 2021).

A informação, mesmo desmentida por vários especialistas, ganhou destaque nas mídias sociais, influenciando os seguidores da ideologia

do referido presidente. Ao se considerar que as notícias falsas podem ser usadas como forma de promoção política e ideológica, é perceptível que há motivações implícitas nessa e em muitas outras mentiras que são difundidas pelas redes sociais como sendo verdades eminentes. No atual contexto, informações veiculadas nessas redes podem ser facilmente “curtidas”, “comentadas” e “compartilhadas”, de maneira ainda mais instantânea.

No que se refere à construção e à recepção/propagação das *fake news*, dois grandes propósitos são mobilizados pelo emissor da mensagem: “ganhar a confiança do destinatário e, sobretudo, promover o ajustamento emocional e sensorial entre eles” (BARROS, 2020, p. 28). Para conseguir a confiança do interlocutor e construir um vínculo de credibilidade, três estratégias são essenciais nas notícias falsas, e em quase todas as formas de discurso: na primeira, o destinador apresenta uma notícia verdadeira para ganhar confiança e, em seguida, constrói uma notícia falsa; na segunda, faz-se a “elencagem” de pessoas, tempo e espaço reais, para construir uma notícia falsa, simulando aspectos da realidade; por último, na terceira, há a utilização da primeira pessoa do discurso, com o intuito de criar um laço emocional e sensorial entre os interlocutores, e da terceira pessoa do discurso, na busca de envolver o interlocutor a participar do que está sendo veiculado na notícia.

Na elaboração dos discursos mentirosos, são mobilizadas estratégias dialógicas com outros textos e discursos, que consistem em um processo de intertextualidade, de modo a dar credibilidade ao que está sendo veiculado. Portanto, na construção das *fake news*, essas estratégias se dão de forma incoerente e contraditória entre os textos que são mobilizados. Como forma de ilustrá-las, convém relacionar situações nas quais elas estão presentes, e seu uso se torna aparente.

Nesse sentido, são mobilizadas diversas estratégias de ruptura dos fatos na construção das notícias falsas. Dentre elas, podemos destacar

os vícios de argumentação, como o da conclusão impossível e da generalização indevida; a ruptura e mudança de sentido incoerente, como fuga do tema; a mudança temporal e espacial, por meio de um rearranjo textual; a utilização de imagens para ilustrar relatos falsos; a apresentação de legendas ou áudios com um teor impositivo e a utilização de gêneros textuais incoerentes para divulgação de fatos.

Sobretudo nas redes sociais, a pós-verdade tem se tornado cada vez mais presente, assim como a disseminação dos discursos de ódio. Nesse sentido, segundo Barros (2020, p. 40), “estamos convencidos de que as anomalias do texto das fake news também dão prazer a seu destinatário, pois, graças a elas, ele se engaja emocionalmente e de modo sensorial com o destinador e vê, com a mentira em que acredita, a confirmação de seus valores e sentimentos”. Portanto, há uma reciprocidade entre produção e recepção, em muitas situações, das *fake news*, pois elas não só criam e disseminam as inverdades, mas mantêm, tanto para aqueles que não têm capacidade para discernir, quanto para os que não querem enxergar a verdade.

O uso das notícias falsas pelo presidente Jair Bolsonaro no corpus analisado revela mais do que a tentativa de agradar ao seu interlocutor, a tentativa de manipular favoravelmente a imagem de sua gestão para manter-se no poder, o que em período pandêmico se torna socialmente grave.

#### 4 Poder e manipulação

Ao nos referirmos à palavra poder, várias significações podem ser acionadas, uma delas é exercer influência sobre algo ou alguém<sup>34</sup>. A etimologia da palavra poder, do latim vulgar *potere*, substituído pelo latim clássico como “posse”, imbui na palavra a ideia de um dono, e

---

34. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/poder/>. Acesso em: 3 dez. 2021.



quem é dono submete, manda, tem autoridade, que pode emanar de um indivíduo ou instituição, capaz de regular, persuadir, controlar. Por ser um termo polissêmico, há várias interpretações do termo.

Para Foucault (2019), poder está inserido nas práticas sociais, é exercido pelos indivíduos e pelas instituições, por intermédio das forças econômicas, sociais ou políticas para assujeitar os indivíduos.

Bourdieu (1989) destaca que o poder é exercido de forma simbólica, pelos discursos hegemônicos que vão se estabelecendo, produzindo consciência coletiva a favor de quem opera para manter o poder. Para um pensamento marxista, seria interesse da classe dominante continuar o domínio.

Fairclough (1989) compreende que as relações de poder acontecem nas práticas sociais, por meio dos discursos que se naturalizam. Essa dominação acontece em discursos hegemônicos, mas esta pode ser rompida, pois são instáveis.

Brown e Levinson (1987) enfatizam que o poder é uma dimensão social assimétrica, cuja origem está no capital econômico, simbólico, envolvido nas interações que vão influenciar as escolhas estratégicas para polidez positiva ou negativa dos interactantes. “Distância social e relações de poder constituem elementos importantes para emprego de estratégias de polidez” (CULPEPER, 2011).

Nessa dimensão, mencionamos as classes dominantes que, geralmente, avaliam e representam, de forma desfavorável, os comportamentos linguísticos e não linguísticos das classes dominadas, como estratégia de manutenção da relação desigual de poder (CUNHA; OLIVEIRA, 2020).

Assim, entendemos que nas interações, estabelecem-se estratégias de linguagem, as quais podem contribuir para reiterar o poder ou tensionar mudanças. Exemplos dessas estratégias são as *fake news*, pois o enunciador que as disseminam busca, através do uso simbólico da linguagem, criar uma face positiva de si, para tanto, manipulando dados.

## 5 Uma análise da face positiva no discurso de Jair Bolsonaro: fake news e poder

O trecho do discurso do presidente brasileiro na Organização das Nações Unidas, no ano de 2021, o qual se refere explicitamente à pandemia de COVID 19 e que servirá para nossa análise é:

A pandemia pegou a todos de surpresa em 2020. Lamentamos todas as mortes ocorridas no Brasil e no mundo.

Sempre defendi combater o vírus e o desemprego de forma simultânea e com a mesma responsabilidade. As medidas de isolamento e lockdown deixaram um legado de inflação, em especial, nos gêneros alimentícios no mundo todo.

No Brasil, para atender aqueles mais humildes, obrigados a ficar em casa por decisão de governadores e prefeitos e que perderam sua renda, concedemos um auxílio emergencial de US\$ 800 para 68 milhões de pessoas em 2020.

Lembro que terminamos 2020, ano da pandemia, com mais empregos formais do que em dezembro de 2019, graças às ações do nosso governo com programas de manutenção de emprego e renda que nos custaram cerca de US\$ 40 bilhões.

Somente nos primeiros 7 meses desse ano, criamos aproximadamente 1 milhão e 800 mil novos empregos. Lembro ainda que o nosso crescimento para 2021 está estimado em 5%.

Até o momento, o Governo Federal distribuiu mais de 260 milhões de doses de vacinas e mais de 140 milhões de brasileiros já receberam, pelo menos, a primeira dose, o que representa quase 90% da população adulta. 80% da população indígena também já foi totalmente vacinada. Até novembro, todos que escolheram ser vacinados no Brasil, serão atendidos.

Apoiamos a vacinação, contudo o nosso governo tem se posicionado contrário ao passaporte sanitário ou a qualquer obrigação relacionada a vacina.

Desde o início da pandemia, apoiamos a autonomia do médico

na busca do tratamento precoce, seguindo recomendação do nosso Conselho Federal de Medicina.

Eu mesmo fui um desses que fez tratamento inicial. Respeitamos a relação médico-paciente na decisão da medicação a ser utilizada e no seu uso off-label.

Não entendemos porque muitos países, juntamente com grande parte da mídia, se colocaram contra o tratamento inicial.

A história e a ciência saberão responsabilizar a todos (G1.COM, 2021).

Como já explicitado, o presidente Jair Bolsonaro se vale de um conjunto de atos de fala polidos para sua própria face (FFAs) baseado em *fake news*. Para tanto, recorre a um conjunto de recursos linguísticos, dentre os quais o uso polido da primeira pessoa do plural, numa tentativa de: 1º) convencer os interlocutores de que todos os brasileiros pensam e agem de acordo com o proposto, estabelecendo uma falsa ideia de solidariedade; 2º) criar uma imagem positiva de seu governo perante a comunidade internacional.

O trecho *Lamentamos todas as mortes ocorridas no Brasil e no mundo*, no qual o verbo está conjugado na primeira pessoa do plural tenta criar uma imagem solidária do enunciador, como uma estratégia de polidez (BROWN; LEVINSON, 1987).

Como o presidente se encontra num órgão internacional, representativo do poder, tenta ser o mais polido possível para que os países da qual essa organização fazem parte possam dar-lhe credibilidade. Assim percebemos que em tal situação “Há uma tendência de as pessoas quererem apresentar o melhor de si quando estão em uma posição de destaque.” (FREITAG; SANTOS, 2016, p. 141)

Constituí, porém, uma notícia falsa se confrontarmos tal declaração com outras feitas pelo próprio presidente. Dizer “lamentamos”, incluindo-se na ação, choca-se frontalmente com a frase “Não sou co-

veiro, tá?” (G1, 2020), dita por ele quando perguntado por um repórter sobre as 300 mortes diárias em 20 de abril de 2020.

O desprezo pelas vidas perdidas se repete ainda na mesma ocasião em outro trecho de fala: “Aproximadamente 70% da população vai ser infectada. Não adianta querer correr disso. É uma verdade. Estão com medo da verdade?”, afirmou.” (GOMES, 2020). O desprezo pelo sofrimento das vítimas e seus parentes coloca-se, inclusive na mudança de pessoa, primeira e terceira, respectivamente, o que mostra a distância eu/vocês.

Outro excerto que se coloca como estratégia de polidez baseada em fake news é *Apoiamos a vacinação*. A afirmação projeta uma face positiva do governo federal a partir de uma valoração contextual da campanha de vacinação pela comunidade internacional representada na assembleia da ONU. Tal face é entendida por Brown; Levinson (1987) como o desejo de ser reconhecido, de ser valorizado.

Ocorre que essa tentativa de reconhecimento internacional se baseia numa inverdade. Contrapomos, por exemplo, a notícia:

O presidente Jair Bolsonaro voltou a desencorajar, nesta quinta-feira (7/10), a imunização contra a covid-19. Durante a cerimônia de modernização de normas de segurança e saúde no trabalho ocorrida no Palácio do Planalto, o chefe do Executivo alegou menor mortalidade entre o público de 20 anos e questionou: “Por que vacina?” (SOARES, 2021, grifos do original).

Bolsonaro questiona a importância da vacina contra a COVID 19 em 07 de outubro de 2021, ou seja, fala posterior ao discurso na ONU, ocorrido em 21 de setembro do mesmo ano. Assim, verificamos que o enunciador moldou esse último texto à situação interativa, preservando sua face de forma mentirosa.

Segundo Brown e Levinson (1987), nas estratégias de polidez, apesar de não excluir os textos não verbais, possuem como maior foco os

textos verbais, ou seja, estratégias linguísticas em que o discurso encontra maior materialidade na sua articulação. Nesse caso, no tocante ao Princípio Colaborativo, que é requerido na interação entre os interlocutores, a polidez deve ser comunicada, pois quando não o é, torna-se uma ação caracterizada como impolida, podendo comprometer a interação entre as faces pressupostas pelo texto verbal. Nesse sentido, esses autores apresentam o evento interacional de modo estratificado em macroestruturas, as quais são pensadas e sequências em estratégias capazes de organizarem aquilo que consiste nas intenções dos interlocutores na interação.

O recorte do discurso do presidente do Brasil, Jair Bolsonaro – 2021, o qual foi preparado para abrir a 76ª sessão da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) – 2021 apresenta como interlocutor, mesmo indiretamente, o povo brasileiro. Desse modo, para atingir os objetivos empreendidos na fala do discurso, o locutor/enunciador deve ressaltar a presença/existência de um destinatário suscetível à aprovação ou à renúncia do conteúdo veiculado no texto, ou seja, podendo atribuir uma consideração positiva ou negativa à face do emissor.

Dentre as quatro macroestruturas apresentadas por Brow e Levinson (1987), as quais são: *bald-on-record*; polidez positiva; polidez negativa e *off-record*, é importante ressaltar que a noção de “face” se vincula a todas essas. Para esses autores, (1986, p. 56), “O desejo de ser (agir) desimpedido e o de ser aprovado em certos aspectos [move] a face na interação”.

Dessa forma, no excerto em análise, o emissor utiliza em sua fala elementos, mesmo aqueles que são considerados com *fake news*, para conseguir esse objetivo perante seus interlocutores. Para isso, são elencados recursos linguísticos e discursivos com o intuito de apresentar maior credibilidade. No tocante a isso, seguem-se alguns empregos desses recursos.

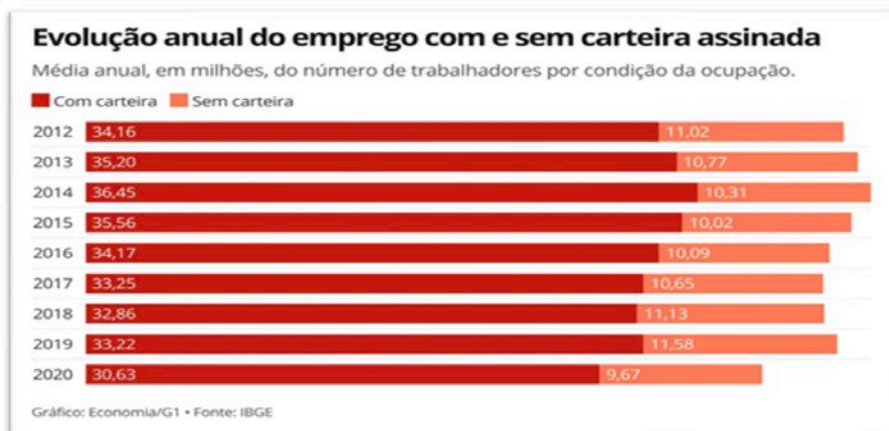
Para demarcar um compromisso perante seus interlocutores, que se configura como ato positivo, e em consonância com as aspirações desses, o emissor promete realizar ações que poderão beneficiar a todos, isso como forma de agregação de valores e, com isso, preservar a sua face positiva. Como exemplo disso, têm-se no discurso do presidente Bolsonaro as seguintes promessas: I) “Lembro ainda que o nosso crescimento para 2021 está estimado em 5%.”; II) “Até novembro (2021), todos que escolheram ser vacinados no Brasil, serão atendidos” (G1.com, 2021).

Nessa abordagem, a estratégia que consiste em “promessas”, para Brown e Levinson (1987), são realizações de interação linguística muito semelhante às interações “naturais”, em que a única distinção consiste no emprego do exagero, de modo a mais eficientemente, convencer o interlocutor a aceitação e aprovação da face positiva. Nesse caso, é visado um mesmo campo comum, ou seja, mesmos objetivos entre os interlocutores, e, para isso, o atendimento para os interesses e necessidades dos destinatários são estratégias que, de forma eficiente, promovem uma polidez positiva ao manter a face do emissor.

Nessa mesma perspectiva, para criar e manter a polidez positiva, o emissor deste discurso, Jair Bolsonaro, usa elementos que buscam promover tanto a concordância com o seu interlocutor, mediante discussão de temas com embasamentos concretos, a exemplo dos dados estatísticos que melhor ilustram os argumentos. Além disso, evita-se discordâncias, para assim, mobilizar “disfarces” no intuito de obliterar os fatos. Sobre isso, pode-se destacar a apresentação de inveracidade, sobre dados relativos à economia brasileira. Segue-se o exemplo (G1.COM, 2021): “Lembro que terminamos 2020, ano da pandemia, com mais empregos formais do que em dezembro de 2019, graças às ações do nosso governo com programas de manutenção de emprego e renda que nos custaram cerca de US\$ 40 bilhões.”

A apresentação desses dados, sendo falsos, põe em dúvida a credibilidade do gestor público, assim como a sua forma de governar. Contradizendo sua fala, temos os dados abaixo:

Ilustração 1: Emprego com carteira assinada



Fonte: Domínio Público (ECONOMIA/G1)

A notícia falsa apresentada no discurso do presidente é articulada com aquilo que se imagina ser interesse público. Constrói-se assim uma relação cooperativa e otimista entre os interlocutores. Nessa linha de raciocínio, preservação da face positiva, o enunciador apresenta “presentes”, mesmo não sendo algo concreto, com o intuito de satisfazer essa face.

Como ilustração, tem-se: “Apoiamos a vacinação, contudo o nosso governo tem se posicionado contrário ao passaporte sanitário ou a qualquer obrigação relacionada a vacina.” (g1.com, 2021); Nesse caso, no posicionamento do emissor é empreendido uma tentativa de promoção de uma democracia, quando os cidadãos podem escolher como proceder diante da vacinação contra a COVID-19, ou seja, se querem ou não serem imunizados. Com isso, o presidente oferece e garante

esse direito aos cidadãos, um “presente”, mesmo contradizendo o seu real posicionamento, o que já foi apresentado nesta análise.

Tanto a garantia de cobertura vacinal como a melhora nos índices de emprego no país apresentados pelo presidente se mostram antagônicos à realidade. Vemos o uso da linguagem como estratégia de poder por meio de notícias falsas, no caso, manipulando-se recursos textuais, o que recria o discurso e a prática social a partir da fala do enunciador.

### Considerações finais

A análise das *fake news* como recurso de polidez aqui realizada nos indica que este fenômeno não pode ser tratado unicamente por princípios universais tampouco apenas como elemento que serve para a harmonia comunicativa entre os falantes, idealizando assim uma sociedade em que cada um contribui satisfatoriamente para a sua manutenção, já que cada interatuante desempenha o papel esperado por ele.

Ao adotarmos uma concepção de linguagem como ação, portanto, ligada à Pragmática, verificamos que o contexto de uso mostra que o ideário de competência comunicativa como requerido por faces positivas que servem para o bom funcionamento social, muitas vezes, mascara um uso ideológico da linguagem para manter o poder.

A polidez, criada através de artifícios gramaticais tais como o uso de verbos em primeira pessoa do plural, como visto, mostra o caráter político da fala do presidente Jair Bolsonaro, por ocasião da abertura da Assembleia Geral das Nações Unidas, no ano de 2021, na qual percebemos a distorção de dados referentes à economia brasileira e as (não) ações de combate à pandemia de COVID -19. Tais estratégias que visam à face positiva do político e de seu governo perante à comunidade internacional e, especialmente, à brasileira, na verdade, manipulam a linguagem com o intento de convencer os interatuantes e assim manter-se no poder.



Percebemos assim que a polidez está inserida em disputas de significados, os quais estão ligados à constituição social e, em se tratando de um contexto pandêmico, como o vivenciado pelos brasileiros, tal uso linguístico, marcado pela relação entre *fake news* e polidez, impacta diretamente na vida e na morte.

## Referências

AUSTIN, J. **Quando dizer é fazer: palavras e ação**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1990.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

BARROS, D. L. P. de. **As fake news e as anomalias**. In: Revista Verbum. v. 9, n. 2, p.26-41, set. 2020.

BROWN, P.; LEVINSON, S. **Politeness: some universals in language usage**. Cambridge:

Cambridge University Press, 1987.

CARDIOPULMONAR. É fake news que termômetro infravermelho prejudica glândula pineal. Disponível em: <https://www.cardiopulmonar.com.br/noticia/e-fake-news-que-termometro-infravermelho-prejudica-glandula-pineal/> Acesso em 08 nov. 2021.

CNN. Vacinas da Covid-19 não têm relação com HIV e AIDS, entenda. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/vacinas-da-covid-19-nao-tem-relacao-com-hiv-e-aids-entenda/> Acesso em 08 nov. 2021.

CUNHA, G. X.; OLIVEIRA, A. L. A. M. Teorias de im/polidez linguística: revisitando o estado da arte para uma contribuição teórica sobre o tema. **Estudos da Língua(gem)**, v. 18, n. 2, p. 135-162, 2020. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/6409>. Acesso em: 3 nov. 2021.

CULPEPER, J. Impoliteness strategies. In: CAPONE, A.; MEY, J. L. (Org.) **Interdisciplinary studies in pragmatics, culture and society**. New York: Springer, p. 421-445, 2016.

CULPEPER, J. Politeness and impoliteness. In: AIJMER, K.; ANDERSEN, G. (Org.), *Handbooks of Pragmatics : Sociopragmatics*. Berlin: Mouton de Gruyter, p. 391-436, 2011.

CULPEPER, J. **Impoliteness**: using language to cause offense. Cambridge: Cambridge University Press, 2021.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FAIRCLOUGH, N. **Language and power**. London: Longman, 1989.

FILHO, O. F. **O que é falso sobre fake news**. In: Revista USP, São Paulo, n. 116, p. 39-44, janeiro/fevereiro/março 2018.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREITAG, R.; SANTOS, K. **Veredas atemática**, Juiz de Fora, n. 2., p. 136-159, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/28150>. Acesso em: 02 nov. 2021.

COSTA, I. **Linguística III**. Curitiba: IESDE Brasil, 2012.

G1. Veja e leia a íntegra do discurso de Bolsonaro na Assembleia Geral das Nações Unidas. Brasília, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/09/21/veja-a-integra-do-discurso-de-bolsonaro-na-assembleia-geral-da-onu.ghtml>. Acesso em: 02 nov. 2021.

GOMES, P. ‘Não sou cozeiro, tá?’, diz Bolsonaro ao responder sobre mortos por coronavírus. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/20/nao-sou-cozeiro-ta-diz-bolsonaro-ao-responder-sobre-mortos-por-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 02 nov. 2021.

GRICE, H. P. Logic and conversation. In: COLE; MORGAN (eds.) **Syntax and semantics**, v. 3: Speech Acts. New York: Academic Press, p. 41-48, 1975.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **Análise da Conversação**: princípios e métodos. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

LAKOFF, R. **Language and woman's place**. New York: Harper Colophon Books, 1975.

LEECH, G. **Principles of Pragmatics**. London: Longman, 1983.

MUSSALIN, F. **Linguística I**. Curitiba: IESDE Brasil, 2012.

PAULINELLI, Maysa; SANTOS, Gilmar. Interação verbal, marcadores conversacionais e polidez linguística. **Revista Trem das letras**, Alfenas, v. 8, n. 1, p. 1-29, 2021.

TANDOC JR., E. WEI LIM, Z & LING, R. Defining “**Fake News**”. *Digital Journalism*, 6:2, 2018, p. 137-153, DOI: 10.1080/21670811.2017.1360143

TERKOURAFI, M. Politeness and formulaicity: evidence from Cypriot Greek. **Journal of Greek Linguistics**, v. 3.1, p. 179-201, 2002.

SHU, K.; SILVA, A.; WANG, S.; JANG, J.; LIU, H. **Fake news detection on social media**: a data mining perspective. Arxiv, 2017. Acesso em 20 jul 2018.

SILVA, D.; RIBEIRO, V., SILVA, L. **Interdisciplinar**. São Cristóvão, v. 31, p. 287-303, p. 2019.

SOARES, I. Bolsonaro volta a desencorajar imunização contra covid-19: “Por que vacina?”. Brasília, 2021. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/10/4954143-bolsonaro-volta-a-desencorajar-imunizacao-contr-covid-19-por-que-vacina.html>. Acesso em: 03 nov. 2021.

WATTS, R. J. Linguistic politeness research: Quo vadis? In: WATTS, R. J.; SACHIKO, I.; EHLICH, K. (Org.) **Politeness in Language**: studies in its History, Theory and Practice. Berlin: Mouton de Gruyter, p. 11-47, 2005.

## Capítulo 8

---

### O fenômeno da (im)polidez linguística em entrevista postada na internet de pessoas em situações de rua

Letícia Adriana Pires Ferreira dos Santos  
Maria Margarete Fernandes de Sousa

#### Considerações Iniciais

**A**nalisamos, neste estudo, uma entrevista concedida por um representante da população em situação de rua, Robson Mendonça, a Antônio Abujamra, no programa *Provocações*, exibido pela TV Cultura, em janeiro de 2013. Nosso objetivo foi verificar de que maneira o discurso de Robson reflete a problemática da vida nas ruas e quais as estratégias de (im)polidez ele faz uso durante a sua interação centrada com o entrevistador, Abujamra.

É importante salientar que pessoas em situações de rua não costumam, em geral, ter espaço nos meios de comunicação com valores positivos. Robson conquistou seu espaço pelo fato de ter criado um projeto cultural relevante sobre leitura. Dessa forma, ele teve a oportunidade de se expressar para diferentes públicos, “carregando a voz” das pessoas em situação de rua. Em alguns momentos da entrevista, ele “alfineta” algumas instituições, tornando claro a sua tristeza com a forma que essas pessoas que vivem na rua são tratadas.

Escolhemos o gênero entrevista para a realização desse estudo, por acharmos que nesse gênero os momentos de interação social podem

colaborar para a construção da reputação do entrevistado e do entrevistador, mas também por expor aspectos íntimos e privados que, normalmente, se deseja ocultar. Em outros termos, são momentos que os interlocutores acabam interagindo com mais exposição de suas faces e acabam exercendo vários papéis e trabalhando de forma mais explícita no jogo de faces. Fávero et al. (1998) apontam que, em situações de entrevista, os interlocutores representam papéis de entrevistador ou entrevistado, que implicam em um conjunto de direitos e deveres comunicativos relativos ao desempenho de uma identidade social.

Como aporte teórico básico, utilizamos os estudos sobre o fenômeno da polidez, sistematizados e difundidos por Brown e Levinson (1987). Esse fenômeno, assim com a violência, está presente em todos os processos de interações sociais. Sabemos também que pessoas em situações de rua estão mais expostas a atos de violência do que de polidez. Logo, surge a pergunta: como essas pessoas agem diante de atos violentos, polidos e impolidos? Até que ponto elas conseguem usar atos polidos em uma entrevista? Como realizam o jogo de faces e usam as estratégias de polidez?

Procurando responder essas perguntas, utilizamos como aparato teórico básico a Teoria da Polidez de Brown e Levinson (1987). Desde que foi posta em circulação, segundo Kerbrat-Orecchioni (*apud* SEARA, 2014, p.49), “a teoria de Brown e Levinson foi largamente revisitada por Watts, Ede et Erlich (1992), Eelen (2001), Watts (2003), Lakoff e Ide (org.) (2005), Terkourafi (2008) entre outros”. Nosso estudo será mais um, entre tantos, a visitar essa Teoria, buscando responder os questionamentos mencionados, bem como para discutir os atos ameaçadores de face na interação verbal a essas pessoas que vivem em situação de alta vulnerabilidade social.

## I. O discurso dos “invisíveis”

Nas grandes cidades de todo o mundo, um grande contingente de pessoas habita as ruas e constitui uma massa invisível, desprezada pela sociedade. No Brasil, a Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua, realizada em 2008, pelo Instituto de Pesquisa de Opinião Meta, encomendada pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, avaliou 23 capitais brasileiras (excluindo São Paulo, Belo Horizonte e Recife) e 48 municípios com mais de 300 mil habitantes. Nessas localidades, identificou um contingente de 31.922 pessoas em situação de rua, número que deve ser substancialmente aumentado se forem incluídas as pessoas em situação de rua de São Paulo, de Belo Horizonte e de Recife e se forem atualizados esses dados.

O contingente identificado vive em calçadas, praças, rodovias, parques, viadutos, postos de gasolina, praias, barcos, túneis, depósitos e prédios abandonados, becos, lixões ou pernoita em albergues, abrigos, casas de passagem e de apoio e igrejas. É constituído majoritariamente por homens (82%).

A reação da sociedade as pessoas que vivem em situação de rua, em geral, acabam sendo de desprezo, como se fossem insignificantes, invisíveis. Para Valencio et al (2008, p.42), é possível afirmar que essa população vive num desamparo levado ao paroxismo. As lutas pela reconstrução dos sentidos de si no mundo são cotidianas e permanente objeto de angústia: “As pessoas em situação de rua são como pessoas estranhas que não participam do espetáculo social. Elas fazem o papel de “não-pessoa”, o que implica uma relação de desrespeito e discrepância frente aos indivíduos atuantes”.

Tiburi (2011) aponta que as pessoas em situação de rua são a expressão mais perfeita do abandono que subjaz ao sistema capitalista, argumentando que:

São meras fantasmagorias aos olhos de quem não é capaz de suportar sua alteridade. Esmagados pela contradição de morar onde não mora ninguém, não tem o direito de ser alguém. Partilham o deslugar. E, no entanto, praticam o mesmo que os outros dentro de suas casas: dormem, comem, fazem sexo. A condição humana e o que se divide por paredes ou na ausência delas. A democracia torna-se uma questão de nudez e exposição da vida íntima (TIBURI, 2011, p.01).

Essa questão, levantada por Tiburi, de que a condição humana se divide por paredes e na ausência delas, é determinante para o entendimento da problemática das pessoas em situação de rua. Para elas, não há vida íntima, porque a ausência de paredes faz com que todos os seus atos se tornem públicos, como veremos mais adiante em um fragmento da entrevista.

## 2. Interação social e faces

Atualmente, estudiosos do processo de interação social têm pesquisado a linguagem partindo de várias abordagens teóricas. Entre essas abordagens podemos mencionar as que mais interessam a uma pesquisa social crítica que visa a emancipação das pessoas em situação de alta vulnerabilidade social, como por exemplo, os “moradores de rua”. Na perspectiva da Pragmática, temos a linguagem como: forma de vida (WITTGENSTEIN, 1958); como ação social (1962); um modo de ser, estar e agir no mundo, realizado em contextos sociais, culturais, históricos, ideológicos, religiosos, linguísticos etc. diversos. Logo o processo de interagir não é algo simples.

Com esse argumento, trazemos os fundamentos de Goffman (1980, p.77), um dos grandes estudiosos da interação social, que afirmam que todo indivíduo possui uma face definida como “o valor social positivo

que uma pessoa efetivamente reclama para si mesma, através daquilo que os outros presumem ser a linha por ela tomada durante um contato específico”. Assim sendo, a necessidade de manter a face positiva proporcionaria as relações certos comportamentos, como a educação, a gentileza, a cordialidade, dentre outros.

Esses fundamentos de Goffman são os pontos de partida para os estudos de Brown e Levinson, no final da década de 80. Para eles, ampliando os estudos de Goffman, havia uma diferenciação entre face positiva e negativa. A face positiva consistiria na necessidade que o indivíduo tem de ser aceito e aprovado pelos outros, enquanto a face negativa representaria o desejo de se resguardar, de ter liberdade e de preservar sua intimidade e independência.

Para a construção de bons relacionamentos interpessoais é importante que a pessoa ressalte sua face positiva e proteja sua face negativa, ou seja, resguarde a face que não quer expor ou que pode ferir o outro. Diminuindo dessa forma, os conflitos interacionais, as situações de abuso e de domínio das pessoas, principalmente, em situações de vulnerabilidades sociais, como por exemplo, as pessoas em situação de rua.

No caso do nosso estudo, quisemos, assim, trabalhar com entrevistas feitas a um representante dessas supostas “minorias sociais” em que existem relações assimétricas, abusivas, de poder, entre tantas outras. As entrevistas são ocasiões que põem em risco a face negativa, justamente pela desigualdade de poder entre entrevistador e entrevistado e pelo teor das perguntas normalmente feitas nesse tipo de interação.

Analisar esse tipo de produção linguística (entrevista), pode ser uma forma de compreender vários fenômenos da linguagem humana, entre eles a cortesia, entendida como o esforço realizado para preservar a própria face e a do outro, tendo atenção a critérios como distancia, proximidade, grau de amizade, relações de poder. Brown e Levinson (1987) acentuam que a polidez é essencial na vida social e necessária



para a cooperação linguística. Desse princípio, deriva a noção de preservação e ameaça as faces, formuladas por esses teóricos.

De acordo com as estratégias de polidez, há atos protetores, modalizadores e atos ameaçadores, embora muitos possam ser as duas coisas, ao mesmo tempo. Um bom resumo da teoria foi formulado por Marcuschi (1989, p.284), que elencou quatro tipos de atos ameaçadores:

- a) **atos que ameaçam a face positiva do ouvinte:** desaprovação, insultos, acusações;
- b) **atos que ameaçam a face negativa do ouvinte:** pedidos, ordens elogios;
- c) **atos que ameaçam a face positiva do falante:** auto humilhação, autoconfissões;
- d) **atos que ameaçam a face negativa do falante:** agradecimentos, excusas, aceitação de ofertas.

Os estudos de Brown e Levinson (1987) apontam que os participantes das interações tendem a evitar atos de ameaça, por meio de estratégias de negociação. Os atos podem ser abertos (*on-record*), quando a intenção acaba sendo clara, ou fechados (*off-record*), que são atos velados. Ao exercitar a polidez positiva, o falante demonstra respeito e admiração pelo ouvinte, ao passo que com estratégias de polidez negativa, ele respeita o território íntimo do ouvinte.

A polidez exerce um papel importantíssimo, segundo Maingueneau (2002), no mundo contemporâneo para estabelecer um estado de equilíbrio desejável no processo de interação social dos indivíduos. As variações desse fenômeno, tido, por muitos linguistas e estudiosos do assunto, como universal, são fatos consideráveis para analisar a linguagem humana, como também para confirmar ou refutar o caráter “universal” da polidez, um sistema altamente complexo de estratégias que auxiliam no distanciamento de atos ameaçadores de face, que são, em

outros termos, geradores potenciais de conflito na interação (BROWN; LEVINSON, 1987).

Os fundamentos de Brown e Levinson (1987) explicitam os fatores que influenciam a escolha das estratégias da polidez linguística sobre a face que se quer enaltecer, a imagem e os atos de ameaça à face (FTAs), bem como as circunstâncias das variáveis sociológicas que afetam o modelo de polidez linguística. Esses fundamentos, como enunciados por Brown e Levinson, fornecem uma base, embora haja afirmações de que essa base não era nada facilitadora para estudos empíricos. Uma das reivindicações é feita pela “universalidade” em relação ao fato de que os desejos positivos da face e os desejos negativos da face estão presentes em toda cultura, pois é do conhecimento mútuo da face, a pressão social que precisa ser atendida e a presença de princípios que governam a realização de atos indiretos de fala.

Assim, a polidez também parece ser um fator herdado em certas culturas ou grupos e as reivindicações para a “universalidade” estão cheias de problemas de interpretação para aplicação em culturas diferenciadas. Mesmo em uma única comunidade, o termo polido pode ter estratégias diferenciadas e diferentes conotações (TEIXEIRA, 2011).

É bem verdade que o modelo de Brown e Levinson tem o poder mais descritivo e explicativo, no que diz respeito às operações de escolha das formulações diretas e indiretas. Essas operações parecem ter ares menos coercitivos e muito mais polidos. As teorias sobre polidez são importantes aos estudos sobre linguagem, pois evidenciam que, no sistema de uma língua, estão inscritos muitos fatos cuja existência se justifica somente em relação às exigências contextuais e sociais.

A Teoria da Polidez de Brown; Levinson (1987), integrada a Teoria da Face de Goffman (1967), procura entender, portanto, o sucesso e o fracasso de estratégias de preservação das faces e dos territórios dos indivíduos em situações sociais diversas. A Teoria de Goffman, ana-

lisando as produções linguísticas orais em interações face a face sob uma perspectiva social do discurso e dos seus entornos, ressalta que todo ser humano procura manter suas faces em um determinado grau. Consoante esses estudiosos, em toda interação social existe uma ação exercida mutuamente entre duas ou mais pessoas em que, os interagentes seguem linhas de procedimentos morais, positivos e negativos, para enunciarem o seu ponto de vista dos acontecimentos através de gestos ou palavras faladas ou escritas. Como resultado dessa interação, há uma análise dos atentes envolvidos e de si próprio. Suas análises partem do pressuposto de que as pessoas vivem em um mundo de encontros sociais e que, em cada um desses encontros, elas se comportam de uma determinada forma.

De acordo com Goffman (1980, p. 76), o conceito de “face” é “[..] o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reclama para si mesma através daquilo que os outros presumem ser a linha por ela tomada durante um contato específico”. Em outros termos, face é uma imagem do *self* delineada em termos de atributos aprovados socialmente. Por isso, deduzimos que numa interação, uma pessoa tem uma face construída no momento em que a linha de procedimento moral adotada expressa uma representação de si mesmo interiormente sólida.

A face positiva refere-se, portanto, ao ego que o indivíduo possui e, a partir das características que ele tem, compõe uma imagem envidada de si mesmo. Ou seja, ele só evidencia a “face” a qual ele deseja aparentar. Ao defender a tese da face positiva, Goffman diz que ela corresponde a “grosso modo ao narcisismo e ao conjunto de imagens valorizantes que os interlocutores constroem em si e que tentam impor na interação” (KERBRAT-ORECCHIONI, 1992, p.78).

Na interação cotidiana e ordinária, é perfeitamente comum as pessoas cometerem deslizes e exporem suas faces negativas, apesar de sempre almejam escondê-las. Essas pessoas podem se tornar inseguras

ras. envergonhadas e se sentirem inferiorizadas em relação às outras pessoas envolvidas no processo de interação social. Desse medo podem sentir receio de destruir a autoimagem construída anteriormente.

Esse receio que os indivíduos sentem é chamado por Goffman de ameaça às faces. Segundo ele, num processo de interação em que há dois indivíduos, um locutor e o interlocutor, ambos realizam atos verbais e não-verbais e cada um possui duas faces: uma negativa e uma positiva.

A partir do trabalho de Brown e Levinson (1978) que advogam a existência de estratégias universais ( fato bastante questionado atualmente) de interação verbal, uma vez que o uso polido da linguagem, para eles, pode ser verificado em todas as sociedades, muitos outros estudiosos da linguagem buscaram analisar a forma, a distribuição positiva e negativa das estratégias de polidez, bem como o grau de envolvimento, a intimidade e o status dos interlocutores e como tudo isso variava na dinâmica do processo de interação social, modificando e sendo modificado também pelas regras pragmáticas de cada cultura.

Entre esses estudiosos, podemos citar Kasper (1990. p. 200) que diz que as estratégias e os modos de polidez não são dotados de polidez de valor absoluto, apesar de a polidez ser considerada um fenômeno “universal”. Para ele, a polidez é descrita em termos do que é socialmente aceitável e a conveniência é uma pré-condição importante para comportamentos polidos.

Watts *et al.* (1992) mostram menos semelhança aos conceitos de Brown e Levinson com sua distinção entre polidez de primeira ordem e de segunda. Para eles, comportamento polido é equivalente a comportamento social conveniente, aceitável. Isso contrasta com comportamento polido que é um comportamento melhorado para também melhorar a autoimagem.

Efetivamente, em toda interação social, como pode ser o caso estudado, o gênero entrevista, ocorre, quase sempre, uma negociação das

intenções de seus interlocutores, possibilitando, assim a preservação das faces - ou não -, o engajamento e a adesão das partes por aquilo que está sendo negociado. O ato de dar a face consiste, portanto, em se expor através de um conjunto de desejos (necessidades, ações, incluindo as expressões de querer). Os interlocutores, para que haja interação, acabam tendo o interesse mútuo de dar a face. Conseqüentemente, ao interagirem, as faces negativas e positivas dos interlocutores encontram-se expostas, podendo ser preservadas e ameaçadas. Admite-se que a ameaça às faces é também uma forma de conturbar a comunicação. Por esse motivo, é preciso ler estratégias diferenciadas dependendo dos interlocutores e dos contextos para realizar um trabalho com as faces.

Leech (2005), outro importante estudioso da polidez, reformulou o conceito de face e estipulou duas metas ilocucionárias distintas para abranger os aspectos das faces positivas e negativas de Brown e Levinson (1987). De acordo com esse teórico, a face é a imagem positiva do *self* ou autoestima, que a pessoa mantém como reflexo da estima que outras pessoas têm por ela, que, ao interagir, ela pode procurar atingir uma meta de face negativa que visa evitar perder a face (perda de face é desvalorização da estima da pessoa aos olhos dos outros), ou uma meta de face positiva, que pretende realçar a face, através da intensificação, da manutenção da autoestima, como resultado da valorização ou manutenção da estima da pessoa aos olhos dos outros. Esse estudioso definiu as máximas da polidez, acreditando que em uma interação, seja para o seu início, manutenção ou finalização, ser polido constitui-se como propósito importantíssimo de seus participantes para a eficiência do processo interativo. Ele procurou desenvolver seis máximas (máxima do discernimento, da generosidade, da aprovação, da modéstia, da concordância e da simpatia) que atendessem ao princípio de polidez segundo a escala de custo e benefício, cujo propósito prin-

principal era minimizar o custo ao outro, potencializando o seu benefício. Outras escalas são mencionadas pelo teórico com importância equivalente (LEECH, 1983).

A máxima de discernimento, segundo ele, revela-nos que o falante deve diminuir o custo ao outro, maximizando o benefício deste. Com isso, para se ter polidez, as formas imperativas podem ser consideradas como violações verbais dessa máxima. A máxima da generosidade determina que o custo deva ser do falante. Assim, ele minimiza o benefício próprio.

Além do princípio da polidez e da cooperação, Leech (1983) agregou à retórica interpessoal outros princípios que, apesar de estarem separados do princípio de polidez, de algum modo promovem ou têm em si alguma relação com a polidez linguística. Assim como Lakoff, o enfoque de Leech (1983, p. 10) sobre o fenômeno da polidez linguística consiste no que ele chama de pragmática geral, cuja proposta é a criação de um modelo que pretende entender como a linguagem é usada na comunicação. Para o linguista, a pragmática geral é um conjunto de condições gerais do uso comunicativo da linguagem.

Na pragmática geral, o enfoque dado por Leech é a retórica, que segundo ele, pode ser dividida, respectivamente, em retórica textual e interpessoal. O primeiro tipo de retórica consiste nos princípios da processabilidade; clareza; economia e expressividade. Já a retórica interpessoal, ocupa-se dos princípios da cooperação de Grice, da polidez e da ironia.

É válido ressaltarmos, diante de tudo isso, os mecanismos linguísticos e paralinguísticos sob os quais a parcialidade dos enunciados em uma conversa se oculta, de modo a perceber criticamente as informações a que temos acesso, entendendo que a interação face-a-face, como todas as demais, submete-se a critérios de seleção relacionados a interesses de múltiplas ordens.

Kerbrat-Orecchioni (*apud* SEARA 2014, p. 49), por seu turno, evidencia que a teoria de Brown e Levinson “repousa sobre a ideia de que todos os sujeitos falantes são dotados de um *face-want* (desejo de proteger seu ‘território’ e sua ‘face’, respectivamente rebatizados por Brown e Levinson de “face negativa” e “face positiva”)”. Acrescenta ainda que, apesar disso, em uma comunicação social, esse desejo é constantemente contrariado pelo fato de que “a maioria dos atos de linguagem que são produzidos no cotidiano são potencialmente ‘ameaçadores’ para uma das faces (são *Face Threatening Acts* ou FTA), o que cria um sério risco para o bom desenvolvimento da interação”.

Enfim, segundo esses pesquisadores, a polidez linguística está presente em todos os tipos de discursos, e, de acordo com gênero, uma ou mais estratégias podem ser encontradas com finalidades distintas, podendo resultar em um discurso mais ou menos criativo, sempre buscando preservar as faces envolvidas.

### 3. Metodologia

Inicialmente coletamos várias entrevistas na internet sobre pessoas em situações de rua. Dessas coletadas, selecionamos trechos de uma entrevista televisiva do programa *Provocações*, da TV Cultura para analisar o fenômeno da polidez com a verificação das estratégias linguísticas na fala de pessoas em situação de rua, apresentado por Antônio Abujamra, que abre espaço para intelectuais e personalidades de diversas áreas, além de pessoas comuns e representantes de movimentos sociais. O programa, em formato de *talk show*, foi exibido em janeiro de 2013 e pode ser assistido no Youtube canal da TV Cultura (<https://www.youtube.com/watch?v=qFpU98pDq4>).

O critério da seleção dessa entrevista se deu, a princípio, em virtude da inusitada ação de uma pessoa em situação *de* rua ter rompido o pro-

tótipo dos “moradores de rua” e ter tido a ideia de formar bibliotecas ambulantes para atender pessoas em situação semelhante. Tal procedimento nos chamou atenção, pois essa ação acabou quebrando o estereótipo dos moradores de rua, conforme mencionamos, geralmente vistos, pelo senso comum, como vagabundos, malandros ou até mesmo pessoas sem qualquer instrução, “trato social” etc. Esse estudo, apesar de se deter a uma única entrevista, selecionada no YouTube, com o propósito de analisar o fenômeno da polidez e o jogo das faces se nos apresentou bastante relevante ao propósito do trabalho, pois evidencia claramente a pessoa em situação de rua como cidadã brasileira com direitos, deveres, sonhos e anseios. Assim, achamos que o estudo seria produtivo.

### Método de abordagem

O método de abordagem que mais se adequou à finalidade da nossa pesquisa, às etapas de investigação e ao momento em que se situa, foi o de caráter hipotético-dedutivo “que se inicia pela percepção de uma lacuna nos conhecimentos acerca da qual formula hipóteses e, pelo processo de inferência dedutiva, testa a predição da ocorrência de fenômenos abrangidos pelas hipóteses” (LAKATOS, 2005, p.106). Adotamos, assim, alguns passos desse método: detecção de um problema e elaboração de hipóteses. A comprovação ou refutação de nossas hipóteses esteve também sujeita à observação dos dados.

### Método de procedimentos

A pesquisa bibliográfica serviu, inicialmente, para se saber em que “estado da arte” se encontrava atualmente o problema, que trabalhos já foram realizados a respeito e quais eram os posicionamentos teóricos sobre o assunto. Além disso, permitiu que se estabelecesse um modelo



teórico inicial de referência, da mesma forma que auxiliou na elaboração do plano geral da pesquisa que foi qualitativa e consistiu na análise dos dados da entrevista selecionada.

## Tipos de procedimentos

A metodologia adotada foi dividida em três momentos interligados: seleção das entrevistas; escolha de uma entrevista que melhor representasse o fenômeno da polidez linguística e suas estratégias no contínuo jogo das faces em interações sociais; e, por último, a análise.

## 4. Contexto de Análise

Em algumas ocasiões, no programa Provoações, foram entrevistados moradores e ex-moradores de rua. Neste trabalho, analisamos o programa de número 600, cujo entrevistado foi Robson Mendonça, presidente do movimento estadual de pessoas em situação de rua de São Paulo. Robson Mendonça ganhou fama ao criar um projeto que espalha pela cidade de São Paulo bicicletotecas, bicicletas equipadas com um armário repleto de livros para empréstimos a todo cidadão, inclusive pessoas em situação de rua.

Antes da análise dos fragmentos da entrevista é importante situar a história de vida do entrevistado. Ao contrário do que costuma propagar o senso comum em relação às pessoas em situações de rua, Robson não foi criado nas ruas, nem ali foi parar por vício ou problemas psiquiátricos. Agropecuarista do Rio Grande do Sul, Robson chegou à cidade de São Paulo em 2001 disposto a abrir um restaurante, com cerca de R\$ 200 mil em sua conta bancária. Sua família era composta por mulher e dois filhos, que ficaram no Sul, esperando que ele se estabelecesse em São Paulo; almejavam uma vida mais agitada e com mais acesso à

cultura. No desembarque na rodoviária, Robson foi surpreendido por assaltantes que, ao consultarem seu saldo bancário, decidiram seqüestrá-lo. Ficou refém dos bandidos, foi obrigado a assinar papéis transferindo valores e ficou sem nenhum dinheiro. Após registrar boletim de ocorrência (o entrevistado narra as dificuldades para isso durante a entrevista), foi encaminhado a um albergue de moradores de rua. Como não aceitava ser tratado como morador de rua nos albergues e sem dinheiro, decidiu dormir nas calçadas, local que seria seu lar pelos anos seguintes. Sem condições financeiras para voltar à sua terra natal, acabou entregue à bebida e ficou sabendo, em uma notícia transmitida na televisão, que sua esposa e seus dois filhos haviam morrido em um acidente automobilístico. Sem forças para se reerguer, prosseguiu vivendo nas ruas, até que foi resgatado pelos livros.

Com desejo de aprimorar suas habilidades de leitura e de escrita, notou que não era bem-vindo nas bibliotecas públicas e também não podia fazer empréstimos de livros, porque não tinha comprovante de residência. Decidiu, então, que precisava fazer algo por ele e pelas outras pessoas que viviam em situação similar. Nascia aí o projeto da Bicicloteca, que o alçou à condição de um dos líderes do movimento. Mais tarde, em 2005, foi eleito presidente do movimento estadual da população em situação de rua. Na época em que a entrevista foi concedida, Robson não morava mais na rua e sim na sede do movimento.

#### 4.1. A Análise

É importante observar que o discurso de Robson é contundente, marcado por dois elementos bastante característicos. Trata-se de um homem do campo, do interior gaúcho, de modos simples, firme e direto. Sua vivência em São Paulo lhe conferiu, ao que inferimos, um estilo ainda mais arrojado, o que leva o entrevistador Abujamra a se referir

a ele duas vezes como um “provocador”, alcunha que, no caso desse programa de entrevistas, tem sentido positivo.

Durante a interação, o entrevistador faz perguntas objetivas e parece acenar com a cabeça, concordando com o que vai sendo dito pelo entrevistado, como uma forma de encorajamento. Pela abertura do programa, em que Abujamra apresenta Robson Mendonça de forma elogiosa, é possível perceber que o discurso do entrevistado será acolhido e que há espaço para a voz das pessoas em situação de rua no programa.

É relevante salientar que moradores de rua, ainda que sejam líderes de movimentos, possuem pouco acesso aos meios de comunicação para expressar suas opiniões, fazer críticas ou comentários. Dessa forma, Robson parece querer aproveitar a entrevista como oportunidade para criticar a classe política.

Desse modo, ao analisarmos as estratégias de ameaça e atenuação das faces positivas negativas dos envolvidos nesse processo comunicativo, percebemos a divisão feita por Brown e Levinson da polidez linguística em dois: o primeiro, direcionado para as faces positivas em jogo na interação, enquanto o outro tipo abrangeu as faces negativas. A face positiva de Robson se nos apresenta quebrando paradigmas e construindo a imagem de um morador de rua preocupado com leitura e com escrita, atividades historicamente e culturalmente ligadas aos sábios, aos nobres, aos favorecidos socialmente. Essa face de leitor, própria de Robson, e bastante positiva socialmente, parte das escolhas de faces, caracterizando-o em certos aspectos como alguém diferente da face construída pelo senso comum para pessoas em situações de rua. Assim, ela foi definida quando o falante quer que seu interlocutor o trate como um membro do grupo, uma pessoa a qual seus desejos e personalidade são tratados como sábios e apreciados. Nesse caso, a ameaça potencial à face é minimizada, pois acredita-se que os interlocutores

querem a mesma coisa. Dessa forma, os atos são menos ameaçadores, dada a noção de grupo e de afeto.

O fragmento 1 mostra o momento em que Robson conta sobre os percalços na sua chegada à cidade de São Paulo. O primeiro ponto importante neste fragmento é que o entrevistado mostra disposição clara em se posicionar, já sinalizando uma postura crítica (“... virei uma bola de pingue-pongue”). Aqui, acontece a primeira ameaça à face positiva do poder público, porque Robson mostra que a polícia não soube dar encaminhamento adequado ao seu caso. Nesse mesmo trecho, também critica os funcionários de albergue, em sua opinião, mal preparados para o trabalho que desempenham. Ainda nesse fragmento, o entrevistado faz uma espécie de confissão, dizendo que, como agropecuarista, era bastante preconceituoso em relação a moradores de rua. Nesse momento, está ameaçando sua face positiva, ao tornar pública uma faceta desagradável de sua personalidade.

#### FRAGMENTO 1

A.A.: Como você foi parar na rua?

R.M.: Ao ficar sem dinheiro e sem documento, procurei a polícia. Virei uma bola de pingue-pongue. Porque um me encaminhava pra uma delegacia, o outro me encaminhava pra outra, outro pra outra, porque não foi no meu distrito que aconteceu isso, tem que ser registrado lá e assim eu passei a ser essa bola de pingue-pongue. Até que um policial me encaminhou ao Ministério Público na Paulista, lá depois do inquérito, eles me encaminharam para o Albergue em Santo Amaro. Como eu, como agropecuarista, achava que morador de rua era um mendigo, um bêbado, um imprestável, um vagabundo, eu não aceitei no momento aquelas condições que eu estava sendo levado, transformado num vagabundo, num bêbado, num imprestável. As pessoas contratadas nos albergues para lidar com a população de rua não são qualificadas, por isso a minha revolta também, abandonei os albergues, vindo a morar nas calçadas de São Paulo.

Nesse fragmento a polidez negativa foi explicitada, principalmente, em direção da face negativa, construída pelo senso comum, que morador de rua é sempre um pedinte, um mendigo, um bêbado, um vagabundo. Robson não aceitou as condições que a ele estavam sendo impostas. Ele estava sendo levado de um canto para outro e transformado, em sua concepção também, em um vagabundo, em um bêbado, em um “imprestável” e em um morador de rua.

O uso do verbo parar pelo interlocutor minimiza o ato de Robson viver na rua; ele não é uma pessoa que nasceu na rua. Pelo contrário, ele foi parar na rua. Nesse trecho também, constatamos a máxima da aprovação que requer do falante uma posição complementar à máxima da generosidade, pois precisa que o falante maximize o enaltecimento do outro, minimizando a condição dele de pessoa em situação de rua.

Em relação ao fragmento 2, um ponto importante a ressaltar é que perguntas que, de modo geral, poderiam parecer indiscretas, com potencial para ameaçar a face negativa do entrevistado, podem ser encaradas de forma diferente no contexto em questão. Isso porque a ausência de paredes acaba tornando públicos os atos que são praticados na rua, ainda que sejam íntimos; dessa forma, o entrevistador pergunta sobre as relações sexuais entre as pessoas em situação de rua sem demonstrar constrangimento ou receio em invadir a face negativa do entrevistado. Esse parece concordar que o ato seja de domínio público e, por isso, não demonstra constrangimento ao responder à pergunta. Ao contrário, além de responder, aproveita a ocasião para acrescentar que as necessidades fisiológicas de pessoas em situação de rua também são feitas nas ruas, por ausência de banheiros públicos. Vejamos:

#### FRAGMENTO 2

A.A.: Como é o sexo entre os sem teto?

R.M.: Olha, o sexo entre os sem teto é feito da melhor maneira possível, já que até suas necessidades fisiológicas são feitas nas

calçadas por não termos banheiro público em São Paulo, também o sexo é feito na calçada.

Ao falar isso, Robson ameaça a face positiva da prefeitura municipal de São Paulo, denunciando o que ele considera um descaso administrativo.

Dando continuidade a entrevista, Abujamra demonstra reconhecer a invisibilidade dos moradores de rua ao questionar Robson se ele sente algum tipo de emoção cívica ao ouvir o hino nacional (Fragmento 3). Ou seja, para o entrevistador, dado que a sociedade não reconhece moradores de rua como cidadãos e que o país faz pouco para ajudá-los, há a hipótese de que eles não consigam sentir orgulho cívico, um sentimento de pertencimento à nação. Mas Robson esclarece que, mesmo nas condições adversas em que vivem, os moradores de rua continuam sentindo-se parte da nação. Ou seja, a educação cívica, inculcada desde os primeiros anos de vida, continua prevalecendo, ainda que haja pouca civilidade na forma como essas pessoas são tratadas. Observemos o fragmento que segue:

#### FRAGMENTO 3

A.A.: Os moradores de rua, eles sentem alguma emoção cívica ao ouvir o hino nacional?

R. M.: Eles se arrepiam e choram, como eu também.

O entrevistado aqui faz uma confissão íntima e não fala apenas por si, mas estende suas emoções aos demais moradores de rua. Isso poderia constituir uma ameaça à face negativa de outros moradores de rua, que poderiam discordar dessa opinião ou, ainda, preferir resguardar suas emoções, como o ato de chorar, sem expô-las.

No trecho a seguir, Fragmento 4, Robson conta como surgiu a ideia de criar a bicicleteca. O primeiro ponto que merece destaque é a informação de que ele, morador de rua, redigiu um ofício a um órgão

público, mesmo sendo praticamente analfabeto (como afirma em outro trecho da entrevista) e o ofício não foi adequadamente recebido pelo órgão. Segundo ele, a pessoa afirmou que ele primeiro precisava aprender a escrever para depois mandar ofício, em um gesto de impolidez que teve como intuito ameaçar sua face negativa, ressaltando as poucas habilidades de escrita.

Robson, então, usa de uma estratégia de suavização ao dizer que é um “camarada um pouco agitado” em lugar de dizer que é briguento. Faz isso procurando resguardar sua face positiva para o interlocutor e para o público que assistirá à entrevista. E então revela o que respondeu: que a pessoa precisava primeiro aprender a dar um coice pra não fazer como fez e ensiná-lo a redigir o ofício. Nesse momento, Robson deixa a polidez de lado e faz uso da expressão “coice” de forma rude, querendo sinalizar que o tratamento dado pela pessoa foi similar a um coice de cavalo, com isso, pretende ameaçar a face do funcionário público, que deveria zelar pela educação e polidez.

Quando narra o que acontecia sempre que ia às bibliotecas públicas, também fica pressuposta uma impolidez, não linguística, mas comportamental dos frequentadores do lugar. Isso pode ser visto na frase: “Ao sentar nas mesas, o pessoal se levantava porque não queria estar sentado perto de um morador de rua”. Esse tipo de ato representaria uma ameaça à face positiva do morador de rua, que queria se integrar à sociedade frequentando a biblioteca, mas não era aceito pelos demais.

#### FRAGMENTO 4

A.A.: (em relação à bicicletoteca) De onde você tirou essa ideia, Robson?

R.M.: Quando eu estava na rua, eu precisei escrever um ofício pra Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social. Ao encaminhar o ofício, eu recebi uma notinha de alguém lá de dentro da Secretaria dizendo que primeiro eu tinha que aprender a escrever

pra depois mandar ofício. Eu como sou um camarada um pouco agitado eu mandei dizer que primeiro ela tinha que aprender a dar um coice pra não fazer da maneira que ela fez e ensinar como tinha que ser feito o ofício. Aí comecei a procurar as bibliotecas pra ler. Ao sentar nas mesas, o pessoal se levantava porque não queria estar sentado perto de um morador de rua. Eu tentava retirar um livro, não podia, porque não tinha comprovante de residência. Foi aí que surgiu a ideia de criar uma biblioteca itinerante que levasse os livros às pessoas sem burocracia, sem muito “lelé” pra pessoa poder ter acesso à cultura.

No Fragmento 5, o entrevistador enaltece a face positiva do entrevistado, dando a entender que, por sua atuação, ele poderia pensar em se candidatar ao cargo de vereador. O entrevistado não encara a ideia de ser vereador como um elogio e, por isso, protege sua face, ao dizer “no dia que eu estiver louco”, sugerindo que, em sã consciência, não apreciaria a ideia de ser vereador. Para complementar, aproveita a oportunidade para atingir a face positiva dos vereadores, associando-os à corrupção e a esquemas ilícitos por meio da frase “...vereador ou entra pra panela ou é queimado fora dela”. Nesse momento, deixa claro que não acredita na possibilidade de vereadores honestos, que não façam parte do jogo político de corrupção, em sua pior acepção.

#### FRAGMENTO 5

A.A.: Robson, você já pensou em se candidatar a vereador ou a qualquer outra coisa?

R.M.: Eu sempre digo, quando perguntam “não quer ser vereador?”, eu digo: “não tô rasgando dinheiro”. No dia que eu estiver rasgando dinheiro, estiver louco, eu vou me candidatar. Porque vereador ou entra pra panela ou é queimado fora dela.



Em duas situações, o entrevistado expõe de forma direta que o poder público atrapalha as pessoas em situação de rua. No fragmento 6, Robson enfático e sintético, e não chega a explicar sua resposta. Já no fragmento 7, Robson esclarece que o poder público, em seu ponto de vista, além de não ajudar, ainda impõe obstáculos: “...botar obstáculo quando eu tive que entrar com duas liminares para realizar o evento...”. Nesse momento, o entrevistado ameaça mais uma vez a face positiva do poder público, ressaltando sua ineficiência e a falta de vontade de solucionar ou colaborar, para a solução dos problemas da população em situação de rua.

#### FRAGMENTO 6

A.A.: Quem são os maiores inimigos dos sem teto?

R.M.: O poder público constituído.

#### FRAGMENTO 7

A.A.: Você tem apoio do poder público?

R.M.: O único apoio que o poder público me dá é encaminhar moradores de rua para que eu possa tirar fotografia e encaminhá-los para curso profissionalizante. É só esse apoio que dá. Ou botar obstáculo quando eu tive que entrar com duas liminares para realizar o evento que eu precisava fazer para atender 5 mil moradores de rua.

O fragmento 8 mostra a disposição de Robson em criticar o sistema, ameaçando a face positiva de diversas instituições. Ao falar sobre impunidade, ele ameaça a face positiva do Poder Judiciário, valendo-se, inclusive de uma metáfora: “Eu acho que não foi criado um símbolo melhor do que uma estátua com uma venda nos olhos pra dizer que a justiça é cega. Ela só destapa um lado do olho quando o cara é rico”. Na pergunta seguinte, ele faz referência à corrupção, citando os “colarinhos brancos” e ressaltando que não se investe em cultura no país, porque “eles” sabem que o povo quando tem cultura não vota em ladrão.

## FRAGMENTO 8

A. A.: Pra você responder como um antigo agropecuarista: como está o seu país?

R.M.: Eu diria que, o seguinte, o país, ele está passando por uma fase difícil. Difícil porque a impunidade está prevalecendo em todos os meios. Eu acho que não foi criado um símbolo melhor do uma estátua com uma venda nos olhos pra dizer que a justiça é cega. Ela só destapa um lado do olho quando o cara é rico.

A.A.: Agora pra responder como ex-morador de rua: para onde vai o seu país?

R.M.: Olha, eu diria que ele pode até que ir pra uma grande melhora, mas desde o momento em que os colarinhos brancos permitam de deixar de tá roubando dinheiro e mandar pra outras ilhas e invistam na cultura desse país. Eu acho que aí tá o grande medo, por que que o nosso país não tem uma grande acessibilidade à cultura? Porque eles sabem que o povo quando tem cultura não vai eleger ladrão.

No fragmento 9, Abujamra faz uma pergunta de cunho íntimo, principalmente considerando-se o perfil do entrevistado, um homem do campo, acostumado a uma vida dura. Ao admitir que chora quase que diariamente, Robson está deixando aberta uma porta para sua vida íntima, aceitando o ato ameaçador de face. Em sua justificativa, ele mostra que seu choro não tem relação com sua vida pessoal, especificamente, ou com sua tragédia privada, mas com a situação das pessoas que representa. Mais uma vez, o entrevistado ameaça a face positiva de instituições, nesse caso a Guarda Civil Metropolitana, por jogar água em moradores de rua e levar seus documentos e pertences sem consentimento, algo que ele classifica como “um grande massacre da dignidade humana”. Denuncia, também, os homicídios que vitimam essa população, dessa vez sem nomear responsáveis.

#### FRAGMENTO 9

A. A.: Você chora?

R. M.: Quase que diariamente.

A.A.: Por quê?

R. M.: Ao ver irmãos meus serem assassinados na rua, ao ver a Guarda Civil Metropolitana meter água nus meus irmãos que tão dormindo embaixo do viaduto, sem encaminhar ele pra algum lugar. Sem ver as necessidades que eles tão precisando, simplesmente fazendo assalto a mão armada ao tirar os documentos, as coisas que ele tem e não dar nenhum encaminhamento para eles. Isso é que eu acho um grande massacre da dignidade humana, desvalorizar o ser humano.

No fragmento 10, uma interessante inversão de papéis na interação. Antônio Abujamra abre espaço para que Robson Mendonça expresse qual a pergunta que gostaria que o entrevistador tivesse feito. Na resposta, uma ameaça direta à face dos políticos de São Paulo e aos integrantes do Ministério Público que não fiscalizam adequadamente o cumprimento da lei, segundo o entrevistado.

#### FRAGMENTO 10

A.A.: Agora qual pergunta você gostaria que eu tivesse feito, mas eu não fiz?

R.M.: É “O que falta pra se resolver o problema do morador de rua?”

A.A.: Responda.

R.M.: A única coisa que falta é o cumprimento da Lei n.12.316/97. É uma lei municipal que há treze anos tem em São Paulo e nunca foi implementada. Então o que precisa é os políticos tomarem vergonha na cara e fazer cumprir a lei. Principalmente, o Ministério Público, que tem o poder de fiscalizar o cumprimento da lei, e não o faz.

O último fragmento que compõe nossa análise (Fragmento 11) é interessante, porque demonstra, pela primeira vez, um desconforto visível do entrevistado com a pergunta. Uma pergunta que poderia ser considerada simples e não invasiva em situações normais ganha aqui ares de invasão à privacidade. Responder “o que é a vida?” talvez não seja tarefa das mais fáceis para alguém que viu sua vida ser radicalmente transformada de forma repentina.

#### FRAGMENTO 11

A.A.: O que é a vida?

R.M.: (pausa) Eu digo pra mim o seguinte: a vida é um buraco. A gente sai do buraco, vive no buraco, trabalha pro buraco, morre e vai pro buraco. Essa é uma maneira de eu ver a vida. E a outra maneira de eu ver é o seguinte: eu não ser eu, eu ser aquilo que eu gostaria que os outros fossem.

A.A.: Robson, o que é a vida?

R.M.: (pausa mais longa, desconforto) É bela.

O entrevistador faz a pergunta, o entrevistado demonstra um pequeno desconforto. visível pela existência de uma pausa antes da resposta. Inferimos que a resposta parece não satisfazer o entrevistador que sorri e repete a pergunta, em tom de inquisição, como se dissesse: “certo, agora me diga de verdade o que é a vida para você?”. Nesse instante, o entrevistador ameaça a face negativa do entrevistado por invadir seu território e ameaça também a face positiva, ao demonstrar desaprovação com a resposta anterior. Robson faz uma pausa ainda mais longa, de desconforto, e responde novamente. Então, o entrevistador dá a interação por encerrada e abraça o entrevistado.

## 5. Considerações finais

A polidez no comportamento humano, como forma de interação social, tanto pode ser usada como forma de suavizar, de minimizar atos de poder como também de convencer e de persuadir alguém. É um fenômeno tido como universal com estratégias socioculturais que nos conduziu ao estudo proposto, que teve por propósito analisar estratégias de polidez - preservação e ameaça a faces - no discurso de pessoas em situação de rua, durante uma entrevista postada na internet.

Entrevistas são momentos de interação social, particularmente, interessantes no que diz respeito a questões relacionadas à polidez e à impolidez. Com efeito, trata-se de um processo de interação que tem momentos de confrontos e que podem colaborar para a construção da reputação ou não do entrevistado e do entrevistador. As entrevistas, por seu turno, estão sujeitas a regras bem precisas que é importante respeitar, principalmente, as entrevistas midiáticas que se passam sob a audiência de muitos telespectadores. A questão de saber se o entrevistado e o entrevistador se comportam de forma polida ou impolida nem sempre se apresenta evidente para os interlocutores. Neste estudo, focamos apenas na produção dos enunciados linguísticos.

Na análise aqui apresentada, foi possível demonstrar que, embora sejam vistos pelas pessoas como alheias ao espetáculo social, “moradores de rua” têm percepções claras sobre sociedade, economia e política e fazem uso consciente de estratégias de preservação e ameaça a faces, de forma a transmitir suas mensagens, quando têm oportunidade para tal e, assim, fazendo da sua dor um argumento de autoridade.

A polidez, neste estudo, é vista como estratégia utilizada por Robson, “morador de rua”, e por Antônio Abujamra, apresentador do programa Provocações, da Tv Cultura para atingir metas e manter o

caráter harmonioso da entrevista. A entrevista, talvez por ser em um programa da televisão, esteve sujeita a regras precisas em que os interlocutores permaneceram polidos até o final.

O protótipo de pessoa em situação de rua, “sem teto”, sem perspectiva e sem polidez é desconstruído nessa entrevista e nela se evidencia uma pessoa em situação de rua consciente de seus direitos e deveres, com sonhos e ideais, como todo cidadão, jogando com as faces e utilizando as estratégias de (im)polidez de forma consciente e adequada ao contexto social brasileiro.

Nessa entrevista também, constatamos atos protetores, modalizadores, e atos ameaçadores, e, em algumas situações, os dois atos ao mesmo tempo. Com o uso dessas estratégias, entrevistador e entrevistado acabam estabelecendo e mantendo o vínculo interacional durante a entrevista, demonstrado pela polidez, pelo tom da voz, da descontração, da manifestação da simpatia, do afeto e da preocupação em minimizar os poucos atos ameaçadores de faces, como, por exemplo, quando foi perguntado sobre sexo para o entrevistado (dependendo do tom, podendo até ter burlado a polidez linguística).

A partir desses resultados, podemos ratificar que o envolvimento, a intimidade, a empatia, o afeto, bem como também o distanciamento social e a relação de poder entre os interlocutores de uma interação centrada, na rua ou fora da rua, são fatores que interferem direta ou indiretamente na escolha das estratégias e das regras de polidez linguísticas.

Constatamos também que o entrevistado, pessoa em situação de rua, faz uso consciente das estratégias de polidez, utilizando mais as de modo *on-record* e *off-record* do que as de modo *bald-on-record*.

Concluimos, portanto, como apontam os estudos de Brown e Levinson (1987), que os participantes dessa entrevista tenderam a evitar atos de ameaça, por meio de estratégias de negociação. Os atos, conforme citamos, foram apertos (*on-record*), quando a intenção era

clara, ou fechados (*off-record*), que são atos mais velados e implícitos. Ao exercitar a polidez positiva, os interlocutores dessa entrevista analisada demonstraram admiração pelo ouvinte, respeitando o território íntimo deles.

Assim ratificamos, nessas considerações finais, o que diz Maingueneau (2002) sobre a polidez exercer um papel importantíssimo no mundo contemporâneo para estabelecer um estado de equilíbrio desejável no processo de interação social dos indivíduos. As variações desse fenômeno, tido como universal, são fatos consideráveis para analisar a linguagem humana, como também para confirmar ou refutar o caráter “universal” da polidez, um sistema altamente complexo de estratégias que auxiliam no distanciamento de atos ameaçadores de face, que são, em outros termos, geradores potenciais de conflito na interação. Essa análise é apenas um sinalizador para futuros estudos com pessoas excluídas socialmente, que podem ser ampliados e aprofundados, contando com objetos de análise mais extensos e com observações de outros tipos de interação.

## Referências

BRASIL. 2008. **Pesquisa Nacional sobre a população em situação de rua**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome.

BROWN, P.; LEMNSON, S. C. **Politeness**: some universals in language usage. Carmbrige: University Press, 1987.

FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O; AQUINO, Z. G. O. **Discurso e interação**: a polidez nas entrevistas. 1998. In.: Colóquio Internacional A Investigação do Português na África, América, Ásia e Europa: balanço crítico e discussão do ponto actual das investigações. Berlim. 23 a 27 de março de 1998. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/maluvo07.pdf>. Acesso em: 09/09/2014.

HOBB, P. **The medium is the message**: politeness strategies in men's and women's voice mail messages. *Journal of Pragmatics*, v.35, p.1679-1710, 2003. Disponível em: [www.elsevier.com/locate/pragma](http://www.elsevier.com/locate/pragma). Acesso em: 15 mar. 2018.

GOFFMAN, E. 1980. A elaboração da face: uma análise dos elementos rituais na interação social. In: LIGUEIRA, S. A. (org.). **Psicanálise e ciências sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980, p. 76-114.

GOFFMAN, E. **Interaction ritual**. New York: Harp e Ruw, 1967.

GOFFMAN, E. **Interaction ritual**: essays on face-to-face behavior. Garden City: Anchor, Doubleday, 1967.

KASPER, G. Linguistic Politeness. **Journal of Pragmatics**, [SI], v. 14. p. 193-218, 1990.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **Les interactions verbales**. Approche interactionnelle et structure des conversations. *Tome I*. Paris Armand-Colin. 1990.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **Les interactions verbales**. Paris: Armand-Colin, 1992. v.1.

LEECH, G. **Principles of pragmatics**. New York: Longman, 1983.

LEECH, G. **Politeness**: is there an east-west divide? *Journal of foreign languages*, [S.l], v. 160, n.60, nov. 2005.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. 2. ed. Tradução Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2002.

MARCUSCHI, L. A. 1989. Marcadores conversacionais no português brasileiro: formas, posições e funções. In CASTILHO, A. T. (org.). **Português falado culto no Brasil**. Campinas: UNICAMP. p. 281-322.

MENDONÇA, R. 2013. **Programa Provoações**. São Paulo, TV Cultura, 22 jan. 2011 Entrevista a Antonio Abujamra.

SEARA, Isabel Roboredo. **Cortesia**: olhares e (re)invenções. Lisboa: Chiado, 2014.



TEIXEIRA, Leticia Adriana Pires. **A polidez na conversa de pessoas esquizofrênicas: cognição, figuratividade, estratégias e faces.** Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009. 2 v. 2011. 272f.

TIBURI, M. 2011. Ninguém mora onde não mora ninguém. **Revista Cult.** Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2011/03/ninguem-mora-onde-naomora-ninguem/>. Acesso em: 07/09/2014.

TURNER, J. H. **Face-to-face: A Sociological Theory of Interpersonal Behavior.** Stanford, CA: Stanford University Press, 2002

VALENCIO et al. 2008. Desterritorialização e Desfiliação Social: uma reflexão sociológica sobre ações públicas junto à população em situação de rua. In: Seminário Nacional População em Situação de Rua. n.1. São Carlos, 2008. **Anais...** Universidade Federal de São Carlos: UFSCar. São Carlos - SP, Vol. 1. p 41-50. Disponível em: [https://www.academia.edu/5769248/Desterritorializacao\\_e\\_Desfiliao\\_Social\\_uma\\_reflexao\\_sociologica\\_sobre\\_acoes\\_publicas\\_junto\\_a\\_populacao\\_em\\_situacao\\_de\\_rua](https://www.academia.edu/5769248/Desterritorializacao_e_Desfiliao_Social_uma_reflexao_sociologica_sobre_acoes_publicas_junto_a_populacao_em_situacao_de_rua). Acesso em: 09.10/2014.

WATTS, R. J; SACHIKO, I.; KONRAD, E. *Politeness in language: studies in its history, theory and practice.* Berlim: Mouton de Gruyter, 1992/1989.

## Capítulo 9

---

### O MST visto pelo jornalismo de esquerda e de direita: considerações sobre a preservação de faces no caso Paulo Guedes

Ana Malba Araújo de Queiroz

Georgyana Patrícia Rodrigues Melo

Jair Soares de Sousa

Luciana Chaves Pinheiro

#### Considerações iniciais

Os filósofos russos Mikhail Bakhtin e Valentin Volochínov defenderam que a palavra é, por excelência, ideológica (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2010, p. 36). Dentre outros aspectos, isso quer dizer que fazemos escolhas lexicais de acordo com os sentidos que pretendemos veicular e, por isso, elas podem nos dar pistas importantes para perceber questões ideológicas no discurso. É importante ressaltar que não se pode decidir se uma palavra é ideológica ou não examinando-a fora de seu contexto discursivo, uma vez que o significado de uma palavra é definido no seu uso (WITTGENSTEIN, 1991).

Destacar a natureza ideológica da palavra nos interessa neste trabalho, especialmente, porque esperamos contribuir para a desmistificação da aparente objetividade do discurso nas notícias jornalísticas. Ao fazer uma análise do discurso jornalístico, pretendemos apontar que ele é carregado de valoração e que produz um juízo crítico ou uma avaliação subjetiva a respeito de algo ou de alguém.

Para isso, analisamos dois portais, Carta Capital e Revista Oeste, que noticiaram um mesmo fato: um protesto realizado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) contra atos políticos envolvendo o ministro Paulo Guedes. Na análise, concentramo-nos nas estratégias de ataque ou preservação de face/imagem dos atores envolvidos na notícia, o MST e o ministro, como forma de demonstrar a falta de imparcialidade dos portais em função do posicionamento político que cada veículo carrega.

Para embasarmos nossas análises, recorreremos, especialmente, aos estudos sobre a Teoria da Polidez, alinhada aos estudos da Pragmática. A partir das estratégias apontadas por Brown e Levinson (1987), refletimos sobre as notícias a fim de verificar quais estratégias foram adotadas pelos jornalistas.

Antes de seguirmos com os fundamentos teóricos que embasam nossa análise, faremos breves exposições sobre o MST e sobre o termo ideologia, com base no pensamento de Bobbio (1995), para compreendermos alguns discursos responsáveis pela (re)produção do imaginário sobre os movimentos sociais. Finalizaremos este trabalho com as análises das notícias dos portais.

### **MST: oprimidos ou opressores?**

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) surge no início dos anos 80 do século passado e se difunde por todo o país, ganhando visibilidade, especialmente, pela sua trajetória marcada pela luta à democratização do acesso à terra e pela efetivação de uma sociedade mais justa e igualitária. Para alcançar esses objetivos, o MST, desde então, realiza marchas, promove ocupações e protestos, que não passam despercebidos pela sociedade e pela imprensa, que, a partir de seus interesses, busca construir uma imagem positiva ou negativa do movimento.

No entanto, o que se apresenta de modo muito mais recorrente são dizeres que constroem uma representação negativa do MST. Nessa representação, costuma-se omitir a imagem de grupo oprimido, que sofre as consequências das desigualdades sociais, tidas pela ideologia dominante como algo natural, e procura-se reforçar a imagem de grupo opressor, quando, por exemplo, são caracterizados como “baderneiros” e “criminosos”.

Ao tentar criminalizar o movimento recorrendo ao uso constante de termos como o léxico “invasão” em notícias jornalísticas<sup>35</sup>, vai-se caracterizando os seus participantes não como aqueles que sofrem a violência do Estado, por não garantir uma vida digna aos cidadãos, mas como aqueles que agem com violência e perturbam a “ordem” social. O que se demonstra com isso é que valores, interesses e poder marcam os discursos jornalísticos e podem influenciar negativamente a imagem dos movimentos, das instituições e das pessoas.

Este trabalho procura reforçar que a imprensa não é neutra e que seu modo de produzir as notícias também revelam interesses econômicos e políticos, que ora se alinham a ideologias marcadas pela direita (ou extrema direita), ora pela esquerda (ou extrema esquerda).

Para definir essas ideologias, recorreremos ao pensamento do filósofo, militante político, ensaísta e professor italiano Norberto Bobbio, que distingue a direita e a esquerda usando o critério da “igualdade e desigualdade”. Para Bobbio (1995), a esquerda considera que os homens são mais iguais do que desiguais e que a maior parte das desigualdades são sociais, podendo, assim, ser eliminadas. Já a direita considera que os homens são mais desiguais do que iguais e que as desigualdades

---

35. Rebouças; Xavier dos Santos; Ferreira dos Santos (2018) analisam, embasando-se nos estudos sobre a luz da Teoria da Polidez, duas notícias veiculadas no site G1 sobre uma ocupação pelo MST na Fazenda Esmeralda, em Duartina, em julho de 2017, e demonstram que o termo “invasão” e seus derivados são empregados diversas vezes ao longo da notícia, criminalizando o movimento e fabricando uma imagem negativa.

são naturais, não podendo, portanto, ser eliminadas. Segundo o autor, ainda que a esquerda não tenha a intenção de eliminar todas as desigualdades ou que a direita queira conservá-las totalmente, o que as diferencia é que a primeira tem um maior propósito de diminuir a desigualdade enquanto a segunda não (BOBBIO, 1995, p. 103).

Além desse principal critério para diferenciar a esquerda e a direita, o filósofo considera colocar a díade “liberdade e autoridade” para distinguir o lado moderado do lado extremista. Assim, pode-se dizer, segundo esse aspecto, que toda vez que um governo de direita ou de esquerda age com autoritarismo (movimentos autoritários), subjugando as liberdades individuais e coletivas (movimentos libertários), suas ações resultam em extremismos, caracterizando o que se conhece como a extrema direita e a extrema esquerda.

Com esses posicionamentos, pode-se perceber os fios ideológicos distintos que entrelaçam as duas revistas escolhidas para a análise e as imagens que são construídas a partir das ações do movimento social (MST) e do ministro Paulo Guedes. A partir das estratégias apontadas por Brown e Levinson (1983), iremos averiguar como os jornalistas consolidam essas imagens, preservando ou ameaçando as faces do movimento. Assim, na próxima seção, discorreremos sobre a teoria da Pragmática Linguística e sobre a Teoria da Polidez.

### Arcabouço teórico-metodológico

As bases teórico-metodológicas que embasam nosso artigo estão estruturadas a partir de dois referenciais que consideramos importante para referendar as nossas análises. Desse modo, propomos como fundamentação a teoria da pragmática linguística (WITTGENSTEIN, 1991; AUSTIN, 1990; RAJAGOPALAN, 2010; ALENCAR, 2019), junta-

mente com a teoria de polidez (BROWN; LEVINSON, 1987). Destarte, apresentamos de uma maneira geral as ideias centrais desses estudos.

### Pragmática Linguística: um breve panorama

Do ponto de vista historiográfico, podemos afirmar que a pragmática linguística tem suas raízes na corrente filosófica do chamado pragmatismo ou pragmaticismo de autores clássicos como: Willian James (1842-1910), Charles Sanders Peirce (1839-1914), John Dewey (1859-1952) e Josiah Royce (1855-1916), sobretudo pela influência dos estudos de Peirce abordando a noção de semiótica.

De um modo geral, Peirce define o pragmatismo como a opinião segundo a qual a metafísica será amplamente clarificada pela aplicação da seguinte máxima que visa a conseguir clareza: “Considerar os efeitos práticos que possam pensar-se como produzidos pelo objeto de nossa concepção. A concepção destes efeitos é a concepção total do objeto” (PEIRCE, 1974, p. 11).

De início, a proposta do pragmatismo era questionar algumas concepções que estavam embasadas no campo da metafísica. Os filósofos estadunidenses foram críticos ferrenhos da clássica tradição metafísica que defendia certos essencialismos para buscar explicar o mundo e as coisas existentes nesse mundo e fora dele. Mais adiante, temos um pensador, filósofo e semioticista fundamental que será o grande responsável por propor uma estrutura triádica que referenda a pragmática nos estudos da linguagem.

Foi Charles W. Morris (1901-1979) quem estruturou em sua teoria dos signos a ideia de sintaxe, semântica e pragmática. De uma forma geral, a sintaxe preocupa-se com a estrutura das relações formais entre as sentenças; a semântica com o significado das línguas e, por último, a pragmática que numa visão ainda clássica, “estuda a maneira pela qual

a gramática, como um todo, pode ser usada em situações comunicativas concretas” (CANÇADO, 2008, p. 15).

A longa tradição dos estudos sobre a linguagem e, posteriormente, os estudos da linguística conceberam a língua, a linguagem e a palavra dentro de uma estrutura enrijecida, logicista e positivista. Ou seja, uma combinação de sentenças que precisam de uma estrutura lógica para se buscar uma certa validade com a finalidade de alcançar uma verdade. Essa longa tradição possui sua origem desde Platão e Aristóteles, passa por Frege (1848-1925) até chegar em Saussure (1857-1913), e continua com Russel (1872-1970) e G.E. Moore (1873-1958). Vale ressaltar que Russel e Moore foram os avaliadores de Wittgenstein em seu doutoramento, e os mesmos sugeriram o nome da famosa obra *Tractatus Lógico-Philosophicus* (1921).

Todavia, essa tradição foi totalmente repensada com o advento da chamada reviravolta linguístico-pragmática (OLIVEIRA, 2006). A reviravolta pressupõe a contribuição significativa das ideias do primeiro e do segundo Wittgenstein (1889-1951), principalmente do segundo, a partir da obra *Investigações Filosóficas* (1953).

Segundo D’Oliveira (1991, p. XV), a linguagem — diz o “segundo Wittgenstein” — engendra ela mesma superstições das quais é preciso desfazer-se, e a filosofia deve ter como tarefa primordial o esclarecimento que permita neutralizar os efeitos enfeitiçadores da linguagem sobre o pensamento. O centro desse enfeitiçamento da linguagem sobre a inteligência encontra-se nas tentativas para se descobrir a essência da linguagem; é necessário, ao contrário, não querer descobrir o que supostamente esteja oculto sob a linguagem, mas abrir os olhos para ver e desvendar como ela funciona. A atitude metafísica deve ser substituída pela atitude prática.

A partir dessa concepção, a linguagem é compreendida a partir dos seus usos, ou seja, um olhar para as ações e as práticas que podem

ser realizadas por meio da linguagem. Para Wittgenstein, a linguagem pressupõe uma relação direta com os modos de vida. Neste sentido, não cabe a ideia de perguntas sobre os significados das palavras, mas sobre as suas funções práticas. Essa concepção pragmática da linguagem foi sustentada posteriormente pelos estudos de J. L. Austin (1911-1960).

Segundo o filósofo Manfredo Oliveira, Austin foi um herdeiro de Wittgenstein e conseguiu sistematizar estudos importantes sobre a concepção de linguagem como ação, sobretudo, a partir da obra *How to Do Things with Words* (1962), em que o filósofo e linguista elabora a sua teoria dos Atos de Fala. De uma maneira genérica, para Austin, quando dizemos algo, podemos fazer diversas coisas práticas com as palavras, como: se casar ao dizer sim para o Padre; batizar um navio; repassar um determinado valor em dinheiro, ao afirmar determinada aposta. Com essas expressões, não estamos descrevendo o que pensamos, mas com elas fazemos realmente alguma coisa.

Desse modo, percebe-se que, durante uma longa tradição, diversos movimentos e estudos foram sendo desenvolvidos para se chegar a uma concepção de pragmática. Ainda no século XX, essas concepções foram importantes para novas formulações que surgem com os estudos de Kanavillil Rajagopalan (2010), que, a partir de um longo estudo sobre pragmática linguística, desenvolveu uma nova concepção intitulada uma nova pragmática, que concebe os sujeitos sociais, suas relações e desafios totalmente elencadas na linguagem. Mais adiante temos pesquisas que estão sendo fundamentais e significativas com a pragmática cultural, desenvolvida a partir dos estudos de Alencar, Silva e Ferreira (2014).

Vale ressaltar que essa longa trajetória de estudos sobre o desenvolvimento da pragmática foi importante para fazerem surgir outros campos de conhecimento dentro dos estudos linguísticos. Um exemplo disso foi o surgimento da teoria da polidez. Neste sentido, os estudos



da pragmática foram importantes para fundamentar os estudos da polidez linguística. Estudiosos como G. Leech (1983), Penélope Brown (1987) e Stephen Levinson (1987) são considerados/as expoentes dessa proposta teórico-metodológica.

Vale ressaltar que a teoria da polidez não se configura apenas como um arcabouço teórico-metodológico, sua proposta vai mais além do que um conjunto de regras ordenadas para se alcançar determinado objetivo. Inseridas inicialmente na vertente pragmática dos estudos da linguagem e articulando de modo original as contribuições de estudiosos da Antropologia (Malinowski, Radcliffe-Brown), da sociologia (Durkheim, Goffman) e da Filosofia (Grice, Austin, Searle), as pesquisas sobre a polidez linguística revelaram o papel da gramática da língua na manutenção e preservação das relações sociais (CUNHA & OLIVEIRA, 2020, p. 137). No tópico seguinte, faremos uma breve exposição sobre as ideias centrais da teoria da polidez linguística.

### **Teoria da Polidez Linguística: algumas considerações**

Os estudos da polidez no contexto da linguística surgiram nos anos 1970 e 1980, esses estudos tiveram como norte a chamada filosofia analítica da linguagem, principalmente na relação com a teoria dos atos de fala, desenvolvida pelo filósofo J. L. Austin (1911-1960) e Searle (1932), além da influência de Paul Grice (1913-1988), em diálogo com a teoria das implicaturas conversacionais.

Essas bases conceituais suscitaram as pesquisas posteriores de Brown e Levinson, Leech e Lakoff. Veremos, a seguir, alguns conceitos importantes sobre como o princípio da polidez embasa a experiência da comunicação entre os sujeitos em suas práticas conversacionais. Esse embasamento será significativo para nossas análises que serão desenvolvidas nos tópicos posteriores.

De um modo geral, em Grice, a comunicação é estabelecida por um princípio de cooperação, ou seja, para se alcançar os objetivos de um processo de comunicação é necessário que haja cooperação entre aqueles que estão interagindo. Para que isso possa ocorrer, Grice sugeriu algumas máximas a serem seguidas como: quantidade (falar apenas o necessário), qualidade (falar a verdade), relação (ser relevante) e maneira/modo (ser claro).

Partindo para as concepções de Brown e Levinson, é necessário compreender os chamados trabalhos de face (*facework*). As faces são compreendidas como necessidades que todo interlocutor sabe que os outros que estão na interlocução desejam e de que é da vontade desses interlocutores de haver uma certa satisfação entre ambas as partes. Para isso, a autora e o autor nomeiam as faces em positiva e negativa. Na face negativa, está a necessidade que todo interlocutor possui de não ser restringido ou limitado pela face do outro. Na face positiva, está a necessidade de o interlocutor ser admirado, valorizado, compreendido e aprovado pelos outros/outras.

Para Brown e Levinson, existem quatro faces envolvidas nesse processo, a saber: face positiva e negativa do falante; face positiva e negativa do ouvinte. Segundo os autores, todo ato de fala é um ato ameaçador de face. Em seguida, veremos alguns exemplos sobre como podem ocorrer os atos ameaçadores, sejam positivos ou negativos de face.

- 1) Atos ameaçadores da face positiva do falante: *desculpas, auto-humilhação, autocrítica, confissão, descontrole emocional, reconhecimento de culpa etc.*
- 2) Atos ameaçadores da face negativa do falante: *agradecimento (Falante (F) reconhece estar em débito com ouvinte (O)), aceitação de um oferecimento (F coloca-se em débito com O), relutância em prometer ou em oferecer algo (F evidencia não querer se comprometer com a realização de ação futura).*
- 3) Atos ameaçadores da face positiva do ouvinte:

A) F avalia negativamente algum aspecto da face positiva de O: *desaprovação, crítica, desprezo, insulto, acusação, discordância etc.*

B) F demonstra não se preocupar com a face positiva de O: deboche, menção a tópicos considerados inapropriados para o contexto, interrupção da fala de O, desatenção, menção a notícias ruins sobre O etc.

4) Atos ameaçadores da face negativa do ouvinte:

A) F pressiona O a realizar ação futura: ordem, pedido, sugestão, aviso, advertência, desafio etc. (Todos os atos diretivos).

B) F coloca O em débito, pressionando a aceitar futura ação de F: oferecimento, promessa.

C) F evidencia desejar ou admirar O ou alguma coisa que lhe pertence: cumprimento (F evidencia que gosta de O), expressões de inveja, admiração, ódio, cobiça etc. (CUNHA & OLIVEIRA, 2020, p.139-140).

Percebe-se que na proposta teórico-metodológica de Brown e Levinson, os discursos e as faces, mediadas pelas interações, sofrem diversas questões que impactam diretamente na relação dos sujeitos, sobretudo, nas questões sociais e culturais. Podemos dizer que todo ato de fala está relacionado a uma determinada face dos sujeitos, essas relações mediadas pelas interações conversacionais estão inteiramente ligadas com a experiência social dos indivíduos. Ou seja, não existe um ato de fala ou de face que passe de forma isenta da experiência social. Por isso, consideramos como fundamental estruturar a nossa proposta de artigo tendo como base esses pressupostos. Assim, as nossas análises foram desenvolvidas tendo como foco central as teorias da pragmática e da polidez de Brown e Levinson.

## Preservação e ameaças às faces: quando o MST é o herói e o vilão no caso Paulo Guedes

Nesta seção, faremos reflexões sobre duas notícias acerca do MST e de Paulo Guedes, ministro da economia no governo Bolsonaro, em dois portais diferentes: Carta Capital e Revista Oeste. O portal e revista Carta Capital não apresenta de forma clara seus princípios editoriais, mas, segundo Rebouças (2018, p. 66), são “respeito à igualdade de oportunidades, democracia, criação de um projeto nacional, bom uso do dinheiro público, desenvolvimento sustentável, liberdades individuais”, entre outros, alinhando-se mais a uma proposta de esquerda. Por outro lado, a Revista Oeste se apresenta em seu portal como publicação digital com perspectiva conservadora e liberal, liderada por vários jornalistas brasileiros.

O MST, ao longo dos anos, se consolidou como um movimento social que luta pela reforma agrária, bem como por questões que envolvem o êxodo rural, o agronegócio, além da utilização sustentável do meio ambiente. No dia 07 de outubro de 2021, o MST organizou uma manifestação contra o ministro Paulo Guedes em frente ao Ministério da Economia, após denúncias do jornal El País e da revista Piauí sobre o fato de o ministro possuir uma empresa em um paraíso fiscal.

No dia 03 de outubro de 2021, uma série de reportagens foram publicadas acusando o ministro Paulo Guedes de ser sócio de uma *offshore* milionária em um paraíso fiscal. As acusações foram feitas pelo Pandora Papers, que é uma entidade situada nos Estados Unidos da América e que é formada por jornalistas de todo o mundo.

Paraísos fiscais são locais em que os impostos cobrados às empresas são pequenos ou inexistentes, ou seja, manter dinheiro em um paraíso fiscal é uma forma de pagar menos impostos no país de origem. Além

disso, é mantido o sigilo acerca da conta bancária do proprietário, o que torna os paraísos fiscais locais propícios para manter dinheiro conquistado de forma ilícita, como corrupção e tráfico de drogas.

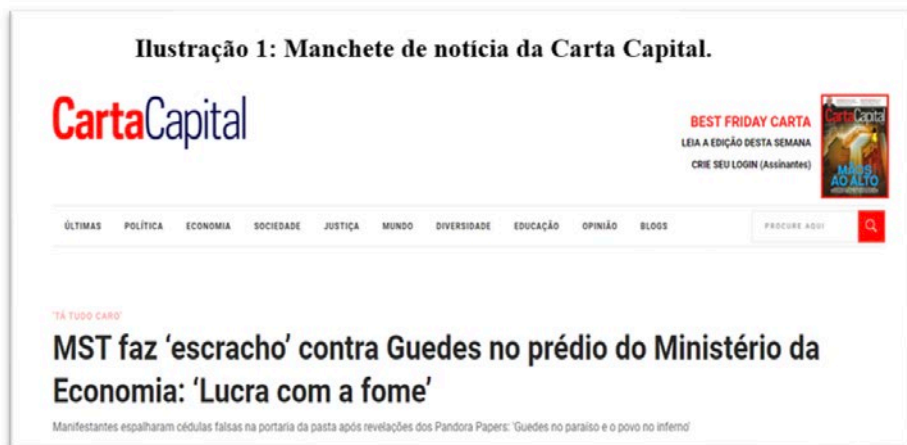
Segundo o portal G1, do dia 04 de outubro de 2021, paraísos fiscais não são ilegais, desde que os recursos mantidos no local, em *offshores*, tenham origem lícita e sejam informados no Imposto de Renda. No entanto, as regras mudam com o Artigo 5º do Código de Conduta da Alta Administração Federal, sancionado em 2000, que proíbe que funcionários do alto escalão do governo tenham aplicações no Brasil ou no exterior que possam sofrer alterações por meio das políticas governamentais. Dessa forma, Guedes poderia ter se beneficiado de políticas do governo, sendo acusado inclusive de interferir na valorização do dólar para se beneficiar, pois teria lucrado com alta da moeda norte-americana, uma vez que suas aplicações, inicialmente cerca de 10 milhões de dólares, teriam aumentado. A situação de Guedes se agrava quando lembramos que o Brasil passa por uma crise sanitária, a eclosão da pandemia da Covid-19, que já vitimou mais de 600 mil pessoas até novembro de 2021 no país, além da alta valorização do dólar e, conseqüentemente, a desvalorização do real, que provocou aumento da inflação e do preço de produtos básicos, como a comida. Diante desse cenário, jornalistas acusam o governo de se abster das responsabilidades que lhes são próprias.

A primeira notícia que analisaremos foi publicada pela Carta Capital. Esclarecemos que discutiremos a manchete, o olho da notícia, o *lead* e trechos do restante da notícia, mas não nos deteremos nos aspectos semióticos das imagens, embora saibamos que elas dialoguem com todo o corpo da notícia.

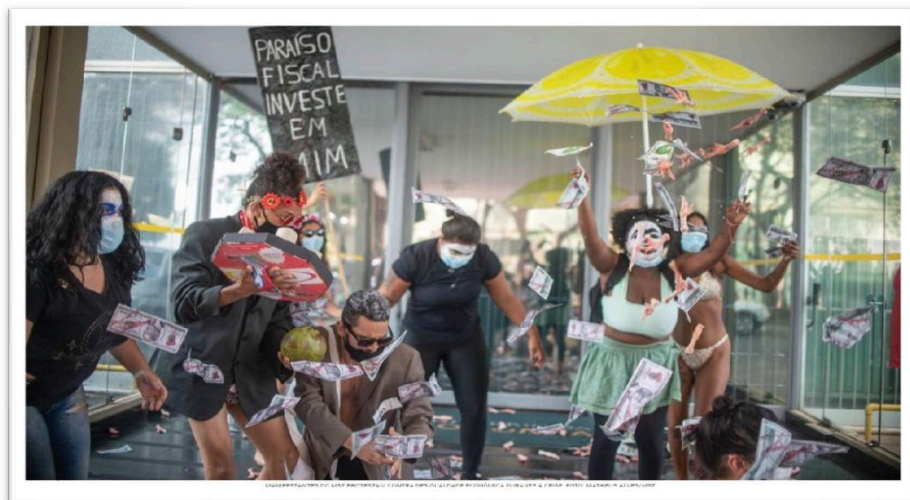
Esta primeira notícia tem a seguinte manchete: “MST faz ‘escracho’ contra Guedes no prédio do Ministério da Economia: ‘Lucra com a fome’”. Inicialmente, percebemos que há ameaça à face de Guedes pelo

uso do léxico “escracho” e que é reforçada pela imagem que vem em seguida: homens e mulheres com rostos pintados e trajando paletós e roupas de banho jogam notas falsas de dinheiro para o alto, enquanto dançam, cantam, em um cenário que lembra uma praia, com cadeira, guarda-sol e um cartaz com a frase “paraíso fiscal, investe em mim”, uma alusão a um sentido de paraíso que permeia o imaginário popular. Além disso, há ainda, na manchete, uma citação do próprio movimento: “lucra com a fome”.

Ilustração 1: Manchete de notícia da Carta Capital.



Fonte: Domínio público.



Fonte: Domínio público.

Percebemos que esta ameaça à face de Guedes parte de um “escracho”, como diz a manchete, uma manifestação de escárnio, que provoca o riso para fazer uma forte crítica às acusações dos jornais feitas contra Guedes e à existência de dinheiro do ministro em paraíso fiscal.

Segundo Vianna (2015), uma das funções do riso é questionar, extrapolar as fronteiras que são impostas pelas instituições, é descobrir as mais variadas formas de uma mesma realidade. Assim, o humorista usa a realidade que tem e a transforma em algo novo, colocando as versões oficiais em situações estranhas. Vianna (2015, p. 08-09) defende que

Uma característica interessante presente no riso é a capacidade de promover o deslocamento de um discurso sério e/ou político transformando-o em algo risível, fazendo da crítica a sua principal estratégia narrativa. Com a aparência de entretenimento, tem a capacidade de produzir afastamento da realidade e tratar dos mais diferentes assuntos, até daqueles considerados trágicos ou tabus, de maneira direta, transformando a dor em prazer. E por

ter significação e alcance sociais, atingindo os mais diversos públicos, o cômico tem o potencial de promover a reflexão e exprimir certa inadaptação do homem na sociedade a qual pertence.

Percebemos que, com esta manchete e com a foto da manifestação, a intenção é polemizar, desdobrar e discutir sob os mais diversos ângulos o assunto de o ministro da economia do Brasil lucrar com dinheiro em paraíso fiscal num momento que o país passa por uma grave crise econômica e sanitária, registrando milhões de cidadãos em situação de fome e de desemprego. Para isso, os manifestantes fazem uso de exageros cênicos, ironia, paródia e palavras de baixo calão, ampliando a discussão pública, que é registrada pela Carta Capital como “escracho”.

Ainda conforme Vianna (2015), o humorista pode, com estas estratégias, representar o pensamento de um grupo. O cerne da questão é fazer com que o público compreenda a mensagem transmitida e se identifique com aquilo que o faz rir. Assim, os artistas questionam e direcionam o olhar do público para uma outra realidade, levantando um debate público sobre um problema que pode atingir diretamente a plateia. Desse modo, seguindo a argumentação de Vianna (2015), acreditamos que a face positiva do MST é preservada, pois o movimento coloca-se como defensor dos interesses públicos e crítico à corrupção de alguns políticos e à situação extremamente desfavorável em que se encontra a situação do povo brasileiro.

No olho da mesma notícia, vemos a seguinte informação: “Manifestantes espalharam cédulas falsas na portaria da pasta após revelações dos Pandora Papers: ‘Guedes no paraíso e o povo no inferno’.” Observamos, então, uma descrição breve do ato de manifestação organizado pelo MST, em que ganha destaque a oposição semântica entre as duas expressões lexicais, que remetem ao imaginário de crenças de várias religiões: “Guedes no paraíso”, onde todos que lá estão passam bem e



desfrutam dos benefícios do local ideal, ameno e abundante de recursos, e “o povo no inferno”, onde todos que lá estão passam por sofrimento, provações e necessidades de diversas ordens.

No decorrer da notícia, o portal, mais uma vez ameaçando a face de Guedes, informa que o ministro estava no prédio do Ministério da Economia no momento da ‘encenação teatral’. Eles esclarecem que 20 pessoas protestaram contra as altas taxas de rendimentos de empresários e o aumento do preço de produtos básicos. ‘Está tudo caro’, informa o portal, citando o MST, mais uma vez preservando a face positiva do movimento, que se manifesta preocupado com a situação de desfavorecimento da situação de vida da população brasileira. Em seguida, buscando isenção de responsabilidade e, ao mesmo tempo, reforçando a preservação da face do MST, o portal cita Jailma Lopes, integrante da coordenação da juventude do MST, que ‘criticou o índice de 19 milhões de brasileiros em situação de fome e 14 milhões em condição de desemprego’.

Em outro trecho, o portal reforça o posicionamento ideológico do MST ao citar a Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional, a Penssan, que ‘mostrou em abril deste ano que pelo menos 116,8 milhões de brasileiros passavam por algum grau de insegurança alimentar em dezembro de 2020’. Com isso, acreditamos que o portal preserva a face positiva do MST, garantindo credibilidade ao ato, citando dados de órgãos que comprovam a legitimidade do protesto.

Em outro momento da notícia, há ainda a ameaça à face do presidente Jair Bolsonaro, que é citado como alvo de protestos em mais de 300 cidades brasileiras. O tema das manifestações também foi o aumento de preços de itens domésticos. Nesta perspectiva, os protestos nas cidades brasileiras e a ameaça à face do presidente Bolsonaro corroboram a manifestação organizada pelo MST diante do prédio do Ministério.

### Ilustração 3: Notícia veiculada pela Carta Capital

Além disso, a Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional, a PENSAN, mostrou em abril deste ano que pelo menos 116,8 milhões de brasileiros passavam por algum grau de insegurança alimentar em dezembro de 2020.

“Uma realidade dura que atormenta as famílias diariamente enquanto o ministro lucra milhões de dólares com investimentos em paraísos fiscais no exterior”, declarou Jailma.

A alta nos preços de itens domésticos também foi tema da manifestação contra o presidente Jair Bolsonaro no último sábado 2, em mais de 300 cidades brasileiras, e de uma **intervenção do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto no prédio da Bolsa de Valores**, em São Paulo, no dia 23 de setembro.

Fonte: Domínio público.

No final da notícia, o portal apresenta duas fotos postadas no perfil oficial do MST, na rede social Twitter, com a seguinte legenda: “uma realidade dura que atormenta as famílias diariamente enquanto o ministro da economia lucra milhões de dólares com investimentos escondidos no exterior”. Na primeira fotografia, vê-se tintas com as cores da bandeira brasileira na fachada do Ministério da Economia, além das frases em cor preta: “Guedes no paraíso e o povo no inferno” e “Guedes lucra com a fome”. Na segunda imagem, vê-se o resultado da manifestação do MST, ou seja, notas de dinheiro falsas e uma cadeira de praia. Mais uma vez, o portal isenta-se de responsabilidade, exibindo imagens do próprio MST, e ameaça a face de Paulo Guedes.

#### Ilustração 4: imagens de notícia da Carta Capital



Fonte: Domínio público.

Para melhor sistematizar o que foi exposto, apresentamos a seguir um quadro com citações da notícia que reforçam o ato de protesto do MST e ameaçam a face de Paulo Guedes.

## Ilustração 5: Citações em ato de protesto do MST

- Entre as palavras de ordem estavam “Guedes lucra com a fome” e “Guedes no paraíso e o povo no inferno”.
- “Tá tudo caro”, gritaram na ação.
- Em nota, Jailma Lopes, integrante da coordenação da juventude do MST, criticou o índice de 19 milhões de brasileiros em situação de fome e 14 milhões em condição de desemprego.
- Além disso, a Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional, a Pennsan, mostrou em abril deste ano que pelo menos 116,8 milhões de brasileiros passavam por algum grau de insegurança alimentar em dezembro de 2020.
- A alta nos preços de itens domésticos também foi tema da manifestação contra o presidente Jair Bolsonaro no último sábado, 2, em mais de 300 cidades brasileiras, e de uma intervenção do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto no prédio da Bolsa de Valores.

Fonte: Domínio público

Para a segunda análise que iremos apresentar neste artigo, escolhemos uma reportagem veiculada na Revista Oeste. O acontecimento é o mesmo noticiado pela Carta Capital, um protesto realizado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais (MST) em frente ao Ministério da Economia, com foco em denunciar um escândalo envolvendo o Ministro Paulo Guedes. No entanto, para melhor situar nosso leitor na análise que iremos fazer, achamos interessante falar um pouco sobre a Revista Oeste, que despontou como uma das vozes midiáticas da extrema direita aqui no Brasil. A revista foi lançada em março de 2020, no formato totalmente digital e com uma proposta liberal e conservadora. Vejamos, então, a própria apresentação feita pela revista:

Nosso site e nossa revista serão, sim, conservadores na sua visão da política, da vida e da sociedade. Ser conservador, em nosso entendimento, é defender claramente que as coisas boas sejam conservadas; não vemos nada de errado em conservar o que nos parece positivo. É nossa convicção que o conservadorismo, hoje, é o oposto das posições estáticas, reacionárias e, no fundo, defensoras do atraso social, econômico e político do Brasil. Ser conservador, ao contrário, é ser genuinamente a favor das mudanças que a sociedade exige para progredir no século XXI. É a via mais eficaz para promover o desenvolvimento, a criação de riquezas e a multiplicação de oportunidades. É o caminho mais curto para a igualdade e a inclusão social. (GUZZO, 2020)<sup>36</sup>.

É proposta da revista, portanto, defender abertamente em suas publicações os ideais que caracterizam a extrema direita, como o neoliberalismo e a diminuição do poder do Estado sobre a vida das pessoas. As publicações da Revista Oeste<sup>37</sup> também são fortemente marcadas pelo bolsonarismo, pois suas reportagens e análises têm um viés totalmente governista, de defesa e exaltação das façanhas do nosso atual presidente. Apesar de ser uma revista posicionada política e ideologicamente, salientamos que todos os jornalistas empenhados nesse projeto midiático da extrema direita são oriundos dos mais importantes canais de comunicação aqui no Brasil, o que mostra os interesses que sempre foram defendidos pelas famílias e pelos grupos que controlam os nossos veículos de informações. Vejamos a formação do conselho editorial da revista.

---

36. J. R. Guzzo, O compromisso que Oeste estabelece com você, publicado em março de 2020.

37. O conselho editorial da revista é formado por: Jairo Leal – ex-membro do Conselho de Administração do Grupo Abril. Atuou por mais de 40 anos na editora. É o publisher da Revista Oeste. J. R. Guzzo – colunista de diversos jornais como Metrôpoles, O Estado de S. Paulo e Gazeta do Povo. Augusto Nunes – apresentador e comentarista da Jovem Pan e da Record. Assim como Guzzo, trabalhou por anos na Veja. Kaíke Nanne – ex-publisher de duas revistas do Grupo Abril. Também foi diretor-executivo da agência Bites.

Depois dessa contextualização nos sentimos mais à vontade para iniciar a análise da referida publicação sobre o MST. A primeira notícia analisada, publicada no site da Revista Oeste, traz como manchete (Figura 1) a seguinte unidade: “Em protesto contra Guedes, MST vandaliza sede da Economia”. Logo nesse primeiro enunciado, podemos identificar um ato de ameaça à face do MST, suscitado pelo léxico “vandaliza”, que representa, por parte do editor da notícia, uma tentativa de criminalizar o MST, colocando nos participantes do movimento o estigma de vândalos e desordeiros. A população, geralmente, se posiciona de uma forma contrária a qualquer protesto ou evento que envolvam vandalismo ou depredação de patrimônio público.

No olho da notícia, texto apresentado seguido da manchete, temos uma frase de efeito e com poucas informações: “Prédio do governo foi pichado por esquerdistas”. Nessa construção, fica nítida uma tentativa de proteger a imagem do Ministro da Economia, Paulo Guedes, que em nenhum momento é citado como alvo dos protestos. O olho da notícia também evidencia outro ataque à face do MST, dando ênfase à pichação de um prédio público. Nessa segunda parte, há presença do léxico “esquerdista”, que, na atual divisão partidária que o país vive, representa uma tentativa de fazer uma construção dos movimentos situados ideologicamente à esquerda como sendo formados por criminosos, irresponsáveis e foras da lei.

Ainda no olho, podemos identificar uma impessoalização, apagando o sujeito do motivo da manifestação. O protesto é contra o Ministro da Economia, Paulo Guedes, que teve seu nome envolvido em um escândalo de uso de informação privilegiada, e não contra as instituições. Trata-se, pois, de uma forma de reduzir a força do ato de ameaça à face de Guedes, por meio de uma das estratégias apresentadas por Brown e Levinson (1987), a impessoalização do falante e do ouvinte.

Ilustração 6: Manchete de Notícia Revista Oeste –  
“Em protesto contra Guedes, MST vandaliza sede da Economia”.



Fonte: Domínio público

A Revista Oeste apresenta como um dos pilares do seu jornalismo notícias objetivas e claras. Segundo o seu editor e idealizador, J. R. Guzzo, “somente escrever aquilo que for de fácil compreensão”, publicando textos curtos e sem aprofundamento. Assim, suas reportagens não apresentam muitos elementos textuais, centrando-se em imagens. Esse foco jornalístico foi incansavelmente usado nas eleições de 2018 para disseminar os chamados “fake News” e inundar as redes sociais com notícias falsas. Apesar da notícia ser breve e sem muitos elementos textuais, o ataque à face do MST e dos demais movimentos sociais que aderiram ao protesto é feito de forma ostensiva. Além da manchete, o termo “vandalizar” é empregado também no corpo da notícia, assim como o léxico “atacar”, que remete facilmente a um ato agressivo e criminoso.

## Algumas considerações finais

Entendemos que a imprensa não é neutra e que seu modo de produzir as notícias revelam que interesses econômicos, políticos e partidários estão em jogo. Assim, seus julgamentos de valores e interesses atuam na construção dos sentidos e vão tomando posições nos conflitos de classes, buscando preservar ou não uma sociedade desigual.

Por acreditarmos na importância de formar leitores críticos dos textos jornalísticos, buscamos apontar como a mídia brasileira utiliza a polidez linguística tanto para atenuar os atos de ameaça à face do MST e do ministro Paulo Guedes quanto para preservar ambas as faces. Essas posturas advêm, especialmente, do viés ideológico assumido pelos portais Carta Capital e Revista Oeste.

Na análise do material, identificamos que o MST se configura na imprensa brasileira, dependendo do posicionamento ideológico que subjaz em cada portal, como movimento que congrega em torno de si tanto os defensores dos interesses públicos e críticos à corrupção, como os “vândalos e desordeiros” que promovem a violência social. Da mesma forma, percebe-se uma tentativa de tanto proteger a face do ministro Paulo Guedes, por meio, por exemplo, da estratégia da impessoalização (BROWN e LEVINSON, 1987), quanto de criminalizar seus atos de corrupção, citando-o como alvo de protestos.

Diante das análises deste trabalho, julgamos necessário refletir sobre a relação entre discurso e ideologia e sua manifestação a partir de escolhas lexicais e discursivas que constroem as faces de atores e instituições sociais, legitimando ou não suas ações no âmbito social.



## Referências

ALENCAR, Claudiana Nogueira De. **Tudo aqui é poesia: a pragmática cultural como pesquisa participante com movimentos sociais e coletivos juvenis em territórios de violência urbana.** Interdisciplinar, São Cristóvão, 2019.

ALENCAR, C. N.; SILVA, D. N; FERREIRA, D. M. M. **Nova pragmática – modos de fazer.** São Paulo: Editora Cortez, 2016.

AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer (How to do things with words).** Rio Grande do Sul: Editora Artes Médicas, 1990.

BAKHTIN, Michael/ VOLOCHÍNOV. **Marxismo e filosofia da linguagem.** 14 ed. São Paulo, Hucitec, 2010.

BOBBIO, Norberto. **Direita e Esquerda: razões e significados de uma distinção política.** São Paulo: Editora UNESP, 1995.

BROWN, P.; LEVINSON, S. Politeness: some universals in language usage. Cambridge: University Press, 1987.

CUNHA, G.X.; OLIVEIRA, A. L. A. M. **Teorias de im/polidez linguística: revisitando o estado da arte para uma contribuição teórica sobre o tema.** Revista estudos da linguagem, Vitória da Conquista, v. 18, n. 2, p. 135-162, maio-agosto, 2020.

Em protesto contra Guedes, MST vandaliza sede da economia. Oeste, 2021 Disponível: <https://revistaoeste.com/politica/em-protesto-contraguedes-mst-vandaliza-sede-da-economia/>. Acesso em: 15 set. 2020.

EIRCE, C. S. **Escritos coligidos, conferencias sobre pragmatismo.** São Paulo: Abril Cultural (coleção os pensadores), 1974.

GUZZO, J. R. O compromisso que Oeste estabelece com você, publicado em março de 2020. Disponível em: <https://revistaoeste.com/nosso-pacto/>. Acesso em: 15 Set. 2020.

MST faz ‘escracho’ contra Guedes no prédio do Ministério da Economia: ‘Lucra com a fome’. **CartaCapital**, 2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/mst-faz-escracho-contraguedes-no-predio-do-ministerio-da-economia-lucra-com-a-fome>. Acesso em: 26 de novembro de 2021.

O que é offshore? E paraíso fiscal? E por que alguém coloca dinheiro nesses locais?. **G1**, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/10/04/o-que-e-offshore-e-paraíso-fiscal-e-por-que-alguem-coloca-dinheiro-la.ghtml>. Acesso em: 26 de novembro de 2021.

PLATÃO. **A República**. Tradução: Maria Helena da Rocha Pereira: Lisboa, 2017.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Nova Pragmática: fases e feições de um fazer**. São Paulo, Parábola Editorial, 2010.

REBOUÇAS, Davi de Menezes; XAVIER DOS SANTOS, Ingrid; FERREIRA DOS SANTOS, Leticia Adriana Pires. **A quem interessa preservar?** Uma análise das faces e da polidez linguística em notícias do MST. *Linguagem em Foco*, UECE, V.10, 2018.

REBOUÇAS, Davi de Menezes. **(Des)cortesia em notícias sobre corrupção**: atenuação e intensificação no trabalho com as faces. 2018. 126 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018. Acesso em: 26 de novembro de 2021.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. Organização: Charles Bally e Albert Sechenhay; com a colaboração de Albert Riedlinguer; prefácio à edição brasileira de Isaac Nicolau Salum; [tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein]. São Paulo; Cultrix, 2012.

VIANNA, Katiúscia Garcez Palha. **Indiretas já**: a crítica social no riso. 2015. 70 f. Monografia (Graduação em Comunicação/Jornalismo) – Escola de Comunicação/Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Acesso em: 26 de novembro de 2021.

WITTGENSTEIN. Ludwig. **Investigações Filosóficas**. Tradução: José Carlos Bruni. São Paulo; Nova cultural, 1991.

WITTGENSTEIN. Ludwig. **Tractatus Lógico-Philosophicus**. Tradução: José Carlos Bruni. São Paulo; Nova cultural, 1991.

## Sobre as autoras e autores

---

### **Aluiza Alves de Araújo**

Doutora e mestra em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professora Associado O da graduação em Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) do Centro de Humanidades (CH) da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Atua na área de Linguística, com ênfase em Sociolinguística e Dialectologia. Coordena o Laboratório de Pesquisas Sociolinguísticas do Ceará (LAPESCE) e é líder do grupo de pesquisas e estudos em Sociolinguística de Fortaleza (SOCIOFOR). ORCID: <https://orcid.org/00000003-2166-0852>.

### **Ana Malba Araújo de Queiroz**

Graduação em Letras pela Universidade Estadual do Ceará (UECE); bolsista Pibiq/CNPq do projeto de pesquisa “As condições dos sentidos da violência nas práticas culturais do Sertão Central do Ceará”. Integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa em Linguística Integracionista (GEPLI). Especialização em Português e Literatura pela Universidade Vale do Acaraú.

### **Daniele Vasconcelos Fernandes Vieira**

Enfermeira. Especialista em Terapias Holísticas e Complementares (IEDUCARE). Mestra de Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde (PPCCLIS/UECE). Doutoranda em Linguística Aplicada no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (Posla/UECE). Professora Temporária Curso de Graduação em Medicina (UECE). Professora,

Pesquisadora e Terapeuta de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde, com ênfase em terapias Mente-Corpo (Meditação, Vento-saterapia, Auriculoterapia), Energéticas/Vibracionais (Reiki, Florais, Cromoterapia, Imposição de mãos), Geoterapia, Plantas Medicinais. Criadora do Projeto 1 Hora de Meditação do REDES – UECE.

### **Francisco José Holanda**

Doutorando no Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada (POSLA) da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professor do Ensino Médio da Secretaria de Educação do Ceará. E-mail: holanda013@yahoo.co.br. LATTES: <http://lattes.cnpq.br/9831079931249395>

### **Georgyana Patrícia Rodrigues Melo**

Possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Ceará (UFC) E mestrado em Linguística pela UFC. Atualmente é professora da Prefeitura Municipal de Fortaleza. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Linguística Aplicada.

### **Geórgia Maria Feitosa e Paiva**

Doutora e mestra em Linguística pela Universidade Federal do Ceará. Especialista no Ensino da Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Ceará. Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda pela Universidade de Fortaleza. Professora do Instituto de Linguagens e Literaturas da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira; membro permanente do Mestrado Interdisciplinar em Humanidades da Unilab. Líder do grupo de pesquisas em Preconceito, Polidez e Impolidez Linguística (GEPPIL) e membro do GELP-COLIN.

### Ivonildo da Silva Reis

Doutorando no Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada (POSLA) da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professor do Ensino Médio da Secretaria de Educação do Ceará. E-mail: [ivonildo.reis@hotmail.com](mailto:ivonildo.reis@hotmail.com). LATTES: [https://www.cnpq.br/cvlattesweb/PKG\\_MENU.menu?f\\_cod=F60DB45490665CE460E855257F44C513#](https://www.cnpq.br/cvlattesweb/PKG_MENU.menu?f_cod=F60DB45490665CE460E855257F44C513#). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9179-3928>.

### Jair Soares de Sousa

Cursa mestrado acadêmico em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará (PosLA/UECE); especialista em Educação em Gestão das Políticas Sociais pela Faculdade de Educação São Luís/FESL; especialista em Educação Popular pela Fundação Oswaldo Cruz/Fiocruz. Graduado em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará/UECE; licenciatura em Filosofia pela Universidade Federal de Pelotas/UFPEL (concluindo). Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade Instituto Brasil de Ensino/IBRA. Integrante do Programa de Extensão Viva a Palavra: circuitos de linguagem, paz e resistência da juventude negra na periferia de Fortaleza.

### Jeania Lima Oliveira

Profissional de Educação Física. Graduação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Especialização em Atividade Física: aspectos fisiológicos, patológicos e farmacológicos pela Universidade Estadual do Ceará. Atualmente é professora temporária na Universidade Estadual do Ceará e tem interesse nos estudos com Libras, práticas Integrativas e Complementares em Saúde, Tecnologias Digitais para a Educação e Avaliação Educacional. Desenvolve trabalhos de normalização e é Professora Autora na Comunidade Professor Autor (CPA).

### **Jeannie Fontes Teixeira**

Doutoranda em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Mestre e graduada em Letras pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Cursa Especialização em Didática e Metodologias Ativas de Aprendizagem. Professora da Rede Pública Estadual do Ceará (Seduc). Tutora do Curso de Letras do Instituto UFC Virtual. OCID: <https://orcid.org/0000-0003-0135-3281>.

### **João Batista Costa Gonçalves**

Pós-Doutor em Linguística pela Universidade Estadual do Ceará (UFC). Professor Associado O do Curso de Letras, do Curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa (ESPELP) e do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Coordenador do Curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e líder do Grupo de Estudos Bakhtinianos do Ceará (GEBACE) da Universidade Estadual do Ceará. Organizou o livro *Pesquisas em Ensino de Língua Portuguesa: perspectivas teóricas e metodológicas* (2019) e a obra *Análise Dialógica do Discurso em múltiplas esferas da criação humana* (2021). Além disso, é líder do Grupo de Estudos Bakhtinianos do Ceará – GEBACE.

### **José Alberto Ponciano Filho**

Graduado em Letras Inglês/ hab. Português pela Universidade Grande Fortaleza (UNIGRANDE-2015). Especialista em Ensino de Língua Portuguesa (ESPELP/UECE -2018). Mestre em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada (PosLA/UECE). Atualmente, é doutorando pelo referido programa de Linguística Aplicada em que desenvolve pesquisa em Translinguística pelo Círculo Bakhtiniano e, de maneira mais específica, no conceito de Carnavali-

zação proposto por Bakhtin (1981) nas práticas discursivas literárias da agremiação literária cearense A Padaria Espiritual (1892-1898). É aluno bolsista pela Capes - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Além disso, é autor do livro *O discurso literário em livro didático de língua portuguesa: análise de atividades de leitura* (2020). Organizou o livro *A Literatura cearense em diálogo: múltiplos olhares sobre a obra de José Alcides Pinto* (2021) e a obra *Análise Dialógica do Discurso em múltiplas esferas da criação humana* (2021). Ademais, é membro do Grupo de Estudos Bakhtinianos do Ceará – GEBACE.

### **Letícia Adriana Pires Ferreira dos Santos**

Pós-Doutora e Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará-UFC. Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada - PosLA/UECE. Vice-líder do grupo GELP-COLIN (Cognição e Linguística) da UFC, e membro do Grupo de Estudos em Preconceito, Polidez e Impolidez Linguística-GEPPIL, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB (<https://orcid.org/0000-0002-4796-5913>).

### **Lorena Maria Pitombeira**

Mestranda em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada-PosLA, da Universidade Estadual do Ceará-UECE; bolsista de Mestrado da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico-FUNCAP; especialista em Serviço Social, Política Social e Seguridade Social pela Faculdade Ratio; bacharel em Serviço Social, pela UECE. É membro do grupo GELP-COLIN (Cognição e Linguística) da Universidade Federal do Ceará-UFC (<https://orcid.org/0000-0002-8284-0825>).

### **Luciana Chaves Pinheiro**

Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará. Possui especialização em Língua Portuguesa e graduação em Letras pela Universidade Federal do Ceará. Atua, principalmente, com os seguintes temas: ensino de Língua Portuguesa, linguagem e tecnologia, leitura, escrita, gêneros textuais e formação de professores.

### **Marcos Roberto dos Santos Amaral**

Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Membro do Grupo de Estudos Bakhtinianos do Ceará (GEBACE) e do Grupo de Estudos Deleuze & Guattari (GEDEG). Bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP). Professor (licenciado para estudos) da rede estadual de ensino do Ceará - SEDUC-CE.

### **Maria de Castro Damázio Queiroz**

Mestra pelo programa de Pós-Graduação em Planejamento e Políticas Públicas pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professora da Rede Estadual do Ceará e no Município de Fortaleza. Membro do Grupo de Pesquisa em Análise do Discurso Crítica: representações, ideologias e letramentos (UECE/CNPq).

### **Maria Elias Soares**

Licenciada em Letras e Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará, e bacharel em Comunicação Social e em Direito, pela Universidade Federal do Ceará. Obteve o título de Mestre, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ), e o título de Doutorado em Letras. Professora titular do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Ceará e no Programa de Pós-Graduação em



Linguística. Membro dos Conselhos Superiores da Universidade Federal do Ceará (Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão e Conselho Universitário) e da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), do Conselho de Centro de Humanidades, desde 2010.

### **Maria Natália Coelho da Silva**

Graduada em Letras/Português (UECE). É Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura (UECE). Mestranda em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós- Graduação em Linguística Aplicada (PosLA/UECE). É aluna bolsista pela Capes-Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. É também membro do Grupo de Estudos Bakhtinianos do Ceará – GEBACE e do GEIL- Grupo de Estudos Interdisciplinares da Linguagem.

### **Maria Margarete Fernandes de Sousa**

Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); mestre em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC); graduação em Letras pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e Pedagogia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). É professora titular da Universidade Federal do Ceará e Coordenadora do Grupo de Pesquisa Gêneros: Estudos Teóricos e Metodológicos (GE-TEME/UFC). Desenvolve pesquisas nas áreas de Linguística de Texto, atuando principalmente em análise de gêneros, gêneros promocionais e referenciação. É membro do GT da ANPOL de Linguística de Texto e Análise da Conversação e da Academia Cearense da Língua Portuguesa (ACLP), ocupando a cadeira 13.

### **Nathalia Viana da Mota**

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Professora (licenciada para estudos) da rede estadual de ensino do Ceará (SEDUC-CE). Membro dos grupos de estudos GEBACE (Grupo de Estudos Bakhtinianos do Ceará/UECE), GEIL (Grupo de Estudos Interdisciplinares da Linguagem/UECE), GEF (Grupo de Estudos em Foucault/UFC) e G-Poc (Grupo de Estudos Pós-Coloniais/UECE).

### **Patrícia Elaine Lima Barros**

Graduada em Letras-Português e em Secretariado Executivo pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestre em Letras/Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará (UFC). Atualmente é Doutoranda em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA/UECE). Além disso, é Analista Legislativo – revisora da Assembleia Legislativa do Ceará. Além disso, é membro do Grupo de Estudos Bakhtinianos do Ceará – GEBACE.

### **Reginaldo Gurgel Moreira**

Doutor e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (PosLA/UECE). Especialista em Publicidade e Propaganda e Marketing. Graduado em Jornalismo pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP); bacharel em Filosofia (CES/FAJE MG) e licenciado em Filosofia pela Faculdade Claretiano. Atualmente, cursa licenciatura Letras-Português no Centro Universitário Estácio do Ceará. Membro do Grupo de Pesquisa em Pragmática Cultural, Linguagem e Interdisciplinaridade (PRAGMA-CULT-UECE) e do Grupo de Estudos em Preconceito, Polidez e Impolidez Linguística (GEPPIL-UNILAB).

# (IM)POLIDEZ LINGUÍSTICA

Estudos aplicados

Letícia Adriana Pires Ferreira dos Santos  
Geórgia Maria Feitosa e Paiva  
Reginaldo Gurgel Moreira  
Maria Elias Soares

---

Organizadores

